

Da mesma autora de *Em Busca de Mim*

FLÁVIA MATOS

LEMBRANÇAS DE UM

AMOR





Lembranças de um amor!

Flávia Matos

Edição Independente

Copyright © 2019 Matos Flavia

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Autor: Flavia Matos

Obra: Lembranças de Um Amor

Revisão: Lucy Santos

Capa: Décio Gomes

Diagramação: Marli D.H.F.

Edição do Kindle.

Romance

Obra Registrada

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n.º 9.610/ 98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.



Prólogo

Eles se apaixonaram desde o primeiro momento em que se viram, quando ela foi trabalhar no laboratório que ele é dono.

Mas Lárissa sabe da fama que Kléber carrega de ser mulherengo e só usar as mulheres para seu bel-prazer. E ela jamais quer estar em sua lista.

Já Kléber criou uma regra que não permite relacionamentos entre funcionários.

Mas o que fazer com o desejo que os assola?

Será que ela vai resistir a se entregar para ele?

Será que ele vai passar por cima da regra que ele próprio criou?



Capítulo 1



Kléber Simões Galvão

Olho para o espelho à minha frente e vejo como tudo mudou depois que saí da casa dos meus pais. Ser independente foi tudo o que sempre quis. Por ser o único filho homem, minha mãe nunca permitiu que eu saísse de casa. Ela sempre dizia que eu nunca conseguiria sobreviver sem os seus cuidados.

Então, depois que terminei minha faculdade de bioquímica, resolvi que era hora de ter o meu próprio laboratório. Os meus pais, como médicos, ficaram muito orgulhosos de mim por ter tomado essa decisão na carreira.

Nossa família tem tradição na medicina, são gerações de médicos, farmacêuticos e todas as profissões que envolvem essa área, e essa não poderia ser diferente. Minha mãe é pediatra; meu pai, ginecologista. E minha irmã, Emanuela, a ovelha negra da família, como ela sempre diz, já que é formada em gastronomia. Nunca entendi bem esse seu gosto. Mas, segundo

ela, a escolha de sua profissão não envolvia sangue e nem gente morta. Meus pais tiveram que aceitar sua decisão, ou melhor, meu pai, já que a minha mãe não se conforma com isso até hoje. Enfim, cada um com a sua escolha. Minha família, por ser bastante abastada, me ajudou a conseguir o lugar e os equipamentos para começar o meu laboratório. O local é bem localizado, bem no centro da cidade e fica a meia hora da clínica dos meus pais.

Outra coisa que conquistei e tenho muito orgulho é o meu próprio apartamento, o meu refúgio para tudo. Mas nem tudo é como se espera. Dona Mirtes, minha mãe, enche o meu saco por eu ainda não ter um relacionamento sério com uma mulher. E como eu já disse a ela várias vezes, não tenho tempo para isso. E que é claro que eu saio com mulheres, mas elas são apenas uma fuga para extravasar o estresse do dia a dia e que ainda não encontrei a mulher certa. Que quando encontrá-la, irei apresentar a ela antes de todo mundo. Sempre digo isso para ver se ela me deixa em paz. Nem sempre funciona.

Preste atenção no que eu digo. Jamais subestime o destino, ele adora brincar conosco. Pois o que eu sempre digo para minha mãe sobre essa mulher, esse dia chegou e para acabar com o meu juízo. Há cerca de dois anos, uma certa morena foi trabalhar no meu laboratório, mudando completamente a minha vida. Desde então, tudo que faço é pensar em como chegar nela e me declarar.

A que ponto cheguei para estar pensando nisso?! Veja bem quando eu afirmo que o destino ama nos pregar peças.

Por conta de uma bendita regra que criei onde proíbe que funcionários se relacionem não posso me declarar para ela. Enfim, tudo o que posso é no máximo ter sua presença todos os dias no laboratório.

Balanço a cabeça para espantar esses pensamentos que me assolam

todos os dias pela manhã e resolvo ir logo para o trabalho.

Quando chego, todos já estão concentrados em suas atividades. Olho por todo o ambiente em busca da bendita morena que me tira o sono. Entretanto, o máximo que vejo são as outras meninas e os rapazes.

Nem o cheiro dela que sinto quando chego, não sinto hoje.

Algo deve ter acontecido para ela não ter chegado ainda.

Caminho até a minha sala, pego o meu jaleco e volto para junto de todos para darmos andamento às pesquisas.

— Bom dia, pessoal! E aí, como andam as pesquisas?

— Bom dia, Kléber. Estamos obtendo bons resultados. Hoje na parte da tarde chegarão os resultados finais daquela fórmula. Espero que sejam boas notícias — Érica relata.

— Vamos torcer mesmo para isso. Estou cansado de só receber respostas negativas — Gustavo expressa sua frustração por conta das outras vezes que recebemos as respostas.

— Verdade, gente. Precisamos de um descanso — Ísis concorda do outro lado do balcão.

Percebo que Bruno não se manifesta, está concentrado em seu trabalho. Ele sempre foi o mais reservado de todos. Gosto assim.

— Cadê a Lárissa? — pergunto, como se não fosse nada. Afinal sou o chefe e tenho que saber dos meus funcionários.

— Ah, ela não chegou ainda. — Isis desvia o olhar do tubo de ensaio e responde.

— Ninguém sabe o que aconteceu? — indago, querendo saber se alguém mais tem alguma informação.

Realmente algo aconteceu.

— Ela não me falou nada — Érica responde e Ísis confirma novamente com a cabeça.

— Então quando ela chegar, me avise, por favor. Estarei em minha sala — peço e saio da sala, indo em direção à cantina que fica no prédio.

Tenho que resolver isso logo ou vou enlouquecer, penso enquanto peço um cappuccino.

— Você tem que resolver isso logo, cara. As meninas já estão desconfiando.

Tomo um susto com o que o Gustavo fala. Ele é o único que sabe o que sinto por ela. Depois de ele ter me visto no bar bêbado e falando que estava louco por uma certa morena. E agora ele vive me alertando sobre isso, por conta do que aconteceu.

— Não fale o que não sabe, Gustavo — digo em um tom baixo, com raiva.

— Cara, é só um aviso que te dou. É melhor você conversar com ela, antes que chegue outro e faça aquilo que você não tem coragem. — Olho para ele e começo a me interessar pelo assunto.

— Como assim?

— Isso é só um aviso. Fique ligado. Agora deixa eu voltar ao trabalho — diz e se afasta.

Pego o cappuccino e volto para a minha sala, o assunto martelando em minha cabeça.

À tarde, recebemos os resultados das pesquisas e todas elas são positivas. E, assim como eu, todos ficaram felizes. Também, como não

poderiam estar? Trabalhamos arduamente para obter esses resultados. Há dois anos que estamos pesquisando incansavelmente para chegarmos a isso.

E nada de notícias da Lárissa, não quis perguntar para as meninas para não dar margem para mais desconfianças.

Quando estou saindo da minha sala para ir embora, vejo o Bruno arrumando suas coisas para ir embora também.

— E aí, Brunão, já está indo?

— Sim. Tenho que correr para visitar a Lárissa!

— Aconteceu algo? — Tento ao máximo não demonstrar o quanto estou preocupado.

Kléber, controle-se. O que está acontecendo com você?

— Ah, a vó dela foi hospitalizada às pressas hoje. Vou dar uma passada lá. As meninas já foram mais cedo para ver como ela está.

— Fala que mandei forças. Agora vamos que já está ficando tarde.

Fico meio sem jeito com o que ele falou. Sei que sou o chefe dela, porém, não posso deixar de me preocupar já que ela é uma ótima pessoa e profissional.

Não queira mentir para você mesmo que não a quer, Kléber! Isso é fato. Eu a quero, mas não sei como chegar e dizer: Oi, Lárissa, quer sair comigo depois do expediente? E ainda tem essa história que o Gustavo falou para eu tomar cuidado que pode ter outras pessoas querendo fazer o que eu não tenho coragem.

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos e vou para casa, que é o melhor a se fazer nesse momento.

Assim que chego ao apartamento, sou recepcionado pelo meu

companheiro, o meu garotão que só falta me derrubar. Marley. O encontrei em uma caixa de papelão ao lado do laboratório. Naquele dia estava chovendo muito. Eu tinha acabado de sair para ir embora e um grunhido chamou a atenção e, quando fui ver, ele estava todo encharcado dentro de uma caixa de papelão quase se desfazendo de tão molhada. E foi a partir desse dia que não nos desgradamos mais.

— Ei, garotão, calma. Já cheguei, está com fome? — Ele late e balança o rabo mostrando todo o seu amor.

Tem como não se apaixonar por esse peludão? Todos os meus amigos me chamam de louco porque o trato como se fosse um membro da família. Mas nem ligo para o que eles falam.

Já alimentado e cheio de carinho, Marley, em agradecimento, lambe o meu rosto e vai para a sua caminha que fica na lavanderia. E sigo para o quarto para tomar uma ducha depois de um dia cansativo.

No banho, os meus pensamentos vão parar direto no que o Bruno falou da Lárissa.

Por que não consigo parar de pensar nessa mulher? Simples. Você ficou caidinho desde o momento em que ela entrou pela porta do laboratório e sorriu. Parece estranho falar isso, mas foi mais. Os seus olhos brilham quando sorri. E o jeito como fica concentrada quando está trabalhando? Às vezes fico parado só a observando, percebo que em determinados momentos tem mania de colocar o cabelo atrás da orelha e empurra o óculos protetor. Queria eu poder tocar em seu cabelo. O jeito espontâneo de ser com os outros à sua volta. São essas pequenas coisas me chamam a atenção.

Eu sou um idiota mesmo. Rio do meu pensamento ao perceber o quanto estou fodido por querer essa mulher e não poder tê-la.

Já sei o que fazer para tirá-la, por ora, da minha cabeça, ou melhor, essa é a única coisa que tenho feito desde que tudo isso começou. Irei procurar novamente a única pessoa que fiquei para tentar esquecê-la durante esse tempo. Tive sorte de conhecer Verônica, que nunca me cobrou nada e isso me deixa tranquilo. Saio do banho, enrolo uma toalha na cintura e vou até o meu criado-mudo, pego meu celular e disco o número já conhecido, no segundo toque ela atende.

— E aí, gatinha. Está livre hoje? — pergunto na lata. Ela sabe do que gosto.

— *Sempre, gato!* — responde, manhosa.

Não sei por que ela fala dessa forma, parece tão ridículo.

— Então esteja em meia hora no mesmo local de sempre — exijo, pois ela sabe como as coisas funcionam.

— *Você quem manda, gato! Beijos, até lá.*

Não respondo nada, apenas encerro a ligação.

Termino de me arrumar, pego minhas chaves, celular, carteira e saio para o meu destino. Meia hora depois, estaciono em meu segundo apartamento, onde trago as mulheres com as quais quero algo a mais. Segundo os meus amigos, esse é o meu matadouro. Mas, para mim, é um lugar onde posso relaxar e fazer tudo que tenho em mente sem ter que me preocupar. A minha casa é muito sagrada para o que faço aqui.

Chego perto da janela do apartamento e vejo a rua cheia de pessoas sentadas nos bares, todas felizes, sem se preocuparem com os seus problemas. Volto para o pequeno bar que tem na sala, encho o copo com vodca e viro de uma vez. O líquido desce queimando a minha garganta. É isso mesmo que quero sentir para esquecê-la. Longos minutos se passam e

nada da Verônica. Ela sabe que odeio atrasos. Mal termino de pensar nela e escuto uma batida de leve na porta, e a mando entrar. Ela entra e vem até a mim. Olho e já sei que veio para ser bem comida. Pego em seus cabelos e a faço olhar dentro dos meus olhos.

— Verônica, você sabe que não gosto de atrasos. Principalmente nesses encontros.

— Eu sei, gato. O trânsito não colaborou. Agora me deixe recompensá-lo.

Ela me empurra para o sofá da sala. Abre a minha calça e puxa o meu membro semiereto de dentro da cueca. Verônica o segura com a mão direita e começa a bombeá-lo para cima e para baixo. Olho para ela e a vejo passando a língua pelos lábios desejando colocá-lo na boca enquanto move a cabeça lentamente em direção a ele. Sua boca o suga ao mesmo tempo em que passa a língua em minha glândula e sua mão aperta de leve o mesmo.

Isso é muito bom.

Fecho os olhos para apreciar melhor. Porém, a imagem que vem à minha mente é de Lárissa, toda meiga, com seu perfume floral que me deixa louco. Sinto minha ereção pulsar na boca da mulher na minha frente, mas não é por ela que fico assim. E sim o fato de pensar como será estar dentro da boca da Lárissa que não sai da minha cabeça. E, com esse pensamento, gozo com vontade na boca da Verônica, segurando seus cabelos com força para que não desperdice nem uma gota.

Quando abro os olhos, percebo que pela primeira vez não sinto mais vontade nenhuma de seguir em frente. A minha única vontade é a de ter Lárissa comigo. Todavia, sou covarde demais para isso. Não sei o que acontece comigo quando estou perto dela.

— Você parece distante, Kléber. Fiz algo de errado? — Olho para ela e vejo que não vale a pena continuar.

— Não. Agora pode ir, preciso resolver umas coisas

— Como assim? Irá me descartar como um lixo? — questiona, levantando num rompante, a cara torcida de raiva.

E eu entendo o seu comportamento. Se fosse comigo, ficaria do mesmo jeito. Entretanto, no momento, nem eu mesmo estou me entendendo. Eu a procurei para me aliviar, mas meu corpo e mente não querer seguir em frente com isso.

— Verônica, não discuta e vá embora — ordeno, ríspido com ela para que entenda. Ela arregala os olhos e se ajeita.

— Você irá me pagar, seu babaca egoísta — diz e vira as costas.

Não a vejo indo embora, pouco me importa. Tomo uma ducha rápida e resolvo voltar para o meu outro apartamento, frio e sem graça.

Assim que entro, Marley vem até a mim balançando o rabo todo feliz só porque está me vendo.

— Ei, garotão, só eu e você nesse apartamento grande e vazio.

Senhor, o que está acontecendo comigo? A cada dia que passa está ficando mais difícil estar ao lado dela e não poder fazer nada.

Hoje, como em vários outros dias, saí com a Verônica para esquecê-la, só que o tiro saiu pela culatra. Meus pensamentos, mais uma vez, foram parar em Lárissa e era ela que eu quis que estive comigo, apenas ela. Isso tudo me confunde, pois sempre tive várias mulheres e nunca senti isso. No fundo eu sei que é apenas a vontade de tê-la. Quando eu a tiver, essa fissura irá passar. *Se eu a tiver*, essa é a questão que está me corroendo... O “Se”.



Mais um dia começa e eu, como sempre, saio para a minha corrida. Mesmo nas manhãs geladas gosto de correr para deixar o meu corpo em alerta para tudo. Depois que voltei ontem do encontro com a Verônica, não consegui dormir direito. Os meus pensamentos eram todos focados na morena que tem tirado o meu juízo. Tentei ao máximo dormir. Porém, pensei várias vezes em sair no meio da madrugada para vê-la e saber o que aconteceu. Mas sou covarde demais para tal atitude.

Covarde, idiota...

Sinto o ar gelado bater em meu rosto e esfrego as minhas mãos uma na outra. Alongo-me antes de começar a correr. Corro até as pernas doerem pelo esforço, e isso me motiva. Depois de mais ou menos uma hora, resolvo voltar para casa e me preparar para o trabalho. Mesmo durante o meu exercício, ela não me saiu da cabeça. Afirmo para mim mesmo que hoje falarei com ela e foda-se toda essa merda de que não pode haver relacionamento entre funcionários.

Quando estou virando a esquina perto do meu prédio, a vejo sentada em um banco de frente para o lago que tem do outro lado da rua. Ando devagar até chegar perto dela e percebo o seu olhar distante. Seu rosto está vermelho, como se tivesse chorado há pouco. Vou me aproximando mais, então ela me nota e olha para o meu rosto, entretanto, não fala nada e volta a olhar para o lago. Paro próximo a ela.

— Lárissa, você está bem?

Lógico que não, seu babaca?!

— Kléber, o que está fazendo aqui? — indaga, olhando novamente para mim e para os lados, tentando assimilar onde se encontra.

— Eu moro aqui. E você? Parece que está perdida. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Tenho que ir — diz, já se levantando bruscamente.

— Espera, Lárissa — Chego mais perto dela.

— Não posso. Preciso ver a minha vó. Ela precisa de mim — fala, nervosa. Seus lábios estão trêmulos e os olhos já enchendo de lágrimas.

— Ei, calma, tudo ficará bem. — A seguro pelos ombros tentando confortá-la e percebo que está tremendo de frio por vestir somente uma blusa fina. — Vamos até a minha casa e você me conta o que está acontecendo.

Ela parece tão transtornada que apenas se deixa ser conduzida.

Senhor, tenho que cuidar dela para não ficar doente. Obrigado por essa oportunidade.



Capítulo 2



Lárisa

Acordo com o barulho do meu celular tocando. Passo a mão pelo criado-mudo tentando pegá-lo, mas o maldito não para de tocar e não consigo encontrá-lo. Sento na cama e o pego logo de uma vez por todas. Olho pela janela e vejo que ainda é madrugada. Olho no visor do celular e constato que é o mordomo da minha vó.

Mas por que ele está ligando a essa hora?

Aconteceu algo. Só pode.

— Alô!

— *Senhorita Lárisa, desculpa pelo incômodo, mas é caso de emergência. A sua vó passou mal e tive que trazê-la às pressas para o hospital* — diz rápido e me desespero.

— Mas como assim, Tony? Até ontem ela estava bem. Conversei com ela sobre o seu aniversário. Como isso foi acontecer? Onde vocês estão? — Levanto e já começo a procurar as minhas coisas enquanto o encho de

perguntas.

— Estamos naquele hospital perto do centro.

— Eu sei onde fica. Em vinte minutos estarei aí.

Desligo o telefone já me trocando e pegando a bolsa com todos os meus pertences. Quando estou passando pela sala, vejo o meu pai deitado no sofá com todas as suas roupas amarrotadas e cheirando à bebida. E isso é só o que ele sabe fazer ultimamente.

Desde que minha mãe decidiu sair pelo mundo atrás do mundo da moda e gastar o seu dinheiro, ele não sabe fazer outra coisa. Não tenho o que reclamar da minha vida. Venho de família rica, com posses de vários vinhedos. Mas, depois de uma certa idade, nunca fiquei às custas dos meus pais por eles terem muito dinheiro. Sempre corri atrás do meu sonho, que era ser bioquímica.

Minha mãe e o meu pai nunca apoiaram esse meu sonho. Um dizia que eu era louca por sonhar baixo. Uma moça linda como eu deveria sair pelo mundo para gastar dinheiro com algo útil. E esse algo seria moda, bebidas e homens. Meu pai queria que eu trabalhasse com ele para continuar a linhagem da família. Mas sempre bati o pé e nunca desisti do meu sonho. A única pessoa que me apoia até hoje é minha vó Natalícia.

E, nesse momento, o meu coração está quase saindo pela boca só de pensar nela.

Senhor, cuida da minha vizinha.

Dirijo rápido e quase vinte minutos depois chego ao hospital. Passo pela recepção e pergunto pela minha vó. Uma moça muito simpática me informa que ela está em cirurgia no quarto andar. Corro para os elevadores e, por sorte, tem um parado no térreo.

Assim que entro na sala de espera, vejo Tony sentado, com a cabeça baixa. Noto que ele está com um terço nas mãos, orando. Uma coisa que sempre admirei em minha vó foi sua religião. E acho que isso passou para ele.

— Tony! — Chamo baixinho, por conta de estarmos no hospital. Ele levanta a cabeça ao mesmo tempo que dá um sorriso amarelo.

— Oi, minha linda. Senta aqui! — aponta para a cadeira ao seu lado.

— Como isso foi acontecer? E o porquê da cirurgia? — questiono em meio às lágrimas enquanto Tony tenta me consolar.

— Calma, minha flor. A sua vó teve uma pequena discussão com seu pai pela tarde. Depois que ele foi embora, ela queixou-se que estava um pouco cansada e foi para o quarto.

— Mas por que eles discutiram? O meu pai esses dias está com um comportamento muito estranho. Mas isso já foi longe demais. Quero saber por qual motivo foi?! — Levanto do sofá, agitada.

— Calma. Ficar assim não vai adiantar nada. A sua vó precisará de você para se recuperar. Depois que ela foi para o quarto, não saiu mais de lá. Quando fui chamá-la para o jantar, disse que não queria e que não estava bem. Perguntei se gostaria de um remédio. Não disse nada, só que queria ficar em seu quarto. Aí agora, pela madrugada, ela me chamou dizendo que estava com muita dor nas costas e no peito. Você sabe como é sua vó. Nunca reclamou de nada. Saúde de ferro. Só que dessa vez foi grave. Chamei a ambulância e eles chegaram rápido. No caminho para cá, ela teve duas paradas cardíacas, os paramédicos conseguiram reanimá-la, mas, assim que chegamos, já foi logo para a cirurgia de emergência. O Dr. Guilherme, por sorte, estava de plantão. Segundo ele, a sua vó já vinha com uns problemas no coração, não entendi bem o que era. Como bem sabe, só sei cuidar da casa

e de sua vó.

— Tony, você não pode estar falando da mesma pessoa. Eu estive na casa dela ontem à tarde.

— Pois é, minha flor. Fiz essa mesma pergunta para o Dr. Guilherme. E ele me confirmou tudo isso. E com essa correria ela foi parar na mesa de cirurgia para colocar uma ponte de safena. O coração dela, pelo que entendi, não estava mais bombeando o sangue direito. Então foi decidido pelo Dr. que era melhor para a saúde dela.

Depois desse relato do Tony, fico praticamente no automático, resolvo não falar mais nada até receber notícias da minha vó. Só que uma coisa não sai da minha cabeça.

O que meu pai falou para minha vó que a deixou assim?

— Ei, minha flor, nem pense em se envolver nisso. É coisa da sua vó e do seu pai! — Odeio quando o Tony sabe o que estou pensando. Sempre foi assim, desde que eu era criança.

— Não estou pensando em nada. E sabe o que eu acho? Que você sabe mais coisas sobre o que aconteceu e não quer me contar.

— Não sei de nada, Lárissa. — Percebo em sua voz um certo desconforto.

Eu tenho certeza que aí tem coisa.

Horas se passam até o Dr. Guilherme vir em nossa direção. Ele é um homem muito bonito. Alto, branco, cabelos pretos e barba, que por sinal está bem-feita. Porém, hoje está com aparência de cansado, mas ainda assim mantém o sorriso encantador e por onde passa as enfermeiras só faltam pular em seu pescoço. Minha vó sempre me trazia com ela para suas consultas. Segundo ela, eu tinha que paquerar um pouco o gatão do seu médico. Para

nunca discutir, sempre concordava. Mas ele nunca me chamou atenção como o Kléber chama.

Lárisa, sua vó em uma mesa de cirurgia e você aí comparando homens? Minha consciência grita para eu acordar do meu delírio.

— Bom dia! Tony e Lárisa, como estão? — pergunta assim que se aproxima.

— Como está minha vó? — Levanto da cadeira mais nervosa do que estava.

— Calma, minha flor, deixe o Dr. Falar — pede Tony.

Assinto e volto a falar:

— OK. Oi, Dr., não posso estar bem se minha vó está doente.

— Pois bem, a cirurgia ocorreu como esperado. Não teve nenhuma complicação. Ela está na UTI, para se recuperar melhor. Creio que em uns dois ou três dias ela será remanejada para o quarto. Por ora, o que temos que fazer é esperar esse tempo e ver como ela vai reagir.

Alívio toma conta de mim e agradeço a Deus por proteger minha vizinha.

— O que faremos agora? — indaga Tony.

— Aconselho vocês a irem para casa descansar. Ela está em boas mãos.

— Não saio daqui enquanto ela não acordar — afirmo, convicta de minha decisão.

— Lárisa, melhor não. Não ouviu o que o médico falou? — Tony tenta me convencer do contrário. Contudo, ninguém me tira daqui.

— Tony, eu já tomei minha decisão. Dr., posso vê-la? — Viro para o médico, na esperança de que ele me deixe vê-la.

— Por enquanto, não será permitida a entrada de visitas— explica, em modo profissional.

— Mas é da minha vó que estamos falando. — Olho para ele e faço cara de cachorro que caiu da mudança. Ficamos em silêncio até que ele pensa um pouco e responde:

— Pelo carinho que tenho pela sua vó, na parte da tarde a deixarei entrar com a minha permissão. Mas só por alguns minutos. — Ele sorri de lado e coloca a prancheta, que até então não tinha notado em sua mão, debaixo do braço.

— Muito obrigada mesmo, Dr. — Agradeço por esse pequeno favor e um alívio toma conta do meu coração.

— Não há de quê. — Meneia a cabeça em resposta e sai para visitar outros pacientes.

A manhã passou como uma lesma. O Tony me deixou aqui e foi para casa tomar um banho, prometendo que logo voltaria. Recusei-me a sair daqui. Mandeí mensagem para as meninas avisando ocorrido e que não poderia trabalhar hoje. Como amigas que são, disseram que mais tarde estarão aqui comigo depois do expediente.

Nada entrou em minha boca na hora do almoço, devido ao nervosismo que estou sentindo e um pressentimento nada bom. O meu pai, quando liguei para falar dela, pouca importância deu. Disse que tinha muitas reuniões e não poderia comparecer ao hospital. Mas, mesmo assim, me pediu para deixá-lo avisado se qualquer outra coisa acontecer.

Sinto que essa briga dos dois foi algo muito grave para chegar a esse

ponto de ele sequer vir ao hospital saber como está a sua mãe.

— Lárissa? — Sou tirada dos meus pensamentos pela voz do Dr. Guilherme.

— Ah! Oi, Dr. Guilherme. — Levanto da cadeira rapidamente e vou ao seu encontro.

— Vamos? A sua vó está esperando por você. — Dr. Guilherme indica para que eu o acompanhe.

— Ah, vamos.

— Vamos primeiro passar pelo procedimento de esterilização e depois seguimos — explica enquanto o sigo pelo corredor.

Fazemos todo o procedimento e partimos ao encontro da minha vó. Quando entro na sala, a vejo toda cheia de fios e uma máscara em seu rosto. Ela parece tão sem vida nesse estado. Nem parece aquela mulher de ontem à tarde. Os seus cabelos estão desgrehados. Logo ela que adora ficar bonita.

— Oi, vó, estou aqui. Que baita susto que a senhora nos deu, vê se acorda logo. O Tony e eu estamos aqui esperando pela senhora — digo com voz embargada por vê-la tão fragilizada.

É a primeira vez que a vejo assim. E isso corta o meu coração.

O Dr. Guilherme me avisa que tenho cinco minutos para ficar com ela e que a próxima visita será só quando ela estiver no quarto. Puxo uma cadeira para perto da cama, sento e seguro sua mão esquerda. Está tão gelada, nem parece aquela mão macia e quente que acariciou meus cabelos ontem. Fico apenas quieta, olhando seu semblante e pedindo a Deus que cuide de minha avó. Uma enfermeira faz sinal avisando que meu tempo acabou.

— O que aconteceu entre a senhora e o papai para desencadear isso,

hein? Juro que nesses últimos dias, ele não está se comportando como um pai de verdade e só a senhora para me socorrer das minhas ideias loucas. — Fungo mais uma vez e limpo as lágrimas que teimam em descer torrencialmente. Levanto da cadeira e beijo sua testa. — Até daqui a pouco, vizinha.

Já na sala de espera, encontro Tony sentado com um semblante cansado, parecendo que não descansou nada.

— Tony, por que não ficou em casa? — Ele me olha com um sorriso amarelo, como se pedisse desculpa por algo.

— Oh, minha flor, você sabe que aquela casa não é a mesma sem a sua vó.

Isso é verdade. Aquela casa não é a mesma sem a vovó.

— Eu sei, Tony — concordo com ele.

— E como que ela está? — Sento ao seu lado e seguro sua mão.

— Ainda sedada devido à cirurgia. Rogo a Deus para que a recuperação dela seja boa.

— Também peço. — Tony aperta de leve a minha mão, me passando conforto.

O silêncio se instala na sala de espera. Algumas pessoas sentam em outras cadeiras, esperando notícias de seus parentes. Esse é um dos lugares que nunca gostei de estar. Porém, nunca podemos optar em não pisar aqui. Hoje, no meio dessas pessoas, percebo como somos frágeis diante de situações como essas. Dinheiro nenhum paga para não passarmos por isso, essas situações são inevitáveis.

Agora, sentada aqui, sinto que estou sendo vigiada, olho em volta e

vejo uma mulher de aparência não muito boa olhando diretamente para mim. Sei que não devo fazer julgamentos de como as pessoas se vestem, mas não posso deixar de perceber como esse lugar não combina com ela. O hospital é particular e ela com certeza não teria dinheiro para pagar uma consulta aqui.

Levanto e caminho em sua direção, me sentindo curiosa. Quero saber o que tanto ela olha para mim.

— Oi, tudo bem? — pergunto, chegando perto dela.

Ela não fala, só confirma com a cabeça. Ela se parece muito com uma pessoa que já vi em algum lugar, só não me lembro onde. O seu cabelo é castanho, com poucos fios de cabelos brancos, os seus olhos brilham com lágrimas não derramadas e sua boca parece tremer, mas, ao mesmo tempo, sorri para mim.

— A senhora está bem? — questiono novamente, e a seguro pelos ombros.

— Como nunca estive antes. Como se chama? — Sua voz sai trêmula.

— Eu me chamo Lárissa e você? — falo, ao mesmo tempo em que sorrio para ela. Não sei, mas o meu coração ficou feliz por estar falando com ela.

— Julie. Você é uma linda moça — diz, mas seu sorriso não chega aos olhos. Seu olhar é triste.

— Obrigada. A senhora está sozinha aqui? — Investigo, para saber o que faz aqui.

Antes que ela responda, Tony se junta a nós. Entretanto, Julie sai correndo assim que ele chega. Acho estranha a forma como ela e Tony se encaram.

— Julie, volta aqui. — Chamo, mas ela já está longe.

— Lárissa, deixa essa mulher. — Percebo o seu desconforto.

— Tony, por acaso você a conhece? — indago, olhando em seus olhos. E isso me dá a certeza que sim. No mesmo instante ele desvia os olhos do meu.

— E por que eu conheceria? Temos que nos preocupar com sua vó.
— Sua postura altera com o meu questionamento.

— Tony, eu só perguntei por causa da forma que se olharam. — Ele fica nervoso como nunca vi antes.

— Olhei como olho para qualquer pessoa — tenta disfarçar, mas sua resposta não me convence

— Mas por que ela saiu correndo quando te viu? — Cruzo os braços e o encaro.

— Já falei que não sei, minha flor. Agora vamos voltar para sala de espera e aguardar o Dr. Guilherme. — Sei que ele não me falará mais nada, mas seu nervoso é nítido.

Não vou discutir mais, por ora. Mas tenho certeza de que tem alguma coisa estranha nessa história. Depois de muitas horas sentadas em uma poltrona nada confortável e ficar quase o dia todo sem colocar quase nada no estômago, vejo minhas amigas entrando na sala de espera com uma sacola cheia de coisas para mim e o Tony. Durante a tarde, elas me enviaram mensagens perguntando como estavam as coisas e se eu precisava de algo. Respondi que não precisava de nada, somente da presença delas para me darem um pouco de calma.

E como elas nunca me deixam na mão, estão aqui as duas de frente para mim sentadas à mesa na cantina do hospital. Depois que contei tudo, as

duas me arrastaram para cá e estão tentando me fazer comer um sanduíche e tomar um suco.

— Amiga, você precisa comer — Ísis ressalta, depois um tempo em silêncio.

— Não consigo, Ísis.

Isso é verdade, parece que um bolo se instalou em minha garganta e não quer sair.

— Mas você precisa, amiga — complementa Érica.

Olho para duas e dou um sorriso amarelo.

— Obrigada por vocês estarem ao meu lado. Juro para vocês que ainda vou descobrir o que meu pai falou para ela ficar assim. — Seguro a mão das duas e agradeço.

— Certo, amiga. Mas, por ora, coma. Depois saímos as três contra o mundo para descobrir isso — Ísis diz com seu jeito de sempre fazer piada nesses momentos, para amenizar o clima tenso.

— Tudo bem. Vocês venceram. — Como o lanche para elas ficarem felizes.

— Ah, Lari, antes que eu esqueça, sabe quem ficou todo preocupado com você e tentou disfarçar, mas eu percebi muito bem?

Mordo o meu lanche e olho para Ísis que fala como se não fosse nada. Faço cara de interrogação.

— Ísis, já falei que você está pirando na maionese — Érica alerta. Mas minha curiosidade aflora.

— Já começou, agora termina — informo e jogo um saquinho de açúcar que tem em cima da mesa nelas. — Falem logo, vacas.

— Kléber — Ísis fala, rindo e olhando para Érica.

— Eu falei para ela, Lari, que é imaginação da cabeça dela. — Rio das duas amigas malucas.

No fundo sinto uma pontinha de felicidade por saber disso, mas não posso me prender a isso, sei da sua fama.

— Meninas, seja imaginação ou não, vocês sabem o que eu penso sobre ele.

— Lari, sabemos disso. Mas faz muito tempo que não o vimos mais com qualquer outra mulher. E não queira mentir para nós duas que ele não mexe com você. Porque só toquei no nome dele e os seus olhos brilharam — Ísis termina de falar, e eu sei que ela só quer a minha felicidade. Somos amigas desde a faculdade. Nunca nos separamos e elas sabem como me sinto em relação ao Kléber.

— Obrigada, meninas. Mas, por ora, não quero saber de Kléber e nem de outro. Minha preocupação é minha vizinha.

— Nós sabemos, falamos isso para que você se distraísse um pouco. — Sinto que as palavras da Érica me confortam.

— Agradeço mesmo, meninas. Vocês são como duas irmãs para mim. — Levanto e puxo as duas para um abraço.

— Oh, Larita. Também consideramos você. — Ísis sempre me chama assim.

Somos interrompidas por um Tony todo esbaforido me chamando.

— Menina Lárissa. — Ele coloca a mão no peito, tentando recuperar o fôlego.

— Oi, Tony, calma. O que aconteceu? — Vejo em seu rosto um misto

de alegria e alívio.

— A sua vó acordou. A pedido dela o Dr. Guilherme pediu que a chamasse para vê-la.

Olho para as meninas sorrindo e saio da cantina como um foguete. Elas e o Tony me acompanham. Quando estou perto do quarto da minha avó, vejo o Dr. Guilherme conferindo uma prancheta.

— Dr., ela acordou? — questiono, com toda alegria de receber essa notícia.

— Sim... — Ele levanta a cabeça para me olhar.

Mas vejo seu olhar passar por mim e parar em minha amiga Érica, que está ao meu lado. Vejo que ela também não mexe um músculo sequer. Os dois parecem presos em um mundo particular. Em uma fração de segundos esse contato é quebrado. Os dois falam ao mesmo tempo.

— Érica?

— Guilherme?

— Vocês se conhecem? — indago, curiosa. Até onde eu sei, a minha amiga é bem fechada e não tem amigos homens, ou seja, essa é uma história para outra hora. Mas que ativou o meu lado de curiosidade, isso sim.

— Não — os dois respondem em uníssono.

Hum, aí tem coisa.

De repente ela começa a se desculpar por uma série de coisas que tem que fazer, mas eu sei que não tem. De nós três ela é a mais reservada de todas. Porém, sempre está ali para dar apoio quando se precisa. Por fim, ela me abraça e vai embora. Ficamos apenas nós quatro olhando para o que acabou de acontecer aqui. Todavia, o meu sexto sentido me alerta para mais

uma história que tenho que desvendar.

Resolvo interrogar o médico da minha avó. Já que minha amiga saiu correndo feito uma louca.

— E você não vai falar nada? — pergunto para o Dr. Guilherme.

Ele me olha e em seus olhos vejo tristeza e mágoa, mas rapidamente veste sua máscara profissional.

— Bom, isso só sua amiga para explicar. — Sua voz rouca sai num tom ácido. Só que acho que ele não disse isso para me atingir, mas a alguém que foi embora. — Já a sua vó está querendo falar com você e, como já sabe, tem que ser rápido. Só mais dois dias para a recuperação dela. — Assinto sem mais nenhuma palavra, depois seguimos para a ala de preparação.

Ísis e Tony ficam na sala de espera, enquanto sigo para ver a minha avó. Sinto o meu coração acelerado, não sei se é por finalmente vê-la bem, ou outro sentimento que não sei distinguir.

Só peço a Deus que não seja o que estou pensando. O meu pai não ligou mais e não mandou notícias. Algo aconteceu de muito grave para ele não aparecer. Assim que sair daqui vou até a empresa saber da boca dele o que aconteceu.

Após todo o procedimento ser realizado, adentro a ala de tratamento intensivo onde a vejo cheia de aparelhos ainda.

— Vozinha, a senhora acordou! — falo carinhosamente, me aproximando da cama dela.

— Pequena Larica! Que bom que está aqui, venha cá. — Sua voz é calma como uma manhã de domingo no inverno.

— Que susto nos deu — confesso, sentando ao lado em sua cama.

— Minha querida, te chamei aqui para conversamos. — Ao mesmo tempo que sua voz parece calma, vejo que ela sente dificuldade para falar.

— Não faça esforço — peço, e acaricio a sua mão.

— Não se preocupe, minha querida. Já, já, irei descansar... — Assinto e espero que ela continue. — Minha pequena Larica... — Ela me chama assim desde que eu era pequena. Ela diz que era porque eu falava demais. — Quero te pedir uma coisa.

— Sim. Pode pedir, vovó. — Meu coração se aperta porque tenho um pressentimento de que não é nada bom.

— Eu tenho que contar uma coisa. E quero que você tenha a cabeça muito aberta. E só isso que peço. — Fico em alerta com suas palavras. — Querida, eu já aguentei demais isso. Por conta disso que hoje estou aqui.

— Vovó, não precisa ser agora. A senhora precisa descansar! — Repito mais uma vez para que ela não precise prosseguir. Porém, meu subconsciente está mandando sinal de alerta de que virá algo muito grande por aí.

Será que estou pronta para mais surpresas? Não sei. Mas vamos esperar as próximas palavras dela.

— Não tenho mais tempo, Lárissa — quando ela diz o meu nome e não o meu apelido, é que realmente eu preciso ouvi-la. Confirmo com a cabeça e seguro sua mão.

— Tudo bem, vó. Mas, por favor, se acalme. Vou chamar o Dr. Guilherme. — Ela segura minha mão forte e vejo súplica em seus olhos.

— Não o chame, querida. Será rápido aqui, apenas escute com atenção. Eu briguei com seu pai por não ter lhe contado a verdade até hoje.

— Que verdade? — indago, surpresa.

Não falei que viria bomba?

— A sua mãe, Emily, não é a sua mãe de verdade. — Olho para ela com expressão de espanto.

Não consigo expressar nada. Falta-me palavras para isso. Enquanto seguro sua mão, a vejo fechar os olhos cada vez mais, sua voz vai ficando fraca. O meu corpo está pesado pelo choque com essa notícia. Minha cabeça está doendo, assim como minhas pernas. Porém, o meu subconsciente me desperta para o que está por vir. Saio do meu transe e resolvo falar:

— Como assim? — Ela abre os olhos e vejo neles lágrimas não derramadas e um pedido de perdão.

— A Emily, na verdade, é sua madrasta. A sua mãe morreu no parto.

A cada palavra sua, fico confusa. Um nó se forma em minha garganta.

— Por que a senhora está me falando isso? — Minhas palavras mal saem.

— Porque preciso descansar. Chegou a minha hora. Eu quero que você me prometa que irá ter a mente aberta, como sempre foi, para perdoar... — ela para de falar e o barulho de máquinas apitando aponta que algo mudou em seu quadro. A chamo e não obtenho resposta nenhuma. O meu desespero aumenta, então, grito pedindo socorro, as enfermeiras e o Dr. Guilherme chegam e me mandam sair.

Saio da sala e encosto na parede mais próxima. Todo o choro que estava segurando agora sai como cachoeiras em forma de lágrimas.

Senhor, que nada aconteça à minha vozinha, peço a Deus, em silêncio. Eu preciso dela ao meu lado, ela é a única que entende. Ainda mais

com isso que ela acabou de me contar.

Estou tão imersa em minhas lágrimas que não escuto o Dr. Guilherme me chamando.

— Lárissa, preciso conversar com você e o Sr. Tony.

Levanto do chão, limpo o meu rosto e nariz.

— Me fala que ela ficará bem, por favor, Dr. — Suplico. Mas o que vejo em seus olhos não me dá nenhuma certeza de que está tudo bem.

Ele não responde à minha pergunta e anda na minha frente em direção à sala de espera. O Tony e a Ísis estão sentados, de cabeça baixa. Sento ao lado deles e espero o Dr. falar.

— Lárissa, Tony. O estado de saúde da Sra. Natalícia não está muito bem. A partir de hoje, não terão mais visitas por causa do seu estado. No momento, ela está sedada. Por isso aconselho ir para casa. Qualquer alteração no seu estado entraremos em contato. — Desde que ele começou a falar, não consegui mais olhar em seu rosto. Sei bem como é difícil dar notícias para os entes queridos.

— Dr. Guilherme, o senhor tem esperanças de que ela ficará bem? — indaga Tony.

— Como falei, vamos esperar pelas próximas horas. Agora preciso ir, tenho outros pacientes.

Depois disso, saímos do hospital e vamos embora. A Ísis avisa que vai ficar comigo. Tony decide ir descansar um pouco e depois vai voltar para esperar por notícias.

O percurso até a minha casa é feito em silêncio. A minha cabeça não para de trabalhar sobre a informação que recebi da minha vó e sobre sua

saúde. Amanhã cedo irei falar com o meu pai, ele não me escapa.

Oh, Senhor, que dia. Peço pela minha vizinha. Não a leve, ainda é muito cedo.

De banho tomado e de roupas trocadas saio do meu closet indo direto para cama. A Ísis, como sempre, me espera sentada na cama e com uma bandeja com uma tigela de sopa e pão.

— Senta aqui, amiga. Trouxe uma sopa. — Convida com um sorriso amarelo. — Ajudo você a comer, trouxe outra colher — fala e mostra a outra, acabo sorrindo com esse seu gesto. Ela é uma irmãzona. Uma que nunca tive. Pensar nisso faz voltar tudo à minha mente o que minha vó falou.

— Ísis, minha linda, obrigada por se preocupar comigo. Mas, por ora, não entra nada em meu estômago — digo, sentando na cama e cruzando as pernas.

— Amiga, você tem que comer. Precisa descansar e ficar linda para o nosso chefe gato e gostoso. — Olho para ela e rio da sua tentativa de piada para me animar. Só minha amiga para falar essas coisas.

— Só você mesmo, Ísis, para me fazer rir falando uma coisa dessas.

— O que seria de você sem mim? Nada! Então trate de comer logo essa sopa. Ah, já ia esquecendo, o Bruno ligou enquanto você estava no banho. Queria saber como que a sua vó está. Expliquei para ele e disse que amanhã nos falamos.

— Que bom. Ísis, por que as coisas têm que ser assim? — pergunto, já com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Lari, calma, tudo dará certo. Você vai ver. Daqui a pouco a sua vó estará aqui conosco e rindo de tudo isso.

— Não, Ísis. As coisas pioraram agora. O que ela me disse no quarto foi algo muito além do que eu imaginava. A briga que houve entre ela e o meu pai tem a ver com o meu passado. Ela disse que eu não sou filha da minha mãe. Que a Emily é apenas a minha madrastra. E, além de tudo, é para eu ter uma mente aberta para o que está por vir. Agora, me diz, Ísis, como vou ter cabeça para uma coisa dessas? — Respiro fundo mais uma vez e limpo meu rosto.

Senhor, me tira desse pesadelo!

— Não sei o que dizer. Eu sempre tenho em mente que nunca a deixaria sozinha.

— Obri... ga... da... por tu...do — digo em meio aos soluços.

— Shiii, não tem o que agradecer. Você é como uma irmã para mim. Agora vamos comer e descansar. Amanhã será um novo dia.

Depois do meu surto de choro, como, escovo os dentes e caio na cama. Por conta do meu estado emocional, parece que um caminhão passou por cima de mim, assim, o sono logo me vence.

Ísis me acorda a solavancos por causa do meu celular tocando. Ela odeia ser acordada com barulhos.

— Lari, acorda e atende logo esse celular. Pode ser o Tony ou o Dr. Guilherme. — Assim que escuto esses dois nomes, pulo da cama e pego o meu celular que está no criado-mudo. Vejo que é o Tony. O meu coração aperta novamente e prendo a respiração.

— Tony! — Atendo e fecho os olhos com força.

— *Minha flor. O estado da sua vó piorou. O Dr. Guilherme gostaria de conversar com você. O seu pai apareceu aqui e foi embora. Só tem você como parente dela. Venha para cá agora!*

As palavras pronunciadas por ele foram todas para eu entender que Deus decidiu que é hora de ela partir.

O celular cai da minha mão, assim como as lágrimas já caem pelo meu rosto. A dor que sinto agora não se compara a dor nenhuma. Nunca, em toda a minha vida, eu imaginaria que esse dia chegaria. A morte é a única coisa que temos certeza na vida. Mas nunca estamos preparados para ela. Fingimos que ela não existe para ter esse tipo de surpresa. E hoje chegou esse dia.

— A minha vó partiu, Ísis. — São as únicas palavras que saem da minha boca, pois tudo é um buraco em meu peito.

Tudo passa em câmera lenta diante dos meus olhos. Do momento em que saí de casa até o hospital. Quando chego à sala de espera, vejo Tony novamente sentado e com a cabeça baixa.

— Tony! — Assim que ele escuta a minha voz, ergue a cabeça e nesse exato momento vejo toda dor passar pelos seus olhos. Pelo caminho até o hospital pedi a Deus para que não fosse verdade sobre a minha vó. Só que agora vejo a verdade refletida nos olhos dele.

Sento ao seu lado e o abraço. Nessas horas nada mais importa, sinto o meu ombro molhar pelas lágrimas dele. E as minhas já não se seguram mais. Sinto a mão da Ísis passar pelas minhas costas.

— Minha flor, foi melhor assim. — Mesmo diante da dor ele tenta me passar conforto.

— Não foi. Ela não poderia me deixar aqui sem ninguém. — Recuso-me a acreditar no que aconteceu.

Longos minutos se passam, até que o Dr. Guilherme aparece na sala de espera. O meu estado é catatônico. Levanto a cabeça, que até então estava

encostada no ombro do Tony, e olho brevemente para o médico, mas fecho os meus olhos não querendo acreditar nas próximas palavras que vão sair da sua boca.

— Lárissa e Tony, sinto muito pela Dona Natalícia. A cirurgia que fizemos o corpo dela rejeitou e o coração dela não aguentou, levando a óbito.

Solto uma risada amarga pelo que acabei de ouvir.

— Que tipo de medicina o senhor exerce? Hein, doutorzinho de merda. Que nem foi capaz de salvar a vida da minha vó. — Olho bem no fundo dos seus olhos. Só não consigo olhar mais fundo porque a minha altura não permite. Porém, a raiva me consome por dentro com o sentimento de impotência de não poder fazer nada para trazer a minha vó de volta.

Sempre soube que quando perdemos uma pessoa que amamos muito, passamos por fases. Só que a fase que estou nesse momento é a da raiva. De tudo que está ao meu redor.

Como o Dr. Guilherme não responde nada, saio da sala de espera feito uma bala, só escuto vozes me chamando. No momento não quero ver e nem falar com ninguém.

Ando pelas ruas da cidade sem me importar com nada. Sinto o frio percorrer o meu corpo, deixei as minhas coisas com a Ísis e acabei saindo somente com a blusa fina que estou. Mas não me importo com nada hoje. Eu só quero a minha vó de volta. Ando mais um pouco e paro em frente a um lago, sento em um banco qualquer e fico olhando a água. Novamente sinto lágrimas inundando os meus olhos e molhando a minha fina blusa. Abraço o meu corpo, olho para o céu e vejo que hoje será sombrio, cheio de nuvens carregadas e geladas. Odeio esse tempo daqui.

Não passa muito tempo que estou nessa posição e sinto que sou

observada. Olho em volta e a pessoa que menos esperava ver hoje está diante de mim com cara de assustado. Vejo que ele estava fazendo algum exercício, está com roupas de ginástica. Não sei o que ele está fazendo aqui, pouco me importa. Só quero que me deixem em paz.

Volto a olhar para o lago e cruzo os braços.

— Lárissa, você está bem? — Escuto suas palavras e o olho novamente. Ele nunca falou comigo fora do laboratório. Por que isso agora?

— O que você está fazendo aqui, Kléber? — pergunto, pois não sei até onde andei e não sei onde estou. Saí sem rumo.

— Eu moro aqui. E você? Parece que está perdida. Aconteceu alguma coisa? — indaga, preocupado.

— Não, tenho que ir — respondo, já me levantando bruscamente para sair de perto dele. A sua presença me confunde. Tudo nele me deixa em estado de alerta.

Corre, porque é perigoso.

— Espera, Lárissa — diz, chegando mais perto.

— Não posso. Preciso ver a minha vó. Ela precisa de mim. — Só que o meu subconsciente já sabe que ela não precisa. E nisso meus olhos já se enchem de lágrimas e sinto suas mãos em meus ombros.

— Ei, calma, tudo ficará bem. Vamos lá para casa e me conta o que está acontecendo.

Só concordo com a cabeça e ele me abraça. Em seus braços sinto que estou segura, pelo menos por ora.



Capítulo 3



Kléber

Assim que entramos em meu apartamento, a levo até o sofá e me sento com ela. Não falo nada, pois não sei o que ocorreu. Mas sinto uma necessidade muito grande de cuidar dela. Ela encosta a cabeça em meu ombro e volta a chorar, e vê-la assim me corta o coração.

Passo o meu braço por cima do seu ombro e a trago para mais perto de mim. E com isso ela me abraça com muita força.

— O que aconteceu, Lárissa? — pergunto, preocupado.

— Ar... minha... vó... — ela não termina de falar e chora mais ainda.

— A sua vó... — incentivo ela a continuar.

— Mo... mo... morreu... — diz, entre os soluços.

Que barra. O meu coração pesa com suas palavras. Nunca passei por isso, e peço muito a Deus para não passar tão cedo. Mas logo hoje que eu iria falar com ela, isso acontece.

Kléber, a menina passando por esses problemas e você aí pensando em outra coisa? Para de ser egoísta! Minha consciência me alerta.

— Vou pegar uma água. — Mesmo contra a minha vontade, a solto e a acomodo encostada no sofá.

Ela está aérea e não assimilou o que eu disse. Saio da sala e vou à cozinha pegar um pouco de água com açúcar. Ela está bastante nervosa. Isso

vai ajudá-la a se acalmar. Agora sei o porquê ela não ter ido ontem e o Bruno tinha falado da vó dela. Só não imaginava que seria tão grave.

Quando volto da cozinha, o Marley está deitado ao seu lado no sofá, com a cabeça em seu colo. Acho estranho, pois ele nunca foi assim com pessoas que ele não conhece. Isso me deixa feliz, pois até ele se rendeu aos encantos dela. E como não nos renderíamos? Ela é linda, encantadora, meiga e me pegou de jeito.

Pigarreio ao seu lado e ela me olha. Seu sorriso é fraco e não chega aos olhos.

— Bebe um pouco de água com açúcar. Irá ajudá-la a se acalmar — falo e entrego o copo para ela.

Sento do outro lado do sofá, já que o Marley se apossou do lado dela.

— Obrigada — ela termina de beber e coloca o copo na mesa de centro em sua frente.

— Desculpa a minha pergunta, Lárissa. Mas como aconteceu? Apesar de trabalharmos juntos, não sei muito da sua vida — termino de falar, porém, sinto um frio em minha barriga por medo de ser invasivo.

Porra, mas como eu poderia não ser? Encontro-a chorando em frente à minha casa, sem ninguém. Por mais que ela seja minha colega de trabalho, meu lado protetor está em um nível elevadíssimo e ultimamente tudo o que é relacionado a ela me importa.

— Ela morreu — responde de cabeça baixa e percebo o seu nervosismo pela forma que mexe as mãos. — Bom, ela teve uma discussão com o meu pai muito séria e por conta disso foi parar em uma mesa de cirurgia para colocar uma ponte de safena. — Respira fundo para continuar a falar, vejo que está sendo difícil para ela. — Só que o corpo dela rejeitou o

procedimento. Kléber, eu não posso perder minha vó. Ela é única que me entende, sabe? — Ela volta a chorar e soluça alto. A dor de perder alguém é horrível e angustiante.

Vendo o seu sofrimento, chego mais perto dela, a puxo para o meu colo e a deixo chorar. Sinto a minha camisa molhar com suas lágrimas. Enquanto isso, massajeio a sua nuca, para que se sinta segura. Com o tempo, sinto sua respiração pesada. Essa é minha deixa para levá-la para o meu quarto. Não que eu queira fazer algo com ela, pois não sou doente a esse ponto.

Levanto do sofá com ela em meus braços e sigo para o meu quarto. Assim que a coloco na cama, tiro os seus sapatos e a cubro com uma manta. Olho para ela e a vejo tão indefesa, mas ao mesmo tempo linda e atraente.

Que pensamentos são esses? Melhor eu sair daqui e deixá-la descansar.

Volto para a sala e decido ligar para uma das meninas. Percebi que ela não veio com bolsa, ou algo assim. Elas devem estar preocupadas. O telefone da Érica só chama. Tento o da Ísis, e no primeiro toque ela atende.

— Alô? — Atende de forma ríspida.

— Ísis, é o Kléber. Tudo bem? — Ela fica muda, penso que desligou.
— Ísis, está aí?

— *Ah, desculpa, Kléber. As coisas não estão bem! A vó da Lárissa faleceu faz poucas horas e ela sumiu. Não sabemos onde a encontrar.* — Pelo pouco tempo que conheço a Ísis, ela é a mais tagarela. Fala tudo de uma vez.

— Calma, Ísis. Estou com a Lárissa aqui em meu apartamento. — A tranquilizo.

— *Ah, oh! Como assim?* — Sinto que ela ficou surpresa com essa informação.

Conto como a encontrei e que ela, por chorar muito, acabou adormecendo. Após isso, me despeço e digo que vou cuidar de sua amiga.

Não consigo ficar longe dela e volto para o quarto. Olho para ela e fico admirando sua beleza, rosto angelical, cílios grandes e uma boca carnuda que me fez ficar apaixonado desde o primeiro momento. Só de pensar nessa boca em volta do meu pau, já fico com comichão em minhas calças. Parece que voltei a ser adolescente. Fico tentado a tocá-la, sentir o seu cheiro. Porém, não sou nenhum louco para fazer isso. Então a melhor coisa a fazer no momento é tomar um banho frio e fazer um café da manhã reforçado.

Já de banho tomado e vestido, vou para a cozinha. Abro todos os armários e vejo que estão vazios. Faço uma nota mental de que preciso fazer compra. Deixo isso de lado e resolvo ligar para uma panificadora que fica na esquina da minha casa. Peço de tudo um pouco: pão; bolo de cenoura com chocolate; croissant; frios e café com leite. Com os pedidos feitos, vou ver como que está a comida do Marley.

Esse cachorro come feito um dragão. Rio da minha piada interna.

Após conferir tudo, sento no sofá para esperar a entrega do café e fazer as ligações necessárias para o laboratório. Quando termino a última ligação, o interfone toca. O porteiro informa que é a minha entrega da panificadora. Arrumo tudo em uma bandeja e levo para a Lárissa.

Espero que ela goste!

Nossa, pareço um adolescente com medo de errar com a primeira garota que se apaixona. Eu disse isso? Urgh.

Entro no quarto e a cena que vejo enche o meu coração de alegria. O

Marley deitado ao lado dela, com a cabeça em cima de sua barriga. Coloco a bandeja em cima do criado-mudo. Novamente a olho e vejo como a notícia da morte de sua vó a deixou abalada. Isso me faz pensar em minha família, de como precisamos valorizar aqueles que amamos.

Ela tem um rosto lindo e angelical, com lábios rosados e bem convidativos para serem beijados. Contenho essa minha vontade louca de beijá-la e me recomponho. Decido acordá-la, passo a mão em seu rosto e afasto o seu cabelo.

— Lárissa, acorda. — Coloco minha mão em seu ombro e a balanço devagar, para não assustá-la.

— Hum, só mais cinco minutos — resmunga e se remexe, puxando mais a manta. *Tão linda.*

— Acorda, dorminhoca — brinco. Mas, assim que termino de falar, ela levanta de supetão.

— Onde estou? — Olha-me assustada

— Você está em minha casa! — explico o óbvio.

Ela pensa um pouco e depois coloca a mão na boca, tentando abafar um grito. Lágrimas escorrem dos seus olhos.

— Minha vó, preciso saber dela — fala e levanta da cama.

— Calma, Lárissa. Primeiro toma o café que preparei. Depois eu te levo para o hospital. — Vejo que reluta um pouco. Mas aceita.

Ela volta a sentar na cama, cruza as pernas e começa a comer. O Marley desce da cama e vem para o lado dela. Esse cachorro parece que sente algo, pois coloca a cabeça em sua coxa para que ela o acaricie. Isso faz com que sorria um pouco enquanto come. Depois disso, Marley lambe sua mão e

vai embora.

— Eu sinto muito. — Ela para de mastigar, coloca o pão que mordeu sobre a bandeja, respirando fundo se levanta e vai até a janela.

Não posso deixar de notar como ela é linda. Tão pequena, mas ao mesmo tempo uma grande mulher. Esses dois anos prestei muita atenção em seu jeito, mesmo de longe. O ar que entra pela janela passa por ela trazendo o cheiro de cereja dos seus cabelos. O meu amigo se anima. Tento pensar em outras coisas que não seja fazer amor com essa mulher. Isso mesmo! Amor. Porque é isso que quero com ela, passei dois anos renegando isso. E hoje tenho certeza de que a quero só para mim.

— Por mais que eu tenha família, pai e mãe, minha vó sempre estava lá, em todos os momentos. Aí tudo isso acontece da forma mais cruel e eu não consigo entender. — Ela abraça o próprio corpo.

Sinto necessidade de abraçá-la. Porém, não quero ser invasivo, o máximo que faço é ir até ela e colocar a mão em seu ombro para confortá-la.

— Lárissa, nunca perdi alguém para saber a dor que você está sentindo. Mas Deus irá confortar o seu coração e eu estarei aqui para ajudá-la a superar tudo isso — digo essa última parte com o coração quase saindo pela boca. A cara que ela faz me assusta.

Termino de falar e ela olha diretamente dentro dos meus olhos. Em seus olhos vejo todos os sentimentos misturados.

Que droga, o que eu fui falar? Tenho que controlar a língua antes de falar qualquer coisa para ela.

— Não precisa se preocupar, Kléber. Agradeço imensamente o que fez agora. Mas isso não muda o que penso sobre você.

Opa, como assim? O que ela pensa de mim?

— Como assim? O que você pensa de mim? — Olho confuso para ela.

Antes que ela responda, a campainha toca.

Argh, vou matar quem estiver à porta.

Saio do quarto deixando Lárissa tomando o resto do café. Assim que abro, vejo a última pessoa que queria ver.

— Verônica? — indago, surpreso. — O que faz aqui?

Ela não poderia ter aparecido em pior hora, aliás, nem deveria aparecer. Nunca dei essa intimidade para ela.

Meu Deus, que a Lárissa não venha para a sala.

— Oi, gato, bom dia para você também — fala e se aproxima, querendo me beijar. Viro o meu rosto. — Estava preocupada, ontem vi que você não estava muito bem.

Argh, que raiva dessa mulherzinha.

— Verônica, como pode ver, estou bem. Agora já pode ir embora.

— Nossa! Credo, Klébinho, que grosso. Eu vim aqui com toda a minha boa vontade te dar um carinho. Ontem você foi muito grosso. Ainda assim, resolvi passar a borracha nisso e vim tomar café e quem sabe continuar de onde paramos — fala, sentando no sofá da sala, coloca a bolsa na mesa de centro e cruza as pernas de forma sensual. Mas isso não me agrada. Se fosse tempos atrás, eu até me renderia aos seus encantos. Agora só tenho olhos e pensamentos por outra mulher.

No momento em que ela termina de falar, o Marley rosna para ela e começa a latir sem parar. E, para piorar, a Lárissa surge no corredor que dá acesso aos quartos. Ela olha diretamente para mim e depois para a Verônica,

e fecha a cara de imediato. Assim que me olha novamente, percebo decepção neles. Isso era o que mais temia.

Merda, mil vezes merda.

— Kléber, obrigada pelo apoio. Agora tenho que ir. Muitas coisas precisam ser resolvidas — termina de falar, vai até o Marley, faz um carinho em sua cabeça para o acalmar e se dirige para a porta. Mas antes que saia, pego em seu braço.

— Espera que eu a levo ao hospital — peço, olhando em seus olhos.

— Não precisa se preocupar. Resolva os seus assuntos inacabados — responde olhando de mim para Verônica e depois sai.

Burro! Burro!!

Esse é o pensamento que se apodera de mim após sua partida.

— Verônica, vai embora daqui e nunca mais me procure! — expresso, com a mão na porta, sem ao menos olhar para ela. Raiva e ódio percorrem minhas veias.

— Então é por essa lagartixa que você me deixou na mão ontem, Kléber? — Veronica levanta, pega sua bolsa e vem até a mim.

— Não se refira à Lárissa desse jeito nunca mais. Você não chega aos pés dela. — Cuspo essas palavras bem próximas ao seu rosto. A minha raiva é tanta que não consigo me conter.

— Seu babaca. Você irá se arrepender de tudo o que está fazendo. Escuta o que estou falando.

Essas são as suas últimas palavras antes de sair do meu apartamento. O Marley tenta avançar nela, mas o detenho para que não a morda. Fecho a porta e vou pegar o meu celular para ligar para a Ísis. Tento por diversas

vezes, mas seu celular só dá ocupado. Por fim, completa a ligação.

— Ísis, é o Kleber. Fala que a Lárissa está com você. — Assim que ela atende, despejo tudo, não dando a chance de ela responder.

— *Oi para você também, Kléber. Sim, ela está comigo.* — Solto um suspiro longo e aliviado.

— Desculpa, Ísis. Fica com ela até eu chegar aí!

— *Mas por quê?* — pergunta, sem entender.

— Não discuta, Ísis. Já perdi muito tempo.



Capítulo 4



Lárisa

Assim que entramos em seu apartamento, choro em seu ombro tudo o que estava segurando. Depois de certo momento, ele me pergunta o que aconteceu para eu estar assim, ao mesmo tempo sinto o seu corpo tenso junto ao meu.

Conto sobre o falecimento da minha avó e de como que ela era importante para mim. Não aguento e choro mais ainda. Percebo que ele se afasta, mas não consigo me concentrar em muita coisa. Um cachorro se aproxima e imediatamente se joga em cima do sofá e deita em meu colo, como se me conhecesse há muito tempo. Logo Kléber retorna com um copo d'água, e me fala que o cachorro se chama Marley.

Amo animais, mas nunca tive um.

Não consigo conter o choro ao lembrar de minha vizinha e da falta que ela vai fazer.

Acordo sentindo o cheiro de café bem perto de mim e a cama está tão

macia, mas percebo a realidade assim que escuto a voz dele.

— Acorda, dorminhoca. — Sinto sua mão em meu ombro.

— Onde estou? — Levanto de uma vez, assustada.

— Você está em minha casa! — diz, como se fosse a coisa mais normal.

O que estou fazendo aqui? Por que estou em sua cama? Minha vó. Meu Deus, minha vó!!

— Minha vó, preciso saber dela — falo, já levantando da cama.

— Calma, Lárissa. Primeiro toma o café que preparei. Depois eu te levo para o hospital. — Reluto um pouco. Mas não tem nada que eu possa fazer para ter minha avó de volta.

Sento na cama, cruzo as pernas e começo a comer. Só agora percebo que o Marley estava comigo na cama, ele desce e vem para o meu lado, colocando a cabeça na minha perna para receber um carinho. Faço um carinho enquanto como um pedaço do pão, ele lambe a minha mão e se afasta.

Minha vó! Não acredito que Deus a tirou de mim.

— Eu sinto muito. — Paro de mastigar, colocando o pão mordido sobre a bandeja e sigo para a janela. Olho o céu e penso em tudo que ainda tenho que resolver. — Por mais que eu tenha família, pai e mãe, minha vó sempre estava lá, em todos os momentos. Aí tudo isso acontece da forma mais cruel e eu não consigo entender. — Abraço meu corpo tentando controlar os espasmos de nervoso que estão querendo me sacudir. O silêncio perdura até que sinto a mão dele em meu ombro.

— Lárissa, nunca perdi alguém para saber a dor que você está

sentindo. Mas Deus irá confortar o seu coração e eu estarei aqui para ajudá-la a superar tudo isso — diz a última parte emocionado, o que me faz olhá-lo desconfiada.

— Não precisa se preocupar, Kléber. Agradeço imensamente o que fez agora. Mas isso não muda o que penso sobre você.

— Como assim? O que você pensa de mim? — Sua cara de confuso é hilária

Ah, Kléber, se você soubesse. Mas ainda assim a minha maldita mente e coração insistem em querer você. Balanço a minha cabeça para espantar esse último e maldito pensamento.

Mas como tudo que é bom, dura pouco, somos interrompidos pelo toque da campainha. Ele reluta em atender, mas sai e Marley vai atrás dele.

Após longos minutos, escuto vozes na sala, resolvo ver do que se trata. O Kléber foi tão fofo comigo, nunca imaginei que aquele homem galinha — como sempre falei — pudesse fazer isso. Talvez o que ele esteja sentindo por mim seja pena pelo que estou passando.

Quanto mais me aproximo da sala, mais escuto uma voz melosa. Quando chego à porta do corredor, vejo o Marley rosnando para um ser estranho sentado ao sofá.

Argh, que nojo. A voz é melosa igual ao perfume doce que sinto.

Como a Ísis fala “é uma puta de primeira categoria”.

As últimas palavras que saem da sua boca me fazem cair na real e ver o que realmente sempre vi no Kléber. E hoje mais cedo, por uma fração de segundo, o meu coração quis acreditar nele.

— ... Ontem você foi muito grosso comigo. Ainda assim, resolvi

passar uma borracha nisso e vim tomar um café e quem sabe continuar de onde paramos.

Então ontem ele comeu essa aí. E hoje eu seria o seu café da manhã? Mas não serei mesmo!

Toda a minha raiva e decepção está aparente em meu rosto. Agradeço pelo que fez, passo por Marley, faço carinho em sua cabeça e saio do seu apartamento sem olhar para trás. Como fui burra ao ponto de quase ceder aos seus encantos.

Chego à portaria e peço ao porteiro para me emprestar o telefone. Ligo para a Ísis e peço para ela vir me buscar. A burra aqui saiu do hospital deixando tudo para trás.

— Agora vai me explicar o porquê estava na casa do chefe gostoso, Lárissa?

Nossa, quando ela me chama pelo nome e não pelo apelido, é porque está chateada comigo. Todavia, não estou com cabeça para pensar nisso agora.

— Ísis, só me tira daqui que depois conversamos sobre isso.

Ela assente e segue dirigindo pelas ruas molhadas da cidade. Agora chove sem parar, tudo cinza. Como sempre acontece quando pessoas morrem. Minha querida vizinha sempre dizia que quando alguém morria, o céu se derramava em lágrimas, e como hoje ela não está mais entre nós, o céu está sentindo a sua partida.

— Lari, tudo já foi resolvido. O Tony ligou para o seu pai e juntos resolveram tudo. Vou te levar para sua casa. Depois vamos para a capela onde será velado o corpo da sua vó.

Só concordo com a cabeça. Vou falar o quê? Ela, como sempre, está

fazendo o papel que não é seu. Mas faz com amor. Quem deveria estar fazendo isso é a minha mãe. Só que agora eu nem sei mais o que a Emily é minha.

Estou perdida em meus pensamentos quando escuto o telefone da Ísis tocar. Como ela está dirigindo, atende pelo sistema de Bluetooth do carro. Escuto aquela voz que me faz tremer até o último fio de cabelo. Olho para ela e reviro os olhos. O meu subconsciente me alerta com um letreiro enorme que ele é um perigo total e que devo me manter o mais longe possível. Contudo, o meu coração burro e não entende isso, e agora parece uma escola de samba só com o som da sua voz.

Argh, que ódio. Lárissa, ele não é para você. Lembre-se do que você aprendeu com sua vó.

Porém, a sua última afirmação para Ísis me deixa em total alerta.

O que esse cara quer?

Depois que ela desliga, olha para mim arqueando a sobrancelha como quem diz que estava certa, balanço a minha cabeça, dou um sorriso fraco e resolvo ligar para minha mãe. No segundo toque ela atende.

— *Alô?* — diz, com voz de sono.

— Mãe, preciso de você comigo — afirmo, já com a voz embargada. Sinto a mão da Ísis em minha coxa, me confortando.

— *Oh, minha pequena, estou voltando semana que vem e...*

— A minha vó morreu! — Não a deixo terminar de falar.

— *Como assim, Lárissa?* — Sua voz sonolenta muda para preocupada.

— Só venha para casa, não tenho ninguém! — Imploro, aos prantos.

Sei que estou sendo egoísta ao fazer isso. Entretanto a quero comigo para me ajudar a passar por isso.

Após conversarmos bastante, ela diz que estará embarcando no primeiro voo. Nos despedimos e encerramos a ligação. Depois disso, o caminho até a minha casa passa no automático. Assim que entro, vejo o meu pai sentado no sofá, todo desalinhado e com um copo de cheio de bebida. Vou em sua direção e quando estou na sua frente, ele me olha e posso ver em seus olhos o quanto chorou. Mas, para mim, isso não passa de uma encenação barata dele. Porque se não fosse por esse maldito segredo, a minha vó ainda estaria aqui com a gente. Posso sentir o meu sangue esquentar da raiva que estou sentindo dele.

— Tudo isso que aconteceu com a minha vó é sua culpa — vocifero, olhando bem para a cara dele. O mesmo não esboça nenhuma reação diante da minha súbita demonstração de raiva.

— Você não sabe o que está falando, Lárissa! — responde com a maior cara de pau.

— Ah, não sei? Então me explica o porquê da minha vó ter morrido por causa de um maldito segredo que ela guardou durante todos esses anos e só agora fiquei sabendo porque ela não aguentava mais guardar. Vocês brigaram e só Deus sabe o que você falou para ela que a deixou tão mal e a levou à morte. Hein, querido papai? — As palavras vão saindo pela minha boca e posso sentir o gosto amargo ao pronunciar cada uma delas. O meu coração bate acelerado.

— De que segredo você está falando? — pergunta, se fazendo de desentendido.

— Jura mesmo que irá se fazer de burro e continuar mentido? — Cruzo os braços em meu peito, sem um pinga de paciência.

— Como ficou sabendo disso? — Olho para ele, incrédula. Como pôde fazer isso todos esses anos?

— Adivinha? A única pessoa que se importou comigo a vida inteira e que hoje não está mais entre nós me contou. Ela sim todos esses anos esteve ao meu lado. E por causa desse maldito segredo ela morreu.

Vejo-o respirar fundo, levantar do sofá e ir ao bar pegar mais bebida. Ele enche o seu copo e volta para ficar na minha frente. Ultimamente ele só sabe fazer isso, beber e beber mais, não esperava nada diferente dele. Viro indo em direção à escada. Contudo, antes de colocar o pé no primeiro degrau, a sua voz me atinge em cheio.

— Tudo o que sua vó falou é verdade. — Olho novamente para ele e rio sem vontade.

— Novidade. Não esperaria menos do senhor — esbravejo e subo para o meu quarto.

Todo o processo de sepultamento da minha vó foi feito com muita dor. Amigos dela e outros familiares apareceram para prestar as últimas homenagens. As minhas amigas ficaram todo o tempo ao meu lado, minha mãe só conseguiu chegar minutos antes de o caixão ser enterrado.

Nesse meio tempo, vi que o Kléber, Guilherme e os meninos do laboratório apareceram para me passarem forças. Agradei a todos pela presença. Acabei descobrindo que o Kléber e o Dr. Guilherme são grandes amigos de faculdade. Já a Érica ficou a todo o momento disfarçando os olhares que trocava com o Guilherme. Mas não saiu do meu lado.

O momento crucial para mim foi quando chegou a hora do enterro. Naquele instante, eu soube que ali seria o meu último adeus à única pessoa que sempre esteve ao meu lado. Chorei nos braços da minha mãe como uma

criança indefesa.

Após o sepultamento, todos começaram a ir embora. Mas antes disso cada um veio até a minha família para dar um abraço de conforto. Quando chegou a vez do Kléber, eu não aguentei e o abracei como se ele fosse a minha tábua de salvação.

Foda-se o que eu pensava.

Ele me abraçou e ficou beijando o topo da minha cabeça e falando baixinho que tudo ficaria bem. Agarrei-me em suas palavras e afundei o meu rosto na curva do seu pescoço.

Sei que o que fiz foi algo errado, estava no velório da minha vó. Todavia, não poderia deixar de sentir o seu perfume. Esse aroma de certa forma me acalmou. Já não chorava mais e assim fiquei ali em seus braços sentido todo o seu cheiro e sua musculatura se moldando ao meu corpo. Tudo em um encaixe perfeito.

Por favor, não me tirem daqui, não quero.

Fomos interrompidos pelo meu amigo Bruno querendo me abraçar e me passar conforto. Quando saí dos braços dele, pude ouvir o seu rosnado por ver o Bruno se aproximar de mim.

Todos prestaram condolências à minha família e não vi mais o Kléber em lugar algum. Quando voltei para casa, fui direto para o meu quarto, não queria ver ninguém. As minhas amigas entenderam e foram para suas casas descansarem. Deitei em minha cama e chorei por tudo o que aconteceu, até cair em sono profundo.

Estou sentada no sofá da casa da minha vó. Sinto o cheiro do bolinho de chuva que ela adora fazer, é a única coisa que ela faz para mim quando estou em sua casa no sábado à tarde. Levanto e vou em direção à cozinha.

Assim que passo pelo batente, a vejo de costas em frente ao fogão cantarolando uma canção que eu nunca entendi bem.

O meu coração enche de alegria por saber que ela está aqui.

— Vó? — Chamo com cautela. Assim que ela escuta a minha voz, vira-se para mim e congelo onde estou.

A sua aparência está mais jovial e não parece com a minha vó. Mas a voz é igual à dela. Tudo está confuso.

— Sim, minha Larica, venha até mim para que eu veja como você está. — Não saio de onde estou. Então ela vem em minha direção. Assim que chega perto, me abraça e posso sentir o seu cheirinho que sempre gostei.

— Vó, é a senhora mesmo? — Volto o meu rosto para olhar bem para ela. — Como está bem mais jovem? Não entendo.

— Minha querida neta, tem coisas na vida que não podemos entender, somente aceitá-las. Como eu pedi para você no hospital. — Faço cara de interrogação. — Não faça essa carinha que eu conheço bem. Sim, minha linda, eu estou morta e isso aqui... — ela aponta para tudo ao nosso redor. — É um sonho. Só quero que você entenda que não está sozinha, a sua jornada está só começando. Ah, e não tenha medo de se entregar ao amor. Por mais que muitas vezes ele seja doloroso, no fim tudo ficará conforme Deus escreveu.

— Mas, vó, tudo está confuso e a senhora não está aqui comigo.

— E quem disse que não estou? Sempre estarei te guiando em seu coração. Agora trate de se lembrar do que ensinei e coloque em prática. Que no final você se lembrará que eu tenho razão.

— Eu nunca irei esquecê-la.

— *Espero que não.*

Tudo some feito fumaça ao meu redor. Acordo de supetão, toda suada e com o coração quase saindo pela boca.

Que sonho foi esse?

Só sei que sinto o meu coração mais leve em saber que minha vó está bem.

Olho para a janela do meu quarto e vejo que o dia está quase indo embora. Pego o meu celular para ver que horas são. Na tela, vejo várias mensagens no aplicativo de mensagens. Duas mensagens são das meninas e uma de um número que não conheço. Assim que abro a mensagem, de primeiro momento não sei quem é, já que não aparece foto no perfil. Entretanto, o conteúdo da mensagem faz o meu coração acelerar, coloco minha mão na boca enquanto vou lendo.

Lárrissa, sei que pelo que está passando hoje não seria um dia legal para conversarmos. Porém, eu não posso mais esperar. Isso me consome há dois anos. Tentei me afastar, mas o que eu sinto por você é mais forte. Então, assim que você ler essa mensagem, pense no que escrevi.

Preciso muito conversar com você pessoalmente. Aceita jantar comigo amanhã, às 19h? Ah, não aceito não como resposta!

Beijos, Kléber.

Fico olhando para a mensagem em meu celular por mais ou menos vinte minutos. A única coisa que passa pela minha cabeça é:

Como ele conseguiu o meu número?

Ah, eu vou matar a Ísis. Meu Deus, o que fazer agora?

Abro novamente o aplicativo e acesso o grupo que tenho com minhas

amigas.

Vaquinhas charmosas:

Reunião em minha casa daqui a uma hora, vacas.

Ísis: O que aconteceu?

Nada. Não discute e venha. Já que a Érica não respondeu.

Traz ela junto.

Só uma coisa que digo: KLÉBER.

Ah, mato você quando chegar.

Ísis: Eu? O que eu fiz?

Vaca, para de digitar e venha logo.

E traga a Érica. Noite do pijama.

Érica: Como assim: Kléber? O que aconteceu?

Só falarei quando vocês chegarem.

Então tratem de chegar logo.

Vou para o banho.

Deixo o meu celular de lado e vou para o banho tentar relaxar um pouco.

**Duas coisas que não saem da minha cabeça: o sonho que tive e a
mensagem do Kléber.**



Capítulo 5



Kléber

Após desligar a chamada com a Ísis, resolvo ir ao laboratório para adiantar umas coisas e depois ir ao velório. Não quero ficar longe dela, ainda mais nessa situação.

Antes de sair, verifico as coisas do Marley. Coloco mais ração e água nos potes. Fecho tudo em casa e parto em direção ao trabalho.

Ela não sai dos meus pensamentos. Como a tive tão perto e perdi a oportunidade de me declarar? O único problema é que quando fico perto dela, não sei como agir. Fico igual a um pateta. E isso me consome de um jeito que não sei o que fazer.

Ela só pode ser uma bruxinha para me manipular desse jeito. De me deixar louco a ponto de fazer qualquer coisa por ela. Hoje já não consigo ficar longe. Eu tentei a todo custo permanecer afastado, sair com outras mulheres, pensar que ela é o meu fruto proibido e que não posso desfrutar. Todavia, o que o Gustavo me falou despertou o meu lado possessivo e

homem das cavernas.

Só de pensar em outro homem a tocando o meu sangue ferve a ponto de querer estrangular alguém.

Com esses pensamentos chego ao prédio onde fica o laboratório. Assim que adentro a ala, vejo somente os dois rapazes, Gustavo e Bruno. Ambos estão concentrados em suas atividades.

— Bom dia, rapazes? — Saúdo, de longe.

— Bom dia! — Os dois me olham e respondem em uníssono, e voltam a seus afazeres. Então resolvo anunciar que iremos fechar por hoje.

— Rapazes, como vocês ficaram sabendo, a vó da Lárissa estava muito mal no hospital. Hoje pela manhã ela veio a falecer e por isso hoje iremos fechar. Daqui a pouco vou para o velório. Ainda não sei muita coisa.

— Nossa, que barra — Gustavo fala, surpreso.

— Ontem eu falei com a Ísis e ela me disse que a vó dela estava se recuperando bem. Mas essa notícia é uma surpresa, que barra, cara — Bruno diz com pesar.

Conversamos mais um pouco, aviso que ficarei para resolver algumas coisas e que depois seguirei para o velório.

Estou terminando de encaminhar um e-mail para os fornecedores do laboratório quando escuto uma batida na porta. Autorizo a entrada.

— Desculpa, Kléber, posso entrar?

— Oi, Gustavo. Pode, cara, no que posso ajudar?

— Nada, só queria conversar mesmo. Já conversou com a Lárissa?

Lá vem o Gustavo e seus papos retos. Desde o dia em que me

encontrou no bar bêbado e falando dela que é assim.

— E como vou falar nessa situação? Hoje estive tão perto de me abrir para ela. Mas tudo deu errado. A Verônica apareceu em meu apartamento e a Lárissa estava lá. Vi nos olhos dela a decepção e que entendeu tudo errado.

— Não consegui entender Lárissa e Verônica na mesma frase, me explica isso direito! — Sinto divertimento em sua voz.

Conto para ele o meu encontro com a Verônica e o encontro de hoje com a Lárissa.

— É, irmão, vejo que está difícil. Mas não desista, pois tem gavião na área que está de olho nela. Está só esperando uma oportunidade para dar o bote.

O meu coração acelera e fecho o meu punho. Minha raiva está bem aparente, levanto da cadeira e a mesma bate na parede.

Não me reconheço mais. O que essa mulher está fazendo comigo? Nunca fiquei assim por mulher nenhuma. Isso é coisa de bruxa, nunca acreditei nisso, mas só pode ser essa alternativa. Ou melhor, coisa de uma diabinha bem gostosa.

Argh, que raiva! Dou um soco na mesa para extravasar.

— De quem você está falando? — pergunto, cauteloso. Porém, o meu coração parece uma escola de samba, bate descompassado só de pensar nesse filho da puta querendo o que é meu.

— Você nunca desconfiou de alguém muito próximo a nós? — indaga e continua com o seu sorriso presunçoso. O meu sangue continua fervendo e dessa vez o olho sem acreditar que possa ser ele. E esse tempo todo eu falei tudo para esse canalha.

— Seu maldito. — Vou para cima dele. Gustavo percebe o que estou prestes a fazer, o seu sorriso morre e levanta da cadeira erguendo suas mãos para cima.

— Calma, cara. Não sou eu quem você deve temer e sim outra pessoa que trabalha muito perto dela e que me confidenciou que está só esperando uma oportunidade para chegar nela. — Recuo com essa informação dele.

— O Bruno — expresso, incrédulo.

Mas não pode ser, ele é tão na dele.

— Ele mesmo cara. E outra, acho melhor você se apressar porque como ela está fragilizada por causa da vó, ele irá aproveitar a oportunidade — ele aponta para mim e depois para porta, como se estivesse apontando para o Bruno.

— Ele não fará isso. — Sorrio, sem graça alguma.

— E por que não?

— Porque ele sabe muito bem da regra aqui no laboratório — acentuo.

— E você não sabe?

Touché, amigo, só que aqui é diferente.

— Sei, mas isso não importa. A quero mais que tudo nessa vida. Já te falei o que sinto por ela — afirmo o que ele já sabe.

— Então, o único conselho que te dou é ir atrás da sua felicidade. Não a deixe escapar por suas mãos. Porque se perder, não terá como recuperar mais. — Vejo que essas palavras são mais para ele do que para mim. Sinto que o meu amigo já teve um grande amor.

Depois dessa conversa, saímos do laboratório e cada um vai para o

seu carro, com a promessa de nos encontrarmos no velório. Assim que o meu carro está em movimento, sinto o meu celular vibrar e aciono o sistema Bluetooth do carro.

— Kléber. — Atendo, seco. Quem quer que esteja do outro lado da linha não merece a minha hostilidade, mas estou uma pilha depois do que o Gustavo me falou sobre o Bruno. Não consigo esquecer.

— *Ixi, qual bicho te mordeu para atender a sua irmã desse jeito?*

No meio dessa turbulência toda minha irmã resolve me ligar. *Ela não tem culpa do que está acontecendo.* Então respiro fundo.

— Manu, minha linda, desculpa. Não sabia que era você na ligação — desculpo-me com minha irmã. — Estou dirigindo. Mas pode falar. O que deseja do seu querido irmão gostoso aqui? — brinco com ela.

— *E vi que mesmo depois desses anos longe, você não mudou nada. Continua o mesmo convencido de sempre.*

— Sempre.

Gosto de sempre falar isso para ela.

— *Então, maninho, estou chegando na madrugada de Londres e quero que vá me buscar no aeroporto.*

— Como assim, Emanuela? Você não estava na França? — Mudo o meu tom de voz.

— *Maninho, longa história. Agora me deixa ir que estão chamando o meu voo. Mando por mensagem o horário da chegada. Beijos, seu feioso.*

Despede-se sem dar chance de uma resposta. Ela sempre foi assim. Antes de chegar a casa, resolvo ligar para os meus pais e informar que a furacão da casa está chegando de viagem. No segundo toque o meu pai

atende.

— *Filho, a que devo a honra de receber essa ligação no meio da semana?* — Reviro os olhos pelo comentário dele. Desde que me mudei é sempre a mesma reclamação, sempre um drama. Tanto dele quanto da minha mãe.

— Oi, pai. Vocês estão sabendo que a Manu chega hoje de viagem?
— Vou direto ao ponto.

— *Não estávamos sabendo. Então quer dizer que minha filhota está voltando?* — pergunta, saudosos.

— Parece que sim. Irei buscá-la na madrugada e depois passo aí em casa.

— *Tudo bem, meu filho. A sua mãe está aqui reclamando do filho que não aparece mais* — diz, brincalhão, pois ele sabe como é a mamãe.

— Pai, o senhor sabe como ela é. O senhor também não fica atrás. Agora deixa ir que tenho um compromisso. Mais tarde estarei aí e conversamos melhor.

Troco mais umas três palavras com ele e escuto minha mãe reclamando de mim e falando mal da minha irmã. Eles não aceitam, ou melhor, minha mãe é a que não aceita que minha irmã tenha saído de casa para se aventurar no mundo atrás da gastronomia de outros países. O meu pai é mais de boa, para ele, o que importa é que os filhos estejam felizes.

Quando chego a casa, Marley está quieto em sua cama e não veio me recepcionar como faz toda vez que chego. Acho estranho, penso que ele está com alguma coisa, mas resolvo deixá-lo quieto, tomar um banho e ir logo para o velório.

Assim que chego onde está sendo velado o corpo da vó da Lárissa,

percebo que tem poucas pessoas, apenas pessoas próximas e a família. As meninas ficam ao seu lado a todo o momento e o meu coração fica apertado por não estar fazendo isso. Porém, o máximo que posso fazer é ficar de longe e observando o movimento de certo indivíduo.

Fico afastado de todos, pois não quero ser invasivo, estou aqui para passar forças para ela. Um bom tempo depois, chega uma pessoa que jamais imaginaria encontrar, o Guilherme, um amigo de faculdade. Nos cumprimentamos e descubro que ele era médico da vó da Lárissa.

Então ficamos eu, Guilherme e os meninos do Laboratório conversando. Percebo que a Érica e o Guilherme ficam trocando olhares, mas nada além disso. Preciso saber como anda a vida do meu amigo.

Quando começa o sepultamento, uma mulher, muito bonita por sinal, aparece e vejo que se trata da mãe da Lárissa. Porém, não as acho nada parecidas, enquanto a Lárissa é morena de cabelos castanhos, corpo curvilíneo e lábios carnudos, a sua mãe é loira, de corpo esbelto. Posso até dizer que seja uma ex-modelo.

Quando temos sentimentos por outra pessoa, dizem que sentimos as dores dela também. E é isso que estou sentindo ao ver Lárissa dar seu último adeus à sua vó. A dor que ela está transmitindo é como um soco no meu estômago, vê-la tão indefesa e não poder tocá-la é a gota d'água para mim. E nesse momento decido que de amanhã não passará.

Eu irie me declarar para ela e foda-se a regra idiota que criei.

A sua mãe oferece todo o conforto que ela precisa, já que percebi que seu pai não chegou perto da filha para dar sequer um beijo ou um abraço.

Quando o caixão finalmente desce, todos começam a ir embora, mas passam por elas dando um abraço ou um beijo de conforto.

O meu coração está a mil por hora, só na expectativa de tê-la em meus braços. Aproximo-me dela e a aconchego em mim. A sua cabeça descansa na curva do meu pescoço e fico beijando o seu cabelo afirmando que tudo ficará bem. Longos minutos de passam e sinto que o seu corpo começa a relaxar enquanto a aperto mais em meus braços. O encaixe perfeito do seu pequeno corpo ao meu é uma dádiva. O meu amigão se anima, mas logo trato de pensar em coisas para ele baixar e ficar quieto no lugar. Não é hora e nem lugar para tais reações.

Não quero deixá-la ir. Entretanto, outras pessoas querem falar com ela. Quando me afasto, a próxima pessoa que irá confortá-la será o maldito Bruno. Rosno para ele, porém, o idiota não me dá a mínima e continua agarrado a ela.

Mal me despeço e decido que é melhor me afastar antes que eu a arranque dos braços dele. Antes de chegar ao meu carro, Guilherme e Gustavo me alcançam.

— Espera, cara. — Gustavo me para. Bufo de raiva e viro para ele.

— O que foi, Gustavo? — pergunto sem paciência

— Calma, cara. Vi o seu jeito quando o Bruno foi abraçar a Lárissa. Tenta se controlar um pouco — aconselha, para que eu não perca a cabeça. Estou a ponto de perder mesmo.

— E você iria se controlar vendo a mulher que está deixando o seu mundo de cabeça para baixo sendo abraçada por outro homem? — enfatizo, só que minhas palavras o atingem novamente.

— Claro que não — responde e olha em direção às meninas. Agora minha ficha cai e vejo que ele sente algo por uma delas.

Posso apostar que é a Ísis.

— Tudo bem. Vamos, precisa de carona? — Ofereço, pois não vi seu carro.

— É, vamos. Se não te incomodar, o meu carro está na oficina. Vim de táxi.

Até o momento não tinha reparado que o Guilherme está parado vendo nossa pequena discussão sem fundamento.

— Rapazes, eu não queria falar nada, mas percebo que dois homens estão sofrendo por duas belas mulheres — comenta Guilherme, de braços cruzados rindo da nossa desgraça, por assim dizer.

— Ficou louco? — Gustavo censura, nervoso, mas sua voz não consegue esconder. Eu não respondo nada já que o Gui me conhece muito bem.

— Esse é o primeiro sinal. A negação, depois você cai em si de que não consegue mais viver sem essa mulher. Mas a vida é uma cadela sarnenta que sempre nos surpreende.

Guilherme faz o seu pequeno discurso para o Gustavo, só que ele fala e olha para Érica. Resolvo intervir nessa conversa de maricas, pois já está ficando feio para o nosso lado.

— Vamos parar com essa conversa de maricas e dar o fora daqui?

Os dois riem e concordam comigo. Por fim, decidimos ir a um barzinho para colocar o papo em dia. Optamos por um perto do meu apartamento. O Guilherme e o Gustavo conversam como se fossem grandes amigos, horas se passam até chegar o Bruno. Olho para o Gustavo para saber se foi ele quem o chamou, e o mesmo dá de ombros, confirmando as minhas suspeitas.

— Olá, rapazes, posso me sentar com vocês? — pergunta em pé

próximo à mesa. A minha vontade é de mandá-lo pastar. Mas como não estou sozinho, o Guilherme, que não sabe o que está acontecendo, o convida a sentar conosco e o Gustavo faz as devidas apresentações.

— Gente, que dia pesado esse, hein! — Não olho para ele. Só tomo um gole da minha cerveja.

Logo os três começam a conversar, e eu só escuto. Não tenho vontade de interagir, pois os meus pensamentos vão parar direto para Lárissa.

O que será que ela está fazendo agora? Como eu queria estar com ela. Poder levá-la para minha casa e confortá-la do meu jeito.

Sinto o meu celular vibrando e vejo que é uma mensagem da minha irmã informando o horário de sua chegada. Volto a olhar para os rapazes e decido que é hora de ir para casa. Preciso descansar até a hora de ir buscá-la no aeroporto.

—Sei que a conversa está boa. Mas preciso ir.

Despeço-me dos caras e vou a pé para o meu apartamento. Assim que chego, me jogo no sofá e ligo a televisão, fico mudando de canal e não acho nada de interessante. Sinto os meus olhos pesarem e acabo me rendendo ao sono.

Estou novamente no cemitério onde a vó da Lárissa foi enterrada. Olho para os lados e vejo uma senhora em pé em frente à lápide. Quando se vira, tenho impressão de conhecê-la de algum lugar. Mas não consigo lembrar agora.

Fico parado sem pronunciar uma palavra.

— Oi, rapaz. — A senhora me cumprimenta.

— Oi — limito-me a dizer.

— Você deve estar se perguntando o porquê de estar nesse lugar. Bom, eu que quis que estivesse aqui. Você está sonhando, Kléber. Sim, eu sei o seu nome. E como sei? Tem coisas que não se devem ser explicadas. — Fico sem palavras e um frio percorre a minha espinha. — Só peço uma coisa. Com a minha partida muitas coisas irão se revelar e minha pequena precisa da sua ajuda para passar por elas.

Confusão me define agora. E a cada palavra que sai da sua boca, entendo menos ainda.

— Não conheço a senhora. — Sou sincero, pois nunca a vi.

— Mas me conhecerá através da minha neta Lárissa. Ela é quem eu preciso que você ajude. — Olho com mais atenção e vejo as poucas semelhanças que elas têm. Principalmente na região da boca e dos olhos.

— Ah! — exclamo surpreso.

— Isso, meu querido, sou avó dela, ou melhor, era avó dela. Mas agora estou em outro plano — diz, apontando para tudo ao nosso redor.

— Mas o que eu tenho que fazer? — Olho novamente para ela e indago, confuso.

— Nada, apenas fique ao lado dela e seja o seu porto seguro. — Ela dá um sorriso meigo e junta as mãos.

— Isso é tudo que mais quero em minha vida — afirmo, convicto do que quero.

— Eu sei, meu querido. Entretanto, chegará um momento na vida de vocês dois que precisarão ser fortes. Só lembre que o amor é o único que vence no final.

— Mas o que eu faço? — pergunto novamente, parecendo uma

criança boba.

— Siga o seu coração, ele saberá guiar vocês.

E com essas palavras tudo fica escuro.

Acordo todo suado e com a garganta seca.

Meu Deus, que sonho louco foi esse?

Levanto, olho no relógio e vejo que ainda é cedo. Vou à cozinha e bebo um pouco de água e sigo para o banho.

Durante o banho, penso no sonho que tive com a vó da Lárissa e como ela foi convicta de que eu devo ficar com ela. E só de pensar nela e no abraço que tivemos agora à tarde o meu amigo já dá sinal de vida.

Esse não é o foco, Kléber. Não é hora para isso. Vamos focar em como conquistá-la, digo a mim mesmo, como um mantra.

Saio do banho com a toalha enrolada na cintura e com uma ideia na cabeça. A convidarei para jantar comigo amanhã e não vou aceitar um não como resposta. Pego meu celular e vou em direção à cama e vejo Marley deitado ao lado onde a Lárissa deitou.

Pelo visto não sou só eu que sinto falta da presença dela.

Sento ao seu lado e acesso o meu aplicativo de mensagens, mas lembro que não tenho seu número. Procuro o contato da Ísis e envio uma mensagem pedindo logo de cara o número da Lárissa e prontamente ela me passa.

Quando salvo, vejo a sua foto no perfil, está fazendo caras e bocas para a câmera. Rio desse seu jeito de menina levada.

Ah, diabinha, você será minha perdição. Se já não for.

Digito uma mensagem com o coração quase saindo pela boca. Salvo o número com o nome de Diabinha.

Lárrissa, sei que pelo que está passando hoje não seria um dia legal para conversarmos. Porém, eu não posso mais esperar. Isso me consome há dois anos. Tentei me afastar, mas o que eu sinto por você é mais forte. Então, assim que você ler essa mensagem, pense no que escrevi.

Preciso muito conversar com você pessoalmente. Aceita jantar comigo amanhã, às 19h? Ah, não aceito não como resposta!

Beijos, Kléber.

Envio a mensagem e fico por um tempo olhando para o celular igual a um retardado. Deixo-o novamente sobre o criado-mudo. Decido comer algo e descansar antes de ir buscar a minha irmã.



Capítulo 6



Lárisa

Entro em meu banheiro, tiro toda a roupa e adentro ao box, deixando a água quente tirar a tensão que está em meu corpo. Foi muito difícil me despedir da minha vizinha e sei que terei mais dias difíceis pela frente.

Por um momento deixo os meus pensamentos vagarem pelo desejo que me consome por dois anos.

Hoje foi a gota d'água para mim. Senti-lo tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Só de lembrar do seu perfume o meu pulso acelera e o meu sexo pulsa. Fico pensando em como ele deve ser sem roupas, me possuindo de todas as formas, o beijo, as carícias.

Pareço uma adolescente com esses pensamentos.

Pego o meu sabonete e começo a passar pelo meu corpo, meus pensamentos continuam nele. O meu corpo parece uma fogueira em brasas, mesmo distante ele é capaz de me deixar dessa forma.

Balanço minha cabeça para espantar esses pensamentos luxuriosos.

Nesse momento minha dor da perda é bem maior, por mais que eu tenha amado a sua presença e o seu conforto. Há dois anos sonho com esse homem e precisou de uma tragédia acontecer em minha vida para nos aproximarmos.

Mas ainda há muitas coisas que preciso resolver. Se minha vó estivesse aqui, nada disso teria acontecido, ou melhor, poderíamos conversar civilizadamente sem que algo de ruim acontecesse a ela. Mas aposto que o egoísta do meu pai fez alguma coisa para que chegasse a esse ponto.

Após o banho, visto o roupão e enrolo uma toalha em meus cabelos. Saio do banheiro e dou de cara com minha mãe sentada em minha cama. Fico olhando para ela e a vejo perdida em pensamentos e não percebe a minha presença.

— Mãe.

— Ah! Oi, filha! Você já saiu do banho? — Emilly olha para mim e sorri fraco.

Continuo no mesmo lugar, é estranho olhar para ela depois de tudo que fiquei sabendo.

— Sim. A senhora precisa de alguma coisa? — questiono, receosa.

— Não, filha. Só queria saber se está tudo bem. Se você quer conversar — ela termina de falar e baixa a cabeça.

Respiro fundo e passo a mão pelo meu rosto. Estou cansada desse assunto.

— Mãe, hoje eu não quero conversar sobre isso. Outro dia, quem sabe. Só quero descansar, pode ser?

Mesmo sabendo que ela não é minha mãe de verdade, sinto em meu coração que é. Ela quem cuidou de mim, mesmo do seu jeito torto.

— Claro, filha, vou respeitar o seu espaço. Só não esqueça que estarei aqui ao seu lado. — Ela se levanta da cama e novamente sorri amigavelmente.

— Não se preocupe. Por ora, só quero esquecer tudo isso. As meninas estão vindo para cá. A senhora poderia pedir à Meg para preparar algumas coisas para comermos?

— Pode deixar que eu peço. Isso será bom para você, Larita.

Ela vem até mim e beija o topo da minha cabeça, saindo do quarto logo em seguida. Tudo ficou estranho depois dessa avalanche que caiu sobre nós. Não vi mais o meu pai, e espero que continue assim. Pretendo não vê-lo por um bom tempo.

Estou saindo do meu closet quando vejo as minhas duas amigas loucas já deitadas em minha cama.

— Ei, loucas que amo, já chegaram? — Forço um sorriso, por mais que ainda seja doloroso.

— Não, ainda estamos em casa — a palhaça da Ísis responde. Olho para ela e mostro a língua. Nada infantil, sempre é assim. Vou em direção ao banheiro para deixar a minha toalha e pegar a minha escova de cabelo.

— Lari, vem aqui, me deixa pentear o seu cabelo e nos conte como foi essa mensagem — Ísis pede e entrego a escova em sua mão.

— Sua bicha, você sabe e está se fazendo de tonta. — Finjo irritação, pois ela sabe do que se trata.

— Amiga, confesso, ele me mandou mensagem pedindo o seu número. E como não aguentava mais ver vocês dois loucos um pelo outro sem tomarem nenhuma atitude, eu dei. E te digo mais, demorou para isso acontecer. — Ísis para de pentear os meus cabelos e me puxa para que eu a

olhe.

— Não sou louca por ele — defendo-me.

— Jura que você vai negar? — Érica para de mexer em seu celular e olha para mim. Porém, não respondo. — Olha, os seus olhos chegam a brilhar só em mencionar o nome dele. Você está louca por ele desde o dia em que começamos a trabalhar no laboratório.

— Tudo bem, eu confesso, tenho uma quedinha por ele. — Baixo a cabeça e me dou por vencida.

— Quedinha? Eu considero isso como loucamente apaixonada por ele — grita Ísis.

— Também não é assim! Sinto algo por ele, mas não chega a ser apaixonada. É atração física e não passa disso. E vocês sabem o que penso dele. Não contei o que aconteceu no apartamento dele? — pergunto, e as duas negam com a cabeça.

Conto tudo para elas e vejo as caras e bocas que fazem.

— Depois disso, eu não aceitaria — Érica fala primeiro.

— E por que não, Érica? — Ísis pergunta e olho para Érica, esperando uma resposta.

— Oras, a Lárissa tem essa coisa de se entregar para ele e depois ele pode descartá-la. E ainda tem o fato que a sua vó acabou de falecer e toda essa coisa que você ficou sabendo. Eu não iria. Amiga, tenho medo por você — Érica conclui segurando as minhas mãos, vejo que ela está só querendo o meu bem. Entretanto, se eu não tentar, nunca vou saber como será estar com ele.

— Érica, para, deixa de ser paranoica. E se a Lárissa não tentar, nunca

vai saber como é — Ísis justifica exatamente o que eu estava pensando.

— Bom, meninas, já tomei a minha decisão. Acho que vou me ferrar depois. Mas é isso que eu quero.

Depois de dizer que aceito jantar com o Kléber, a Meg entra no quarto com lanches para nós. Minha mãe também vem para beijar as meninas e dar boa noite. Por fim, elas dizem que vão dormir comigo para eu não dormir sozinha. Agradeço abertamente pelo carinho que elas têm comigo



Acordo com o barulho do despertador e quero jogá-lo longe, mas lembro que tenho um trabalho que me espera e hoje irei a um jantar muito importante. Então me levanto e vou para o banho. Troco-me e chamo as meninas. Fico pensando em como será que vou olhar para o Kléber hoje. Sinto borboletas no meu estômago só em pensar nele e fico sorrindo igual a uma idiota.

— Que sorriso idiota é esse, Lari? — Ísis surge do nada em meu closet, me assustando.

— Não é nada, curiosa. Vai logo se arrumar, senão iremos chegar atrasadas — digo e a empurro, para que saia e vá se arrumar

— Ai, chata. Aposto que estava pensando em hoje à noite. Amore, relaxa, dará tudo certo. — Mostra a língua como uma criança e sai.

Sorrio com o seu comentário e volto a atenção para minhas roupas.

É, realmente espero que dê certo mesmo.

Quando descemos todas arrumadas e cheirosas para tomar café, vejo

que além da minha mãe à mesa, o meu pai também está. O meu humor muda na hora. Decido não sentar e ir logo para o trabalho.

— Meninas, vamos tomar café na rua — aviso, já indo em direção à porta. Porém, sou detida pela voz da minha mãe.

— Filha, tomem café conosco, ainda é cedo. — Minha mãe, como sempre, tentando apaziguar as nossas discussões. É claro que percebeu que hoje seria mais um dia daqueles.

— Mãe, me desculpa, mas não tenho estômago para sentar no mesmo lugar que o seu marido. — Olho diretamente para ela tentando evitar olhar na direção do meu pai, coisa impossível, pois ele está na ponta da mesa.

— Filha, não fale assim com o seu pai — adverte, entredentes. Posso sentir que está se segurando para não falar mais alto.

— Desde o momento em que fiquei sabendo o que ele fez, não consigo nem olhar na cara, ou melhor, nem respirar o mesmo ar. — Minhas palavras saem amargas.

Nunca pensei em passar por isso um dia. O meu pai, mesmo que tenhamos pensamentos divergentes, mentiu para mim durante a vida toda e doeu saber isso da boca da única pessoa que hoje não está mais aqui.

— Para de ser mimada, Lárissa, e vem logo sentar e tomar café — meu pai fala e olha para mim.

— Realmente isso é uma coisa que nunca fui. Se o senhor não se preocupasse tanto com a porcaria da empresa, teria prestado mais atenção em mim. Agora tenho um trabalho a fazer. — E, finalmente, nos olhamos.

Um nó se forma em minha garganta. Dói mais ainda quando vejo que ele tem os mesmos olhos da vovó. E pensar que não a terei mais aqui e que ele foi o mais culpado de tudo me destroça por dentro. Ontem fiz de tudo

para não pensar nesse fato. Porém, só o fato de o olhar, faz tudo vir à tona como uma avalanche.

Viro as costas e saio de casa, a raiva que estou sentindo agora se transforma em lágrimas porque não tenho mais minha vó para conversar. As meninas me seguem, mas não falam nada, sabem que estou nervosa. Elas seguem para um carro, e eu, para o meu.

Argh, que raiva!

Grito dentro do carro e soco o volante para extravasar a raiva que me assola. Encosto minha cabeça no volante e tento controlar a minha respiração.

Calma, Lárissa, não deixe que isso tome proporções gigantes. Inspira e expira. Repito isso até sentir o meu corpo relaxar.

Já calma, dou partida no carro e saio da garagem. O dia está ensolarado sem nenhum resquício de que irá chover, pelo menos uma notícia boa.

Vinte minutos depois, chego ao prédio onde trabalho. Paro um pouco antes de descer e retornar para a minha vida corriqueira de antes. Como podemos perder uma pessoa querida assim tão de repente? Para mim, ela era tão saudável, cheia de vida e do nada me deixa. Sinto lágrimas escorrerem novamente pelo meu rosto e um aperto em meu peito. E isso me faz lembrar do sonho, que ela me falou para eu seguir em frente e que sempre estaria comigo em meu coração. Respiro fundo algumas vezes, limpo o meu resolve que é hora de seguir em frente, mesmo que doa. Pego minhas coisas e sigo para dentro da ala em que trabalho. O meu coração bate acelerado a cada passo que dou, minhas mãos estão suadas e passo na calça para secá-las. Ainda não respondi a mensagem do Kléber, deixei para responder pessoalmente. Quero olhar em seus olhos quando disser sim.

Quando saio do vestiário e adentro ao laboratório, só vejo o Gustavo e o Bruno. As meninas devem ter ido tomar café em algum lugar. Depois eu tomo na lanchonete daqui.

— Oi, meninos. — Cumprimento, arrumando o meu jaleco.

— Lárissa, meu anjo, como está? — Bruno pergunta todo atencioso como sempre é comigo. A Ísis já falou que ele tem uma queda por mim. Mas falei para ela que é só impressão dela.

— Estou indo, Bru. Obrigada por perguntar. — Agradeço sua preocupação.

— Sempre estarei aqui, Lari — diz e me abraça, retribuo.

— As meninas não vêm, Lari? — Gustavo pergunta.

— Elas devem estar chegando — respondo, e me desvencilho do Bruno.

Vou para o meu lugar e um comichão não me deixa em paz. Então resolvo perguntar:

— O Kléber já chegou? — Olho para os dois esperando ansiosamente a resposta.

— Ele disse que hoje vai trabalhar de casa — Gustavo responde sem me olhar. Já o Bruno olha para mim e fica com cara de quem não entendeu a minha pergunta.

— Ah, sim — limito-me a dizer.

Solto a respiração e fico decepcionada por saber que não vou vê-lo e não poderei dar uma resposta cara a cara. O único jeito é responder sua mensagem, então resolvo ir tomar um café e responder logo ao seu convite.

Já com meu cappuccino em mãos e um pão de queijo, procuro uma

mesinha afastada da entrada da lanchonete. Pego o meu celular e abro o aplicativo de mensagens. Vejo que tem mensagens das meninas, mas decido não responder e ir logo para o meu objetivo. Assim que abro a aba, percebo que ele está online.

O que eu falo?

Primeiro tenho que salvar o número dele que não salvei. Assim que salvo, vejo sua foto perfil, ele com o Marley. Enquanto ele olha para câmera o Marley está lambendo o seu rosto. Rio da careta que ele faz.

Começo a digitar freneticamente a resposta. Várias vezes escrevo e apago.

Meu Deus, como sou molenga. Coloco o celular em cima da mesa e limpo as mãos na minha calça, estão suadas. Tomo um pouco de cappuccino e como um pedaço do meu pão de queijo. Longos minutos depois, respiro fundo e volto para o celular.

Aceito

Envio e fecho os olhos. Pensei em enviar um textão, mas ia falar o quê? Quando abro os olhos, vejo que ele leu a mensagem e está digitando.

Eita, será que estava só esperando a minha resposta?

Kléber: Pensei que teria que enviar outra mensagem

Pensei que viria trabalhar hoje!

Mudo de assunto

Kléber: Preferi trabalhar em casa. E você, já está no laboratório?

Sim.

Estranho trocar mensagens com ele. Mas ao mesmo tempo é

excitante, sei lá.

Kléber: Então a resposta é sim?

Acho que é. Você não quer mais?

Olha que tenho outros planos para essa noite.

Resolvo brincar com ele.

Kléber: Já disse para você que esperei demais para tomar essa atitude.

E de hoje não passa, Lárissa.

À noite conversamos sobre isso. Agora preciso ir e você também, Diabinha.

Olho para a mensagem que ele acabou de me enviar e a única coisa que prende minha atenção é o nome que ele me chama.

Diabinha?

Kléber: À noite você saberá, menina curiosa.

Ok.

Limito-me a responder somente isso. Apesar de que minha curiosidade esteja a mil, por ora, tenho que focar no trabalho porque esse jantar promete. E já tenho uma ideia de como irei.



O dia passou rápido, por incrível que pareça. Depois que terminei de tomar café e de estar um pouco mais calma, voltei para a ala. As meninas já tinham chegado e já estavam em suas posições. Percebi que a Ísis estava com

um semblante triste, mas ela sempre esconde muito bem. contei para elas sobre a troca de mensagens com o Kléber e qual era a minha ideia para o encontro. As duas disseram que logo após sairmos do trabalho, iremos para minha casa para eu poder me arrumar. Porém pedi à Ísis para irmos para a casa dela, não estou me sentindo bem em casa. E como ela nunca diz não para mim, adorou a ideia.

Logo que saímos do trabalho, aviso que vou passar em casa e pegar as minhas coisas e vou encontrar com as duas na casa da Ísis.

Olho-me no espelho e vejo o resultado do trabalho que as duas fizeram. Estou com um vestido vermelho de renda que minha mãe comprou para mim, só que nunca tinha usado porque achei que não tinha aonde ir com ele. Ele marca todas as minhas curvas e deixa a minha bunda bem aparente. A Érica fez uma mágica em meu cabelo deixando-o de lado. A maquiagem a Ísis foi quem ficou responsável, esfumou os meus olhos, não deixando muito pesada e na boca passou um batom nude. Não quis passar um escuro para não brigar com a cor do vestido. Nos pés calço um sapato também em tom de nude e para completar passo o meu perfume de Baunilha da Victoria's Secret. As meninas me aconselham a usar uma bolsa pequena de mão e acato o conselho. Estou um arraso.

— Uau, Lari, juro para você que se eu gostasse da fruta, eu te comeria agora — Ísis fala ao meu lado, dando uma tapa em minha bunda.

— Realmente, Lari, a Ísis tem razão. Você está muito linda, nunca a vi arrumada desse jeito. Agora vai e acaba com o nosso chefinho do coração.
— Éri para ao meu lado.

— Meninas, não é tudo isso. Mas obrigada mesmo pelos elogios.

— Nada de modéstia, amiga. — Ísis bufa e deita em sua cama. — Ah, já ia esquecendo, não esqueça de ligar, mandar mensagem, sinal de fumaça se

for dormir fora. Tá, mocinha?

— Ok, mamãe. Pode deixar, mas já aviso que dormirei aqui mesmo. Não pretendo abrir as pernas para ele assim logo de cara.

Assim espero.

— Hum, sei. Você avisou para ele que estaria em minha casa? — pergunta Ísis, com a sobrancelha levantada.

— Putz, esqueci. Vou mandar mensagem para ele. — Bato com a mão na testa e pego o celular.

— Nossa, Lari, dando mancada logo no primeiro encontro. — Debocha Ísis, rindo do meu deslize.

— Vá à merda, Ísis. — Xingo enquanto digito a mensagem.

— Deixa a Lari, Ísis. — Érica a repreende.

Envio mensagem para ele com o endereço certo e logo em seguida ele responde que está a caminho. O meu coração acelera e minhas mãos começam a suar.

Meia hora depois, a campainha toca e a Ísis sai do quarto para atender. Escuto o meu nome sendo chamado na sala em um grito.

Ela é sempre exagerada e escandalosa.

Pego a minha bolsa com minhas coisas e saio do quarto. Quando chego à sala, ele está parado próximo ao sofá conversando com a Ísis. Kléber usa um blazer cinza e uma camisa da mesma cor com uma calça jeans preta.

Senhor, como ele é lindo.

Ele sente a minha presença e vira abrindo um sorriso de mil sóis. O meu coração se enche de felicidade com sua presença. Um sorriso bobo surge

nos meus lábios.

— Oi — falo, tímida.

— Uau, você está mais linda do que já é — diz e me olha dos pés à cabeça.

— Você também não está nada mal — digo e sorrio.

— Vamos? — Ele vem até a mim e oferece o braço.

— Sim.

Que perfume. Vou ter que me segurar para não atacá-lo antes de chegar ao jantar.



Capítulo 7



Kléber

Quando estou terminando o meu lanche, meu celular toca. Vejo no visor que é minha mãe, bufo contrariado, pois sei que é para falar sobre minha irmã.

— Oi, mãe — limito-me em ser cordial e ela percebe.

— *Oi, mãe? Até você, Kléber Galvão?* — Quando ela me chama pelo nome completo, sem sombra de dúvida está com raiva. — *A ingrata da sua irmã chegará hoje e já sabe onde ficará?* — Agora entendi o motivo de sua raiva.

— Mãe, desculpa! Mas ainda não sei onde. Quando estivermos saindo de lá, ligo para a senhora avisando para onde vamos. — Tento apaziguar antes que sua raiva extrapole.

— *Não vão avisar nada. Quero os dois na minha casa e não ouse me desobedecer, Kléber.* — Reviro os olhos. Ainda bem que estamos por telefone, senão já teria levado bronca.

O que está acontecendo com essas mulheres hoje?

— Tudo bem, mamãe. Mas já aviso que vamos chegar na madrugada e que irei levar o Marley comigo. Ele não pode ficar sozinho. E outra, o seu neto está com saudade. — Adoro encher o saco dela dizendo que o Marley é o seu neto. Bom, ela está louca por um neto e fica me perturbando para fazer um, já que a Manu falou que essa ideia não nasceu com ela.

— *Não me lembro de ser apresentada a nenhuma mulher sua e nem ser convidada para nenhum casamento seu, Kléber* — responde ríspida. Hoje ela está afiada.

E se depender de mim não vai ser convidada, pelo menos por ora.

— A senhora sempre com essas graças, Dona Mirtes. Tenho que desligar e descansar um pouco antes de ir buscar sua filha. — Corto-a antes de prolongar o assunto.

— *Tudo bem, filho, vá descansar e depois buscar aquela ingrata.*

Despeço-me com a promessa de que irei dormir em sua casa.

Já chegando ao aeroporto o meu celular vibra novamente, penso que seja a resposta da Lárissa. Depois que enviei a mensagem, não tive nenhum sinal dela. *Mas é claro que não será ela, seu tonto, é madrugada.* O celular continua vibrando. Aciono o sistema Bluetooth.

— *Cadê você, Kléber Galvão? Estou aqui plantada feito uma árvore há 20 minutos* — Manu grita irritada.

— Calma, maninha linda, estou chegando! — digo, frustrado por saber que é minha irmã e não quem eu esperava que fosse.

— *Acho bom mesmo.*

— Calma...

Antes que eu termine de falar, ela desliga na minha cara.

Argh, que raiva dessas mulheres. Todas hoje querem me enlouquecer.

Cinco minutos depois, estaciono em frente à saída do desembarque. Antes de sair do carro já escuto a voz dela bem exaltada ao telefone, parecendo nada feliz, pois vejo em seus olhos lágrimas não derramadas. O meu instinto protetor de irmão liga em potência máxima. Saio do carro e caminho ao seu encontro, quando ela me vê, desliga o telefone e muda sua fisionomia de triste para uma felicidade que não chega muito aos seus olhos.

Respiro fundo, resolvo não falar nada e deixar para depois. Ela sempre foi assim e eu também. Cada um respeita o espaço do outro.

— Ei, chaveirinho, que saudade estava de você! — Abro os braços para que ela se aconchegue.

Ela me abraça apertado, sinto seu corpo tremer e um soluço escapar.

— Ei, ficará tudo bem agora. E bem-vinda de volta. — Faço carinho em sua cabeça e a conforto.

— É, eu sei. Ah, e chaveirinho é a sua bunda. Também senti sua falta. — Ela funga e retruca.

Chamo-a assim por ela ser pequena. E desde o primeiro dia que a apelidei, ela odeia.

— Minha bunda é sagrada. E antes que eu esqueça, você ficará onde? — digo ao entrar no carro e já dando a partida.

— Por essa sua pergunta já sei que fomos intimados pela Dona Mirtes para ir para casa. Ela nunca vai parar de querer ter seus filhos debaixo de suas asas — conclui, colocando o cinto de segurança.

— Fico feliz que saiba disso. Só precisamos passar lá em casa para

pegar o seu sobrinho. — Seguro para não rir. Ela não sabe do Marley.

— AI, MEU DEUS! — Tiro meus olhos da rua por um segundo, assustado com o seu grito. — Você casou ou algo assim?

— Não, sua maluca. É o meu cachorro, só queria ver sua reação — digo e volto minha atenção para a estrada.

— Seu bobo. — Ela dá um soco de leve em meu ombro e sorri.

— Então, me fala o que te deixou tão triste quando cheguei para te pegar? — Não preciso olhar para ela para ver como minha pergunta a incomodou.

— Esqueceu da regra de respeitarmos o espaço um do outro? Não quero falar sobre isso e você sabe muito bem. Quer quebrar as regras, Kléber? Logo agora que voltei para casa?

— A partir do momento que vejo sofrimento em seus olhos, sim — retruco, não me importando com regra alguma.

Ela bufa e se remexe no banco do carro, desconfortável.

— Tudo bem. Mas, por ora, só quero chegar em casa e descansar. Outro dia conversamos, pode ser?

Assinto ao seu pedido e seguimos para minha casa pegar o Marley.

Quando chegamos à casa dos meus pais, uma mesa farta de comida nos espera. Minha mãe sempre foi assim em se tratando dos seus filhos, independente da hora.

— Bom que chegaram. Achei que teria que ir atrás de vocês. — Dona Mirtes exagerada como sempre.

— Ai, mãezinha, que saudades da senhora. Vou ignorar o que acabou de falar só para matar essa saudade que estava sentindo — Manu fala ao

abraçar minha mãe.

— Saudade é pouco para o que sinto de você, minha pequena. Espero que dessa vez você fique e não saia pelo mundo.

Por mais que não goste da decisão da minha irmã, mãe é mãe.

— Não, dona Mirtes. Dessa vez vim para ficar. E cadê o papai? —
Manu se desvencilha da minha mãe procurando pelo nosso pai.

— Que bom, minha pequena. Ele está ali no escritório resolvendo umas coisas da clínica antes de você chegar. Mas já está vindo. Por que não sobe para tomar um banho enquanto isso — minha mãe aponta para o corredor onde fica o escritório e aconselha um banho.

— É, estou precisamos mesmo de um banho — Manu concorda e sobe para o seu antigo quarto.

— E você, filho ingrato, vem cá e me deixe abraçá-lo. E cadê o seu cachorro que ia trazer? — Mesmo em seus braços ela não para de me repreender.

— Mãe, para de drama. A senhora sabe que não tenho tempo, o Marley está na garagem. Quer que eu o traga para dentro de casa? — Em seu abraço sinto o seu perfume de mãe que tanto amo. Cheiro de casa aconchegante, de que sempre a terei aqui quando precisar. Isso me faz pensar na Lárissa e em sua vó que se foi. Então a aperto em meus braços.

— Vou fingir que não escutei o seu comentário. E não quero que ele entre aqui na sala, vai bagunçar tudo. — Ela se afasta e afaga o meu rosto ao mesmo tempo sorri para mim.

— Foi o que pensei. E como anda a clínica? — Sorrio de volta e me jogo no sofá, como sempre faço. Ela apenas sorri e balança cabeça. Sabe que nunca vou mudar esse meu jeito quando estou aqui.

— Anda bem, graças a Deus. Porém, estamos pensando em nos aposentarmos e viajar pelo mundo. — Ela também se joga no sofá à minha frente.

Fico abismado com o que ela acaba de falar com tanta naturalidade. Mas antes que eu fale alguma coisa, meu pai aparece na sala.

— Filho, que bom vê-lo. Como anda o laboratório? — Levanto para cumprimentá-lo e sento novamente, ainda abismado com essa notícia.

— Estamos progredindo como esperávamos nesses dois anos. Mas vamos voltar aqui, pai, o que a mamãe falou é verdade? De vocês se afastarem da clínica? — Olho sério para eles. O meu espanto é que os dois amam trabalhar e assim do nada querem parar.

— Sim, é verdade. Mas por enquanto é só uma ideia. Já que não temos o privilégio de sermos avós, vamos sair pelo mundo. — Ele olha para a minha mãe e dá um sorriso cúmplice.

Reviro os meus olhos para o seu comentário. Até o meu pai está nessa de encher o saco com isso.

— Senhor Renato, até o senhor com essa história de netos? — indago, incrédulo.

— Você sabe como é sua mãe. Não aguento mais essa ladainha, Kléber. E esse foi o único jeito que achei... — Dá de ombros e solta uma lufada de ar.

— De se aposentar antes do tempo só por que eu e a Emanuela não demos netos? — Acabo de falar mais para mim do que para ele.

Esse dia só melhora e nada da resposta da Lárissa.

— Isso mesmo — minha mãe responde como se fosse a solução dos

seus problemas, mas sei que no fundo é apenas uma jogada. Conheço bem a Dona Mirtes.

— Juro para vocês dois que não falarei nada a respeito disso. — Eles sorriem e concordam.

— Filho, o que aconteceu com sua irmã? — minha mãe pergunta. Mas até eu queria saber o que aconteceu.

— Mãe, também queria saber. Quando cheguei para pegar ela no aeroporto, a escutei discutindo ao telefone. Ela disfarçou e não me contou o que está acontecendo. Insisti, mas disse que depois conversaremos. Então, vamos dar esse tempo a ela.

Antes mesmo de continuar esse assunto, minha irmã desce já de banho tomado e vai ao encontro do nosso pai, ou melhor, se joga nos braços dele. Ainda bem que ele estava sentado.

Comemos como nos velhos tempos, muita comida gostosa que minha mãe disse que fez questão de preparar., muitas risadas e conversas maravilhosas.

Como senti falta disso, acho que voltarei mais vezes aqui.

Após comermos, conversamos mais um pouco na sala de estar e depois cada um foi o para o seu quarto. Mesmo estando com minha família os meus pensamentos não saíam de Lárissa, questionando o porquê desse seu silêncio. Sei que estou sendo egoísta a ponto de fazer isso, afinal, ela acabou de perder uma pessoa importante que ama. Porém, algo dentro de mim grita por ela. E continuo pensando que talvez isso seja só o tesão imenso que sinto toda vez que estou perto dela. Mas isso passará assim que sentir o seu corpo junto ao meu.

Quando penso nisso, sinto o meu amigo já ficando animado. Balanço

a cabeça para espantar pensamentos maliciosos que envolvem a Lárissa nua embaixo de mim.

Resolvo antes de dormir mandar uma mensagem para o Gustavo avisando que não irei para o laboratório, preferi trabalhar de casa. Essa é mais uma desculpa para não ficar perto dela. Porque sei que se ficar mais uma vez frente a ela, sou capaz de arrastá-la até a minha sala e fazê-la gritar o meu nome enquanto estiver dentro dela. E isso eu não quero, não assim.

Hummmmm, delícia.

Acordo com algo me chupando, só que não me lembro de estar com nenhuma mulher antes de ir dormir. Então olho para baixo e vejo que realmente tem uma mulher com a boca no meu pau.

E, puta que pariu, está bom pra cacete.

Elevo o lençol que cobre a sua cabeça, mas não consigo decifrar quem seja pelos cabelos castanhos que estão formando uma cortina, atrapalhando a minha visão. Sigo com minha mão para tirá-los do caminho e, caralho, é a Lárissa. Ela está de olhos fechados chupando o meu pau como se fosse o picolé mais gostoso da face da terra. Ele pulsa em sua boca. A filha da puta abre os olhos e me dá o melhor sorriso do mundo.

Fico confuso, mas antes que eu proteste, ela volta sua atenção para ele e recomeça o seu belíssimo trabalho. Fecho os meus olhos apreciando a sensação de estar dentro de sua boca.

Porra, isso é bom pra caralho.

Ela intensifica entre chupar e masturbar. Sinto que sua boca deixa o meu pau, sua mão está na base bombeando para cima e para baixo. Sua boca volta, mas dessa vez em minhas bolas e isso é o meu limite. Pressinto que em poucos segundos irei explodir em suas mãos.

—Lárisa, eu não vou aguentar por muito tempo — sussurro, me controlando.

— Então não se segura, Grandão.

Suas palavras são o estopim para eu explodir e chamar pelo seu nome.

Estava muito bom para ser verdade. Acordo com a mão no pau e todo melecado.

É, realmente voltei à minha adolescência.

Olho para o lado e vejo que estou sozinho no meu antigo quarto na casa dos meus pais e todo gozado.

O que essa mulher faz comigo? Leva-me ao céu e ao inferno ao mesmo tempo!

Quando estou terminando de tomar café, a minha irmã aparece na sala e senta do outro lado da mesa.

— Bom dia, Grandão? — Olho para ela espantado por causa de como ela me chamou. Sei que sempre me chamou assim, mas nesse momento isso só me faz lembrar do sonho que tive. — O que foi, Kléber? Parece que viu fantasma.

— Bom dia, Manu, não foi nada, é só impressão sua — afirmo, voltando a atenção para minha xícara.

— Hum, sei. Quem é Lárisa?

Na lata, irmãzinha?

Volto minha atenção novamente para ela e vejo divertimento.

Porra, ela me escutou chamando pela Lárisa?

Mesmo assim, finjo que não sei do que ela está falando.

— Por que pergunta? — Faço-me de desentendido.

— Acordei com você chamando por ela. É alguém especial?

A que altura eu chamei?

— Você irá me contar com quem estava discutindo ontem no aeroporto? — rebato e sorrio de lado.

— Belo ponto, Kléber. Mas não é hora para isso, em outro momento. — Percebo que o seu divertimento dá lugar a algo doloroso. — É complicado para você entender.

— Se você me falar, aí direi se é complicado ou não — contraponho, enquanto coloco café em minha xicara.

— Talvez ache que para você não será tão complicado assim. Mas para o papai e mamãe será. — Bufo frustrada ao mesmo tempo em que passa as mãos pelo rosto.

Merda! Quando ela fala assim, pressinto que vem bomba, e das grandes. Vejo que será difícil.

— Quem é o filho puta que partiu o seu coração? — pergunto brincando, pois, uma coisa que nunca vi, foi minha irmã com namorados. Até mesmo na escola ela não me deu trabalho com isso.

Ela tira as mãos do rosto e ri da minha pergunta e, como sempre, quando está nervosa, enrola o guardanapo nas mãos. Sinto meus cabelos da nuca pinicarem com a sensação de algo ruim.

— Antes fosse um "filho da puta". — Ela faz os gestos de aspas com os dedos enquanto dá esboço um sorriso amarelo.

— Como assim, não entendi essas aspas? — Ela olha para mim e por

uma fração de segundo eu entendo o que significa.

E, Deus, quando pensei que já vi de tudo, me surpreendo mais.

— É, Kléber, isso mesmo que está pensando. Aceito preconceito de todo mundo, mas não aceito de você, do papai e nem da mamãe. Por isso que não voltei. E quando tomo a coragem de voltar e contar o porquê do meu afastamento, o que eu mais temia era ver esse olhar de nojo.

Suas palavras saem embargadas devido ao choro que ela segura. Levanto do meu lugar e vou ao seu encontro. Não estou com nojo da minha irmã ou algo assim por conta da sua escolha, só fiquei surpreendido, assustado com essa notícia.

— Ei, pequena. Calma, não estou com nada disso que está pensando. Só fiquei assustado com o que falou. Há quanto tempo você sabe?

Pergunta idiota a minha. Mas não sei agir quando a vejo chorando.

— Ai, Kléber, jura que irá me fazer essa pergunta? Eu sempre fui assim. Não escolhi ser assim. Eu nasci assim — responde, magoada.

— Claro, já devia saber. Mas olha para mim, sei que será difícil conversar com os nossos pais. Apenas tenha em mente que estarei ao seu lado. — Tento passar o máximo de conforto e apoio em minhas palavras.

— Jura que não ficou chateado em saber que sua irmã é lésbica? — seus olhos castanhos cheios de lágrimas me analisam esperando minha resposta.

— Claro que não. Mas não farei vista grossa até para essas mulheres que te fizerem sofrer. Você sempre será a minha princesa. Isso nunca mudará. — Ela faz careta para o que eu digo e novamente dá um sorriso amarelo.

— Obrigada, maninho, isso tirou um pouco essa carga que pesava

sobre mim.

— Já falei que sempre estarei aqui. E quem era no telefone ontem? — insisto mais uma vez.

— Uma pessoa idiota que perdeu a sua irmã gostosa aqui — fala apontando para o próprio corpo. — E quem é Lárissa? — rebate sorrindo e limpando o rosto antes que nossos pais a vejam chorando.

— Você não desiste mesmo, né? — Volto para a minha cadeira coçando minha nuca, pensando por onde começo.

Conto para ela quem é a Lárissa e o que ela está fazendo comigo. E no final, ela me diz que essas mulheres irão acabar com as nossas cabeças. É muito estranho escutar da sua irmã que ela gosta de outra mulher. Não sou preconceituoso, mas é aquela coisa, nunca achamos que acontecerá conosco. E, por fim, aconteceu e o engraçado de tudo isso é que foi normal para mim. É o que todos deveriam pensar, assim o mundo seria melhor.

Despeço-me dela e sigo para minha casa já que não irei para o Laboratório.

Assim que entro no carro, pego o meu celular para ver se tem alguma mensagem dela e nada, simplesmente fico tentado a mandar outra mensagem. Entretanto, me detenho quando vejo que ela está digitando algo. O meu coração para e reinicia em um ritmo de batidas desconexas, só esperando por sua resposta e ela vem como um tiro certo. Assim que vejo a palavra "Aceito" na mensagem, solto minha respiração pesadamente e por impulso respondo logo em seguida.

Pensei que teria que enviar outra mensagem

Diabinha: Pensei que viria trabalhar hoje!

Então ela estava me esperando.

É bom saber disso.

Preferi trabalhar em casa. E você, já está no laboratório?

Diabinha: Sim.

Resolvo perguntar novamente se a resposta é sim.

Então a resposta é sim?

Diabinha: Acho que é. Você não quer mais?

Olha que tenho outros planos para essa noite.

Quando vejo sua resposta, engulo seco e tenho dificuldade em respirar só de pensar nela em outro lugar que não seja ao meu lado hoje.

Já disse para você que esperei demais para tomar essa atitude.

E de hoje não passa, Lárissa.

À noite conversamos sobre isso.

Agora preciso ir e você também, Diabinha.

Encaminho e espero sua resposta.

Você é minha, Lárissa.

Diabinha: Diabinha?

Rio de sua mensagem. De tudo o que escrevi ela só se apegou ao nome que eu a chamei.

À noite você saberá, menina curiosa.

Diabinha: Ok.

Sua resposta é curta e só.

Durante o restante do dia não parei de pensar nessa avalanche de acontecimentos. Desde que decide tomar uma decisão na minha vida, tudo

ficou mais intenso.

E o que eu penso sobre isso? Que não poderia ser melhor.

Quando cheguei a casa, resolvi reservar uma mesa no restaurante de um casal amigo dos meus pais. É um renomado restaurante italiano que está na família há muito tempo. Sempre que posso, passo lá para conversar com eles e degustar uma maravilhosa massa e um bom vinho. E acho que será o lugar ideal para hoje. Quero mostrar para a Lárissa que por mais que eu a queira em minha cama, respeitá-la está acima de qualquer coisa.

Antes de sair de casa, recebo uma mensagem dela dizendo que está na casa da Ísis e encaminha o endereço, respondo que já estou a caminho. O bom é que é perto da minha casa.

Toco a campainha do apartamento e aguardo. Em segundos a porta abre e uma Ísis toda agitada me cumprimenta.

— Oi, Kléber, entra — diz, dando espaço para eu entrar.

— Obrigado, Ísis. A Lárissa está pronta? — pergunto colocando as mãos nos bolsos da calça.

— Já sim, vou chamá-la. — Fico esperando ela ir até o quarto, mas ela grita da sala. Um grito estridente que me assusta.

Que menina louca.

— Acho que ela e os vizinhos do prédio escutaram. — Rio dela.

— Claro que sim. Kléber, vou te dar um aviso. — Estreito os olhos e assinto. Ísis aponta o dedo em riste bem em minha direção — Presta bem atenção, eu tenho a Lárissa como uma irmã, se eu souber, ou ao menos sonhar que você a fez sofrer, saiba que eu tenho amigos que matam e escondem o corpo muito bem. Então, tome muito cuidado. Mas fora isso,

desejo muito que vocês se acertem.

Fico estático com suas palavras e sinto um frio na minha espinha. Que bom que era só um aviso de amiga. *Estou ferrado!* Literalmente. Pois, assim que Ísis termina de proferir suas ameaças, a Lárissa aparece na sala e toma todo o meu fôlego.

O vestido que ela está usando não é curto, porém, molda cada curva dela e o tom de vermelho a deixou sexy.

Porra, quente pra cacete.

E meu amigo acordou no minuto que coloquei os olhos nela. Estou vendo que terei bolas roxas, azuis, todas as cores possíveis hoje.

— Oi. — O seu simples *oi* mostra o quanto estou fodido com essa mulher. Ao mesmo tempo em que ela se mostra uma mulher quente como o inferno, por outro lado vejo uma menina que precisa ser cuidada. E é isso que farei hoje.

— Uau, você está mais linda do que já é — elogio e a olho dos pés à cabeça.

— Você também não está nada mal — diz com aquele sorriso fodedor do meu juízo estampado em seu rosto.

— Vamos? — Ofereço o meu braço para sairmos logo daqui, antes que sua amiga veja a minha barraca arramada.

— Sim.

Como um maldito soco no estômago o seu perfume chega às minhas narinas me deixando em ponto de bala.

O caminho até o restaurante é rodeado de conversas sobre o trabalho e o falecimento de sua avó. Saí com várias mulheres e todas elas nunca

passavam de dois minutos conversando, jamais tive paciência para tal coisa. Mas, com a Lárissa, não vejo problema algum, sempre quero mais dela. E está sendo boa essa conversa, assim não teremos problemas, ou melhor, eu não estou tendo problema de bolas roxas.

Paro o carro em frente ao restaurante e desço, dou a volta e abro a porta para ela. Entrego as chaves para o manobrista e seguimos para dentro. Assim que chegamos à recepção, avisto Fabiana, filha do casal de amigos dos meus pais.

— Kléber, que bom vê-lo novamente. — Cumprimenta. E antes que a Lárissa entenda algo errado, me adianto.

— Digo o mesmo, Fabiana. Deixe-me apresentá-las, essa linda mulher ao meu lado é a Lárissa. — Decido não colocar um título para ela, apenas isso.

— Oh, que linda mesmo, Kléber. É um prazer, Lárissa. Seja bem-vinda. Espero que goste da nossa comida.

É impressão minha ou a Fabiana a olhou com mais atenção do que deveria?

— Obrigada, Fabiana. — Sinto a Lárissa relaxar ao meu lado.

— Então vamos. Deixe-me levá-los até a mesa de vocês.

Sentamos à mesa, ela nos entrega o cardápio e depois nos deixa a sós.

E agora o jogo começa.

— Lindo restaurante — elogia, tirando os olhos do cardápio e olhando em volta.

— Também acho. Sempre venho aqui quando quero comer uma deliciosa massa e um bom vinho. Já decidiu o que pedir? — Inquiri, um

pouco nervoso.

— Acho que não sei. Bom, como você acabou de dizer que sempre vem aqui, poderia me dizer o que mais gosta ou o que acha que devo experimentar.

Olho para ela sem acreditar em suas palavras, por um milésimo de segundo pude perceber o duplo sentido de suas palavras. Posso estar enganado por conta dessa excitação que agora nos rodeia.

Ah, a doce Lárissa está querendo brincar comigo. Então vamos brincar.

— Ponto para você, doce Lárissa. Então pediremos uma salada de entrada, depois um tagliarini com frutos do mar e para acompanhar um vinho branco Le Coste que cairá bem. E a sobremesa deixo você escolher o que quiser.

Quando termino de falar, vejo em seus olhos a mesma excitação que estou sentindo. Percebo um leve movimento dela em sua cadeira cruzando as pernas disfarçadamente e mordendo o seu lábio para tentar conter um gemido de quem está também por um fio.

Isso mesmo, Diabinha, prove do seu próprio veneno. Mas ela não se deixa ser abatida.

— Boa pedida, Kléber. Pode deixar que a sobremesa irei caprichar. Vi no cardápio que eles têm Grand Gateau. Você já provou?

— Não. — Fico curioso, pois realmente nunca provei.

— Aposto que irá adorar. É um Petit Gateau em formato de picolé — explica com uma falsa inocência, que sei que não tem.

Porra, realmente é uma diaba.

Quando eu pensei que ela teria essa carta na manga? Na mesma frase Lárissa e picolé? Tudo indo direto para o meu pau que já está duro feito uma rocha. Tento ao máximo não demonstrar que ela me atingiu e sorrio para ela.

— Com certeza ganhar sua aposta!



Capítulo 8



Lárisa

Se alguém me falasse há dois anos que hoje eu estaria frente a frente com meu chefe e flertando com ele, diria para essa pessoa que ela era louca e precisaria ser internada no manicômio. Porém, como nunca sabemos o que irá acontecer em nossa vida no dia seguinte, hoje estou aqui por livre e espontânea vontade e morrendo de tesão por esse homem.

Homem esse que lutei durante esse tempo para mantê-lo longe de mim e dos meus pensamentos. Quantos banhos frios tomei, sonhos que me fizeram acordar suada ou muitas vezes chamando por ele. Nunca admiti isso em voz alta. Entretanto, como o destino é uma caixinha de pandora, eis que no momento da minha fragilidade fui parar exatamente onde ele mora e para piorar eu não recusei estar perto dele como fiz muitas outras vezes. E foi tão bom senti-lo perto de mim, o seu perfume que muitas vezes senti no laboratório e que era e é o meu cheiro preferido.

Que ele não saiba, é claro. Rio por dentro.

Essa sua última resposta de que irei ganhar a aposta e que ele irá amar a sobremesa me deixou quente como o inferno.

Após os nossos pratos serem retirados e o pedido da sobremesa realizada, nenhum dos dois fala mais. Somente a tensão sexual paira sobre nós. Olho para ele e o safado tem um sorriso nos lábios de quem irá aprontar alguma coisa, mas está se segurando. *E eu posso apostar que eu vou gostar*

pra cacete. Por um momento esquecerei os meus problemas e irei me esbaldar nesse corpo delicioso que se esconde por baixo dessa roupa.

Quando vi a sobremesa de picolé, não pensei duas vezes em provocá-lo e me imaginar chupando o pau dele, como em tantas vezes que me peguei pensando nisso.

Podem me julgar por pensar desse jeito. Mas, porra, não sou santa como você está pensando.

O Manolo, meu consolo, não é a mesma coisa quando se tem um de verdade em sua frente. Já sinto o meu sexo pulsar de antecipação pelo que está por vir.

Gente, foram dois anos até hoje. É isso mesmo que estão pensando, estou sem uma boa trepada há dois anos, somente eu, o Manolo e os pensamentos pecaminosos que tive com o Kléber.

Mas você deve estar se perguntando: Nossa, Lárissa, você não falou que não cairia na rede do Kléber? Que ele iria comer você e jogar fora? Pois é isso mesmo, e ainda continuo com esse pensamento. Todavia, decidi que quero pagar para ver até onde iremos com toda essa tensão. Eu tenho para mim que o que sinto por ele é só um tesão da porra.

Estou tentando me segurar para não pular em seu colo.

Remexo-me na cadeira e cruzo as minhas pernas novamente para assim diminuir a pulsação do meu sexo. Sinto que minha calcinha já foi para o espaço.

— Nervosa, Lárissa? — A sua voz me faz voltar dos pensamentos que me rodeiam. E eles estão carregados de sensualidade. Resolvo responder e não deixar transparecer o que realmente estou sentindo.

— Eu? Jamais. E por que estaria? — devolvo a pergunta.

Antes de responder, o garçom volta com os nossos pedidos. Um pequeno sorriso ameaça a aparecer, mas eu o contenho porque agora começa o meu showzinho.

— Hum, parece gostoso, não é? — pergunto e o vejo engolir seco.

— Verdade.

Pego o picolé, olho para os lados para ver se não tem ninguém olhando e vou colocando bem devagar em minha boca ao mesmo tempo em que olho para o Kléber. Percebo que suas pupilas se dilatam e ele se ajeita em sua cadeira. Dou uma pequena lambida no topo do picolé.

— Lárissa, você está brincando com fogo. — Quase engasgo com suas palavras. Porém, hoje, quero me queimar até torrar. Abro um lindo sorriso e dou minha cartada final.

— E se eu quiser me queimar, Kléber? O que você fará a respeito?

Pergunto e volto a minha atenção para o picolé novamente, mas nunca deixo os seus olhos.

— Garanto que irá se queimar a ponto de explodir. Mas até o momento estou tentando me controlar e você não está ajudando. — Vejo seus punhos cerrados sobre a mesa.

— Hum, sei. Mas sabe o que eu percebi, que você promete muita coisa, Sr. Kléber — provoco. Passo a língua pelo lábio superior para tirar a calda de chocolate que ficou e percebo que ele está a ponto de perder o seu controle. Todavia, ele levanta e sai da mesa, pedindo um minuto.

Rio porque vejo que não aguentou a minhas provocações. Antes mesmo de terminar o meu pensamento, sinto-o falar bem próximo ao meu ouvido causando arrepios por todo o meu corpo.

— Lárissa, me acompanhe, por favor.

Olho para ele que está com a mão estendida para eu pegar. Entretanto, antes de pegar em sua mão, pego a minha taça de vinho e sorvo o restante do líquido. Sinto o álcool percorrer o meu corpo assim como a eletricidade que está entre nós.

Ao mesmo tempo que sinto medo, uma adrenalina se apodera de mim. Como se estivesse fazendo algo ilícito. Ele me ajuda a levantar e caminho à sua frente, não sei para onde estamos indo, só sei que é excitante. Quando penso que vamos sair do restaurante, ele me conduz em outra direção.

Entramos em um corredor que dá para o fundo do estabelecimento, acredito eu, que estamos indo para um escritório, pois só vejo uma porta ao fundo. Fico imaginando como que ele conseguiu essa proeza, todavia, essa sensação de fazer algo em um lugar que não conhecemos é eletrizante. Aproveito e rebolo cada vez mais e o meu vestido sobe o suficiente para deixá-lo louco. Olho por cima do ombro e vejo Kléber passar a mão pelo seu membro já bem rígido enquanto olha para minha bunda.

Safado do jeito que eu gosto.

Ele percebe que estou olhando e ainda dá uma leve apertada nele. Porra, minha boca fica seca só na expectativa de tê-lo nela. Antes mesmo de fechar a boca para recuperar o meu fôlego, Kléber me prensa na parede e ataca a minha boca. É um beijo de muita fome. Sua língua pede passagem e eu permito. Elas se duelam ao mesmo tempo em que exploram nossas bocas. Suas mãos passeiam pela lateral do meu corpo, mas nunca avançam o sinal. Sinto que ele está tentando ao máximo se controlar. Não sei o porquê disso.

Interrompemos o nosso beijo e ficamos olhando um para outro, controlando as nossas respirações. Suas duas mãos seguram o meu rosto, enquanto faço o mesmo com o seu.

Meu Deus do céu, se o beijo foi assim, imagina o resto. Quero esse homem hoje ou não me chamo Lárissa Valadares.

Sinto o seu membro em minha barriga e aposto que se fosse um pano mais fino, já teria rasgado de tão duro que está.

Continuamos andando até chegarmos a uma porta de madeira marrom. Durante esse percurso nenhuma palavra foi dita e nem precisava, os nossos olhares e desejos emanados dos nossos corpos já dizem por si só. Um quer o outro e de hoje não passará. Estamos a ponto de pegarmos fogo. O meu corpo está febril, nunca estive tão excitada como estou agora.

Ele abre a porta me dando passagem e, assim como pensei, é o escritório do restaurante. *Que criativo, bem inusitado.* Olho ao redor e vejo que ele é bem equipado como todo escritório deve ser, porém, tem um divã vermelho e isso me dá uma ideia bem ousada. Ando até ele e sento-me de forma sensual, olho para o Kléber e vejo que fecha a porta. Ele apenas encosta na porta, coloca as mãos nos bolsos e fica me observando.

Elevo a minha mão para o zíper do meu vestido e o desço bem devagar. Nunca quebrando nosso olhar. A sua respiração está mais pesada e olha para cima tentando ao máximo se controlar. Isso é o que menos quero agora dele. O meu corpo grita pelo dele. Quando o meu zíper chega ao fim, puxo o meu vestido para frente deixando à mostra o meu sutiã de renda meia-taça.

— O que você está fazendo, Diabinha? — pergunta, ao mesmo tempo em que passa a mão por cima do seu membro rijo dentro da calça.

— Sério que você não sabe? — provoco passando a língua nos meus lábios e abrindo o meu sutiã. — Ops, acho que o meu sutiã abriu. — Coloco a mão na boca de forma divertida, para quebrar o clima.

Mas vejo em seus olhos duas bolas de fogo olhando para os meus seios que já estão com os bicos duros de tanto tesão. Levanto e deixo o meu vestido e sutiã caírem aos meus pés. Fico apenas com a calcinha fio dental branca e os saltos. Coloco as mãos na cintura e olho para ele.

— O que está esper...

Antes mesmo de terminar, em curto passos ele me alcança e a sua boca novamente já está na minha. Coloco os meus braços ao redor do pescoço e o puxo mais para mim. Sinto novamente sua ereção na minha barriga, sua língua pede passagem novamente e dou ao mesmo tempo em que a chupo e puxo os seus cabelos de leve. Sempre quis fazer isso, eles são tão macios e cheirosos.

Lárrisa, isso é só uma transa e nada mais.

Empurro esses pensamentos para o fundo do meu cérebro e volto a minha atenção para o meu centro que pulsa. Suas mãos, que antes estavam recatadas, apertam minha bunda e puxam para mais perto dele.

Sua boca deixa a minha e vai descendo por toda a extensão do meu pescoço, distribuindo beijos quentes e molhados. Não aguento mais isso, é muita tortura para um momento só. Quando me dou conta, sua boca abocanha o meu seio esquerdo enquanto a sua mão aperta o outro.

Porra, eu vou gozar aqui em pé mesmo.

— Porra, Kléber, isso é muito bom — digo, solto um gemido rouco e ele olha para mim.

— Lárrisa, eu a desejo desde o dia em que colocou os pés em meu laboratório. Porra, que seios deliciosos, Diabinha! — fala e volta a chupá-los.

— Oh, Kléber, adoro que acaricie meus mamilos assim, me deixa com mais tesão.

— Então eu quero seja assim. Fale tudo que você quer, que eu faço tudo por você, entendeu, Lárissa? — sua pergunta é feita com o bico do meu seio em sua boca.

E minha resposta é apenas um longo gemido, pois nesse momento estou tão entorpecida de tesão que não consigo formar sequer uma palavra coerente para respondê-lo. Sinto-o me colocando deitada no divã, ele se ajoelha entre minhas pernas e me puxa um pouco para mais perto dele. Estou totalmente exposta, minhas pernas estão abertas de modo que ele me vê por completo.

— Linda — afirma, como se estive apreciando uma obra de arte ou algo assim. Seu rosto é de admiração, tesão, luxúria.

Ele desce sua boca até a minha em um beijo sensual para me deixar mais quente ainda, suga a minha língua e para finalizar o beijo ele dá leves mordidas em meu lábio inferior. E começa novamente a tortura em meus seios, sugando, mordiscando, e então sua boca vai descendo pelo meu ventre, lentamente.

Meu coração acelera na expectativa da sua boca em mim. Sexo oral é minha preliminar preferida. E há muito tempo que não tenho isso.

Estou parecendo criança esperando ganhar o presente de Natal.

Quando ele chega à minha calcinha, simplesmente inala o meu cheiro e olha para mim.

— Porra, mulher, que cheiro gostoso você tem. Posso morrer hoje feliz — diz, olhando diretamente para o meio das minhas pernas.

— Então, garotão, o que está esperando para experimentar o sabor? — provoco.

— É pra já, minha diabinha. Você que manda — fala, me olhando

com puro desejo.

E, do nada, ele simplesmente arranca a minha calcinha, rasgando-a.

— Kléber, a minha calci... Senhor do céu, que boca é essa?

Quando os seus lábios me tocam e sua língua me prova, eu me perco. Uma chave geral se desliga, eu arfo, perco o fôlego, sinto meus olhos revirarem nas órbitas e a única coisa que sei é segurar seus cabelos macios e sentir.

Eu sinto tudo.

Sinto-me sendo devorada como se fosse a melhor coisa na face da terra. Ele mantém as minhas pernas abertas enquanto sua língua me tortura, quente, decidida, causando um emaranhado de sensações que se espalham pelo meu corpo todo. Ele tira a sua boca da minha boceta, olha para mim e lambe os lábios.

— Deliciosa. Mas agora eu a quero de quatro, Lárissa. — Sua voz é carregada de luxúria e eu em momento algum protesto. Apenas faço o que manda.

— Me devore, Kléber... — Um resquício de minha voz sai em um gemido rouco em forma de sussurro.

E ele obedece ao meu pedido mergulhando novamente sua boca em mim, me fazendo soluçar. Já estou na borda, sinto o meu corpo quente, meu ventre se contrai e começo a tremer. Mas não quero gozar agora. Sua boca está tão deliciosa. Todavia, ele empurra sua língua mais forte, brincando com o meu clitóris enquanto arremete um dedo para dentro de mim, travo minha respiração completamente presa no que sinto.

— Kléber, eu vou gozar — aviso, com a respiração entrecortada.

— Goza em minha boca, Diabinha. Derrama todo o seu mel para mim. — Ele se afasta o suficiente para dar sua ordem e voltar a atacar meu clitóris, sem piedade.

Esse é o gatilho que eu precisava. Desmancho-me em sua boca de todas as formas possíveis. Ele me segura enquanto meu corpo convulsiona, sinto pequenos beijos no meu pescoço só que isso, em vez de me acalmar, só faz o vulcão voltar e com força total. Porque eu quero mais desse homem, viro-me para ele e levanto do divã.

O meu sexo pulsa novamente por ele e dessa vez quero ser comida pelo pau dele, mas primeiro vou prová-lo. Passo os meus braços pelo seu pescoço e o trago para um beijo quente e gememos assim que nossas línguas se encontram.

— Acho que você está muito vestido, Sr. Kléber, e isso não é legal — digo me afastando um pouco.

— Também acho, Diabinha! O que fará a respeito? — Segura o meu queixo para que olhe em seus olhos, me desafiando.

— Hum, vamos começar a tirar essa sua calça. Está muito apertada para o seu amiguinho, ele quer liberdade — aponto para sua calça e aperto o seu membro por cima da calça.

Começo a tirar o cinto da calça, abro e a desço com a cueca junto. Seu membro pula pulsando, necessitando de atenção. Ajoelho-me em sua frente, olho para ele e passo a língua pelos meus lábios, provocando-o.

— Senta no divã para eu chupar esse pau gostoso, vai! — ordeno, com cara safada.

E assim ele o faz e forço-o a deitar no divã, é bem melhor para mim. Abro a sua camisa e arfo quando vejo os seus gominhos.

Jesus, amado, como sonhei com isso. É do jeito que imaginei, ou melhor, é bem mais gostoso. É hoje que irei lavar roupas até umas horas. Rio da minha tentativa de piada.

Passo a mão por sua barriga ao mesmo tempo em que vou beijando cada gominho. Sinto o seu membro entre os meus seios, junto as minhas mãos junto e ele, que de safado não tem nada, começa a fazer movimentos de vai e vem. O seu membro é grande, grosso e cheio de veias. Levanto um pouco o meu rosto para que ele tenha a visão do que está acontecendo. Solto os meus seios e o agarro com minha mão. Ele está tão entregue a mim que posso fazer o que quiser.

Passo a língua na cabeça do seu pau e ele se delicia fechando os olhos, apreciando essa sensação gostosa. Assim que sinto a sua lubrificação, coloco todo o seu membro em minha boca, confesso que sou gulosa e me engasgo um pouco com o seu tamanho. Mas não me importo, meu picolé preferido.

— Sua safada, era isso que você queria? Ele é seu, chupa com vontade. Faz dele o seu picolé, minha Diabinha. — Kléber arfa e passa as mãos em meus cabelos.

Isso faz com que eu chupe com mais vontade, passo a língua pela glândula ao mesmo tempo em que empurro um pouco mais para minha garganta. Quero senti-lo todo.

Ele é muito delicioso e eu adoro isso. Chupo do jeito que sempre sonhei. Enquanto ele está quase em minha garganta, aperto de leve as suas bolas.

Quanto mais eu chupo mais sinto o seu membro ficar rígido em minha boca.

O tesão é tão grande que o meu sexo pulsa. Então deixo as suas bolas de lado e começo a me masturbar. Suas mãos em minha cabeça coordenam as minhas chupadas e ele empurra cada vez mais o pau em minha garganta.

— Oh, a minha diabinha está se masturbando enquanto me chupa? Sinta como o seu puto fica vendo isso! Toma, minha safada gostosa — diz, rouco, e empurra seu pau mais fundo. Então fecho minha boca ao redor dele e sugo com mais vontade.

É isso que ele quer? Então ele vai ver com quem está lidando.

Ele literalmente fode a minha boca. *Porra, isso é delicioso.* E cada vez que ela entra sinto ficar mais duro. Sinto as paredes do meu útero se contraírem, então intensifico a massagem ao redor do meu clitóris enquanto ele continua fodendo minha boca. Ambos estamos com a respiração alterada e perdendo o controle do corpo.

— Minha Diabinha, eu sei que você vai gozar, vem comigo, minha linda. — Sua voz sai entrecortada, falhando.

Isso é o estopim para nós dois. Sinto o jato quente e grosso descendo pela minha garganta, enquanto me desmancho em minhas próprias mãos.

Porra, foi o inferno sentir ele gozar em minha boca.

Quando os seus espasmos passam, me puxa para os seus braços, deito minha cabeça em seu peito e fico sentido o seu perfume misturado ao cheiro de sexo que paira no ar.

— Para um primeiro encontro isso não estava em meus planos! — Sua voz me faz retornar para onde estamos. Sua mão está passando pelo meu corpo enquanto a outra faz carinho em meu cabelo.

Como é bom estar em seus braços. Não quero mais sair daqui.

Lárisa, isso foi apenas sexo. Lembre-se disso. Minha consciência nunca querendo me deixar em paz.

— O que estava pensando? — pergunto, mas não quero olhar em seus olhos, pois sei que irei me perder neles.

— Bom, para começo de conversa, iríamos jantar e depois a levaria para sua casa. É sério, Lárisa, eu já perdi muito tempo tentando me afastar. Entretanto, fui incapaz de ficar longe. Como já falei, você é uma diabinha que me persegue aonde vou e até em meus sonhos. — Levanto minha cabeça e olho dentro dos seus olhos.

Eu evitei olhar, sabia que ele veria minha alma. É exatamente o que estou vendo enquanto o olho. Sua alma.

Mas agora já é tarde demais, pois eu o quero com todas as minhas forças.

Monto nele e o beijo com toda vontade e fome que tenho desse homem. Nossas línguas duelam, suas mãos estão por todo o meu o corpo, enquanto as minhas estão novamente em seus cabelos. Nos sexos se tocam e sinto seu membro pulsar de encontro ao meu. Rebolo nele passando a minha vulva já encharcada sobre o seu membro.

Penso que agora vou tê-lo dentro de mim. Ledo engano. Kléber simplesmente quebra o nosso beijo e bufo, frustrada.

— Ei, Diabinha, calma. Eu sei que está louca para eu foder essa boceta gostosa. Mas não aqui, vamos embora. Quero você em minha cama gritando o meu nome. Os seus gemido e gritos são somente meus a partir de hoje. Entendeu, Lárisa? — Ele segura meu rosto e olha dentro dos meus olhos.

Não respondo à sua pergunta. Ainda é tudo muito confuso para mim.

Por ora, só quero tê-lo em mim.

— Sr. Kléber, está sendo um homem muito malvado — brinco, tentando desviar do assunto.

— Eu? Jamais. Só estou preservando o que é meu.

Ai, meu Deus. Como assim, o que é seu? Querido cérebro, registre isso como apenas que ele quer me comer, ok?

— Hum, sei. Então vamos logo, porque eu quero gritar muito. — Levanto do seu colo e recolho as minhas coisas.

Arrumamo-nos cada um em seus pensamentos.

Cristo, o que eu fiz? Lárissa, agora não é hora para arrependimentos. Mas como eu vou sair dessa sala e olhar para o povo lá fora?

— Ei, Lárissa, calma. Ninguém irá nos ver — assegura, como soubesse o que eu estava pensando.

— E como você tem tanta certeza disso? — pergunto ao seu lado, enquanto andamos em direção à saída.

— Lembra que falei que esse restaurante pertence a um casal de amigos dos meus pais? — Balanço minha cabeça, confirmando.

— Ai, Kléber, você me lembra disso agora. Senhor, eu não voltarei aqui tão cedo. — Cubro o rosto com as mãos, envergonhada.

— Ah, voltará sim. Agora vamos, que eu ainda não acabei com você. — Kléber pega em meu rosto para que olhe para ele.

Essas suas últimas palavras vão parar diretamente em meu sexo. Esse mesmo que está deslizando de tão encharcado e desnudo, pois a minha calcinha está rasgada no bolso do blazer dele. Ele disse que será recordação

da melhor noite dele. E olha que ainda nem terminamos.

Antes de chegarmos às mesas, ele me leva por outro caminho com menos pessoas e assim que saímos para fora do restaurante, respiro mais aliviada.

— O que fizemos, Kléber? — pergunto mais para mim do que para ele. Mas o bendito escuta.

— O que todo casal com um tesão dos infernos faria— responde, divertido.

— Hum, verdade — concordo, corando da cabeça aos pés.

Ele solicita ao manobrista o carro, que imediatamente sai para buscar. Enquanto estamos em pé esperando sinto um arrepio pelo meu corpo. Todavia, não é um arrepio que o Kléber me causa e sim um gelado que percorre minha espinha, sinto olhos em mim, então olho ao redor e não vejo ninguém. Encolho-me e tento ficar ao máximo perto do Kléber. Ele percebe o meu movimento e me abraça.

— Ei, você está gelada, vem cá. — Ele retira o seu blazer e coloca em meus ombros.

— Não precisa, é só o vento gelado da noite — recuso, mas ele se nega a aceitar e ajeita a peça em meus ombros.

— Eu sei, mesmo assim fique com ele até chegarmos à minha casa.

E assim saímos do restaurante com destino a uma noite quente como ele me prometeu.



Capítulo 9



Kléber

Os meus pensamentos não param em minha cabeça desde que saímos do restaurante.

Caralho, que mulher é essa?

Ela está me surpreendendo. Nunca imaginei que seria tão devassa. Imaginei diversas cenas com ela, mas não estava preparado para o que aconteceu. Aquele jeito de menina que me mostrou durante dois anos foi todo pelo ralo assim que pus meus olhos nela vestida com esse maldito vestido vermelho.

E ainda para acabar com o meu juízo a bendita fez exatamente o que aconteceu em meu sonho. Não, a diabinha fez bem melhor. Só de pensar nisso o meu amigo já lateja em minhas calças, ansiedade me define no momento.

Pensei em levá-la para o meu outro apartamento, porém, algo em mim muito maior me fez recuar e a vontade de levá-la para minha casa prevaleceu.

Esse sentimento que tenho por ela me assusta, pois nunca senti isso por nenhuma mulher. Ao mesmo tempo em que a quero perto de mim, quero-a longe por medo desse sentimento filho de uma puta que estou sentindo.

Mas prefiro dar a cara à tapa para ver até onde isso irá. Essa mulher me enfeitiçou.

Nunca pensei que teria a melhor preliminar da minha vida. Quando a vi me provocando daquele jeito, não pensei duas vezes em pedir à Fabiana para utilizar o escritório do restaurante. Eu precisava desesperadamente provar da sua boca. Contudo, não pensei que ela me levaria ao céu e ao inferno em uma fração de segundos.

Ela com certeza será o meu fim.

O pensamento em levá-la ao outro apartamento passa novamente em minha cabeça. *Mas nem fodendo que farei isso.* Ela merece mais que uma trepada, por mais que isso me assuste, no entanto, é desse jeito que tem que ser, por mais que eu tente lutar contra.

Olho para ela que está perdida em seus pensamentos olhando pela janela. E minha ficha cai por não pensar nela que acabou de perder a avó e está aqui comigo.

Que filho da puta eu sou? Pensando sempre com a cabeça de baixo. Mas o que importa é que eu quero vê-la feliz. Aquele sorriso que ela sempre tem quando está com suas amigas. É algo tão espontâneo.

Para que ela não fique pensando demais no que aconteceu nesses últimos dias e não deixar a nossa bolha de luxúria acabar, resolvo atirá-la novamente. Coloco a minha mão em seu joelho e vou subindo o seu vestido. Como ela está sem calcinha, facilita para mim. A safada me olha e facilita o que pretendo fazer abrindo mais as pernas.

Ah, Diabinha, você será a minha perdição.

O seu vestido está quase no meio da sua bunda deixando-a exposta para mim. Já estou duro feito pedra. Tento ao máximo me concentrar no trânsito, a nossa sorte é que não tem muitos carros a essa hora na rua, e ainda temos a sorte do carro ser totalmente microfilmado. Sinto-me mais aliviado, pois não quero ninguém cobiçando o que é *meu*.

Meu? É, ela é minha. Sei que estou com pensamento de homem das cavernas, mas quem liga? Sou assim com minhas coisas e com ela não é diferente. Rio por dentro, constatando que gostei dessa ideia.

Paro no semáforo e volto-me para ela. Ela solta o seu cinto de segurança e vira para mim abrindo mais as pernas, as suas costas batem na porta. Olho dentro dos seus olhos e vejo duas bolas de fogo transmitindo puro desejo.

Ela sorri e coloca um dedo na boca de forma sensual e a outra mão passa por toda a extensão da sua boceta babada com o seu néctar saboroso.

— Está tão molhadinha e pronta para mim.

— Hum, que delícia, Kléber. Toma cuidado com o trânsito, porque não quero morrer tão cedo — a safada ainda tem coragem de brincar.

— Eu morreria feliz se fosse assim! — falo, rouco.

— Porra, vira essa boca para lá — diz e passa os dedos lentamente pela sua boceta, espalhando o seu néctar.

— Quero minha boca na sua boceta agora. Estou salivando e o meu pau está louco para se enterrar em você. — Engulo seco de tanto desejo.

— E o que está esperando para chegar logo à sua casa? — Ela tira os dedos e os leva até a boca, sugando-os.

Precisamos nos apressar ou gozarei nas calças só com essa cena.

— Você que manda. Agora deixa eu me concentrar no trânsito e na sua boceta engolindo os meus dedos.

Mal termino de falar e ela pega minha mão levando-a até a sua fenda. Testo a sua lubrificação e, porra, está encharcada. O seu cheiro permeando todo o carro e salivo com a cena.

— Ah, que visão maravilhosa — externo os meus pensamentos.

— Kléber, para de falar e me fode com os seus dedos logo. Vem, safado gostoso. — Sorrio diante do seu desespero.

— Não sabia que você tinha uma boca tão suja. — Tiro meus olhos brevemente da estrada e vejo que seu semblante é de pura luxúria. Desejo cru emanando dela.

— Você ainda não viu nada.

Com essa resposta, não falo mais nada. Olho novamente para o trânsito e constato que estamos quase chegando ao meu apartamento.

Graças a Deus que o meu carro é automático e facilita muito para o que estou fazendo. Os meus dois dedos saem e entram, e a cada estocada que dou, ela fecha olhos para apreciar o momento. Enquanto fodo com dois dedos, passo o meu polegar no seu clitóris espalhando a sua excitação. Sinto as paredes de sua carne me apertando.

— Porra, isso é bom demais. Fode com mais força — pede com a voz ofegante.

Paro o carro e desligo o motor próximo ao meu prédio e faço o que estou desejando desde que ela virou as pernas para mim. Continuo fodendo com os meus dedos, mas agora a minha língua suga o seu delicioso néctar.

Ela grita palavras desconexas e segura em meus cabelos.

— Quieta, Lárissa. Estou provando o meu mais novo sabor preferido — alerta e volto a cair de boca em sua boceta.

Porra, está toda molhada. Lambo, mordo e dou batidinhas em seu clitóris. E ela grita de prazer, não aguentando mais. O seu corpo treme em um orgasmo avassalador. Bebo todo o seu néctar. Sabia que não aguentaria até chegar ao meu apartamento para novamente provar dela.

Caralho, estou viciado em seu sabor.

Depois disso, ela se arruma e encosta a cabeça no banco, parecendo esgotada.

— Está bem, Lárissa? — indago, preocupado.

— Digamos que sim — responde de olhos fechados e, balança a cabeça confirmando. E então ela abre um sorriso sensual.

— Minha doce Diabinha, se prepara que a nossa noite será longa — aviso, fazendo um carinho em seu rosto. Dou partida no carro e me apresso para chegarmos logo

— Não espero menos que isso — arremata, mordendo o lábio inferior.

Porra, que mulher da língua afiada.

O elevador nunca pareceu tão pequeno como agora. Podemos sentir a névoa de luxúria saindo de nossos poros. Abraço-a por trás e dou pequenos beijos em seu pescoço. Uma mistura de suor pós-sexo e seu perfume me fazem catalogar como um dos cheiros mais gostosos de sentir, isso, é claro, depois do cheiro da sua deliciosa boceta.

Escutamos o toque do elevador e saímos grudados como estávamos antes. Assim que adentramos ao meu apartamento, colo minha boca na sua.

Cada contato nosso é capaz de gerar faíscas por toda a sala. O calor que se alastra por todo o meu corpo incendeia toda a pele dela. Um delicioso duelo de línguas, um querendo provar do outro e sugar ao máximo.

Espalmo minhas mãos em sua maravilhosa bunda e a puxo ainda mais de encontro à minha ereção, ela o aperta por cima da calça.

— Diaba, se você continuar assim, gozarei em minhas calças — alerta enquanto beijo o seu pescoço.

— Não será uma má ideia — diz e ri da minha cara.

Essa mulher será o meu fim.

— Ah é? Então mostrarei onde vou gozar.

Não aguento mais essa tortura. Capturo sua boca novamente em um beijo avassalador, nossas línguas em um ritmo que parece que nasceram para estarem juntas. Ao mesmo tempo ela passa as pernas ao redor do meu corpo e caminho com ela até o meu quarto.

Será aqui que a marcarei como minha.

Coloco-a sobre a minha cama e a visão que tenho enche o meu coração de alegria e confirma a minha certeza de que ela é a mulher certa para mim.

Pergunto-me o porquê demorei tanto para perceber que ela é a minha felicidade completa. Não sei a resposta, só sei que a terei em minha vida a partir de hoje e não abro mão disso.

Abaixo até aos seus pés e começo a tirar os seus saltos, mas desisto assim que uma ideia surge. *Vou fodê-la assim, acho muito sexy mulher de salto e ela é o pacote completo para me deixar louco.* Beijo cada parte de suas pernas e, entre os beijos, digo o quanto ela é linda, perfeita e

maravilhosa.

Ao mesmo tempo em que quero ser lento, quero fodê-la até os miolos.

Quando chego em sua boceta, olho e vejo que está de olhos fechados.

— Lárissa, abra os olhos enquanto me sacio com esse manjar.

E quando ela o faz, percebo que além da luxúria, a sua alma fica exposta junto.

Abocanho sua bocetinha carnuda e rosada. Ela enlouquece e começa a rebolar na minha boca e a puxar os meus cabelos. Passo o dedo em sua entrada e o enfio lentamente, sentindo a textura e suas paredes o apertando.

Porra, isso é maravilhoso.

— Eu falei que você irá gozar no meu pau. Entendeu? — digo e dou uma batidinha em seu clitóris.

— Por favor, me fode logo — pede em um tom lamurioso.

— Ah, minha Diabinha, será um prazer.

Em tempo recorde tiro minha roupa e fico só de cueca. Ela me olha e passa a língua em seus lábios.

— Gosta do que vê, Lárissa? — questiono apertando o meu pau.

— Mais do que imaginava. — Arfa ao olhar para o meu corpo.

Então ela também me imaginava.

— Ah, Diabinha, o que faço com você?

Pergunto mais para mim do que para ela, pois, realmente, não sei mesmo o que fazer.

— Me fode até eu perder os meus sentidos.

Rio com sua resposta e puxo suas pernas de encontro a mim. O seu vestido e o sutiã têm o mesmo destino que minhas roupas.

Esfomeado, é assim que estou pelo seu corpo. Abocanho o seu seio, chupo e mordo, enquanto estímulo o outro, deixando sua pele eriçada e o seu bico endurecido. Enquanto isso, ela roça sua bocetinha sobre o meu pau ainda dentro da cueca, me deixando todo melado. Meu pau já está latejando de tão duro.

— Ah, Diabinha, você me deixa louco de tesão — sussurro, enquanto vou para o seu outro seio e empurro mais o meu quadril aumentando a fricção.

Já saciado dos seus seios, ajeito-a novamente na cama e abro as suas pernas. Tiro minha cueca e pego um preservativo no criado-mudo ao lado da cama, mas antes que eu abra, ela o pega da minha mão, rasga o pacote e começa a desenrolá-lo em meu pau só para me torturar.

Assim que termina, volta a deitar e abre as pernas. Então fico sobre ela e a penetro devagar, sentindo sua boceta me envolver, me apertar. Olho para ela e espero que se acostume com o tamanho.

Já transei com várias mulheres. Todavia, não estava preparado para o que estou sentindo nesse exato momento. A nossa conexão é indescritível.

— Kléber, não sou de cristal. Eu sei que seu pau é grande e gostoso. Porém, quero senti-lo em ação.

Gargalho do seu desespero. Realmente estou tentando me segurar.

— Diaba, Diaba, não quero machucar você — falo e dou a primeira estocada. Ela grita, pois não esperava.

— Não... não para. Por favor. Não para. — A diaba implora. — Vá mais rápido.

Esse pedido é a perdição para mim. Estoco várias vezes até sentir suas paredes me apertando. Minha mão vai até o seu clitóris duro e massageio. Ela se contorce embaixo de mim, chamando pelo meu nome. Nunca liguei para isso com qualquer outra mulher.

Agora, a Lárissa pronunciar o meu nome enquanto se desfaz em mil pedaços é o melhor som que já ouvi na vida. Fico tão maravilhado com isso que dou mais duas estocadas e gozo jatos fortes gritando o seu nome.

Agora tenho a certeza de que estou literalmente de quatro por ela. Deito e a puxo para junto do meu peito. O ar que paira sobre nós é de puro sexo, suor e os nossos perfumes.

Estou fodido.

Esse é o último pensamento que tenho antes de cairmos em um sono profundo e tranquilo.

Quando acordo, não sei que horas são. Olho no relógio e ainda é madrugada. Volto o meu olhar e encontro a Lárissa dormindo feito um anjo. Quem a vê dormindo assim, não imagina o furacão que ela é.

Ela está de bruços, com a cabeça encostada no travesseiro e os seus cabelos estão espalhados pelo mesmo, apenas o lençol cobre suas costas. Olho e meu corpo já dá sinais de que a quer novamente.

E eu que pensei que desse jantar conseguiria apenas alguns beijinhos. Ledo engano, ela me mostrou um lado que não deixa transparecer para ninguém e se for para mostrar, que seja somente para mim.

Passo a mão na extensão da sua coluna até chegar à base de sua bunda. Ela se mexe um pouco e vira o rosto para outro lado da cama, com esse gesto o lençol deixa sua linda e redonda bunda exposta. O meu amiguinho já acorda e tento acordá-la com beijos indo do pescoço até a sua

bunda.

— Diabinha, acorda. Vamos tomar um banho, depois você volta a dormir.

Ela resmunga alguma coisa que não entendo e ainda continua de olhos fechados.

Dou uma mordida de leve em sua bunda e aperto ao mesmo tempo. Só assim ela abre os olhos e reclama bem alto.

— Porra, Kléber, já acordei. Não precisava fazer isso — reclama já levantando com raiva e vai para o banheiro da minha suíte.

— Diabinha, eu te chamei. Esse foi o único jeito. — Tento segurar a minha risada e vou ao seu encontro.

— Um jeito doloroso — reclama, novamente, e passa a mão na bunda.

— Calma, me deixe banhá-la, depois você descansa. — Contenho o meu riso para não piorar a situação.

Entro no box e ela já começa a jogar água em mim, com raiva. Prenso-a na parede do banheiro e ataco a sua boca em um beijo avassalador. A sensação é maravilhosa, eu abro mais a boca para receber sua língua que, em contato com a minha, faz o meu corpo incendiar. Sinto-me no paraíso. É como se o tempo parasse nesse momento.

Só que esse momento de calma muda bruscamente, pois eu tenho urgência de estar dentro dela como se precisasse disso para viver.

Viro-a de frente para a parede. Nossos corpos parecem que vão incendiar a qualquer momento de tanto tesão. Com as duas mãos empino sua bundinha e a penetro de uma vez. Praguejo pela sensação maravilhosa de

estar dentro dela novamente. É muito prazeroso sentir o meu pau escorregando sem nada. Ela está apertada, como se não tivesse tido sexo há algum tempo.

Porra, fui rude com ela.

— Te machuquei? — sussurro, preocupado.

— Não. Por favor, me fode gostoso, Kléber — pede ao soltar um gemido.

— Oh! Querida, é agora. Sua boceta é tão gostosa, Diabinha. O meu pau está tão duro por ela.

Estoco mais forte para que ela sinta todo o meu pau a fodendo.

— Ai, meu Deus, isso é muito bom! Mais forte, Kléber — geme baixinho.

Sinto meu pau chegar até o fundo e minhas bolas baterem em sua bunda. Isso me deixa ensandecido e aumento as estocadas. As paredes da sua boceta apertam o meu pau e pressinto que logo ela chegará ao orgasmo, e eu também. Estamos perto. Quero gozar dentro dela e deixar toda a minha porra escorrendo por suas pernas.

Isso é coisa de homem das cavernas, minha consciência alerta. E eu não sei? Só que estou me lixando para isso. Ela é minha e pronto.

Elevo minha mão até o seu clitóris e massageio devagar ao mesmo tempo que estoco forte.

Gozamos ao mesmo tempo em que falamos nossos nomes como orações.

Depois do banho, voltamos para cama, dei uma das minhas camisas para ela vestir e dormir. Assim que deitamos, a puxo para deitar a cabeça em

peito.

Uma paz se apodera de mim, uma única certeza que tenho hoje é que nunca tinha tomado uma decisão tão certa na minha vida.



Capítulo 10



Lárisa

Sinto minha bexiga cheia e uma vontade enorme de ir ao banheiro. Abro os olhos e vejo um lugar diferente do meu quarto.

Senhor, que lugar é esse?

Tento me mover só que tem um braço ao redor da minha cintura. Então me recordo da noite passada e um misto de emoções me percorre.

Felicidade, tristeza, paz... enfim, não sei a qual delas eu tenho que me apegar. Pois tudo o que pensava sobre ele caiu por terra e hoje não sei mais o que esperar. Minha vizinha sempre me falou que o amor é algo valioso.

Mas, Lárisa, o que você está pensando? Que ele se entregará assim, como em um conto de fadas? Cair de amores por você? Se liga, né!

Ele é homem e você será apenas mais uma. Não. Você foi mais uma em sua cama.

Puxo o seu braço da minha cintura e levanto com todo o cuidado possível, para não fazer barulho. Olho ao redor procurando o meu vestido e o

encontro em cima da poltrona junto do meu sutiã.

Argh, que ódio, sem calcinha.

Quando saio do banheiro, já vestida com minhas roupas, vejo que o Kléber continua na mesma posição que deixei minutos atrás, lindo de viver, só de cueca e dormindo feito um anjo. Nem parece aquele homem que me fez enlouquecer de várias formas na noite anterior. É melhor eu ir agora para evitar aquela cena ridícula, quando ele tiver que me dispensar. Então eu mesma irei fazer esse favor.



Assim que coloco o pé para fora do quarto, sou abordada pelo Marley que pula em cima de mim. Lambe toda a minha cara, balança o rabo e late todo feliz por me ver. Ralho baixo com ele, tentando ao máximo não fazer barulho. Mas quem disse que ele quer colaborar comigo? Então o levo para sala e brinco com ele no tapete para ver se o acalmo. Assim que se acalma um pouco, levanto do sofá e caminho para a porta. Porém, uma voz rouca me faz parar antes de chegar à porta.

— Pensou que ia escapar de mim? Que coisa feia, Lárissa.

Putá que pariu, que voz é essa logo pela manhã? Isso é sacanagem comigo. Ela reverberou bem no meio das minhas pernas.

Viro para ele e dou um sorriso de quem foi pega no flagra e respondo da melhor maneira possível para ele entender que não precisa fazer aquele papel ridículo.

— Estou indo embora e poupando você de me dispensar logo pela manhã. — Coloco a mão na cintura e dou um sorriso amarelo.

— E por que eu faria isso? — Ele cruza os braços sobre o peito, me dando uma maravilhosa visão de seus músculos. Tento ao máximo não deixar que isso me afete.

— Ah, Kléber, você ainda pergunta? — Levanto a sobrancelha e o desafio.

— Claro! — rebate da mesma forma que eu.

— Você não é famoso à toa, sai com várias mulheres e as dispensa no outro dia.

Ele bufa e passa as mãos nos cabelos os deixando mais bagunçados. Isso é muito sexy.

Foco, Lárissa.

A passos largos e em segundos ele está na minha frente. Sinto o seu hálito de menta próximo ao meu rosto, o meu corpo traidor se arrepia todo com sua aproximação. O meu corpo clama pelo seu toque.

O que esse homem faz comigo?

— Lárissa, o que eu tenho que fazer para você entender que eu não quero ficar mais longe de você? — Suas mãos, que antes estavam em seus cabelos, agora estão segurando o meu rosto.

Ele olha dentro dos meus olhos e profere essas palavras. O meu coração perde uma batida no momento em que as absorvo. Vejo sinceridade sendo transmitida através delas e através dos seus olhos. Algo dentro de mim fala para eu acreditar e me entregar de uma vez a ele. No entanto, minha razão diz o contrário, de que irei me ferrar lá na frente.

Mas, como nessa briga de razão e coração, o que está ganhando é sempre o idiota do meu coração. Vamos ver no que vai dar.

— Só acho cedo demais! — Sou sincera, pois é a pura verdade.

— Dois anos nessa tortura, você acha que é cedo demais? — Seus olhos brilham ao me perguntar.

— Mas, por que agora?

Ainda custo a acreditar que é verdade.

— Porque esse é o nosso momento, Diabinha! *Baby, you're all that I want.*^[1]

— E o que você está esperando para me beijar, Klé...

E ele me cala com um beijo. Sua língua pede passagem e eu dou, nossos corpos se juntam como dois ímãs. O beijo que começou calmo, agora é mais urgente, uma fome um do outro, avassaladora. Suas mãos descem para minha bunda e me puxam de encontro ao seu membro duro e grosso, e me esfrego descaradamente nele. Separamo-nos para recuperar o fôlego, se não necessitássemos de respirar, nem isso não faríamos.

— Porra, Diabinha, você será o meu fim — afirma, sorrindo em minha boca.

— Digo o mesmo, Kléber.

Ele me deita no sofá da sala e me beija novamente.

— Fique quietinha aqui no sofá enquanto prendo o Marley na área de serviço. Não quero que ele me presencie fodendo a minha namorada.

De toda a frase que ele falou eu só consegui gravar "*minha namorada*". Como assim, minha namorada?

É, Lárissa, agora aguente esse homem lindo e gostoso.

Assim que ele retorna para a sala, vai até o som e coloca uma música.

No começo não consigo identificar, mas depois entendo bem. Ele fica parado em minha frente e com um sorriso presunçoso, só de cueca.

Senhor, isso é pecado. Ele deveria ser proibido de sair de casa por ser tão lindo e gostoso. *Que ele não saiba disso.* Então vem até mim e fica entre as minhas pernas.

Vejo que através da música ele expressa o quanto eu significo para ele. A música do Nando Reis preenche o ambiente.

As coisas estão mais lindas

E as coisas lindas são mais lindas

Quando você está

Onde você está

Hoje você está

Nas coisas tão mais lindas

Porque você está

Onde você está

Hoje você está

Nas coisas tão mais lindas

Não tenho palavras para descrever isso. Apenas sorrio para ele.

— Lárissa, comigo tudo é intenso. Quando eu quero uma coisa, vou atrás e não desisto tão cedo. — Ele se abaixa e fala segurando o meu rosto com as duas mãos.

— Olha, Kléber, posso dizer o mesmo para você. Mas vamos com calma, tá legal?

Por pouco eu não me entrego. Mas um dos dois tem que pensar com a

razão, ainda não sei até onde iremos.

— Eu sei, Diabinha. Mas quero você como minha namorada. Quero que todos saibam que estamos juntos. — Arregalo os olhos com sua resposta. Não esperava por isso, não mesmo.

— Posso pensar no assunto? Tenho que analisar umas coisas. Muitas coisas aconteceram esses dias. A minha vida está de cabeça para baixo.

Por mais que essa de “quero você como minha namorada” tenha mexido comigo mais do que já estou, preciso pensar com calma para não sair machucada.

— Claro, você tem o tempo que quiser. Enquanto você pensa eu vou fazer uma coisa que estou desejando desde que acordei e você não estava lá na cama. — Um lampejo de tristeza passar por seus olhos, porém, ele camufla rapidamente e um sorriso safado brota em seus lábios.

Suas mãos, que estavam passeando em minhas pernas enquanto falava, agora fazem um caminho delicioso até a minha intimidade já encharcada só por causa do seu toque. O meu vestido vai parar no meio da minha cintura. Fecho os olhos para apreciar a sensação dos seus lábios em mim. Cada beijo seu é como labaredas queimando a minha pele. Ele me tortura beijando a minha barriga ao mesmo tempo passa a língua em meu umbigo, suas mãos sobem para os meus seios e os apertam sobre o vestido.

São tantas sensações que não consigo prestar atenção em todas. O meu sexo pulsa necessitando de atenção.

— Kléber, isso é tortura — gemo baixinho, para não fazer barulho.

— Eu sei. Tenha calma que vou acabar com essa tortura. Só estou apreciando a minha parte predileta — diz entre uma lambida e outra, com sua voz rouca quente como o inferno.

— Hummm — gemo e fecho os olhos novamente. Quando os abro de volta, ele pega a minha perna esquerda e coloca em seu ombro, olha para mim e sorri com o canto da boca. Baixa o rosto na direção do meu sexo, inala o meu cheiro e fecha os olhos.

Isso é uma perdição.

— O melhor cheiro da manhã e o melhor gosto. — Ele passa a sua língua por toda a extensão da minha boceta e quando chega em cima do meu clitóris, para e fica brincando com ele.

Porra, que língua boa.

— Pu... que pariu, Klé... assim eu go... — Não consigo formar alguma coisa coerente.

— Então goza, Diabinha. Derrama seu mel na minha boca.

Ele volta a brincar, só que dessa vez coloca um dedo no meu canal e sua língua castiga o meu clitóris duro, uma hora rápida e outra devagar. O seu dedo entra e sai em um movimento doloroso e ao mesmo tempo delicioso.

Senhor, como esse homem me leva ao inferno e ao céu desse jeito.

— Isso é muito bom. Não para que eu vou go...

Antes de terminar a frase, ele intensifica os movimentos e eu me desfaço em mil pedacinhos em sua boca.

Posso morrer agora? Porra, que orgasmo foi esse?

Quando volto a mim, olho para ele e sorrio satisfeita.

— Amei o meu café da manhã, Diabinha. — Sua cabeça repousa em minha barriga.

— Agora sou comida para você? — indago, divertida com o seu jeito.

— Digamos que sim. — Ele dá de ombros e novamente sorri de lado.

— Preciso ir embora. — Lembro-o do meu propósito antes de ser atacada por ele.

— Eu sei, mas toma banho antes de ir. — Ele fica sério, sai de cima de mim e estica sua mão para que o acompanhe.

Depois de um banho mais que demorado, entre carícias e mais uma entrega dos nossos corpos, tomamos café, e dessa vez não penso muito e deixo acontecer. Lembro que minha vó quis e quer me ver feliz, independente de onde ela esteja.



Capítulo 11



Kléber

Acordo e passo a mão ao meu lado e sinto vazio.

Cadê a Lárissa, será que ela foi embora?

Sinto um vazio dentro do meu peito como nunca senti antes. Sentimento de perda. Levanto e saio à procura dela, entro no banheiro e vejo que ela tomou banho, ainda sinto o cheiro pelo ar. Escovo rapidamente os dentes e saio do quarto.

Antes de chegar à sala, escuto o barulho dela e do Marley. Fico observando a cena se desenrolar diante de mim no tapete da minha sala. E novamente tenho aquele pensamento de que estou fazendo a coisa certa em tê-la ao meu lado.

É, mãe, a senhora está certa quando diz que preciso encontrar a minha cara metade. Rio desse pensamento.

Ela não nota minha presença e vai saindo em direção à porta com os seus sapatos e bolsa na mão para não fazer barulho. Olho o seu corpo e já me excito. Estou viciado nela. Antes que ela alcance a porta, decido intervir.

— Pensou que ia escapar de mim? Que coisa feia, Lárissa.

Ela vira para mim e dá um sorriso de quem foi pego no flagra.

— Estou indo embora e poupando você de me dispensar logo pela manhã. — Toda graciosa coloca a mão na cintura e dá um sorriso amarelo.

Ah, Lárissa, pensa que vai escapar de mim assim tão fácil? Aí é que você se engana, minha doce Diabinha.

— E por que eu faria isso? — indago e cruzo os braços. Percebo que a afetei, já que seus olhos correm por eles.

— Ah, Kléber, você ainda pergunta? — Levanta a sobrancelha.

— Claro! — Também a desafio.

— Você não é famoso à toa por sair com várias mulheres e dispensá-las no outro dia.

Fico puto com o que ela diz. Por mais que seja verdade, não faria isso com ela. Quero-a em minha vida como nunca quis outra mulher. Tenho que lhe provar isso. Em poucos passos estou na sua frente.

— Lárissa, o que eu tenho que fazer para você entender que eu não quero mais ficar longe de você? — pergunto segurando o seu rosto para que ela possa olhar dentro dos meus olhos e ver que falo com todo o meu coração.

Não parece, mas estou louco por essa mulher.

— Só acho cedo demais!

Como assim, cedo demais? Porra, dois anos me martirizando com ela ao meu lado, sem poder tocá-la.

— Dois anos nessa tortura, você acha que é cedo demais?

Sei da minha fama, mas desde que a conheci, só saí com a Verônica e hoje percebo que foi um erro.

— Mas por que agora?

Qual o seu medo, Diabinha? Vou tirar isso de você.

— Porque esse é o nosso momento, Diabinha! *Baby, you're all that I want.*

— E o que você está esperando para me beijar, Klé...

Ah, Diabinha, assim você me mata do coração. Pareço uma mulherzinha falando assim? Que se foda. Por essa mulher eu faço tudo. Ela ainda não viu nada.

Depois tê-la em meu sofá e no banheiro, nos preparamos para tomar café da manhã. Venerei o seu corpo de todas as formas possíveis. Cada vez que a tenho, o meu corpo pede mais por ela. Senti que depois que falei que ela é minha namorada, ficou mais relaxada. E isso é bom.

— Então, o que quer comer? — pergunto, indo até a geladeira.

— Comida? Estou faminta. — Ela pisca e aponta o dedo na minha direção, brincando.

— Engraçadinha. Deixa-me vê o que tenho aqui. — Abro a geladeira e vejo que não tem muita coisa. Tenho que fazer compras. Pelo menos tem ovos para fazer uma omelete e um suco de laranja já pronto. — Bom, temos suco, omelete, torrada e café. Está bom para você?

— Para mim está ótimo. Quer ajuda? — Oferece.

— Não, minha namorada. Quero que fique sentadinha aqui enquanto eu preparo o nosso café.

Chego perto dela e a puxo para os meus braços, capturando a sua boca. Não me canso de beijá-la. O nosso beijo começa lento, sem muita pressa para acabar. Mas se tratando dela, nunca fica calmo. Intensifico o beijo e suas mãos puxam os meus cabelos para mais perto. Isso me excita, mas paro antes de prosseguir e ela percebe.

— Tem alguém que quer atenção — brinca, com a boca colocada na minha.

— Eu sei, Diabinha. Vamos deixar para depois. Agora tenho que alimentá-la. — Afasto-me dela e começo a preparar o nosso desjejum.

— Então, meu namorado, já para o fogão. Sua mulher está faminta.

— É para já.

Deixo-a sentada na bancada e separo as coisas que vou precisar. Enquanto preparo o nosso café, conversamos sobre o laboratório e sobre o resultado da nossa pesquisa.

— Fiquei muito feliz em saber que todo o nosso trabalho de pesquisa teve um resultado excelente, Kléber. Esses dias têm sido um pouco difíceis para mim. Ainda tento entender como tudo aconteceu tão rápido com a minha avó.

Paro o que estou fazendo, chego perto dela e a abraço. Nessas horas, palavra nenhuma conforta o coração, entretanto, um abraço faz toda a diferença. Sinto minha camisa molhar com suas lágrimas. Eu sei que estou sendo um filho da puta de estar com ela aqui, sendo que ela deveria estar com a família. Mas sinto que, no fundo, estou fazendo a coisa certa. A sua vó me falou no sonho que devo ficar ao seu lado e é o que irei fazer.

— Tudo ficará bem, minha linda. Vem, vamos comer. — Escutamos o Marley latir na área.

— É melhor tirar ele de lá — aponta para a porta da área ao mesmo tempo em que limpa o rosto.

Olho para ela e o meu coração acelera quando vejo o seu rosto banhado de lágrimas e seu nariz vermelho. Queria muito poder tirar essa dor que ela sente, os olhos estão tristes. Ela sorri para mim, mas não chega aos

seus olhos. Dou um beijo em cada olho seu e depois distribuo beijos pelo seu rosto até que ela começa a sorrir.

Sim, esse era o meu objetivo: fazê-la sorrir.

— Pronto, é assim quero vê-la. Com esse seu sorriso lindo que ilumina todos os meus dias. — Ela faz uma cara engraçada de que não entendeu o que eu disse. — Lárissa, é esse seu sorriso de todas as manhãs, quando chega ao laboratório, que ilumina todos os meus dias. — Mais uma vez sou sincero no que digo.

— Mas... — protesta, mas não deixo que continue.

— Eu sei que temos muito o que conversar. Todavia, vamos aproveitar hoje, ok?

Ela concorda fungando e vai pegar o Marley na área e termino o nosso café da manhã.

— Garotão, vem aqui. — Chamo-o, mas quem disse que ele quer saber de mim. Nem me olha. Estou vendo que até ele está caidinho por ela.

— Esse peludão é tão fofo! — diz acariciando a barriga do Marley.

Fico muito feliz com essa interação entre os dois.

— Terminei, vamos tomar café — aviso.

— Está bem, vamos. — Revira os olhos e volta para a bancada. Mas, desta vez, com o Marley em seu encalço.

Assim que sentamos para tomar café, a campainha toca. Não estou esperando ninguém. Olho para Lárissa e vejo uma ruguinha em sua testa. Nesses dois anos percebi cada traço seu. Essa eu sei que está se questionando se não é a Verônica, pois, da última vez que ela esteve aqui, a louca apareceu.

— Não vai atender? Deve ser alguém importante. — Sinto que suas

palavras saem carregadas de sarcasmo.

Tomara que não seja aquela louca. Tenho que avisar ao meu porteiro para não deixá-la entrar mais aqui.

— Claro, minha linda. Já volto. — Sorrio e saio.

Deixo-a tomando café com o Marley deitado aos seus pés, que nem se deu ao trabalho de vir comigo para ver quem é. Assim que abro a porta, para o meu total alívio, é minha irmãzinha.

— Até que enfim veio abrir a porta. — Bufa e revira os olhos.

— Bom dia para você também, irmãzinha — falo alto para que a Lárissa escute e não fique pensando besteira.

— Bom dia, Klébinho. Vim tomar café com você — diz e passa por mim sem ao menos me dar um beijo de bom dia.

— Manu, hoje tenho outros planos. — Fecho a porta e vou atrás dela.

— Planos esses que envolvem uma mulher bem gostosa? — Solta de uma vez.

Ela é sem papas na língua.

— Emanuela, vamos parar. Vem, quero te apresentar uma pessoa. — Interrompo, antes que ela comente algo a mais.

— E estou vendo que a dona Mirtes ficará feliz em saber disso — zomba.

— Por enquanto ela não precisará saber de nada, e eu conto com você para isso — aponto para ela e pisco o olho.

— Por mim, ela vai morrer sem saber. — Ergue os braços em rendição e me acompanha.

Quando chegamos à cozinha, vemos o Marley quase derrubando a Lárissa da cadeira tentando pegar o seu café da manhã. A cena é cômica, ele derrubou todo o suco na blusa branca que ela está usando, deixando-a transparente. Quando ela percebe que a estamos observando, levanta rápido e quase cai.

— Marley vem aqui. — Chamo, o repreendendo. Ela, por sua vez, está vermelha de vergonha e no mesmo instante cobre os seus seios. Olho para Manu e vejo que ela fica admirada com a Lárissa e não tira os olhos do seu corpo.

Oh, não. Mais essa! Terei que ter uma conversa com a Manu. Tira o olho que ela é MINHA mulher.

— Emanuela, essa é a Lárissa, minha namorada. Lárissa, essa é minha irmã. — Faço as apresentações, tentando quebrar o constrangimento da Lárissa.

— Prazer em conhecê-la, Emanuela. — Ela tenta cobrir os seios com mão esquerda enquanto estende a outra.

— O prazer é meu. Mas pode me chamar de Manu. O meu irmão tem um bom gosto. Você é bem gostosa — Manu diz enquanto a cumprimenta.

Fecho os olhos e respiro fundo, me segurando.

— Emanuela. — Olho para ela e a repreendo. A Lárissa triplicou o vermelho em seu rosto.

— Maninho, calma, só estou falando a verdade — minha irmã se defende, contudo, não posso deixar de concordar com ela.

— Desculpa, gente, eu vou limpar essa bagunça — Lárissa fala, pegando as coisas. Porém, eu a impeço de fazer e digo para ir tomar um banho e que depois vou ao encontro dela no quarto. Assim que ela sai,

resolvo falar com minha irmã.

— Manu, o fato de você gostar das mesmas coisas que eu, não significa que deverá cantar a minha mulher — digo aborrecido, indo para sala e sentamos no sofá.

— Kléber, para de ciúmes besta. Só estava falando a verdade. Essa é a Lárissa que eu escutei no outro dia? — indaga com a sobrancelha levantada e apontado para o meu quarto.

Não tem como mentir para ela. Vou falar a verdade.

— Sim, essa mulher me tira do sério há dois anos. E só ontem que resolvi reivindicá-la. — Solto uma lufada de ar e passo a mão pelo cabelo.

Conto tudo para ela novamente. Do que passei durante esses dois anos e o porquê de não tê-la antes.

— Mas você realmente é um babaca mesmo. Como deixou passar esse tanto de tempo? — Recrimina e vai até a janela da sala.

— Não sei mesmo, Manu, como consegui isso. Mas o bom é que estamos aqui e não vou abrir mão dela por nada nesse mundo — confesso.

— Fico feliz que você tenha encontrado sua cara metade, maninho. — Vira para mim sorrindo e baixa a cabeça em seguida.

— Obrigado! Mas me diz, o que te traz aqui? Lógico que não era o café da manhã.

— Também. Mandeí mensagem para você e não respondeu. Então vim aqui. É hoje, Kléber — diz, chateada.

Putz, quando ela fala o meu nome nesse tom, é que não será nada bom.

— O que Manu? — questiono um tanto confuso.

— Chamei o papai e a mamãe para jantarmos no restaurante dos amigos do papai. E quero que você vá junto — revela.

Chegou o momento da grande conversa.

— Lógico que estarei lá. Posso levar a Lárissa? — Ela me olha e sei que é um não. Isso é muito difícil para ela.

— Maninho, eu prefiro que seja somente a gente. Não sei como será a reação dos nossos pais quando eu falar sobre mim, entende? — confirmo com a cabeça.

— Entendo. Não se preocupe, estarei lá para te dar apoio. Mas acho que eles não irão se opor à sua escolha, Manu.

— Assim espero, grandão. — Respira fundo e sorri, sem muita convicção do que eu disse.

Sorrio com a sua resposta.

— Agora você pode ir embora? — peço, sem rodeios.

— Você está me expulsando da sua casa? — Faz cara de ofendida. Porém, vejo divertimento em seus olhos.

— Lógico que estou. Minha garota está aqui e quero aproveitar ao máximo.

— Argh, não quero imaginar você nu. Ela sim. Mas você? Que nojo. Deixe-me ir e fazer outra coisa para ver se esqueço dessa cena horrível — brinca. Pega sua bolsa que estava no sofá e vai saindo.

Despeço-me dela e vou ao encontro da Lárissa. Quando chego ao quarto, vejo o Marley deitado em cima da cama no lugar que ela estava. Escuto o barulho do chuveiro e me dá uma vontade louca de me juntar a ela. Mas me detenho, porque sei que se fizer isso, não sairemos hoje e tenho

planos para nós.

Minutos se passam, até que ela sai do banheiro enrolada em uma toalha e com os cabelos molhados. Só para foder com o meu juízo e controle, pois, a minha vontade é arrancar essa bendita toalha e possuí-la. Ando a passos largos, chego perto dela, arranco sua toalha e a beijo forte e duro, para ela saber o quanto sou louco por ela.



Capítulo 12



Lárisa

Como não ficar mais apaixonada por esse homem? Lutei bravamente com o meu coração para isso não acontecer e olha só, estou aqui em sua casa à sua mercê de todas as formas possíveis e imagináveis.

Depois de um delicioso café da manhã, onde tomei um banho de suco do Marley e da visita inesperada da sua irmã, vim tomar um banho, trocar de roupa e ir embora.

Sei que vocês podem estar pensando: Lárisa, depois de tudo que ele fez você, vai embora ainda? Claro. Não é porque um homem declara o seu amor e blábláblá, que devemos ficar igual a uma idiota grudadas nele, não é? Tenho amor próprio e uma vida que está de cabeça para baixo.

Quando adentro o quarto, escuto o som do meu celular tocando. Já até imagino quem seja, as loucas das minhas amigas, porém, quando o pego, para de tocar. Vejo que tem várias ligações delas e da minha mãe. Primeiro vou retornar para as meninas e depois falo com minha mãe. Essa eu preciso ter

uma conversa séria, não só com ela, mas com o meu pai também. Lembro da minha avó que me pediu antes de morrer para eu ter mente aberta e é isso que irei fazer.

Clico no botão de ligar e no primeiro toque a Ísis atende.

— *Está viva, Larita? Esqueceu que tem amigas?* — Ralha de forma brincalhona, como sempre.

— Bom dia para você também, Ísis. Para de ser dramática. Estou bem e, diga-se de passagem, maravilhosamente bem — digo, fechando os olhos e deitando na cama.

— *Humm, quero todos os detalhes sórdidos, sua vaca. Ah, a Érica está mandando beijos. Já está em casa?* — pergunta. Sua curiosidade é sem fim.

— Digamos que ainda não. Porém, mais tarde estarei em casa. Reunião em casa às 20h? — Convido, já sabendo a resposta.

— *Por mim tudo bem. Ansiosa já para saber de todos os detalhes. A Érica disse que não poderá ir, tem um compromisso com a mãe dela.*

— Então depois conversamos, vaca. — Levanto da cama e vejo o Marley chegando aos meus pés.

— *Está bem, vaquinha. Vai lá aproveitar o nosso chefe gostoso. O tubo de ensaio dele é que tamanho?* — Sua curiosidade, cérebro e língua não têm filtro algum.

— Ísis, eu não vou falar disso com você. Vou desligar, beijos. — Rio da sua risada escandalosa do outro lado da linha.

— *Beijos.*

Assim que desligo, me preparo para ir ao banheiro, mas vejo o Marley

subir na cama e ficar olhando para mim como quisesse falar alguma coisa.

— Ei, garotão, o que você quer?

Estou ficando louca, conversando com um cachorro, rio por dentro. Ele balança o rabo, lambe a minha mão e deita na cama. Deixo-o deitado e sigo para o banheiro.

Quando saio do banho, dou de cara com Kléber em frente à janela. O olhar que ele me direciona é de puro fogo e prazer. Sinto minhas entranhas se contraírem.

Deus, ele é tão lindo!

A passos largos ele me alcança, arranca a minha toalha e devora a minha boca. Como se fosse nos fundir. Pulo em seu colo e enlaço as minhas pernas em sua cintura. Minhas mãos puxam e bagunçam todo o seu cabelo, adoro fazer isso. E assim nós nos perdemos mais uma vez um no outro.

Não sei em qual momento eu deixei a minha razão para estar agora nos braços dele. Como lutei para isso não acontecer. Todavia, mais uma vez, minha vozinha vem à minha mente com aquela frase que sempre me falou nos sábados à tarde em sua casa: "*minha pequena Larica, permita-se ser feliz e não se feche para o amor*". Nunca entendi direito o que ela falava, pois sempre desconversa e dizia a ela que eu era feliz. Porém, realmente eu não sabia o que era felicidade até hoje.

Estar nos braços do homem que sempre lutei para não ceder a ele, é a melhor sensação do mundo, sinto-me protegida como há muito tempo não sentia.

Sempre tive os meus pais, minha vó e o Tony, mas eles nunca preencheram esse lugarzinho que hoje posso dizer que é só dele.

Ah, Lárissa, até ontem você dizia que ele era safado e

blábláblá whiskas sachê? Sim, eu sei o que eu disse. Mas quem manda no coração e no destino? Não vou reclamar e nem espernear.

E mais uma frase da vizinha: *"Coisas ruins acontecem. Para as melhores virem depois".*

É, vó, a senhora tinha razão. Mas eu não queria que fosse dessa forma, quero entender um dia tudo isso que está acontecendo.

Enquanto estou divagando em pensamentos. Sinto a mão do Kléber fazendo carinho nos meus cabelos e a outra fazendo círculos na minha coxa que está em cima da sua barriga.

— Um doce pelos seus pensamentos! — Seu peito vibra ao dizer isso.

— Nossa, só um doce? Recuso a oferta.

— Sua diaba. Ei, o que te aflige? — Kléber puxa o meu rosto em sua direção.

— Tudo. — Sou sincera.

— Como assim, tudo? — Um vinco de forma em sua testa.

— Kléber... — Saio dos seus braços, sento na cama e puxo o lençol para cobrir os meus seios. —, está indo tudo muito rápido e, essa coisa que aconteceu aqui entre a gente, não sei se dará certo — confesso e fecho os olhos esperando sua resposta.

— Essa coisa — diz, apontando para mim e ele. —, Lárissa, dará mais certo do que você imagina. Eu já te falei que não ficarei mais longe de você. E nem adianta tentar me afastar.

— Como você é irritante... — Bufo e caio para trás na cama. Ele se aconchega em mim e começa a beijar o meu pescoço.

— Como eu queria ficar o dia inteiro agarrado a você na minha cama,

mas tenho planos para nós hoje. — Interrompe os beijos e me olha.

— Hum, e o que seria? Preciso ir embora, tenho coisas para resolver hoje. — Novamente o lembro.

— Eu sei que tem. Mas pelo menos almoça comigo que depois eu te deixo em casa — pede e faz carinha de cachorro que caiu da mudança.

— Vou pensar no seu caso — respondo, fazendo cara de que estou pensando.

— Sei uma maneira de te convencer rapidinho. — Sua cara de safado entrega seus planos.

— Hum, eu sei disso. Mas, por ora, você esgotou todas as minhas forças — digo e faço careta.

— Minha Diabinha está cansada? E olha que nem acabei com você ainda. Mas a deixarei descansar. Agora levanta esse traseiro gostoso e vamos sair para almoçar — ordena e bate de leve na lateral da minha coxa.

— Nossa, já é hora do almoço? — Assusto ao perceber que nem vi o tempo passando.

— Claro. Você tomou todo o meu tempo. — Sua voz soa divertida.

— Eu? Quem foi que me atacou assim que saí do banheiro? — Ressalto, levantando da cama.

— E quem mandou ser gostosa, hein, minha namorada? — E antes de sair do seu alcance, ele acerta um tapa na minha bunda. Solto um grito de surpresa.

Será que vou me acostumar com essa palavra? Namorada? Não pense, Lárissa! Viva.

Aproveitamos que o dia estava ensolarado e decidimos ir a um

parque, mas antes passamos em casa para eu trocar de roupa. Quando cheguei, não encontrei ninguém. A casa estava no mais perfeito silêncio. Então apenas me troquei e saímos.

Pensei que iríamos a algum restaurante, mas ele me surpreendeu com uma cesta cheia de coisas gostosas e uma toalha xadrez vermelha.

Comemos, rimos e trocamos vários beijos e abraços. O meu dia não poderia estar sendo melhor.

Mas nada em minha vida fica cem por cento perfeito. Alguma coisa sempre acontece. Eis que aparece bem na nossa frente a Vacarônica toda trabalhada na arrogância. E eu, é claro, fechei logo a minha cara.

— Nossa, Klébinho, não sabia que frequentava parques. Em pleno sábado sempre estive ocupado.

Que voz mais irritante ela tem. Reviro os olhos para o que ela disse.

Que história é essa de “Klébinho”?

— Para você ver, Verônica, como as coisas mudam — Kléber responde, coça a cabeça e dá um sorriso sem graça.

— Pelo visto, mudam mesmo.

A vaca fala e olha para mim. Por mais que eu não olhe diretamente para ela, sinto seus olhos em mim e a amargura em sua voz.

— Bom, deixa eu ir. A gente se vê por aí, Klébinho. — Olho para o outro lado para não tomar uma atitude impensada.

Lárrissa, não fale nada, apenas respire. Vocês ainda estão se conhecendo.

Essa frase eu repito mais ou menos por uns dez minutos após a saída da vaca. Ele sabe que fiquei chateada e não se aproximou.

— Lárissa, a Verônica é uma ex-ficante. Não tenho mais nada com ela. — Tenta se justificar.

Eu sei que ela é passado, porém, um passado bem presente. E isso me irrita.

— Hum — respondo, olhando para as minhas pernas cruzadas e para a toalha xadrez.

— Não sei qual é a dela. Já que sempre deixe claro qual era a minha intenção. — Sinto nervosismo em sua fala.

— E qual era a sua intenção? — Inquirio, agora olhando em seu rosto.

— Quando estava com ela, nada mais era para esquecer uma certa pessoa que me tirou o juízo desde que foi trabalhar comigo. — Deixa de olhar a paisagem e olha diretamente em meus olhos. Um arrepio sobe pela minha espinha só pela intensidade do seu olhar.

Ai, meu Deus, o que eu faço com esse homem? Minha vontade é de pular em seu colo e enchê-lo de beijos, entretanto, me contenho. Mas saber que ele ficou louco igual a mim desde do dia em que o vi no laboratório, me deixa em êxtase.

Olho para ele e tento segurar o riso. Mas não consigo, é mais forte que eu, ainda mais quando ele dá aquele sorriso de canto de boca.

Isso é golpe baixo. Já era calcinha, estou ficando tarada por esse homem.

— Bom saber que foi só isso. — Sorrio de volta e jogo uma uva nele, que segura e joga na boca.

— E seria mais o quê? — pergunta, se aproximando.

— Não sei. Só sei que quero te beijar agora. — Não tenho reação

quando ele vem com o seu jeito predador.

— Ah, Diabinha, você será minha perdição. — Coloca as mãos em meu rosto e me beija na bochecha, me empurrando de leve para que eu deite.

— Digo o mesmo, Sr. Galvão — respondo, antes de atacar a sua boca.

Após o episódio Vacarônica, ficamos mais um pouco no parque curtindo um ao outro como se namorássemos há muito tempo. *Mas quem liga para o tempo?* Não importa em que tempo nos conhecemos. O importante é que estamos nos curtindo.

Já está escurecendo quando saímos em direção à minha casa.

— Adorei o nosso dia, Lari. — Ele tira a mão do volante e acaricia a minha perna.

— Eu também adorei. Obrigada, não sei o que eu faria se estivesse em casa. Acho que surtaria. — Encosto a cabeça no banco e olho para ele, que dirige tão lindamente, tão concentrado. Solto um suspiro e fecho os olhos por um segundo, guardando esse momento.

— Ei, sempre estarei aqui para você. Está bem? Tenha em mente isso.

O meu coração acelera com sua resposta. Sinto-me um pouco aliviada por saber disso. Um nó se forma em minha garganta, mas trato logo de dissipá-lo, o dia foi maravilhoso e não quero estragar nada.

— Obrigada — limito-me a dizer.

Mudo de posição e encosto a cabeça em seu ombro, fecho os olhos novamente para curtir a música que está tocando. Parece que ela descreve esse momento, ou melhor, descreve o que ele acabou de falar.

Você nunca vai estar sozinha

De agora em diante

Mesmo que você pense em desistir

Eu não vou deixá-la cair

Você nunca vai estar sozinha

Vou te abraçar até a dor passar

Never Gonna be alone — Nickelback

Antes de chegarmos à minha casa, ele para o carro uma rua antes. Está quase deserto.

— Diabinha, sentirei sua falta hoje. Por mais que eu tenha só dormido uma noite com você, parece que não foi o suficiente. — Kléber afaga o meu rosto ainda em seu ombro e beija o topo da minha cabeça.

— Ei, grandão, estarei bem aqui. Só uns 20 minutos da sua casa. — Volto-me para ele e sorrio, sua cara de cachorrinho abandonado é a melhor.

— Mas não será a mesma coisa. Quero você na minha cama — diz e faz bico novamente.

Por mais que seja tentadora a sua proposta, quero ir com calma. Lógico que eu estou com uma vontade louca de atacá-lo. *Gente, foram dois anos sem ter um bom sexo.* Mas vamos com calma, não é?

— Vamos com calma, ok? É tudo mui...

— Eu sei, morena. Hoje tenho um jantar com a minha família. Queria muito que fosse comigo, mas minha irmã quer conversar com os meus pais e comigo. Então, o que me resta é ir — diz e desfaz o bico.

— Hum, tudo bem. As meninas virão para minha casa também. — Coloco as mãos em seu rosto e faço carinho em sua barba cerrada.

— Então vem cá para eu matar um pouco a saudade que vou sentir dessa sua boca gostosa.

Antes mesmo de abrir a boca para responder algo, a sua já está cobre a minha e sua língua pede passagem.

E que resposta eu teria? Nenhuma. Depois da sua afirmação, o meu cérebro é incapaz de formular qualquer mísera resposta.

O beijo que começou lento toma uma proporção sensual. Minhas mãos estão em seus cabelos, os puxando como se fossem o meu ar, ou melhor, querendo me fundir a ele.

Largo os seus cabelos e tenho uma ideia. Quero ficar com o gosto dele em minha boca. Mas não é de saliva, e sim do seu gozo. Desço minhas mãos passando pelo seu abdômen másculo e encontro o seu membro já duro dentro da sua calça. *Do jeito que eu gosto.* Empurro-o de encontro ao banco do motorista e olho para ele, ao mesmo tempo que passo a mão por cima da sua ereção ainda dentro da calça. Sinto-o pulsar e o filho da puta sorri de lado.

— Diabinha, sente como ele fica só porque beijei a sua boca. — Sua voz grossa, carregada de sensualidade, reverbera no meio das minhas pernas.

— Imagina quando eu o chupar — digo de forma sensual.

— Você não fará isso! — diz, incrédulo. Sorrio de lado, provocando-o.

— E por que não? Está com medo de sermos pego, Grandão? — desafio, sabendo que ele não vai querer perder essa oportunidade.

— De modo algum.

Eu sabia.

— Então aproveita.

Nem termino de falar direito e já tiro o seu membro para fora. Passo a mão por toda a sua extensão e em sua glândula vejo o líquido pré-ejaculatório. Baixo um pouco a cabeça e passo a ponta da minha língua no líquido. Sinto o seu gosto e me dá mais vontade de tê-lo dentro de mim. Mas aqui não dá.

Passo a língua ao mesmo tempo em que empurro um pouco mais para minha garganta. Quero senti-lo todo.

Ele é muito delicioso e eu adoro isso. Chupo do jeito que eu gosto. Depois que o senti não quero mais parar. Enquanto ele está quase em minha garganta, aperto de leve as suas bolas.

Quanto mais eu chupo mais rígido fica o seu membro.

— Puta que pariu, Lari. Isso está muito bom. — Pragueja baixinho.

Desço minha língua por toda a sua extensão até chegar em suas bolas. Coloco uma na boca, enquanto masturbo o seu membro.

Sinto sua mão apertando de leve os meus cabelos, olho para ele e o vejo de olhos fechados e com o maxilar travado, tentando se segurar.

— Diabinha, está muito bom. Mas acho que não aguentarei se continuar assim — confessa, e isso é excitante demais.

Então essa é a minha deixa. Volto a chupá-lo, quero que ele goze em minha boca. Alterno entre chupar a sua glândula e passar a língua, enquanto o masturbo novamente. Não paro um só momento.

A minha calcinha? Já está extremamente molhada, mas me resolvo quando chegar em casa.

Ele aumenta a pressão em meus cabelos e pragueja vários palavrões.

— Goza pra mim, Grandão — sussurro, e o empurro bem fundo em

minha garganta. Isso é o fim para ele. Um jato forte e quente desce pela minha garganta até a última gota.

Quando ele está voltando ao seu normal, limpo minha boca com as costas da mão, pego minhas coisas e saio do carro. Só escuto ele praguejando o meu nome de diversas formas. Ainda bem que estou perto de casa, assim posso ir andando e pensar um pouco.

Fui vadia fazendo isso? Não sei. Só sei que sempre sonhei em fazer isso com ele! Rio por dentro com esse pensamento. Lárissa, vai com calma!



Capítulo 13



Kléber

Porra!

Essa é a única palavra que paira em minha mente. Depois que a Diaba da Lárissa fez um belo sexo oral em mim e saiu do carro como uma fugitiva, fiquei assim.

Recomponho-me e volto para a minha casa. A vontade de ir até a sua casa e fodê-la na primeira parede até perder os miolos está muito grande. Mas o que eu posso fazer? Além do clima estranho que está em sua casa, não tenho ainda a intimidade de chegar lá.

Ah, minha Diabinha, me aguarde. Você não sabe o que te espera.

No caminho de casa fico pensando como o nosso primeiro dia juntos foi muito bom e como me senti vivo ao seu lado. Parece que todo esse tempo estava em uma escuridão sem fim e tudo ficou mais nítido depois que senti o seu corpo.

Eu sabia que depois de tê-la tudo ficaria diferente, mas não tão intenso como

foi.

Assim que chego a casa, o Marley vem todo feliz me receber, como sempre. Porém, agora com um pequeno detalhe, ele me lambe todo e depois fica olhando para a porta, esperando alguém.



— Ei, amigão, o que foi? — Ele me olha, balança o rabo e volta a olhar para a porta. Fecho-a e o chamo, mas ele continua olhando, só que agora arranha a porta com sua pata. — Marley, vem cá, amigão. — Por fim, ele para de olhar e me acompanha até a cozinha.

Eu, hein. Ele está estranho, nunca foi assim.

Vou para o banho. Mas antes de entrar no banheiro, envio uma mensagem para a Lárissa.

Cheguei em casa. Indo para o banho com uma puta ereção por sua causa. Me aguarde, Diabinha!

Não espero uma resposta. Entro no banho com uma puta ereção. Depois que a tive, o meu corpo só pensa nela, ou melhor, o meu amigão só pensa na sua bocetinha apertada. Não tenho mais controle. Pareço até um adolescente fazendo isso.

Todo o meu apartamento está com o cheiro dela. E quero que seja

assim todos os dias.

Depois que saio do banho, olho o celular e nada da sua resposta. Bom, deve estar ocupada com a sua família.

Também, pudera né, Kléber, ela acabou de perder a vó. Isso me frustra porque estou pensando só em mim e não na dor dela. Acho melhor não a perturbar mais hoje, assim ela fica com a sua família. Quem sabe amanhã?



Estaciono o carro em frente ao restaurante que em menos de um dia eu estive. Lembrar disso já me deixa animado. Pois todas as lembranças que terei daqui são com a Lárissa.

Essa mulher é uma feiticeira, só pode.

Assim que entro, sou recepcionado por Fabiana.

— Boa noite, Kléber, como vai? — Saúda e me olha com curiosidade.

— Estou bem e você, Fabi? — Sorrio e olho por cima do seu ombro para ver se vejo os meus pais ou a Manu. Ela sorri de volta e sabe o que estou procurando

— Estou bem. Sua irmãzinha já chegou, vou acompanhá-lo até a mesa! — Sinto sarcasmo em seu tom de voz quando fala da minha irmã.

Nunca entendi, mas ela e minha irmã nunca se deram bem. Sempre uma soltava farpas para a outra. Agradeço e a acompanho. Por incrível que pareça, por ser sábado à noite, o restaurante está vazio. Então avisto de longe minha irmã mexendo em seu celular e bebendo cerveja. Ela sempre fala que

cerveja é bem melhor que vinho. Antes de chegarmos à mesa, ela levanta o rosto e olha a Fabiana dos pés à cabeça e dá um sorriso safado.

Ah, não acredito que estou vivo para presenciar a minha irmã paquerando na minha frente uma outra mulher, penso comigo.

Olho para Fabiana que está mais vermelha que um tomate e não esboça nem um sorriso correspondendo. Isso será divertido, já até imagino!

— Olá, Pequena. Estou atrasado? — pergunto beijando o seu rosto e falo perto de seu ouvido. — Pega leve com ela.

— Por que eu pegaria leve com a Fabiana se ela quer o mesmo que eu? — diz olhando diretamente para Fabiana, enquanto bebe mais um pouco da sua bebida.

Fico chocado com sua resposta. Não esperava ela ser tão direta. *É, realmente minha irmã veio mudada!*

— Man... quer dizer, Emanuela, não seja tão prepotente. Não quero nada de você. Me deem licença, tenho outras mesas para atender.

E assim ela sai com a cara vermelha, não sei se de raiva ou vergonha. Volto minha atenção para a minha irmã que está sorrindo.

— O que foi isso, Manu? — indago, curioso.

— Nada que já não saiba — responde como seu eu soubesse o óbvio.

— Espera aí. A Fabiana também é gay? — questiono, surpreso.

— Ai, mano, vem me dizer que você não sabia?

— Não, assim como não sabia de você. E ela é filha dos amigos dos nossos pais. Nunca reparei nisso. A não ser que ela nunca olhou para mim — digo, abrindo os braços, como se fosse um pecado alguém não me olhar.

— Kléber, como você é prepotente. Que comentário mais idiota. Nem todas as mulheres caem aos seus pés — declara, irritada com o meu comentário.

— Falo o mesmo para você, Pequena.

— Mudando de assunto. E sua garota, é sério esse lance de vocês? — Cruza os braços depois de terminar sua cerveja.

— Digamos que estamos nos conhecendo. — Desconverso, sem entrar muito em detalhes.

Antes que a Manu fale algo, os meus pais chegam. Minha mãe já está curiosa pelo assunto.

— Quem você está conhecendo, meu filho?

— Uma pessoa muito especial. Logo a senhora e o meu pai a conhecerão. — Levanto para cumprimentá-los e tento não alongar o assunto “Lárisa”.

— Hum, então posso me alegrar que teremos casamento em breve. — Segura o meu rosto e o seu sorriso é de orelha a orelha. Reviro os meus olhos.

— Dona Mirtes, vamos devagar com as coisas. — Dou uma piscadinha para ela.

— Tudo bem, mas já quero conhecer essa mulher que fez isso com o meu filho. — Afaga o meu rosto e suspira.

— Fez o quê? — pergunto sem entender o que ela quis dizer.

— Esse brilho em teu olhar que nunca tinha visto antes. Você não me engana, Kléber, essa mulher pegou você de jeito. Está apaixonado por ela.

— Mãe, menos.

Como as mães sabem dessas coisas? São bruxas, só pode.

— Querida, deixa o Kléber. Vamos deixar isso para depois, agora vamos nos concentrar nesse jantar que a nossa Pequena nos convidou.

Agradeço ao meu pai pela ajuda com o interrogatório da minha mãe e olhamos para minha irmã. Essa que engole seco quando o assunto se volta para ela. *Putz, vai ser foda falar isso para os nossos pais.*

— O que acha de pedirmos e depois conversamos? — sugiro isso para ganharmos tempo, olho para ela e dou uma piscadela.

— É bem melhor mesmo — Manu concorda e bebe sua outra cerveja quase toda. Acho que para criar coragem.

Dessa vez, quem vem à nossa mesa é um garçom e não a Fabiana. Olho ao redor e percebo que ela não tira os olhos da nossa mesa, ou melhor, da minha irmã. Penso que tem mais história que envolve essas duas. Engatamos sobre os assuntos do laboratório e da clínica. Minha irmã, como não é desse meio, não dá muita atenção e fica mexendo em seu celular.

— Emanuela, minha querida, como foi sua estadia em Londres? Não entendi bem, você saiu daqui para estudar culinária na França. — Minha mãe nunca aceitou bem a decisão da minha irmã de seguir carreira gastronômica. Sempre que ela toca nesse assunto as duas acabam discutindo.

— Não deu certo lá. Então decidi ir para Londres — explica, sem ânimo, e não olha para nossa mãe.

— Assim, do nada? — Dona Mirtes dá com as mãos no ar chamando atenção dela. Mas nada vem da Manu.

— Não, mãe. Fui a um congresso lá e gostei do clima, da gastronomia e resolvi mudar. Testar novos sabores e prazeres. — Manu mexe no guardanapo, nervosa, e sem coragem de olhar na direção da nossa mãe.

— Hum, e agora voltou para ficar? — Minha mãe continua atacando.

Eu e meu pai ficamos apenas olhando de uma para outra. Assistindo o embate.

— Mãe, já falei que por enquanto ficarei aqui — responde, sem paciência. Típico da Manu, ela nunca teve paciência de conversar com a mamãe. Hoje será difícil.

— Sim, me falou. Mas o que fará da sua vida aqui?

E é nessa hora que olho para o meu pai pedindo ajuda para que as duas não comecem a brigar.

— Dona Mirtes, pode parar com o interrogatório. Poxa, mãe, eu chamo para jantar com vocês como há muito tempo não fazia. Mas vejo que será difícil. — E como esperado, Manu explode e olha para ela com raiva.

— Ok, parei — responde, sucinta.

Eu e o meu pai apenas permanecemos calados. Nenhum dos dois se atreve a se meter. Os nossos pedidos chegam, para a salvação da minha irmã. Então voltamos a nossa atenção para a comida.

— Pai, mãe. Preciso contar uma coisa para vocês dois. — Manu nem toca em sua comida e a coloca de lado.

É agora. Paro o garfo que estava levando à boca e sinto o meu sangue gelar.

— Bom, sou toda ouvidos — minha mãe fala com toda sua atenção virada para minha irmã.

— Bom, já conversei com o Kléber quando cheguei e hoje pedi para jantarem comigo para falar o porquê desses anos longe — diz de uma só vez, sinto o seu nervosismo aumentando.

— Estamos aqui, filha — meu pai diz dando força para ela continuar.

— Então, vou direto ao ponto, assim não preciso enrolar... Eu sou gay — confessa e solta uma lufada de ar.

Olho para minha mãe e vejo que está com cara de espanto, o meu pai está sereno. Minha irmã não olha para nenhum dos dois. Coloco minha mão em cima da sua que está sobre a mesa, passando conforto de que estarei ao lado dela.

— Como assim, gay? — minha mãe pergunta quase gritando, não querendo acreditar que sua única filha não gosta de homem.

— Jura, mãe, que está fazendo essa pergunta? Logo a senhora que é pediatra. — A voz que a Manu direciona à nossa mãe é carregada dor, seus olhos estão marejados.

— Sim, Emanuela. Eu não aceito que isso seja verdade. Desde quando você virou isso? — Dona Mirtes pergunta e aponta para Manu, como se ela fosse algum tipo de ser de outro mundo.

— Mirtes, querida, não fale assim. — Meu pai coloca a mão no ombro da minha mãe, tentando apaziguar a situação.

— E eu tenho que falar como, Renato? Ela é minha única filha. — Minha mãe vira para o meu pai com o rosto vermelho de raiva.

— Filha que cresceu e saiu para o mundo, Dona Mirtes. E outra, o "isso" que a senhora diz, eu não mudei de uma hora para outra. Eu nasci assim, agora a senhora entende o porquê de eu não ter voltado antes? Era isso que eu mais temia, sua rejeição. Eu não preciso disso. Se me dão licença, esse jantar já deu para mim.

Minha irmã levanta derrubando a cadeira, chamando atenção de todos para a nossa mesa. Sai do restaurante e não olha para trás.

— Você sabia disso, Kléber? — Agora a atenção da minha mãe está em mim. E a pergunta sai amarga de sua boca.

— Sim, mãe. Conversei com ela no dia em que chegou — confesso e dou de ombros. — Manu é minha irmã, independente da sua opção.

— Renato, vamos embora. — Levanta bufando de raiva e olha para o meu pai.

— Mirtes, entenda a nossa filha. Ela precisa do nosso apoio e não da nossa rejeição. — Meu pai tenta colocar um pouco de juízo nela.

— Renato, vamos embora — minha mãe fala entre os dentes. Se bem a conheço, não quer um escândalo.

— Tudo bem, vamos, querida. — Seu Renato solta uma respiração profundo e se deixa vencer pela minha mãe.

A decepção da minha mãe está tão aparente que ela sai da mesa e nem se despede de mim. Meu pai se despede pedindo desculpas e vai atrás dela, não tem outro jeito. Minha mãe tem o meu pai em sua mão. Acho isso às vezes muito bonito, esse respeito que os dois têm um pelo outro. Saber em qual momento podem falar. E quero isso para mim. Mas, por enquanto, irei com calma, esse terreno chamado Lárissa ainda é desconhecido para mim.

Saio do restaurante, pego o meu carro e dirijo pela cidade. Minha vontade ir até a casa da Lárissa é enorme. Porém me contenho, sei que ela está com as amigas. Os meus pensamentos vão parar em minha irmã, sei como é difícil o que está passando. Então disco o número dela, no segundo toque uma voz que não conheço atende o seu celular. Fico em alerta.

— Manu? — pergunto, preocupado.

— Não, Kléber. Aqui é a Fabiana. A Manu está comigo, assim que ela

estiver melhor, ela te liga.

— Ah, tudo bem, Fabi, obrigado por cuidar dela. — Solto uma respiração de alívio.

— Não precisa agradecer. Faço por nossas amizades.

Desligo a chamada e fico pensando em tudo o que aconteceu. Que loucura tudo isso.

Chego a casa e assim que abro a porta, vejo o Marley deitado sobre o tapete da sala. Ele levanta a cabeça, se sacode e volta a deitar.

Sei não, mas acho que perdi o meu cachorro para minha Diabinha!

Vou até a cozinha tomar uma água e olhar se tem ração para ele. Assim que chego à área, escuto o som de mensagem do meu celular que deixei sobre a bancada junto com as chaves. O meu coração acelera na expectativa de que seja a minha Diabinha. Volto e pego o celular, mas, para a minha total frustração, é uma mensagem da minha irmã avisando onde está e que depois passa aqui em casa para conversamos. Olho para ver se tem mensagens dela, mas, nada. Só mensagens de um grupo que não tinha até hoje à tarde e que foi criado por Gustavo. Eles estão marcando uma balada, entretanto, não estou com cabeça para nada hoje. Então só respondo que estou cansado e que marcamos para outro dia. Fico tentado em mandar mensagens para ela. Todavia, não quero ser um grude e ficar no pé.

Sou acordado com o barulho da minha campainha.

Quem será a essa hora? Só pode ser minha irmã.

Olho no relógio e vejo que marca 03:15 da madrugada. No meu celular não tem chamada e nem mensagens. Quando abro a porta, fico estático, na minha frente está uma Lárissa toda bagunçada, com uma mochila no ombro, abraçando o próprio corpo e com o rosto todo manchado de

lágrimas.

— Oi — apenas um sussurro sai da sua boca.

— Ei, Diabinha, vem cá. — A puxo para os meus braços e ela desaba a chorar. Fecho a porta e a levo para o meu quarto.



Capítulo 14



Lárisa

De pernas bambas e sem conseguir andar direito, é assim que me encontro. Depois do meu atrevimento, um sorriso brota em meus lábios. Lábios esses que ainda estão sentindo o gosto dos dele.

Senhor Jesus, me ajuda.

E de novo aquele dilema de não me apaixonar por ele me assola. Mas quem disse que o meu coração quer escutar a minha razão?

Assim que adentro a minha casa, o silêncio é sepulcral. *Melhor assim*, penso comigo. Não estou com cabeça para discussões. Subo para o meu quarto e fecho a porta. Antes de colocar a minha bolsa sobre a cama, escuto três batidas na porta. Aposto que é minha mãe.

— Pode entrar, mãe — falo, indo para o banheiro pegar o meu roupão.

— Oi, menina Lárisa.

— Ah! Oi, Meg, pensei que seria minha mãe.

— Menina Lárissa, ela precisou voltar para Madri às pressas.

Paro o que estou fazendo e respiro fundo. Sabia que seria assim, não sei o porquê de ainda me espantar.

— Nossa, ela não me falou nada — digo mais para mim do que para ela.

E mais uma vez fico sozinha. Meu pai, como sempre, só tem tempo para aquela empresa. Eu tinha minha vó e agora definitivamente não tenho mais. Minhas amigas, por mais que tenham falado que eu poderia contar elas, não quero incomodá-las, pois sei que ambas têm suas vidas e seus problemas. Um nó se forma em minha garganta, porém, me recuso a chorar. E lembro o que minha vó falou e me apego a isso.

Agradeço à Meg pelo recado e aviso que depois ligo para minha mãe. Peço para preparar uns lanches, pois, a Ísis vai chegar cheia de fome. Quando estou tirando a minha roupa, o meu celular toca com um alerta de mensagem. Penso ser das meninas, mas me surpreendo quando vejo que é o Kléber. Rio da sua mensagem e não respondo. Não quero ser o tipo de mulher pegajosa.

Kléber: cheguei em casa. Indo para o banho com uma puta ereção por sua causa. Me aguarde, Diabinha!

Estou quase finalizando o meu banho quando escuto um barulho na porta do banheiro. Nem me assusto porque até já sei quem é.

— Ísis, estou no banho. Você não está vendo? — grito para que ela escute, mas quem diz que dá bola.

— Eu sei, Lari, mas estou com vontade de fazer xixi — responde, rindo. Reviro os olhos e bufo, irritada.

— Vaca, isso é invasão de privacidade, sabia? — questiono, séria.

— Lari, tudo o que você tem eu já vi. Não venha se bancar de Santa que não cola, tá! — Ri mais ainda.

Argh que raiva.

— Ah, sua chata. Já estou terminando aqui.

— Lava direito para o nosso chefe gostoso. — Abre a porta do box e fala, me assustando.

— Sai daqui — grito, jogando água nela. Não quero entrar em detalhes com ela sobre o Kléber.

— Ai, sua louca, já estou saindo. Mas termine logo que quero saber de todos os detalhes sórdidos.

Ela fala saindo do banheiro e me deixando em paz. Longos minutos após sua saída, saio com uma toalha enrolada em meus cabelos e vestida em um roupão. Vejo a Isis em seu celular digitando furiosamente.

— Eita, que a conversa está tensa aí. — Resolvo provocá-la para ver sua reação. Ela é sempre tão preocupada comigo e com a Érica que às vezes me pergunto se ela tem problemas. Mas sempre que questionamos, ela desconversa e fala que nasceu para ver suas amigas/irmãs felizes. Mas sei que tem coisa.

— Não enche, Lari. É só um carinha que saí outro dia e que está enchendo o meu saco — responde sem ao menos me olhar. O vinco em sua testa mostra o quão irritada está.

— Sei, se você fala. Então, cadê a Érica que está estranha. — Mudo de assunto.

— Ela acabou me mandar mensagem que está vindo para cá. Não entendi bem. Mas, enfim, não vou discutir com vocês. Depois que

apareceram esses bofes vocês não têm mais nem tempo para mim. — Solta o celular e deita na cama de costas.

— Ai, Ísis, para de drama. Estamos sempre aqui.... opa, opa, opa, como assim, bofes?

Minha ficha cai quando percebo que ela falou no plural. Coloco as mãos na cintura e olho para ela, esperando que me responda e não me enrole.

— Nem vem, Lárissa. Você com o nosso chefe gostoso e a Érica com o... — Vira o rosto em minha direção e dá de ombros como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Com ninguém, Ísis.

Antes que a Ísis termine a frase, a Érica entra pela porta do quarto já falando. Fico sem entender nada.

—Vamos parar as duas. Quero saber o que está acontecendo. O que vocês estão escondendo de mim? — Cruzo os braços no peito e bato o pé esperando que as duas falem logo.

— Não é nada Lari, esquece isso e vem aqui. Queremos saber como foi esse jantar e o seu dia. Sua pele está divina. — Ísis levanta da cama e me chama.

— Ísis, só você mesma para mudar de assunto assim. Vou esquecer isso, por ora. — Desmancho a cara de interrogação e vou ao encontro delas na cama.

Quando estou com elas, simplesmente tudo flui. Parece que tudo dará certo, independente do que aconteça.

Conto tudo para elas como foi o jantar, o dia que passamos no parque e de como ele foi especial. Não pude deixar de fora a Vacarônica e é lógico

que, como boas amigas/irmãs, me apoiaram e me alertaram para eu ficar esperta com ela. Porque vadia que é vadia nunca sossega o facho. Elas me fizeram rir de suas palhaçadas, comemos e bebemos os nossos sucos preferidos. Sempre é assim quando elas estão em minha casa. A Meg faz tudo que elas querem. Cada uma tem o seu suco preferido. A Ísis gosta de suco de laranja; a Érica, de maçã; e eu, de maracujá bem doce. Realmente estava precisando me acalmar e a mistura dos sucos e risadas que dei me acalmaram um pouco.

— Lari, fico feliz que você esteja se dando essa chance para ser feliz — comenta Ísis do outro lado da cama. Solto um longo suspiro e olho para ela.

— Apesar de ter acontecido na pior parte da minha vida, também estou feliz. O Kléber é tudo que estava faltando na minha vida. Sei que falando isso agora parece meio precipitado. Mas é o que eu sinto.

— Amiga, só te peço que vá com calma. Tenha os pés no chão e, acima de tudo, pense em você, o que quer para você! — Olho para Érica e fico espantada com suas palavras, sei que ela quer só o meu bem. Porém, mais uma vez, vejo que por trás de toda a sua fisionomia de que *não me apaixono* ou de *que sou mais eu*, passou por algo que a machucou muito.

— Eu sei onde estou pisando, Eri. Só que cansei de ficar me esquivando dele. Foram dois anos tentando fugir — argumento, olhando em seus olhos. — Sei que quer o meu bem, mas, no fundo, sinto que estou fazendo o certo.

— Você está certa, Larita. Não aguentava mais essa coisa de vocês dois. Estava já para pegar vocês dois e colocar dentro de um quarto para ver se resolviam logo. — Ísis faz gestos com as mãos, demonstrando como nos pegaria e ri para quebrar esse clima tenso.

Só ela mesmo para fazer isso. Rio do seu jeito. Todavia, algo me chama atenção.

— Como assim, Ísis, nós dois? Que eu saiba você só sabia de mim! — questiono já desconfiando, pois sei muito bem onde ela sabe do Kléber. Isso cheira a Gustavo!

— Ah, faça-me o favor, Lari. Só você que não via o jeito dele quando estava perto de você. — Fica nervosa com a minha fala e desconversa. Prefiro não falar mais nada. Mas sei que minhas amigas estão me escondendo algumas coisas e vou descobrir. *Ah, se vou!*

— Percebia. Mas como sempre falei antes, só me queria em sua cama. Mas depois do que aconteceu, tenho a certeza de que não — me defendendo.

— Meninas, o papo está muito bom. Mas preciso ir, minha mãe precisa de mim agora — Érica diz, se levantando da cama. Percebi em que certos momentos ela ficou aérea ao que falamos.

— Vai não, Eri. O que tua mãe tem? — Ísis não segura sua língua na boca.

— O de sempre, Ísis. — As duas conversam trocando olhares.

Isso já está passando dos limites. Está acontecendo algo e elas não querem me falar.

— Dá para as duas pararem com esse segredo e me falarem o que está acontecendo? — Olho de uma para a outra novamente, esperando alguma resposta.

— Não é nada, Lárissa! É impressão sua. — Ísis não me olha quando responde. Agora sei mesmo que estão mentindo.

— Jura? Pois para mim não parece. Vamos, desembuchem logo. —

Semicerro os olhos e cruzo os braços.

— Lari... — Ísis tenta argumentar, mas interrompo sua fala.

— Lari uma ova. Ou fala você ou a Érica.

Nesse meio tempo a Érica permanece calada.

— Érica, fala você ou eu? — Ísis tenta pedir ajuda, contudo, é deixada de lado.

— Já começou, agora termina. Só que eu não vou estar aqui, tchau para vocês! — Érica pega sua bolsa em cima da poltrona e vai saindo do quarto.

— Érica, não vai — falo para ela. Mas já é tarde, ela sai batendo a porta do meu quarto.

— Deixa ela, Lari. Quando for a hora certa, ela fala. — Ísis deixa as mãos caírem ao lado corpo, em derrota.

— E você não vai falar, né? — questiono, já sabendo a resposta.

— Claro que não. Essa história não é minha para ser contada! — Ela passa a mão no rosto, cansada.

— Desisto, o que faço com vocês? — Jogo-me na cama e solto uma lufada de ar.

— Nada, Lari. Apenas nos ame.

Rio da sua resposta e voltamos a conversar sobre outras coisas. Pouco tempo depois, ela se despede e vai embora. Eu volto para o meu quarto. O meu pai nem deu sinal de vida. A Meg já se recolheu, agora estou sozinha dentro dessa casa. Uma ideia passa pela minha cabeça: está na hora de eu sair de casa e morar sozinha ou quem sabe com a Ísis! Preciso amadurecer essa ideia. Resolvo então mandar mensagens para minha mãe.

Mãe, por que me deixou sozinha?

Preciso da senhora aqui!

Mãe: Filha, precisei voltar.

Peço desculpas.

Mas o que farei?

O papai não está em casa e não sei onde está!

Mãe: Você saberá. Sempre foi inteligente em tudo.

Em relação ao seu pai, tente entendê-lo.

Juro que não entendo isso tudo que aconteceu!

Mãe: Filha, tenha a mente aberta!

Converse com o seu pai.

O que ela falou agora me fez lembrar da minha vó.

Mas, mãe, é difícil. Tentarei fazer isso.

Mãe, tomei uma decisão, sairei daqui e vou morar sozinha!

Mãe: Filha, não tome decisões de cabeça quente.

Depois falo mais sobre isso.

Agora vou dormir. Beijos.

Despeço-me dela e vou para o banheiro, faço minhas higiênes e volto para o quarto. Olho novamente para o celular e me dá uma vontade louca de mandar uma mensagem para o Kléber, mas me contenho. Então deito e um sorriso bobo brota em meus lábios quando penso nesses dois dias que passei com ele e, com esses pensamentos, adormeço.

Acordo assustada com o barulho de vidro sendo quebrado. Levanto, pego o meu roupão e saio do quarto. Ando pelo corredor na parte de cima da casa, passo pelos quartos e nada do barulho ser aqui em cima. Cada vez que me aproximo mais da escada, o barulho de vidro sendo quebrado e risadas vai aumentando. Desço as escadas e a cena que vejo me enoja. O meu pai está nu, sentado no sofá enquanto duas mulheres extremamente bêbadas e nuas se esfregam nele. Se eu tinha dúvida em querer sair de casa, agora não tenho mais.

— Mas que bonito isso hein, pai? Que pouca vergonha — digo, me aproximando deles.

— Elas são lindas, né, filha?

Uma raiva se apossa de mim. Saio pegando todas as coisas das mulheres que estão com ele e começo a jogar porta a fora.

— Ei, vocês duas, já para fora da minha casa. Agora! — As duas olham para mim espantadas e saem correndo.

— Ei, suas vadias, voltem aqui e façam o serviço de vocês — meu pai grita com a fala enrolada e depois gargalha.

— Cala a porra da boca, pai. — Rosno, já sem paciência.

Ele resmunga mais alguma coisa e deita novamente, nesse momento a Meg aparece na sala.

— Menina, o que aconteceu aqui? — indaga, espantada com a cena.

— Meg, o de sempre — respondo, abrindo os braços em derrota.

— Ai, meu Deus, ele está sangrando — ela aponta para o sangue.

— Não é nada de mais, Meg. E só um corte superficial no pé, devido aos cacos de vidros no chão.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros.

— Ok. Meg, chama o segurança Paulo para me ajudar a levar ele para o quarto.

Depois de ter cuidado do meu pai. Volto para o meu quarto, o meu corpo está muito agitado para voltar a dormir. Ando de um lado para o outro.

Como que minha vida pôde virar de cabeça para baixo de uma hora para outra?

O que me irrita é esse jeito deles de nunca se importarem comigo, o que eu precisava ou que estava sentindo, se não fosse a minha vó, teria vivido a base de babás. Uma vive pelo mundo, e o outro, para a empresa. E agora essa palhaçada de nem respeitar a própria casa tem mais. Vó Natalícia tentou suprir a falta deles, mas sempre senti falta da presença deles como pai e mãe.

Porra, ainda tem a questão dessa minha "mãe" que não sei quem é! Isso me frustra. Se minha avó estivesse aqui, seria mais fácil, mas ela não está.

Vou para o meu closet, pego uma mochila e coloco umas peças de roupas dentro, visto uma roupa qualquer e saio de casa. Ficar aqui pensando não irá me ajudar muito. E para onde vou? Não sei. Só sei que ficar nessa casa de merda me deixará louca.

Está muito frio e já é madrugada. Não peguei meu carro, andar me ajudará a colocar as ideias no lugar. Não sei por quanto tempo andei, só me dou conta quando estou em frente à casa do Kléber.

Não sei se foi instinto ou se foi o meu subconsciente querendo estar com ele. Passo pelo porteiro e, como me viu no dia anterior, me permite subir. Toco a campainha. Acho que não foi uma boa ideia, é madrugada e ele

deve estar dormindo.

Lógico que está dormindo, Lárissa! Você pensa que ele está fazendo o que agora?

Estou já desistindo quando a porta abre e ele aparece todo lindo, só de cueca preta.

Abrir a porta nesses trajes é pecado! Recomponho-me e resolvo falar:

— Oi.

— Ei, Diabinha, vem cá.

Só quando estou em seus braços é que percebo que estava chorando. Não me resta mais dúvidas, o meu coração, corpo e alma só desejam uma coisa, e essa coisa tem nome e sobrenome: ***Kléber Galvão.***



Capítulo 15



Kléber

Como é bom tê-la em meus braços. Nunca imaginei que sentiria isso um dia. Antes de tê-la, imaginava que era só atração física que sentia. Todavia, ela em meus braços é a melhor sensação do mundo. A conduzo direto para o meu quarto. O seu corpo todo treme devido ao frio que está lá fora e aos seus soluços de choro. Faço carinho em sua cabeça e passo a mão em suas costas para tentar acalmá-la.

— Ei, pequena, fica calma. Estou aqui.

Ela não fala nada, só balança a cabeça.

Resolvo preparar um banho quente.

Deito-a na cama, vou até o banheiro encher a banheira e aproveito para colocar vários sais de banhos. Nunca usei esses trechos. Porém, segundo a minha mãe, quando eu tivesse uma mulher em casa, com certeza os usaria. *Minha mãe e suas ideias malucas de me casar.* Rio desse pensamento, pois ela tem razão e chegou o dia de usar. Um desses sais é de camomila e ajuda a

relaxar. Só em pensar na minha Diabinha nua só para mim, o meu amigão já acorda para o jogo, entretanto, tenho que espantar esses pensamentos. *Ela precisa de mim, deve ter acontecido algo, ou melhor, Kléber, ela perdeu a avó. Precisa de motivo maior que esse? Não precisa falar assim comigo consciência, sei que ela perdeu. Mas não parece que sabe!*

Argh, paro com minha briga interna e vou pegá-la. Assim que chego perto da cama, percebo que ela está quase dormindo.

— Sei que está cansada, pequena, mas vamos tomar um banho e depois voltar a dormir. — Ela abre os olhos e um aperto surge em meu coração. Por ver seus olhos vermelhos de tanto chorar. Quero tirar essa dor dela.

Assim que adentramos ao banheiro, vejo que a banheira já está cheia, desligo a torneira e volto-me para ela. Vejo que está com o olhar perdido e que abraça o próprio corpo.

Depois de tirar toda a sua roupa, ela entra na banheira e fica sentada no meio dela, ao mesmo tempo que abraça suas pernas. Tiro minha cueca e entro atrás, a puxo para os meus braços e fico beijando o seu pescoço. Pego a bucha, espalho sabonete líquido e começo a passar por suas costas. Faço uma nota mental que preciso providenciar os seus produtos para ficarem aqui.

Ela não pronuncia uma palavra. Mas sei que estou fazendo bem, vejo os seus ombros relaxarem um pouco. Fico pensando em todas outras coisas que não seja estar dentro dela. *Kléber Oliveira, pense com a cabeça de cima*. Pense em criancinhas correndo no parque. Ou melhor, pense no dia em que você pulou de paraquedas. E isso irá ajudar. Penso com os meus botões.

— Kléber, faça amor comigo essa noite?

O que sai de sua boca me desarma por completo, ou melhor, me arma

igual a uma barraca de praia. Ela se volta para mim e olha dentro dos meus olhos e nos seus eu vejo que ela realmente precisa disso.

— Vem cá, minha Diabinha. Eu não farei amor com você somente essa noite, mas sim em todas as outras noites das nossas vidas. — Pronuncio essas palavras e ela abre o melhor sorriso que já vi em toda a minha existência. Só ela consegue dar, mesmo sofrendo consegue transmitir a sua simplicidade, leveza e amor.

Ela enlaça suas pernas ao redor da minha cintura e entrelaça os braços no meu pescoço. Posso sentir o seu coração, ele bate tão rápido quanto o meu, uma sincronia perfeita. Os nossos lábios se encontram como se eu e ela procurássemos um no outro a água para saciar a sede.

As nossas línguas se duelam em uma luta maravilhosa. Peço passagem e ela me dá ao mesmo tempo que sua língua explora a minha boca. O meu pau já cutuca a sua entrada, não quero ir rápido, o meu desejo por ela está enorme. Acho que não irei aguentar por muito tempo.

— Minha Diabinha, não irei aguentar por muito tempo. Preciso entrar em você! — falo entre um beijo e outro.

— Então vem, meu Grandão. Me preenche toda. Me faz sua mais uma vez.

Em segundos, a penetro e sinto o seu corpo enrijecer um pouco. Não pensei muito e acho que fui um pouco forte, sou um pouco grande e grosso. Beijo o seu rosto e faço carinho em seus cabelos, esperando que ela se acostume.

— Te machuquei?

— Não, Grandão. Só me ama logo. — Sua voz está carregada de luxúria.

— Você que manda, minha Diabinha!

Levanto com ela enlaçada na minha cintura e a levo para minha cama. Quero-a inteira para mim como se não houvesse o amanhã. Irei venerá-la como minha deusa. Deito-a no meio da cama e começo a distribuir beijos em seu pescoço, sinto sua pele se arrepiar com o meu toque. Suas mãos vão parar nos meus cabelos ao mesmo tempo em que ela roça a sua bocetinha já encharcada na minha perna que está no meio das suas. Empurro mais ao encontro dela, o gemido que sai do fundo da sua garganta me deixa com mais tesão.

Para não nos torturamos muito, a penetro, mas dessa vez vou colocando bem devagar. Cada centímetro que entro procuro pelos seus olhos. Só que ela está de olhos fechados e mordendo o lábio inferior.

Ah, Diabinha, não faz isso que me deixa com mais tesão em você.

— Diabinha, abra os olhos e veja o quanto eu te venero e o quanto você é importante para mim!

Não preciso que ela diga nada. O seu olhar já diz tudo o que sinto por ela. A sua alma é o espelho da minha. Nunca acreditei quando diziam que quando encontrássemos a nossa alma gêmea, tudo se encaixaria. Essas baboseiras nunca fizeram sentido em minha vida. Mas não temos manual ou bola de cristal. Tudo está ficando perfeito e é magnífico quando estou com ela. Antes parecia tudo cinza, hoje é mais colorido.

Começo com movimentos lentos, sua boceta me aperta a cada enterrada que dou, e isso está me levando à loucura.

— Diabinha, se continuar assim, irei gozar antes do que desejo.

Mal termino de falar e ela me puxa pelo pescoço em sua direção para um beijo avassalador. Novamente suas pernas enlaçam minha cintura e

empurra o quadril de encontro ao meu querendo mais.

— Vamos, Kléber, quero mais. Me dá tudo de você.

Caralho, que mulher é essa?

E atendo ao seu pedido, me enterrando cada vez mais fundo dentro dela.

Caímos exaustos na cama, puxo-a para os meus braços e fico fazendo carinho em seus cabelos até sentir a sua respiração ficar calma e nós dois cairmos em um sono tranquilo e profundo.

Acordo com os seus cabelos espalhados pelo meu peito e suas mãos ao redor da minha cintura. Quando olho mais para baixo, sua perna está em cima do meu amigão que já está pronto para a batalha. Mas não quero me aproveitar da minha diabinha, sei que ficamos até altas horas ontem matando a nossa saudade. Olho para o relógio e vejo que ainda falta poucas horas para o sol dar o ar da graça.

Levanto-me fazendo todo esforço possível para não acordá-la.

Quando volto do banheiro, olho para a cama e vejo que ela está abraçada ao meu travesseiro, com certeza sentiu minha falta e está sentindo o meu cheiro. *Mas como você é convencido, Kléber. Sabe se ela está pensando em você ou se está sonhando com outra pessoa? Tenho certeza que, em seus pensamentos, só existe eu,* balanço a cabeça rindo.

Nem com a ida ao banheiro o meu amigão baixou. O fato é, quando ela está por perto tenho sérios problemas com ele. Só quer saber de estar enterrado nela. Sei que soa muito homem das cavernas, entretanto, não tenho o que fazer. O seu corpo está parcialmente coberto pelo lençol, deixando suas belas pernas torneadas à mostra e suas costas.

Subo na cama e começo beijando seu tornozelo, passando pela

panturrilha e quando chego em sua bunda, minha ereção lateja em antecipação, mas me contenho. Quero fazê-la gozar em minha boca.

Puxo o lençol de cima dela e começo a distribuir beijos em seus ombros, passando por sua nuca e dou uma leve mordida em seu ombro, isso faz com que ela solte um gemido rouco, mas não abre os olhos.

— Está acordada, minha Diabinha — falo e dou um belo tapa em sua bunda redondinha, fazendo-a arquear suas costas.

Dou mais dois beijos em suas costas e a viro de frente para mim. Olho em seus olhos que estão me fitando curiosos e com um sorriso lindo. Quero registrar isso para sempre em minha mente.

Antes de fazer o que pretendo, vou até a cabeceira da cama, ligo o meu celular no suporte de som e coloco uma música para completar esse momento perfeito. Apesar de que estar com ela em qualquer lugar é perfeito. *Ela é perfeita. John Legend* começa a cantar *All Of Me* e, mais uma vez, através da música mostro a ela o que estou sentindo.

Ela sorri novamente entendendo a tradução e coloca as mãos no rosto, ruborizada.

— Ei, olha para mim. — Puxo suas mãos do rosto.

— Não. — Volta a colocar as mãos e ri.

— Então me fala que vergonha repentina é essa? — indago, curioso.

— Não.

— Não vai falar, é? Então se prepara, porque enquanto você não falar, não a deixarei gozar — aviso, já me abaixando.

— Você não ousaria fazer isso, Kléber Gal...

Antes da última parte da frase sair da sua boca, em um movimento

rápido, abro suas pernas e abocanho sua bocetinha já totalmente encharcada. Suas mãos agarram meus cabelos puxando para mais perto. Ela tem o gosto maravilhoso, sugo como se fosse a primeira vez. Sempre será assim com ela, nunca me fartarei disso.

— Oh, Se... nhor, isso é muuuito bom. Puuuu.... ta que... Caralho, Kléber — diz coisas incoerentes e sorrio com o efeito que estou causando.

— Isso minha, Diabinha, vai me falar o porquê de estar com vergonha? — Paro de chupá-la e olho para ela.

— Kléber Galvão, para já com essa palhaçada e me faça gozar logo. Isso é tortura — fala entre os dentes e eu apenas me divirto.

— Eu sei que é. E eu te avisei.

— Eu não lembro mais o que estava pensando, ou melhor, depois do que você acabou de fazer. Eu nem lembro o que comi ontem. Agora desce logo essa boca gostosa e me faz gozar gostoso.

E realmente faço o que ela me pediu. Não tenho como argumentar, pois, a minha vontade é a mesma que a dela.

Depois de fazermos amor matinal, nos arrumamos e, como não dava mais tempo de tomar café em casa, decidimos passar na Starbucks na esquina da minha casa. É o que vamos ter para o momento.

Antes de sairmos, foi uma luta quando o Marley a viu. Ele pulava de alegria em cima dela, lambia todo o seu rosto. Só ficou quieto quando ela foi com ele até a área aonde estão as suas coisas para ele comer. Estou vendo que tenho um concorrente. Mas com esse posso ficar tranquilo.

Depois do episódio com o Marley, saímos para o laboratório. Decidi não questionar o que ela estava fazendo na rua pela madrugada. Por ora, a deixarei à vontade.

Conversamos amenidades o caminho inteiro até o trabalho. Porém, sinto que ela está um pouco tensa, pego em sua mão e faço um carinho.

— Ei, pequena, qual é a preocupação? — pergunto, olhando em seus olhos. — Qual o seu medo?

— Só que é meio estranho chegarmos juntos. Não acha? — questiona com a sobrancelha direita levantada.

— Não acho.

Estaciono o carro e ficamos calados por alguns segundos, até ela quebrar o silêncio.

— Kléber, como não? Você é o meu chefe, e tem a regra de que não pode haver envolvimento entre os funcionários — explica, exasperada.

Não tiro sua razão.

Droga!

— Eu sei dessa bendita regra. E fique tranquila, ela não existirá mais. — Solto sua mão e bagunço o meu cabelo, sem paciência comigo mesmo.

— Não quero que mude as coisas por minha causa — sussurra em resposta. Agora sei qual o seu medo.

— Estou mudando por nós, pequena. — Seguro novamente sua mão e no mesmo instante ela se vira para mim e abre o sorriso mais lindo que já vi.

Pelos corredores do Laboratório todos olham curiosos para nós. Qual o motivo? Estamos de mãos dadas e com o sorriso mais idiota do mundo no rosto.

Chegamos à nossa sala e todos já estão trabalhando a todo vapor.

— Bom dia, pessoal! — Cumprimento.

Todo mundo para o que estava fazendo e olha diretamente para as nossas mãos unidas. As meninas vibram com o que veem, o Gustavo faz um leve maneio de cabeça para mim aprovando a minha atitude. Agora o que me deixa com uma pulga atrás da orelha é o Bruno.

Ele nos olha e posso ver os seus punhos se fechando, a Lárissa não percebe porque as meninas estão em cima dela falando que nem loucas. Ele, por sua vez, sai da sala abruptamente e vai sabe-se lá Deus para onde. Gustavo balança a cabeça confirmando o que tínhamos conversado há dias atrás.

Esse será um concorrente em peso. Dai-me paciência. Porque se eu sonhar que ele chegou perto dela, ou cogitar a ideia, eu arrebento a cara dele.



Capítulo 16



Lárisa

Depois de um começo de noite turbulenta e uma madrugada maravilhosa, sinto que de agora em diante posso enfrentar qualquer coisa que vier.

O Kléber mostrou mais uma vez o quanto sou importante para ele. Vou deixar passar mais alguns dias e procurar por minha verdadeira mãe. Quero saber qual foi o motivo de não ficar comigo.

— Ei, Larita, acorda, terra chamando — Ísis quase grita no meu ouvido.

— Ei, não sou surda, Ísis. Só estou trabalhando concentrada aqui. Posso? — mostro para ela o que estou fazendo e olho por cima dos óculos protetores.

— Não. Enquanto você não falar o que aconteceu para chegar aqui de mãos dadas com o nosso chefe gostosão. — Ela cruza os braços e sorri de lado.

Não respondo e olho para ela com o olhar questionador de *que história é essa de nosso chefe gostoso?*

— Vamos parar de ciúmes besta porque sempre falei assim dele. Agora fala logo, Lari.

Dou-me por vencida e conto o aconteceu com o meu pai até eu chegar à casa do Kléber.

— Ai que fofo, Larita! — Ísis exclama toda derretida. Falando assim, nem parece a mulher que é avessa a relacionamentos.

Érica continua fazendo suas coisas, sem prestar atenção em nós. Até que diz:

— Isso está indo muito rápido, Lárissa! Acho que deveria focar na sua carreira e se dedicar somente a você.

Porém, como ela está ácida ultimamente, solta sem pensar. Eu acho!

Olho para ela, incrédula com suas palavras.

— Érica, para de ser chata e fica feliz pela Lari — Ísis retruca antes de eu falar.

— Me desculpa, meninas. Mas não consigo ver isso se repetindo mais uma vez. — Não falo nada com sua resposta. Continua seca e direta. Algo ou alguém a fez sofrer muito. Não posso deixar de julgar, no seu lugar faria o mesmo.

— Como assim, Eri? Que história é essa? — pergunto, perplexa. Olho em sua direção que nem ao menos nos olha.

— Nada, meninas. Me desculpem mais uma vez. — Pronuncia essas últimas palavras e sai da sala. A Ísis tenta ir atrás, mas a impeço, pois, a nossa amiga precisa de espaço e tempo. Na hora certa, ela irá se abrir. *Assim*

espero.

— Ísis, deixa ela um pouco. Na hora certa estaremos aqui para conversar — digo, segurando o braço dela e olhando para onde a Eri foi.

— Lari, só você que tem essa paciência. Porque não é de hoje que a Érica está estranha. Desde aquele dia no hospital...

Quando ela toca no assunto hospital, olha para mim assustada com medo por ter tocado no assunto da minha vó. Sinto um aperto em meu coração, mas trato logo de dissipá-lo.

— Amiga, tudo bem. No dia em que ela viu o Dr. Guilherme. É, eu percebi também o clima que ficou. — Bato em seu ombro de leve e volto para o meu lugar.

— Então, Larita, mudando de assunto. Sei que está tudo muito recente. Mas ouvi os meninos comentando de uma nova boate que abriu no centro.

Só a Ísis para mudar assim de assunto rapidamente.

— Hum — limito-me a responder porque eu sei aonde essa conversa vai.

Já viram uma criança quando está louca para ir ao parque de diversões? Então, essa é a Ísis quando está louca por uma balada. Eu e a Érica sempre fomos as mais centradas que gostam de ficar em casa, curtindo a doce e a mais bela harmonia da solidão.

— Você só vai falar isso? Hum!

— E você quer que eu diga o quê? — Faço-me de desentendida, só para irritá-la mais.

— Quero que diga que está super, megaempolgada para ir.

— Ísis, amore. Você sabe que não estou com cabeça para sair.

— Por favor, amiga. Nunca te pedi nada. Vamos.

Olho para a cara de cachorra que caiu da mudança e não seguro o meu sorriso. Depois desses dias, os meus amigos e o Kléber estão me fazendo um baita bem.

— Tudo bem, sua safada. Agora me conta que tanto interesse é esse em ir?

Depois de me convencer a ir a essa tal boate, voltamos ao que estávamos fazendo.

Vocês acham que ela me falou o motivo? Nem com juramento de morte!

Todo o momento em que fiquei com as meninas não vi o Kléber e nem os outros rapazes, só os vi quando cheguei. Sinto que estou sendo observada e quando olho, vejo o Bruno olhando fixamente para mim. Fico intrigada com isso. As meninas sempre me falaram que ele tem uma quedinha por mim, mas nunca parei para reparar, pois estava muito ocupada tentando esquecer o Kléber.

Ando até ele para conversar.

— Oi, Bruno, tudo bem? — indago e entrego para ele um tubo de ensaio.

— Tudo. Você, nem preciso perguntar. Pelo que vi, está namorando o nosso chefe. E aquele discurso que sempre fez de não cair na conversa dele? — Olho para ele estupefata. Pois nunca comentei nada com ele, ou melhor, não sei por que estou aqui conversando, somos apenas colegas de profissão. Mas espere um minuto, será que as meninas falaram alguma coisa? Eu vou matar as duas. — Não precisa ficar com essa cara. As meninas não me

falaram nada, só escutei uma vez sem querer o papo de vocês. Só saiba de uma coisa, Lárissa, eu gosto de você. E quando o nosso chefe cometer uma mancada, porque eu sei que ele vai, eu estarei aqui, nunca escondi de ninguém que gosto de você.

— Bruno, desculpa. Mas não sei o que falar!

Essa foi a minha única reação diante da sua declaração. Estou chocada, o que elas falaram não é somente a verdade, é muito mais do que eu poderia imaginar. Mas agora só penso em uma pessoa. Se o Kléber souber que Bruno está falando essas coisas, não vai gostar nada. Apesar de que ele não precisa ficar com ciúmes de nada, estamos começando agora e não vejo motivos para isso.

Sabe aquele papo de que pensamento tem força? Pois é, é o que acontece. O Kléber brota do chão.

O meu único pensamento é: *fodeu!*

— Tudo bem por aqui? — Sinto os pelos da minha nuca pinicarem.

A voz dele percorre por todo meu corpo, não preciso me virar para ele e constatar que seus olhos estão cravados no Bruno. Fecho os olhos e respiro fundo para o que está por vir. Quando abro, vejo que o Bruno não baixa a cabeça e estufa o peito parecendo um *pombo*. Aposto que o Kléber está fazendo a mesma coisa.

— Está tudo ótimo por aqui, Kléber. Precisa de alguma coisa? Como já recebemos os resultados da pesquisa, não precisamos nos apressar para concluí-la. Agora só faltam uns últimos testes...

— Eu sei de tudo isso! — Ferrou. A voz do Kléber está carregada de sarcasmo e raiva.

Eu não falei? Homens e suas competições de mijadas. Argh, como eu

odeio isso!

Viro-me para ele, dou o meu melhor sorriso e resolvo que a melhor coisa a fazer é tirá-lo daqui. Mas por dentro estou já fervendo de raiva.

— Kléber, será que podemos conversar? — Seu rosto que até então estava voltado para o Bruno, com a minha pergunta repentina, volta-se para mim. Ele olha dentro dos meus olhos e franze a testa, não compreendendo o que estou falando.

Ainda se faz de doido. Dai-me paciência.

— Oi?

Esses homens quando ficam com raiva, se tornam cegos e surdos.

— Estou te chamando para conversar. Podemos?

Ele compreende o que eu falo balançando a cabeça como se estivesse espantando os pensamentos e responde:

— Claro. Vamos até a minha sala — fala e sai andando sem olhar para trás.

— Não, eu prefiro na lanchonete.

Minhas palavras o fazem voltar o caminho que estava percorrendo.

— Mas eu quero que seja na minha sala.

Chego mais perto dele para ninguém ouvir o que tenho a dizer.

— Kléber, não complica as coisas, por favor! Você sabe muito bem a minha relutância nisso.

Suas narinas se dilatam e seu maxilar trava mediante às minhas palavras. Ele fecha os punhos tentando controlar não sei o quê. Mas prefiro não saber!

Gente, mas que homem teimoso. Aí que minha raiva só aumenta. Para que tudo isso?

Ele não fala nada, só virá as costas para mim e segue para fora da sala. Olho para as meninas que até o momento estavam entretidas em seus afazeres e agora nos olham sem entender nada. Faço gestos que depois conversamos e sigo atrás do senhor mais rápido! Argh.

Peço um mocaccino com canela e um pão de queijo, e volto para a mesa. Quando sento, já pergunto que cena foi aquela.

— O que foi aquilo, Kléber? Posso saber?

— Ele te quer, e isso eu não permito. Você é minha. — Ele tenta controlar a raiva cerrando os punhos. Isso não me afeta.

— Ei, vamos parar um pouco e respirar, tá! Eu não sou propriedade de ninguém. Fique sabendo que estávamos só conversando sobre o trabalho. — Tento amenizar sem aumentar as proporções das coisas.

— Não foi isso que vi nos olhos dele, Lárissa. Eu sei que não é minha propriedade. Mas é minha namorada. — Kléber para de bufar e passa as mãos nervosamente pelos cabelos, bagunçando-os mais ainda e olha intensamente nos meus olhos.

Namorada? Por mais que isso mexa com algo dentro de mim, não muda o fato de estarmos no trabalho e ainda estou com raiva dele.

— Kléber, qual é a parte que você não entendeu que estamos no nosso local de trabalho? Por isso que não queria isso muito rápido.

Não me deixo abater. Por isso tento mais uma vez pensar com a razão.

— Vou ignorar esse seu comentário. Mas, cacete, Diabinha, entenda o meu lado. Eu fico louco quando vejo algum marmanjo perto de você! — Ele

soa tão sexy falando assim.

Foco, Lárissa.

— Então tenta controlar esse seu ciúme besta, não é nada disso que está pensando.

— Não estou pensando. Eu vejo o jeito que ele olha para você — acusa e solto uma lufada de ar pelo nariz.

— Desisto de falar com você sobre isso. Já vou logo avisando que se for assim todo dia, acho que não dará certo! — Proferir essas palavras doem até em mim. Eu que pensei que o que sentia por ele era somente uma paixãoite. Ledo engano. Mas já falei e não tem volta.

Vejo seus olhos quase saírem do seu rosto. Parecendo aqueles desenhos animados.

— Você não está nem louca de dizer isso. Já te falei que não a deixarei nunca mais. — Remexe na cadeira, incomodado e pega em minhas mãos que estão sobre a mesa.

— Então pare com essa palhaçada. Não gosto de me sentir presa ou propriedade de ninguém — afirmo.

— Ok, você venceu. Agora me deixa te beijar. — Tenta vir para o meu lado, mas não deixo.

— Kléber, aqui não. Já falei que estamos no nosso trabalho.

— Por isso que eu queria que fôssemos pra minha sala.

— Lá também não seria diferente. Comporte-se, senhor Kléber. — Empurro ele e aponto o dedo em sua direção.

— Ah, minha Diabinha, você me paga mais tarde. — Olha para os lados para ver se não tem ninguém nos observando e sorri.

— Que mais tarde? — pergunto, confusa.

— Você, eu e minha cama, tudo ficará mais que perfeito.

Termino o meu lanche e chego bem perto do seu rosto, quase encostando.

— Juro que não quero ser estraga prazeres, mas hoje não irá rolar. A proposta é bem tentadora.

Por mais que esteja morrendo de vontade ir para sua casa novamente, tenho que pensar no que irei fazer para arrumar a minha vida. E ainda tem o fato de estar com um pouquinho de raiva dele por causa do episódio com o Bruno.

— Você está de sacanagem? O que eu faço para você mudar de ideia — fala e ergue as mãos para pegar o meu rosto, só que sou mais rápida e me esquivo.

— Nada. Apenas pense um pouquinho essa noite sobre hoje. — Levanto da cadeira e tomo o ultimo gole do mocaccino.

— Você não vai aliviar a minha barra mesmo. — Faz o mesmo que eu e coloca as mãos no bolso do jaleco.

— E quem disse que seria fácil, Sr. Kléber Galvão? — provoco e pisco o olho para ele.

Essa não foi uma pergunta. Fico de postura reta e saio da lanchonete o deixando de cara amarrada.

Ah, Kléber, você está tão enganado comigo ao pensar que sou igual às mulheres que costuma sair.

O resto do dia transcorreu como esperado. Finalizamos os resultados da pesquisa sobre uma vacina que há muito tempo estava sendo estudada e

graças a Deus tivemos resultados positivos.

Depois da nossa conversa, o Kléber passou por nós e se trancou em sua sala. Foi melhor assim, ele tinha muito o que pensar.

Falei com a Ísis sobre a minha decisão de morar sozinha, que estava na hora de sair da casa dos meus pais. Pensando assim, nem sei mais se coloco os pés naquela casa. Mas ainda tenho minhas coisas lá e preciso decidir para onde vou.

E, para minha grande surpresa, Ísis disse que eu poderia ficar com ela em seu apartamento. Fiquei receosa, só que ela logo tratou de me ameaçar dizendo que não falaria mais comigo, coisa que eu acho impossível ela fazer. Mas você já percebeu que quando se trata da Ísis Guimarães, não tem como argumentar.

Arrumo minhas coisas e resolvo dar por encerrado o dia de trabalho. Estou quase saindo da sala com as meninas quando uma voz grossa me faz parar e olhar para trás. Tudo dentro de mim se abala e um frio se instala na minha barriga. *Será sempre assim quando escutar sua voz?*

— Lárissa, preciso dar uma palavrinha com você. — Kléber está parado com as mãos no bolso do jaleco, me olhando sério.

— Kléber, irei com as meninas para casa. Mais tarde conversamos. — Minhas palavras saem da minha boca em função da minha razão, porém, o meu coração e corpo só pensam em outra coisa. *Malditos traidores*. Não posso fazer nada. Os nossos corpos parecem imãs. Quando estou em sua frente posso sentir que sua ansiedade para me tocar está igual à minha. — Pronto estou aqui.

— Aqui não. Na minha sala, estou a ponto de te beijar e te agarrar aqui. E você sabe muito bem que não podemos, não por mim — ele fala

baixo para que somente eu escute. Mas eu duvido que as meninas estejam ainda aqui. Conhecendo-as do jeito que conheço.

Só viro para constatar o provável, as *bichas traidoras* foram embora.



Capítulo 17



Lárisa

Quando me volto para ele, o seu rosto estampa o sorriso mais safado que tem, aquele que faria qualquer mulher arrancar a calcinha e jogar para ele.

Ah, filho de uma mãe gostoso.

Pressiono minhas pernas uma na outra para conter a minha excitação que chega a latejar.

— Então vamos, Sr. Kléber.

Passo na sua frente e faço questão de rebolar. Estou de calça jeans bem colada ao corpo e uma blusinha de botão que fecha na frente não dando margem para imaginação.

Assim que passamos pela porta da sua sala, sou prensada na primeira parede. Suas mãos agarram minha cintura e sua boca me toma em um beijo que me acende por inteira, se já estava com a calcinha molhada, agora então, se desintegrou. Agarro os seus cabelos e o puxo para mais perto. A urgência

que estamos um do outro é palpável e se vê de longe. Ele quebra o beijo e se fosse para eu viver somente à base de seus beijos, eu viveria sem reclamar de nada.

— Eu preciso te sentir, Diabinha, e tem que ser agora.

— Eu também.

— Venha cá, minha namorada. — Novamente as benditas borboletas se mexem no meu estômago quando ele fala isso.

Sou puxada até a sua mesa e ele derruba tudo o que tem em cima dela, me colocando deitada sobre ela.

Suas mãos ágeis em segundos tiram minha calça e calcinha ao mesmo tempo. *Adoro essa sua pressa.* Os botões da minha blusa nem sei onde vão parar, também não me interessa.

A sua boca, que antes estava me devorando, agora desce pelo pescoço indo ao encontro dos meus seios. Ele passa a língua no bico já intumescido enquanto a sua outra mão aperta de leve o outro bico, arqueio as minhas costas com a sensação de dor e prazer ao mesmo tempo. Isso faz com que a minha excitação triplique.

— Que delícia, Diabinha — diz com o bico em sua boca. Sinto os seus dedos passarem pelo meu corpo bem devagar causando arrepios por onde passam. Um gemido reverbera em minha garganta. Não tenho palavras, quanto mais argumentos contra isso. — Não irei aguentar muito. Então serei rápido, duro e forte.

Só dá tempo de senti-lo esfregando a cabeça do seu pau no meu clitóris e depois escorregando em minha fenda já muito molhada.

Fecho minhas pernas em sua cintura e o trago para mais perto. Eu quero mais, sempre mais.

Sempre que estamos conectados não conseguimos parar, parecemos fogo e gasolina. Uma explosão de sentimentos.

O meu corpo chega a tremer de tanta excitação. Nunca senti isso com outro homem e olha que já saí com vários, mas nenhum me fez sentir tão viva assim.

Suas estocadas estão um pouco fortes, sinto suas bolas baterem no meu traseiro.

Amo forte e duro.

Sinto o seu polegar em meu clitóris pressionando, isso será o meu fim, estou quase lá. As paredes do meu interior se contraem para minha liberação.

— Grandão, euuuu... aiii, euuuu... gooooozaaar. — Não sei mais o que falar. Só sei que quero gozar alucinadamente em seu pau que está fazendo miséria comigo.

— Minha Diaba quer gozar? Esse será o seu castigo por falar com aquele bastardinho de merda — diz e para os movimentos.

Gemo em protesto. *Filho de uma mãe!*

Ele vai me pagar.

— Por favor! — Suplico.

— Minha Diabinha, você vai gozar. Mas vai ser na hora que eu quiser.

Já estou esgotada de tanto quase chegar lá e nada. *O filho da mãe sabe ser torturador.* Mas, se ele pensa que tenho culpa e por isso quer me punir, irá ver quem é a Diabinha dele.

Quando penso que finalmente vou gozar, ele sai totalmente de dentro

de mim e me pede para ficar com o tronco deitado na mesa e a bunda empinada para ele. Estou em uma névoa de luxúria que nem protesto.

O seu pau está tão duro e delicioso que estou desde o começo com vontade de chupá-lo, porém, o Kléber parece que está exorcizando algum espírito. E eu sei qual é e tem nome *Bruno*.

— Minha Diabinha, estou perto e quero que venha comigo.

Para abafar essa nossa aventura, Roupa Nova canta Um sonho a dois a plenos pulmões para completar esse momento e me deixar mais louca do que já estou.

E como na música fala, eu viro uma outra mulher quando estou ele.

Sua voz rouca em minha orelha faz meu tesão aumentar. Seu membro entra e sai da minha vagina totalmente encharcada e necessitada de liberação e gozo assim que ele profere suas palavras para que gozemos feitos loucos. Para mim foi o melhor orgasmo que senti. Em toda a minha vida sexual nunca cheguei a um orgasmo tão avassalador.

Estamos deitados no sofá da sua sala, o cheiro misturado dos nossos perfumes e sexo pairam no ar. Um sorriso brota em meus lábios em pensar que um dia eu repugnei tudo isso. Coisas estão acontecendo em minha vida que não sei explicar e com esses pensamentos adormeço com os seus carinhos.

Ele para o carro em frente ao apartamento do Ísis e respira fundo, como se estivesse travando uma batalha interna. Está assim por conta da nossa pequena discussão.

Fecho os meus olhos e encosto a cabeça no encosto do banco. Sinto-me dolorida pela nossa aventura de agora há pouco.

— Lárissa, me desculpa se fui um pouco rude com você.

Abro os olhos e viro para ele. Sei que falei que não gosto de me sentir presa pelo que ele fez. Entretanto, me senti tão bem quando me pegou de jeito. Porém, jamais falarei isso para ele. *Ele terá que aprender a segurar o seu ciúme.*

— Vou pensar em seu caso, Sr. Kléber — falo, séria. Porém, acabo rindo da sua cara.

— Pequena, eu fico louco quando vejo algum homem perto de você.
— Ele passa a mão em rosto fazendo carinho.

— Você tem que aprender a controlar esse seu ciúme.

— Eu nunca senti isso por ninguém. É tudo novo para mim, por favor, me entenda.

— Ok, vamos esquecer isso. Agora me deixa ir, senão as meninas vão ficar loucas.

— Você deveria ter ido para minha casa.

— Grandão, nem vou entrar no mérito da questão porque você já sabe qual é a minha resposta.

Despeço-me dele com a promessa de mandar mensagem para ele antes de dormir.

— Como assim, o nosso chefe lindo, gato, gostoso, tudo bom teve uma crise de ciúmes e eu não vi? — Ísis pergunta histérica.

— Novamente vou ignorar seu comentário. Você não viu porque estava trabalhando. Foi naquela hora em que saímos da sala e vocês estavam com a cara de espanto. — Lembro e ela concorda.

— E nem vem que você também não fica atrás no quesito ciúmes. Olha como você fica quando falo que ele é tudo de bom.

Belo ponto, reviro meus olhos por essa constatação.

— É bem diferente! — defendo-me.

— Jura? E se a tal da Verônica estiver agora mesmo conversando com ele, como se não fosse nada de mais? Você não ficaria com raiva — questiona já sabendo a resposta. Mostro minha língua para ela.

Só a menção do nome dessa *biscate* e o meu sangue já ferve.

— Pode parar, Ísis.

Levanto exasperada e vou para a janela. *Como um homem pode mexer tanto comigo desse jeito?*

— Calma, Larita! Ele não está com ninguém. Falei isso para que entenda o lado do Kléber. Ele sente a mesma coisa por você. Esse homem é louco por você.

— Mas, Ísis, isso...

— Não tem “*mas*”, Lari. Tudo acontece nessa vida na hora que tem que ser. Esse é o momento certo de vocês dois. Então, minha Larita, aproveita essa chance que Deus está te dando para ser feliz.

Olho para minha amiga e não falo mais nada. Como já falei, ela parece ser a louquinha do bando, porém, quando é para falar umas coisas estranhas ou bonitas como essa, ela incorpora.

— Ok, vamos parar de falar assim porque senão vou chorar e isso é a última coisa que quero fazer.

Depois da nossa conversa, ela me mostra o quarto onde vou ficar. Ele é bem aconchegante e está ótimo para mim.

Uma cama grande com criados-mudos e acima dela um suporte com livros, à frente uma poltrona e uma escrivaninha. Bem quarto de homem.

Olho para minha amiga/irmã e dou um sorriso sincero e a abraço.

— Obrigada, Ísis, por tudo! Não sei o que seria de mim sem você e a Eri.

— Simples, não seria nada. — Ela me solta e dá de ombros

— Besta, convencida. — Bato de leve em seu braço.

— Convencida nada, só falo a verdade. Agora vá tomar um banho para tirar esse cheiro de sexo e vamos jantar.

Caímos na gargalhada com o seu comentário. Minha amiga é sempre desbocada.

Enfim chegamos à tão sonhada sexta-feira, a Ísis passou a semana inteira falando de hoje que será incrível irmos a essa boate que abriu no centro de Santa Catarina.

Relutei bastante em ir. Mas quem disse que ela aceitou, então nem discuti mais e aceitei. Estamos tomando café antes de ir para o laboratório quando esse embate continua.

— Ísis, tudo bem, eu aceito ir. Mas já aviso que se eu não estiver gostando, eu volto para casa — aviso e tomo mais um gole do meu café preto sem açúcar.

— E você acha mesmo que o Kléber vai deixar você voltar aqui para a nossa casa? — Seu dedo em riste em minha direção e sua cabeça fazendo movimentos são hilários.

Nem respondo e só reviro os olhos. Pois esse é outro assunto que tem me tirado o juízo. O Kléber não entende que quero ter o meu lugar, mesmo que seja com a Ísis.

Ele ficou a semana inteira querendo que dormisse em sua casa. Na

quarta-feira quando estávamos saindo daqui, depois de mais uma rodada de sexo em seu escritório, saímos em seu carro rumo à minha casa, só que quando percebi, ele estava fazendo outro caminho.

— *Ei, grandão, você errou o caminho. Pode voltar.*

— *Diabinha, facilita vai. Vamos dormir agarradinhos hoje? O Marley está com saudades de você, ou melhor, estamos com saudades.*

— *Eu sei muito bem do que você tem saudades, seu safado. Mas, não, quero minha casa.*

— *Mulher, por que você é tão frustrante? — Bufa e bate no volante de leve.*

— *Você me conheceu assim, então, se acostume.*

Depois disso fechou a cara e me levou para casa. Parecia um menino emburrado a quem lhe foi negado um doce. Tive uma pontinha de pena, entretanto, não cedi aos seus gostos.

O assunto Bruno, por incrível que pareça, não falou mais. Todavia, a mudança dos dois me assusta. De um lado, não posso me mover no laboratório que o Kléber parece um gavião com os olhos em cima de mim. Já o Bruno, faz de tudo para vir falar comigo. Isso já está ficando chato e me incomodando.

Conversamos amenidades até chegar à nossa sala de trabalho e esquecemos o assunto boate. Por um momento, penso em meu pai, ele não me procurou depois que sai de casa e nem fez questão disso. Minha mãe ainda continua na Europa, conversamos por mensagens e ela disse que está fazendo de tudo para voltar o mais rápido que pode. O que me resta agora é o Tony e as meninas.

O dia passa tranquilo sem muitas novidades, por assim dizer. Almocei

com as meninas em um restaurante que tem em frente ao prédio e depois voltamos para continuarmos de onde paramos.

Estou entretida fazendo os experimentos e do nada vejo o Bruno se aproximando. Reviro os olhos e solto uma lufada de ar.

— Então, Lari, você vai hoje com a gente para a boate? — pergunta Bruno próximo a mim, mexendo o pilão.

— Depois de tanta insistência da Ísis... — Antes que eu termine a frase, a voz do Kléber reverbera atrás de mim.

Jesus, esse homem tem o poder de brotar do chão.

— E ela vai comigo. Por que a pergunta?

— Nada de mais, *Chefe!* — Sinto sarcasmo e raiva saindo de sua voz.

Saio do aperto do Kléber, pois suas mãos estão em minha cintura e eu nem tinha percebido, e vou para os armários onde ficam nossas coisas.

Respiro mil vezes para não explodir. Isso já está ficando fora dos limites. O Kléber pensa que eu sou o quê? Ou melhor, o que ele pensa que está fazendo? Encosto minhas mãos na janela e fico olhando para fora, tentando canalizar a minha raiva. Mas tudo piora quando escuto sua voz.

— Diabinha. — Sinto-o se aproximar.

— Não me chame assim quando eu estiver com muita raiva de você, senhor Kléber! — Escuto seus passos, me viro e falo bem convicta. — Pode ir parando aí. O que foi que conversamos, Kléber?

— Diabi...

— Já falei.

— Está bem, desculpa. Olha, eu já falei para você como me sinto em

relação aos homens se aproximarem de você. Principalmente ele. — Cerra os punhos e tenta controlar o nervosismo que é aparente.

— Eu sei disso. Mas você esquece o bendito fato de que aqui é nosso trabalho e não tem como eu me afastar dele ou de qualquer outra pessoa. — Lembro-o novamente.

— Você falando assim, não está ajudando. — Sorri, amargo.

— Então qual será a solução? Porque não vejo nenhuma. Ah, vejo sim, vamos pensar como adultos, é bem melhor.

— Mulher, você é bem frustrante — fala se aproximando e me puxa pela cintura. Eu permaneço com as mãos na cintura, ainda com raiva dele. Sinto seus lábios em meu pescoço e uma descarga elétrica vai direto para o ponto no meio das minhas pernas que já pulsa querendo atenção.

Isso é golpe baixo. Mas se ele está pensando que irá terminar tudo em sexo, está enganado!

Afasto-me dele e vou para outro canto do vestiário.

— Kléber, é sério, vamos parar por aqui. Para você tudo termina em sexo? Lógico que não. Como já estamos quase no final do expediente eu vou para minha casa descansar um pouco antes da sairmos. Até lá, vê se pensa.

Pego minhas coisas e saio do laboratório.

Como não peguei o meu carro na casa do meu pai, vou embora de táxi.

Mando mensagens no grupo avisando que estou indo para casa.

Grupo vaquinhas charmosas

Vacas, tô indo para casa. Depois explico pra vocês.

Ísis: Já até posso imaginar o que aconteceu. Mas fica bem.

Estou terminando aqui uns relatórios e já vou indo. Bjs.

Olho as outras mensagens e tem uma do *Tony* que me surpreende. Logo ele que é sempre tão distante de qualquer tipo de tecnologia.

Tony: Pequena Lárissa, será que você pode vir aqui na casa da sua avó nesse sábado? Beijos, fico aguardando-a.

Sinto um calafrio com a menção que ele faz da casa da minha vó. Depois que ela se foi, estou adiando essa ida à sua casa.

O meu rosto inunda de lágrimas com saudades dela. *Oh, vizinha, por que a senhora me deixou?* Afundo minha cabeça no encosto do banco do táxi e deixo que mais uma vez a saudade tome conta de mim.



Capítulo 18



Kléber

Ufa, até que enfim chegou a minha vez de falar. *Vocês mulheres quando começam a falar, não param mais. Que minha pequena Diabinha não me escute.*

Bom, falando nela. *O que eu faço com ela? É difícil ela entender que eu não gosto dos homens perto dela?* E ainda mais, fora do Laboratório eu até entendo que não tem como furar os olhos de cada homem ou quebrar qualquer osso. Mas aqui dentro da minha empresa eu não consigo me controlar, é muito maior que eu.

Eu já expliquei para ela que isso é tudo novo para mim. Antes eu tinha qualquer mulher que quisesse e nem me importava se amanhã ou depois ela estivesse com outro cara. Mas o sentimento que sinto por ela é descomunal. Mas eu não tenho culpa, sou possessivo com tudo e quando se trata dela vejo tudo vermelho. *Essa mulher veio para acabar com minha sanidade.*

Depois de mais uma discussão com ela, que me deixou duro feito

pedra e com uma baita raiva, saio do Laboratório e vou para minha casa. Não tenho mais cabeça para trabalhar.

Isso tem que mudar. Não me reconheço mais, ela é o meu céu e inferno.

Assim que adentro ao apartamento, o Marley, como sempre, vem até mim, só que com um pequeno detalhe: ele pensa que a minha Diabinha também veio e bota a cabeça no corredor.

— Garotão, não foi dessa vez. Mas não se preocupe que de hoje não passa. Nem que eu tenha que trazê-la no ombro — falo e ele inclina a cabeça como se estivesse entendendo tudo que estou dizendo.

Está difícil para você, Kléber. Conversando com o cachorro?

Argh, estou ficando louco mesmo, penso em voz alta.

Vou até as coisas do Marley para abastecer e ele não para de me cheirar. Está sentindo o cheiro da Lárissa.

Quando estou indo para o meu quarto, o meu celular toca. O meu coração até para, pensando na minha pequena. *Será que está arrependida de brigar comigo por causa daquele babaca?* Mas, ledor engano, é a minha mãe.

Ela passou a semana inteira atrás da minha irmã e eu falei todas as vezes que não sabia onde ela estava.

Mas é lógico que você sabe, Kléber. Mentindo para sua mãe?

Depois de tocar mais duas vezes, eu atendo, antes que ela ligue aqui no telefone residencial.

— Fala, mãe.

— *Como assim " Fala mãe"? Foi essa educação que eu te dei?*

Ai, meu Deus, hoje é o dia das mulheres ficarem contra mim!

— Desculpa, mãe. É que ando um pouco cansado. Mas, em que posso ajudar?

Só de cueca, deito na cama para falar com ela.

— *Kléber Galvão, vou perguntar pela última vez. Onde está a sua irmã?*

De novo não. *Mulheres, me expliquem uma coisa! Por que vocês são tão insistentes quando querem uma coisa? Isso é tão frustrante.*

— Mãeee.

— *Mãe nada. Desembucha logo.* — Bufa impaciente do outro lado da linha.

— Ok, vou falar. Ela está na casa da Fabiana! Mãe, agora deixa a Manu em paz, viver a vida dela.

— *Fabiana? Mas por que lá? Aquela desnaturada aproveitou que eu e o seu pai saímos de casa para vir pegar as coisas dela. O que fiz para merecer isso? Sempre cuidei tão bem de você e dela!* — fala, desgostosa.

— Mãe, por mais que seja duro o que vou falar, a senhora precisa ouvir. Ela saiu de casa não só essa semana, mas sim, há muito tempo pelo que ela nos contou. Mãe, tenha mente aberta e aceite sua filha como ela é.

Acabo sendo duro com ela. Às vezes precisamos falar a verdade.

— *Kléber, isso é totalmente fora do contexto — tenta argumentar.*

— Não, mãe, não é. O que é fora do contexto é o seu preconceito e logo com quem? Com sua própria filha. A senhora, como pediatra, lida com isso todos os dias na clínica, já deveria ter mudado o seu pensamento.

Sei que estou sendo um cachorro por falar assim com ela, mas entendam, alguém precisava fazer isso e eu já estava protelando demais em falar isso com ela.

— *Poxa, Kléber, não precisa falar comigo dessa forma, eu só queria que ela entendesse o meu lado. — Sinto sua voz embargada.*

— E a senhora está entendendo o lado dela? Mãe, pare um pouco e pense, que depois a gente conversa, preciso desligar agora.

— *Tudo bem, meu filho.*

E assim ela desliga. Como a minha cabeça já está bem cheia, resolvo tomar um banho bem gelado e me preparar para mais tarde.

Quando saio do banho, vejo o Marley deitado no lugar onde a Lárissa dormiu. Ele pegou essa mania desde que ela dormiu a primeira vez aqui.

Passo por ele indo para closet, mas antes faço um carinho em sua cabeça.

— Garotão, segura essa saudade que hoje ela vem para casa.

Ele lambe a minha mão e balanceia o rabo, como se entendesse o que eu falei.

Estou terminando de vestir minha cueca, quando escuto o meu celular tocar. Nem me animo mais pensando que é a minha pequena. Pois, antes do banho coloquei um toque no celular que é só dela. Esse que está tocando já sei quem é, e se eu não atender nos próximos segundos, serei xingado pelo resto da vida.

— Fala, Emanuela! — Atendo sem ânimo nenhum.

— *Eeeee, acho que empatei alguma coisa com a gostosa da minha cunhadinha.*

Falei que hoje é dia. Escutaram essa aí?

Bufo de raiva com o seu comentário. Realmente é para testar a paciência.

— Manu, não torra a minha paciência e fala logo o que deseja! Tenho um compromisso daqui a pouco.

— *Desculpa, Grandão. Estou só brincando, mas liguei porque preciso conversar com você. E tem que ser hoje, por favor, não recuse o meu pedido!* — Até posso imaginar a cara que ela está fazendo.

Desde criança é assim, sempre quando ela queria uma coisa, fazia a cara de cachorro que caiu da mudança e eu sempre fazia o que ela queria. Bem, parece que nada mudou.

Olho o relógio e vejo que ainda falta muito para ir buscar a Lárissa e irmos para a tal boate.

— Tudo bem. Mas onde te encontro? Melhor, por que você não vem para minha casa?

— Não, vamos jantar. Eu pago! Só tenho você, maninho. — Escuto ela proferir essas palavras e fungar. Com certeza deve estar se segurando para não chorar. A conheço bem!

Termino de combinar tudo com ela e volto para me vestir.

Antes de sair de casa, como sempre faço, vejo se tudo está organizado para o Marley. Então pego minhas chaves, carteira e celular. Sei que não vou demorar, mas, mesmo assim, resolvo enviar uma mensagem para a Lárissa avisando onde estou, caso eu atrase.

Diabinha, estou indo jantar com minha irmã. Acredito eu, que não vou demorar lá. Qualquer imprevisto te aviso, bjs.

Assim que envio, ela visualiza e responde com apenas um "OK".
Argh, que raios de mulher complicada.

Nesse meio tempo, minha irmã manda a localização do restaurante. E assim sigo para lá, ligo o som do carro e deixo tocando músicas aleatórias. Até que uma chama minha atenção, depois que a minha Diabinha entrou em minha vida, passei a reparar mais nas músicas, lugares, gostos e cheiros.

Pareço um maricas fazendo isso? Já falei que foda-se, o que me importa agora é que tudo ficou mais colorido ao lado dela e com ela tudo ficou perfeito.

Como gosto de músicas antigas, tenho playlist com várias delas e agora a que está tocando é uma dos anos 80 do Tim Moore "Yes", a tradução dela é perfeita para o que estou sentindo em relação a tudo isso.

E como não sentir tudo isso? Me expliquem se puderem, porque eu mesmo não sei explicar.

E com a cabeça cheia de pensamentos voltados para a Lárissa e no nosso começo de relacionamento chego ao meu destino. Assim que saio do carro e entrego minhas chaves ao manobrista, a minha irmã sai de um carro vermelho que encosta atrás do meu. Fico espantado, pois não conheço esse carro, entretanto, quando vejo quem está ao volante, fico mais tranquilo. A Fabiana acena e eu retribuo o aceno e ela segue o seu caminho.

— E aí, Pequena, como está? — falo assim que me aproximo dela.

— Estou ótima, vamos entrar? — Sei que o esse seu "ótima" não chega nem perto do que vejo em seus olhos. Eles estão cansados, ao redor têm olheiras e parecem que tiveram uma maratona de choro.

— Então vamos, *Chaveirinho*! — brinco e a puxo para entrar.

— Vou fingir que não escutei o que falou!

Nos acomodamos em nossa mesa um pouco afastada de todo o tumulto do restaurante para podermos conversar melhor.

Fazemos os nossos pedidos. Cada um pede um prato leve, salmão grelhado com ervas finas e para beber eu opto por um suco de laranja, ela prefere um vinho prosecco Branco.

— Então, Manuzita, o que aconteceu? — indago, colocando os cotovelos na mesa.

— Eu vou embora! — Despeja isso e toma um gole do seu vinho.

— Como assim? Você acabou de voltar! — Fico sem entender.

— Eu sei, Kléber. Mas eu tentei e você bem viu o que aconteceu! Ela nunca irá me aceitar como sou. — Solta um longo suspiro e encosta na cadeira, derrotada.

— Não fale assim, Manu. Nossa mãe apenas precisa de tempo para assimilar tudo isso.

— Tempo? Faça-me o favor, Kléber. Mamãe só pensa no ego dela e em você! — diz irritada. Seu tom de voz denota um sarcasmo e desdém impressionantes.

— Como assim, *eu*?

— Kléber, não se faça de desentendido que sei muito bem que quando você saiu de casa, mamãe só faltou ter outro filho. Agora quando eu saí de casa para ir viajar, parece que ela deu foi graças a Deus. — Solta uma gargalhada sem humor nenhum.

— Não foi bem assim, Manu. — Tento apaziguar.

— Que seja, Kléber. Mudando de assunto, quase sendo o mesmo assunto. Deixa eu continuar a contar para onde vou agora.

— Sim.

— Estou indo para o México dessa vez. Vou fazer outra especialização na culinária mexicana. Antes de voltar para cá, um amigo meu que estudou comigo em Londres me convidou. A princípio eu tinha recusado, porque queria voltar e ficar. No entanto, deu no que deu, né! — fala e vira mais uma vez a sua taça de vinho e chama o garçom para trazer mais.

— Te entendo. Mas vamos parar de beber e pede uma água. — Coloco a mão sobre a borda da taça.

— Como você é chato, maninho. É minha despedida — diz tirando minha mão para que o garçom coloque a bebida.

— Não estou sendo chato. Só querendo conversar civilizadamente, sem álcool.

— Tudo bem. — Por fim, ela agradece ao garçom e ele se retira.

— Então, já conversou com eles? Eu acho que, acima de tudo, eles devem saber para onde você vai — aconselho.

— Bom, eu conversei com o papai essa semana. Ele disse que ia conversar com mamãe.

— Eu falei com ela hoje. E parece que não estava sabendo de nada.

— E se depender de mim, continuará sem saber. Estou embarcando no domingo para o México. Já está tudo acertado para a minha partida.

— Mas por que tão rápido?

— O Juan falou que já começou a especialização.

— E quanto tempo dura?

— Ainda não sei. Porém, vou aproveitar ao máximo o curso.

— Assim é que se fala.

Os nossos pratos chegam e saboreamos em silêncio cada um perdido em seus pensamentos. Na minha cabeça, não me sai o fato da Lárissa não entender o porquê de eu não gostar do Bruno perto dela, ou melhor, homem nenhum. E ainda mais essa da minha irmã ir embora sem conversar com a mãe.

Não falei que vocês mulheres só complicam o nosso lado?

— Kléber, terra chamando. — Saio dos pensamentos homicidas que tenho para com o Bruno. Solto uma longa respiração e volto minha atenção para minha irmã.

— Estou aqui, Manu. — Finjo que estava ouvindo o que ela dizia.

— Não parece. Problemas no paraíso? — brinca e faz careta.

— Não, mas estou com muita raiva da Lárissa não entender que não gosto de caras perto dela — confesso minha frustração.

— Ixi, isso é foda. Sei bem como é isso. Quando estamos gostando de verdade, temos essa coisa de que ninguém pode tocar no que é nosso.

— Para mim tudo é novo. Não sei lidar com isso, nunca namorei. E como assim, quando gostamos de alguém? Você está gostando de alguém? — Algo me chamou a atenção em sua frase.

— Digamos que sempre gostei, mas isso é história para se contar em outra hora. Voltemos a você. Já pediu ela em namoro?

— Ainda não. Mas pretendo em breve fazer isso. Mas ela já sabe que é minha namorada, só não oficializei ainda.

Olho no relógio e vejo que está quase na hora de ir ao encontro da minha Diabinha.

— Maninha, o papo está muito bom. Entretanto, tenho que ir. Ah, já que você vai embora no domingo, vamos sair hoje? O pessoal do Laboratório vai para uma boate no centro. — Convido.

— Opa, mais que aceito. Já vou até chamar uma pessoa para ir — responde animada e já pega o seu celular.

— Aposto até quem seja — brinco, para ver sua reação.

— Seu bobo, ela é só uma amiga. — Fica vermelha e esconde o rosto de vergonha.

— Jura que é sua amiga? Não é isso que vejo em sua cara. Você fala da boca para fora, mas o seu coração e os olhos brilham só de pensar nela. E olha que eu nem proferi o nome dela.

— Está tão não cara assim? — Olha para mim e arregala os olhos.

— Sim, mas não se preocupe. Eu quero que seja feliz independente da pessoa com quem estiver! Mas você precisa conversar com a mamãe — aconselho mais uma vez.

— Obrigada, maninho. O seu apoio é muito importante pra mim. Vou tentar ao máximo fazer isso. Não por ela, mas por você e pelo papai.

Nos empolgamos na conversa e quando vejo já passou a hora de buscar a minha Diabinha. Amaldiçoo-me por isso. No meu celular tem uma mensagem dela.

Diabinha: Oi, acho que deve estar ocupado com sua irmã. Então estou indo com a Ísis.

Nos encontramos na boate, bjs.

Sua mensagem continua fria e direta. Como não tenho mais o que fazer, seguimos para a saída do restaurante.

— Bom, maninha, você vai comigo? Ou vai esperar a tal pessoa?

— Não, seu bobo. Marquei de encontrar com ela lá.

— Então vamos.

E assim entramos no meu carro, partimos para essa tal boate tão falada.

Depois da nossa conversa, sinto minha irmã até um pouco mais leve. Realmente ela precisava de mim nesse momento como irmão, companheiro e amigo que sempre fui. Nunca a abandonarei.

Estaciono o carro na área VIP e seguimos para a entrada. Por sorte reconheço o segurança que está na porta.

— E aí, Pedro. Cara, como vai?

— Vou bem, Kléber!

Nos cumprimentamos e quando ele olha para minha irmã, não consegue tirar os olhos dela. *Se ele soubesse que ela gosta da mesma fruta que ele.* Rio por dentro com o meu pensamento.

Conversamos mais um pouco, a apresento e assim ele libera a nossa entrada.

Porém, antes de entrarmos, a Manu avisa que vai esperar a tal pessoa, eu sei muito bem quem é. Então a deixo esperando e entro.

Mas, como sempre em nossas vidas tem que aparecer sempre um encosto, eis que brota ao meu lado, nada mais nada menos que a última pessoa que eu desejava encontrar essa noite.

— Klébinho, meu lindo, me espera.

Olho para trás e respiro fundo, se a Lárissa ao menos sonhar com isso,

me mata.

— Verônica, o que faz aqui? — Paro em sua frente, já irritado.

— Nossa, Kléber, antigamente você era mais receptivo — diz se aproximando e colocando as mãos em meu peito. No mesmo instante as tiro.

— Falou certo. Antigamente. Hoje é diferente. — Seguro seus punhos e digo entre os dentes.

— Nossa, entendi. Mas respondendo à sua pergunta, vim a convite de um amigo meu. Ele já deve estar lá dentro.

— Então vá procurar seu amigo e me deixe em paz. — Solto-a e aponto o dedo para o corredor que leva para dentro do lugar.

Não gosto de tratar as mulheres dessa forma. Mas a Verônica parece que não entende, ou melhor, ela finge não entender.

Vejo que depois de escutar minhas palavras, ela engole seco e fica parada sem mover um músculo. Então a deixo e sigo para dentro.

A música está muito alta, passo por um mar de gente à procura da única pessoa que me importa. Mando uma mensagem para ela.

Cadê você, Diabinha?

Ela responde no mesmo instante:

Diabinha: Estou na área VIP com o pessoal.

Tudo bem, cheguei e estou indo para aí.

Ela não responde, olho ao redor e vejo uma escada que dá acesso à área VIP e sigo para lá.

Quando piso no último degrau, vejo que todos já estão aqui. Ísis, Érica, Gustavo, o babaca e até o meu amigo Guilherme, acho que não tinha

comentado com ele sobre essa saída. Mas depois de tudo que aconteceu, ele ficou amigo do Gustavo, então ele deve ter convidado.

Olho ao redor e não a encontro, o meu coração dispara por não a encontrar, entretanto, não passa nem mais dois minutos e a visão que tenho dela faz com que o meu amigão aqui embaixo acorde em tempo recorde.

Putá que pariu. Estou ferrado!

Ela está vestida para matar, um vestido curto na cor vinho, cheio de franjas e transpassado no busto, uma sandália preta altíssima que a deixa mais sexy ainda. Ela vem até mim toda elegante, rebolando a sua bunda. Bunda essa que levará vários tapas para aprender a não rebolar tanto.

Eu preciso estar dentro dela agora ou vou morrer de bolas roxas.

O sorriso que ela me dá morre em segundos, pois os seus olhos que estavam presos no meu vão parar no meu ombro. Sinto uma mão passear por ele e nem preciso virar o rosto para ver quem é. O perfume já diz tudo: *Verônica*.

Estou ferrado em dose dupla.

Tiro sua mão do meu ombro sem ao menos olhar para ela e vou ao encontro da Lárissa, que nesse momento já virou as costas e está indo para o bar.

— Diabinha, não é nada diss...

— Não termine essa maldita frase, Kléber Galvão. Eu sei muito bem o que eu vi. — Interrompe, irritada.

— Lárissa, eu estava com minha irmã até agora. — Chego mais perto e coloco minhas mãos em sua cintura.

Senhor, me ajuda aí? Estou desesperado aqui.

— Kléber, olha vamos esquecer isso e curtir a noite, por favor!

Olho para ela, incrédulo. *Senhor, obrigado pela força.*

— Sêrio, Diabinha? — indago ainda não acreditando, nunca sabemos o que vem depois de uma cena de ciúmes.

— Não me faça mudar de ideia.

Ela sorri de lado e bate em meu ombro de leve. O seu perfume chega às minhas narinas e o meu pau fica mais duro. A visão de seu corpo somada ao cheiro me derruba como um viciado.

— Não mesmo.

— E o que está esperando para me beijar, senhor Kléber? — Sua carinha de diabinha não nega que está pronta para me enlouquecer.

Nem respondo e já colo minha boca na sua. A fome que estou dela é imensurável. A encosto devagar contra o balcão do bar e aprofundo o beijo. Minha vontade é de jogá-la em cima dele e possuí-la aqui mesmo. Peço passagem com minha língua e exploro toda sua boca. Sinto o seu gosto de menta, minhas mãos passam por sua cintura e costas. Sinto um leve movimento do seu quadril de encontro ao meu pau. Em resposta, ele lateja. Acho melhor parar. Finalizo o beijo puxando o seu lábio inferior de forma carinhosa e depois vou beijando a extensão do seu rosto até o seu pescoço.

— Tudo isso é saudade, Grandão? — pergunta ofegante pelo beijo.

— Você não imagina o quanto! — afirmo ao mesmo tempo em que a puxo e esfrego descaradamente o meu pau nela. Seu sorriso malicioso só piora as coisas.

— Posso imaginar o tamanho dessa saudade.

A safada fala e depois gargalha.

Somos interrompidos pelo pessoal nos mandando procurar um quarto.

Viro-a de costas para mim, para que ninguém veja minha barraca armada. Como a música está um pouco alta falo em seu ouvido.

— Se tua calcinha estiver tão molhada como o meu pau está duro, daqui a pouco vamos embora, pois preciso estar dentro de você.

— Isso se eu estiver de calcinha.

Putá que pariu! Agora o meu coração para de vez só de pensar que minha mulher está sem calcinha em um lugar cheio de gavião. Ela só pode estar brincando comigo. Fecho os olhos e respiro fundo.

— Porra, mulher, como assim? Você não está de calcinha?

— Calma, Grandão. Estou brincando, mas pode apostar que ela está muito encharcada, mas antes vamos curtir um pouco com os nossos amigos.

Falei que ela quer mesmo que eu enfarte. Ela solta uma risada contida por ter me pregado uma peça.

E assim voltamos para a mesa onde os nossos amigos estão. A Verônica, por sorte ou azar, sumiu. Melhor assim.

Quando encostamos na mesa, percebemos que está um clima estranho entre os rapazes e as moças.

— Ei, que caras estranhas são essas? — Lari pergunta, rindo.

E todos respondem uníssono um NADA.

— Meninas, vamos ao banheiro. — Lari chama, olhando para as meninas.

— Vamos — Ísis e Érica respondem.

Antes de ela se afastar, me dá um beijo molhado e segue para o

banheiro.

Viro para os meninos que estão de caras amarradas.

— E aí, rapazes, que caras são essas? — pergunto, sentando no sofá.

— Essas loucas — Gustavo responde levando a bebida à boca.

— Mas, o que têm elas? — insisto.

— Nasceram para tirar o nosso juízo — Guilherme responde levantando da sua cadeira.

E eu? Só me divirto com eles, pois, estou do mesmo jeito.

O Bruno, por sua vez, está de cara fechada desde que eu cheguei e mostrei a quem a minha Diabinha pertence.

Estamos entretidos em um papo sobre futebol quando minha irmã chega com a Fabiana. *Não falei para vocês de quem eu desconfiava? Pois é, aí está. E ainda mais de braços dados.*

— Manu, que bom entrou, pensei que teria que ir pegar você lá fora!

— Levanto e vou ao seu encontro.

— Para de ser chato, Grandão! Estamos aqui. — Ela me repreende e olha ao redor.

— Rapazes, deixa eu apresentar a minha irmãzinha Emanuela e nossa amiga Fabiana.

Olho para eles e os vejo cobiçando minha irmã e a Fabi. Será hilário quando descobrirem que ela gosta da mesma fruta.

Apresento cada um de forma rápida e volto minha atenção na direção onde a Diabinha foi. Olho no relógio e vejo que ela está demorando, então a única coisa que faço é esperar e volto a conversar com os rapazes.

— Em que assunto estávamos? — pergunto sentando-me novamente e levo minha água à boca. Como estou dirigindo prefiro não beber e quero estar sóbrio para o que vou fazer com minha Diabinha mais tarde.

— Depois que sua irmã chegou, o assunto é ela — responde Bruno, querendo me provocar.

— E qual seria esse assunto, Bruno? — Olho com desgosto.

E estou me segurando para não acabar com esse sorrisinho de merda desse babaca.

— Que você estava escondendo essa gostosura dentro de casa e nunca nos apresentou.

Fico enfurecido com o seu comentário e já vou me levantando quando o Gustavo intervém.

— Rapazes, vamos acalmar os ânimos.

Saio de perto deles e fico na grade. Daqui podemos ver o pessoal lá embaixo. E não passa nem um segundo quando meus olhos encontram três mulheres dançando sensualmente e um bando de urubus babando nelas.

Desço em tempo recorde as escadas e vejo o Guilherme fazendo o mesmo.

A música que está tocando é uma bem conhecida, Despacito de Luís Fonsi. A filha da mãe percebe que estou em pé na sua frente e começa a rebolar o seu traseiro gostoso para me provocar. E o que acontece comigo? Estou de barraca armada novamente, para variar! É isso que essa diaba faz comigo, ainda bem que está escuro e ninguém percebe.

Tento me aproximar, porém, sou detido por ela que levanta a mão e me impede.

A cena que se passa ao nosso redor é hilária. Guilherme se aproxima da Érica e começa a dançar com ela, mas, como a mulher é arisca, o empurra para longe. Conhecendo como o conheço sei que não vai deixar barato. Ele volta, passa o braço em sua cintura e a puxa para junto de si. Quando ela faz menção de empurrá-lo, ele puxa sua cabeça e a beija. *Acho que esses dois têm muita história para contar. Melhor eu voltar pra minha Diaba.*

Ela também observa sua amiga, sorri e se volta para mim. O sorriso que ela agora me dá é de pura luxúria.

Vem, minha Diabinha, que sou todo seu.

Como a música não acabou, ela fica de costas para mim e rebola o seu traseiro agora no meu pau que parece mais uma rocha de tão duro. Confesso que se não estiver dentro dela em menos de vinte minutos terei sérios problemas com bolas coloridas, porque nem roxas elas ficarão mais.

Passo a mão por sua cintura, dou uma leve apertada e a puxo para sentir o quanto estou necessitado dela. Subo minha outra mão até o seu pescoço e começo a morder a sua orelha e falar sacanagem, porque eu sei que ela adora. *Safada!*

— Olha como você me deixa, minha safada gostosa.

— Hummmm — geme em resposta. — Me leva daqui!

Essa é a minha deixa para levá-la até a primeira porta. Foda-se se estiver alguém olhando. O que importa para mim é estarmos conectados.



Capítulo 19



Lárisa

Quando entro na casa da Ísis, resolvo tomar um banho, ou melhor, irei ficar meia hora pelo menos na banheira. Espalho alguns sais de banho e entro. Meu pensamento divaga em todo o comportamento ciumento que o Kléber está tendo.

Por que esses homens têm que ser tão possessivos e cabeça dura?

A água está quentinha, bem do jeito que eu gosto. Encosto minha cabeça na borda da banheira e fecho os meus olhos.

Chego à casa da minha vó, estaciono o carro sempre na mesma vaga. Sinto um sentimento novo, não aquele de perda, mas aquele de que estamos bem e que nada de ruim irá acontecer.

Não sei o porquê disso. Sendo que há pouco mais de duas semanas eu a perdi. Enfim, deixo para pensar depois nisso.

Como já sou de casa entro sem bater, passo pela sala e ando até a cozinha, como é sábado a vó sempre costuma fazer seus doces preferidos.

Ela e o Tony sempre brigam por conta disso. O cheiro que vem de lá é magnífico. Só o Tony mesmo para preparar isso e me fazer lembrar dela. Uma lágrima teimosa cai do meu olho, eu prometi não mais chorar por ela, todavia, assim fica difícil.

Quando alcanço a soleira da porta que dá acesso à cozinha, paro abruptamente, pois a minha vó está fazendo exatamente o que fazia antes. Mas como, Senhor? E antes que responda algo ou mencione, ela levanta a cabeça e me responde.

— Minha pequena Larica, ainda não aprendeu a esperar!

— Vozinha.

Falo e corro para o seu abraço. Quanta saudade dela, do seu cheiro.

— Oh, minha neta querida. Fico tão feliz que estejas aqui.

— Mas, como?

— Shiii. Não fale nada por ora. Só quero que escute, será rápido o que tenho para falar — diz e só concordo com a cabeça. — Coisas irão acontecer nos próximos dias que a farão você questionar minhas atitudes, mas continuo te pedindo para ter a mente aberta!

— Mas, vó, que coisas são essas?

— Shiii, você saberá. Só precisa ter a mente aberta!

— Vó...

Tudo vira fumaça ao meu redor.

Acordo com o barulho do meu celular tocando. Quando olho, é uma mensagem do Kléber avisando que irá sair com a irmã dele para jantar e depois vem me pegar.

Saio da banheira, pois a água já está gelada. Troco-me e vou para a sala ver se a Ísis já chegou. Mas antes vou à cozinha pegar água e tentar acalmar o meu coração por causa do sonho.

Senhor, me ajuda para que não seja nada cabuloso.

— Larita, terra chamando. O que foi de tão grave com o nosso chefe gosto... Ops, Kléber, para você estar assim? — assusto com a voz da Ísis.

Volto-me para ela que está sentada no braço do sofá e conto o que aconteceu para eu ter saído cedo e o sonho com minha vó.

— Lari, em relação ao Kléber, vocês precisam sentar novamente e conversar como adultos. Agora esse sonho, amiga, achei meio assustador. Não me leve a mal, sei que é sua vó. Mas pensa um pouco no que vai fazer.

— Eu sei, Ísis. Quando estava vindo para cá, o Tony me enviou uma mensagem pedindo que eu vá amanhã lá na casa da minha vó — digo e solto uma lufada de ar.

— Hum, mas ele falou o que era? — pergunta, curiosa.

— Não, vou saber amanhã.

— Humm. Então, já que não sabemos, o que nos resta no momento é escolher nossas roupas. — E como um raio ela muda de assunto. Levanta e estende sua mão me convidando.

Como ela é igual a uma criança, a acompanho para o quarto.

Depois de termos escolhido nossas roupas e tudo mais, falo para ela que irei fazer algo para comermos antes ir. *Beber de barriga vazia é pedir para ficar bêbada em segundos.* E como bem me conheço também, se não comer, ficarei tri bêbada.

Prontas e de lanche tomado, decidimos beber uma Smirnoff.

— O nosso chefe gostoso parece que esqueceu o nosso compromisso — fala despreziosa, mas sei que quer me provocar.

— Não enche, Ísis. — Reviro os olhos e bebo mais um pouco.

— Só falo a verdade — conclui e dá de ombros.

— Argh, já falou com a Érica? — Mudo de assunto.

— Já, ela disse que vai nos encontrar lá.

— E os meninos vão também?

— Acho que sim, pouco me importa se estarão lá.

Olho para ela e vejo que desvia os olhos dos meus.

— Mas por que está falando isso? O bom é que vocês duas não ficarão segurando vela para mim e o Kléber.

— Ai, vocês estão muito melosos. — Faz cara de nojo e eu sorrio.

— Quando você encontrar alguém que te complete, vai entender — exclamo suspirando.

— Deus me livre e me guarde desse trabalho que foi feito para vocês — diz e se benze de forma dramática.

— Sei, vai me dizer que não tem uma quedinha por um certo colega de trabalho? — provoco.

— Quem? Eu? Está louca? O Gustavo é um cretino. — Fica nervosa e me seguro para não rir.

Bingo! Viu só, eu nem toquei no nome dele e ela caiu que nem uma patinha.

— Hum, sei bem como é isso. Primeiro a negação, depois vai ficar toda derretida. Conheço essa história de longe. — Balanço as mãos no ar,

ênfatizando como será.

— Ok, você me conhece mais do que eu — diz, rendida.

— Sim. E quando foi que descobriu?

— Não descobri. Apenas fomos nos envolvendo até que não deu mais certo — confessa, derrotada. Suas palavras são amargas.

— E como nós, suas amigas, nunca desconfiamos? — Coloco as mãos na cintura e finjo estar chateada.

— Porque sempre demos um jeito — responde com um sorriso amarelo e bebe o seu último gole da garrafa. — Bom, vamos logo para a boate. Lá nos encontramos com o Kléber. — Desconversa e sai me arrastando porta a fora.

Antes de sairmos, mandei uma mensagem avisando ao Kléber que iria na frente com a Ísis e que ele não precisava me pegar mais. Percebo que esse papo mexeu com ela, pois fica calada o caminho inteiro até chegar à boate.

Assim que estacionamos o carro, vemos os meninos descendo do carro do Gustavo. A Ísis não percebe e começa a falar sem parar.

— Tomara que aqueles idiotas ainda não tenham chegado. Pois não aguento olhar na cara deles.

E antes que eu faça ou fale algo, o Gustavo está bem atrás dela.

— Por que não fala logo que não aguenta ficar perto de mim? — Ela fecha os olhos e respira fundo.

Aí vem chumbo grosso.

— Poderia até falar. Mas o senhor *eu sou o dono do mundo* não terá esse gostinho. Imbecil, sai da minha frente. — Ela se vira e o encara com um olhar matador.

— Toda, *senhora eu sou passarinho solto.* — Gustavo abre os braços e sorri descaradamente, deixando-a mais irritada.

Gente, a coisa é mais complicada do que sabíamos.

Gustavo se afasta para ela passar e fica em pé olhando a sua silhueta. *Homens, aff.*

— O que deu nela? — assusto com a voz do Dr. Guilherme ao meu lado.

— Aí, que susto Dr. Guilherme. Esses dois aí acho que têm conversa para colocar em dia. E não é hoje que iremos presenciar isso — aponto em direção aos dois e começamos a caminhar em direção à boate.

— Hum, sei bem como é isso. Ah, e pode me chamar de Guilherme. Já passamos disso, né?

Fala e dá aquele sorriso de molhar calcinha. Mas, por incrível que pareça, não me atinge. *Merda de homem que me estragou para outros homens.*

— Verdade, Dr. Guilherme. Vamos entrar? — Sorrio, sem graça.

E assim entramos, como os rapazes conheciam o segurança tivemos livre acesso e então seguimos para área VIP.

Aos poucos os outros foram chegando. Bruno todo arrumado e cheiroso.

Opa, opa, Lárissa, como assim? Ai, gente, não é porque estou com o Kléber que vou parar de admirar outros homens.

E convenhamos que o Bruno não é de se jogar fora! Mas quero deixar claro que nem um mísero cabelinho do meu corpo mexe por ele. *Pois é, quando o Kléber falou que sou dele, não aposte com ninguém o contrário.*

Sentamos ao redor da mesa e pedimos nossas bebidas. Os meninos não pediram nada alcoólico, somente água. Estou vendo que eles pretendem aprontar hoje. Eu e a Ísis pedimos *Smirnoff*.

Do nada a louca da Ísis levanta exasperada chamando a atenção de todos.

— Preciso de algo forte, bem mais forte. Estou cansada de coisas fracas e sem graça na minha vida, sabe, Lari?! Vem comigo.

Quando uma mulher está com raiva ou magoada, ela faz de tudo para atingir o seu alvo. Eu tenho certeza que essa doe.

Concordo com a cabeça e olho para o Gustavo. Ele está com o maxilar travado e os punhos cerrados, contendo a raiva. *Eu é que não queria estar na pele dele.*

Quando passo por ele, coloco a mão em seu ombro e falo bem próximo ao seu ouvido.

— Se eu fosse você, arrumaria logo essa bagunça. Conheço bem a minha amiga. Quando ela resolve ser ruim com quem ela gosta, esmaga com um salto 15. E você não quer isso, né?!

Sinto que ele engole seco e o escuto praguejar baixinho de que está ferrado.

Eu continuo na minha bebida, ela pede algo forte que nem sei o que é. Só que o cheiro de álcool está bem forte, ainda bem que ela comeu.

Estamos conversando no bar quando a Érica chega. O sorriso que ela estampava no rosto morre assim que seu olhar cruza com o do Guilherme.

O que está acontecendo com as minhas amigas ultimamente? Uma agora não suporta o colega de trabalho, a outra desde que minha vó faleceu e

encontrou o Dr., quer dizer, o Guilherme, fica nessas de que *não suporto estar no mesmo ambiente que ele. Aff, o que eu perdi? Tenho que conversar com essas duas.*

Ela passa por eles e vem em nossa direção.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunta entre os dentes.

— Quem? — questiono, fazendo-me de desentendida.

Ela olha para a Ísis e vejo que ela sabe de alguma coisa e eu não.

— Vamos, as duas podem começar a me contar. Eu já sei da Ísis e do Gustavo. Agora você, Eri, não é de hoje que percebo esse seu jeito quando o Guilherme está por perto. — Coloco as mãos na cintura e espero pacientemente que desembuchem logo.

A Ísis não fala nada, só bebe.

— Deixa eu beber alguma coisa que falo — Érica diz e pede uma bebida ao barman.

— Agora? Poxa, quando que vocês iam me falar? Que merda de amigas vocês são? — falo, desapontada.

— Calma, Lari, nós só poupamos você de mais problemas. Tudo está recente, sua avó faleceu e não queríamos te preocupar. — Ísis larga a bebida e resolve falar.

— Mas pelo menos eu ouviria — respondo com desgosto.

— Nós sabemos que ouviria e por esse motivo mesmo que não falamos. Eu já falei o meu. Agora te prepara para escutar o que a Eri tem a falar. Depois não irá nem querer olhar na cara daquele doutorzinho de meia-tigela.

— Lari, sei que errei em não falar com você. Mas não me peça para

ser hoje. Vamos curtir a noite como há muito tempo não curtimos? — argumenta com cara de pidona e eu reviro os olhos.

— Está bem, vamos lá, foguinho — provoco-a com o seu apelido, que por sinal, ela odeia.

— Sua bunda.

Rimos da sua resposta e voltamos para a mesa.

Depois desse clima chato, conversamos e rimos bastante. Porém, o mais engraçado é que ambas as meninas inverteram os meninos.

Ficamos eu e o Bruno no fogo cruzado desses dois casais.

Como minha bebida está acabando e eu não estou mais aguentando as atitudes delas, volto ao bar para pegar outra bebida.

Mas sabe aquela coisa que nunca estamos preparados para ver ou sentir algumas coisas? Pois é assim que me sinto assim que os nossos olhos se encontram, um misto de sentimentos bons, um frio na barriga, fico tão feliz de vê-lo aqui. Parece que faz dias que não nos vemos.

Dou um sorriso tímido, porque é assim que às vezes me sinto. Todo o controle que tenho, tudo vai por água abaixo quando ele está perto. Vou ao seu encontro para matar logo essa agonia e saudade que estamos um do outro, entretanto, sempre tem algo ou alguém para atrapalhar e quem seria? Sempre a Vacarônica.

Vaca, vadia! Argh, que ódio.

Será que realmente era a irmã dele no jantar? Lárissa, deixa acontecer, não pressiona.

— Diabinha, não é nada diss...

— Não termine essa maldita frase, Kléber Galvão. Eu sei muito bem

o que eu vi. — Corto-o, sem paciência.

— Lárissa, eu estava com minha irmã até agora — justifica, colocando as mãos em minha cintura.

O que faço com esse homem que tem o poder de me desestabilizar? Ainda estou com raiva por vê-lo próximo àquela vaca. Entretanto, quero aproveitar a nossa noite e desde que os nossos olhos se encontraram parece que o meu corpo tem vida própria, louco para ser tocado por ele.

— Kléber, olha, vamos esquecer isso e curtir a noite, por favor!

— Sêrio, Diabinha? — pergunta, incrédulo.

Sei que pareci uma louca com esse ataque. Todavia, não consegui controlar, foi mais forte que eu.

— Não me faça mudar de ideia. — Sorrio para ele e bato em seu ombro de leve.

— Não mesmo.

— E o que está esperando para me beijar, senhor Kléber? — indago, já desesperada para sentir sua boca na minha.

Nossas bocas se chocam e eu tenho certeza de que se eu morresse hoje, morreria feliz. Nunca em toda a minha vida experimentei uma boca tão gostosa. Como sempre, duelamos para ver quem toma mais do outro. Um beijo avassalador que nem posso dizer que começou lento, pelo tamanho da nossa necessidade. Sinto o seu pau latejando em minha barriga, pedindo libertação. Contudo, um fio de sanidade passa pelas nossas cabeças e paramos aos poucos para que não cometamos nenhuma loucura.

— Tudo isso é saudade, Grandão? — digo, tentando recuperar o folego.

— Você não imagina o quanto! — Sorri ao mesmo tempo em que se esfrega mais uma vez descaradamente em mim.

— Posso imaginar o tamanho dessa saudade. — Gargalho.

O pessoal nos interrompe mandando procurar um quarto.

Kléber me coloca em sua frente para que ninguém veja a festa que acontece em suas calças e eu tento segurar mais uma vez a gargalhada. Entretanto, ele não se aguenta e resolve me provocar e devolvo na mesma medida.

— Se tua calcinha estiver tão molhada como o meu pau está duro, daqui a pouco vamos embora, pois preciso estar dentro de você.

— Isso se eu estiver de calcinha. — Sinto que ele prende a respiração e pragueja.

— Porra, mulher, como assim? Você não está de calcinha?

Rio da sua cara, digo que estou brincando e voltamos para a mesa onde o pessoal está sentado.

Assim que encostamos na mesa, sinto um clima estranho.

— Ei, que caras estranhas são essas? — indago olhando para as meninas.

E todos, inclusive elas, respondem que *não é nada*.

Ah, mas é claro que é.

— Meninas, vamos ao banheiro.

E prontamente elas me acompanham.

— Desembuchem logo, o que aconteceu lá fora? — Fico de frente para as duas, de braços cruzados. Isso já está me irritando.

— Não é nada, Lari, esquece isso. Já passou, tá legal? Eles que são idiotas. — Bufa Érica, encostada na pia.

— Sim, isso eu sei. Mas o que eles realmente fizeram? — completo, cruzando os braços irritada.

— Ficam comentando nas nossas caras sobre essas barangas. — Ísis se altera e entra na cabine para usar banheiro. É cômico vê-la dessa forma, parece eu quando presenciava o Kléber com outra. Agora sei bem o que as deixou assim. Todavia, não vamos estragar a nossa noite.

Só de pensar já me deixa de sangue quente.

Resolvo não alongar mais o assunto.

— Meninas, estamos ferradas com esses homens. Que tal sairmos agora desse banheiro e fazer o que viemos para fazer aqui? Dançar até os nossos pés não aguentarem mais — sugiro, eufórica, assim que Ísis sai do cubículo.

Retocamos nossas maquiagens e saímos do banheiro.

Assim que chegamos à pista, começa a tocar *Despacito* de *Luís Fonsi*.

— Meninas, é agora, vamos arrasar. Mas, antes disso, precisamos de uma bebida mais quente — concluo, virando-me para elas que sorriem como o gato da Alice.

Passamos no bar e pedimos tequilas. Estamos loucas para mexer com a cabeça dos meninos.

— Vamos brindar à minha nova fase de vida. Então, arriba, abajo, al centro y adentroooo.

A tequila desce queimando ao mesmo tempo sinto o meu corpo inteiro arrepiar-se junto com a batida da música, e assim partimos para a

pista.

Nem se passa um minuto e vemos dois homens lindos com cara de bravos nos olhando.

Na pista, só estamos eu e a Érica. A Ísis sumiu.

Volto-me para o Kléber e vejo faísca saindo dos seus olhos. Sei o que ele está pensando e sentindo. Pois sinto o mesmo. Provoco, rebolo a minha bunda encostada em seu quadril e sou carregada até a primeira porta.

Ele a fecha e me prensa nela. Vira-me de costas para ele e vai descendo, suas mãos parecem polvo, apalpam e apertam por onde passam. Não consigo distinguir onde estamos, pois o lugar possui pouca iluminação e no estado em que estou será impossível reparar em algo a mais de que não sejam suas mãos em meu corpo. Cada toque seu parece uma labareda que queima por onde passa.

— Porra, Diabinha, sinto o cheiro da sua excitação daqui. — Sua voz rouca e sexy só aumenta o meu desejo.

Ele se ajoelha atrás de mim e levanta o meu vestido deixando minha bunda exposta na altura do seu rosto.

— Delícia de bunda gostosa — elogia e dá um tapa.

Por incrível que pareça esse tapa triplica minha excitação.

— Hummm — um gemido escapa pelos meus lábios.

— Você gosta, né, safada! — afirma.

Ele sobe de novo e inala mais uma vez o perfume perto da minha orelha e dá uma pequena mordida em meu ombro.

O meu cérebro vira gelatina, não consigo mais raciocinar nada.

— Diabinha, pensando melhor, aqui não é lugar para ter minha mulher. Então vamos para minha casa. Que hoje a noite será uma criança.

— Então vamos, meu Grandão.

Logo que atravessamos a porta do seu apartamento, sou arrebatada para cima da mesa da sua sala.

Somos bocas e línguas duelando em uma briga gostosa.

Ele quebra o beijo e me deita sobre a mesa, já puxando o meu vestido no processo. Enrolo minhas pernas em sua cintura e o trago para mais perto.

— Vem Grandão, e me faz sua novamente. — Já não aguento mais essa espera.

— Calma, minha Diabinha. Quero fazer uma coisa diferente com você hoje. — Seu rosto tem um ar de mistério.

— Ah, é? Então me mostre. — Instigo.

— Espere aqui, não saia! — Desenrolo minhas pernas do seu quadril, já sentindo sua falta.

— Ficarei aqui quietinha.

Ele sai e vai em direção à sua cozinha. Logo ele volta tomando uma Smirnoff.

Faço uma cara de interrogação, mas ele dá uma generosa golada e sorri para mim.

— Grandão, estou aqui pegando fogo e você aí bebendo? Você está me provocando, terá troco. — Levanto o meu tronco da mesa e engulo seco pela cena que ela faz. Filho de uma mãe gostoso.

— Não faça promessas que não poderá cumprir depois, Diabinha.

— Veremos então. Agora vem cá, que estou louca por esse mastro aí — digo abrindo mais as minhas pernas e passando a mão por cima da calcinha.

Ele se aproxima, mas não encosta em mim e isso aumenta a temperatura do meu corpo.

— Quero sentir o seu gosto misturado à Smirnoff. Então abra bem as pernas para mim. — Seu sorriso safado me atinge mais uma vez.

Só confirmo com a cabeça. Ele tira a minha calcinha e faço o que ele pede, abro minhas pernas e vejo seu olhar escurecer.

Sinto a bebida gelada no vale entre os meus seios, em seguida sua língua passa por ele sugando toda a bebida e depois suga meus seios. Contorço-me, pois, essa sucção reverberou bem no meio das minhas pernas. O meu tesão está tão grande que chega a doer.

Enquanto sua língua brinca com o meu seio direito, sua mão aperta o outro seio. Não me contenho e desço minha mão para o meu sexo, massajeio o meu clitóris duro e necessitado de atenção. Ele percebe a minha intenção e me detém.

— Calma, minha Diabinha. Deixa eu venerar o seu corpo. — Segura o meu pulso e sussurra.

— Essa tortura está demais. Me fode logo, Kléber. — Choramingo.

— Já falei que primeiro sentirei o seu gosto. — Beija o meu pulso e o posiciona ao lado do meu corpo.

Vejo-o puxar a cadeira e sentar em minha frente, me olhando como se eu fosse o seu banquete.

Novamente ele derrama um pouco da bebida e dessa vez é bem em

cima do meu clitóris. O contato do líquido gelado com a quentura do meu corpo dá uma sensação maravilhosa e logo sinto a ponta da sua língua sorvendo toda a bebida, atijando, querendo acabar de vez com a minha sanidade.

Senhor, esse homem quer me matar de vez.

Gemo em resposta e agarro os seus cabelos.

Sua língua faz miséria em mim. Passeia do meu canal até voltar para o meu clitóris intumescido. Para completar, ele passa dois dedos espalhando a minha lubrificação junto à bebida.

— Deliciosa mistura, Diabinha.

— Porra, Kléber! — Escapa junto a um gemido, o que o deixa mais alucinado. Ele começa a falar palavras picantes, seus dedos fazem movimentos torturantes e me arranca gemidos baixos. Eu me contorço toda, empurrando meu quadril contra seus dedos, gemendo de os olhos fechados absorvendo toda essa sensação magnífica. Sem mais esperar, ele retira seus dedos e os substitui por seu pau grosso, se enterrando em mim numa única estocada. Uma fígada percorre o meu centro, fazendo com que eu o contraia involuntariamente. Tê-lo dentro de mim é magnífico, gemo em demasia.

— Geme para mim, Diabinha — sussurra ao meu ouvido enquanto me penetra mais uma vez. — Você é tão apertadinha e gostosa... Eu preciso disso. Goza em meu pau, não aguento mais esperar.

E nesse vai e vem gostoso, chegamos ao nosso ápice do prazer falando os nossos nomes em oração para que esse momento nunca acabe.

Estamos deitados sobre a mesa e os únicos sons que escutamos são os das nossas respirações e o Marley arranhando a porta da área para entrar dentro de casa. Claro que ele nos escutou e está doidinho para nos ver.

— Acho que tem alguém querendo entrar em casa — comento e sorrio na curva do seu pescoço.

Hum, é tão gostoso ficar com ele assim depois de nos entregarmos um ao outro.

— Ele está com saudades de você — acrescenta ao mesmo tempo que faz carinho em meus cabelos.

— Ah, é? Também estou com saudades dele. — Aconchego-me mais a ele.

— Eu sei. Porém, minha Diabinha, eu ainda não acabei com você. — Sua mão aperta de leve a minha bunda.

E assim levantamos da mesa e nos encaminhamos para o quarto dele.

— Vamos ao banho, pequena.

E nossa noite é regada de muito amor, dedicação e declarações.

Acordo com os raios do sol entrando pela cortina, olho para o lado e Kléber está dormindo de bruços, parecendo um anjo. Na verdade, hoje posso falar que ele é o meu anjo, que está conseguindo aplacar essa dor que hoje está mais amena depois da morte da minha avó.

Pensando em minha avó, lembro que tenho um compromisso agora pela manhã com o Tony. Então, com todo o meu esforço, consigo tirar a sua perna e o seu braço que estão em cima de mim.

Sigo para o banheiro e quando volto para o quarto, ele está do jeito que eu o deixei.

Pego o meu vestido na sala e a minha lingerie, vou sair sem acordá-lo, pois, se ele despertar, não sairei hoje. Pego minha calcinha e resolvo deixar um bilheteinho junto com a calcinha e a garrafa de Smirnoff.

“Grandão, obrigada pela noite maravilhosa. Juro que, depois de ontem, essa bebida será a minha preferida. Ah, desculpa sair assim às pressas, mas tenho um compromisso. Depois te ligo.

Beijos, sua Diabinha.”

Antes de sair do apartamento, passo na área para ver o Marley. Faço carinho nele, brinco um pouco, troco sua comida e vou embora.

Na portaria do prédio, peço ao porteiro para chamar um táxi. Enquanto isso, abro o aplicativo do meu celular para ver se tem mensagens das meninas, do meu pai ou da minha mãe, mas só tem uma mensagem do Tony.

Tony: Pequena Lárissa, você não me respondeu. Estou preocupado, venha tomar café comigo amanhã.

Droga, acabei esquecendo de respondê-lo ontem.

Oi, Tony, desculpa por não ter respondido. Mas estou a caminho, bjs.

Quando termino de digitar a mensagem, o táxi chega. Agradeço ao porteiro e entro no carro.

Abro a porta do apartamento da Ísis e tento fazer o mínimo de barulho. Vou direto para o meu quarto, só que, antes de entrar, vejo a porta do quarto dela aberta. Penso que ela está em casa, mas me engano, sua cama está do mesmo jeito de ontem.

Parece que não foi só a minha noite que foi boa.



Capítulo 20



Kléber

Passo o braço ao meu lado, procurando pela minha Diabinha e a única que coisa que encontro é a sua calcinha, a garrafa de Smirnoff e um bilhete. *Que porra de mulher para tirar a minha sanidade.* Só em pensar que ela está andando por aí sem a calcinha já me deixa com os nervos à flor da pele.

Ah, mais é uma diaba mesmo.

— E o que eu faço com você amigão? — Olho para ele e passo a mão por cima da cueca.

Meus pensamentos vão parar nas cenas de ontem à noite e com isso, o meu mastro lateja. O único jeito nesse momento para acalmá-lo será o cinco contra um.

Argh, sei que é frustrante isso, todavia, minha diaba vai pagar por me deixar acordar sem ela ao meu lado.

Tiro o meu membro, já duro feito pedra, para fora da cueca e começo

a acariciá-lo. Penso no corpo da minha Diabinha, como ele é delicioso.

Ohhhh, que tesão...

Ela me paga por me fazer parecer um adolescente se masturbando logo pela manhã. Aumento a velocidade, fecho os olhos novamente e penso em sua boca ao redor dele, sugando como se fosse o seu picolé preferido. Sua boca trabalhando da base até a glândula, passando a língua, enquanto sua mão aperta de leve a extensão dele e a outra acaricia as minhas bolas. E com esses pensamentos gozo igual a um adolescente na puberdade.

Ah, minha Diaba, você não vai se livrar de mim tão fácil!

Pego o celular e resolvo provocá-la.

Minha doce Diabinha, acordei pronto para tomar você no meu café da manhã e o que encontro? Essas coisas que só me fizeram lembrar da nossa noite maravilhosa. E olha como você me deixou.

Anexo a minha foto todo melado e ainda duro por ela.

Se eu presto? Claro que presto e vocês mulheres adoram isso.

Espero sua resposta e nada. Decido levantar e fazer as minhas coisas.

Já de banho tomado, volto para o quarto e vejo o Marley deitado na cama. O safado levanta a cabeça, balança o rabo e volta a deitar. Isso significa que matou sua saudade. E a minha só aumenta a cada vez que ela me deixa. Tenho que oficializar esse nosso namoro logo. Sei que é recente, mas quem liga para data? O que importa é que estamos juntos e não a opinião dos outros.

Quando termino de tomar o meu café, já sei o que fazer e de hoje não passa. Farei um jantar romântico para a minha Diabinha. Quero que ela prove do meu assado Vienaense com vinho. O que me resta agora é ir ao mercado,

mas, antes, preciso falar com ela, sem essa de mensagem. Fico de frente para a enorme janela da sala e ligo, no segundo toque ela atende:

— *Oi, Grandão, tudo bem?* — fala e funga, isso faz com que o meu coração se aperte. Não gosto de vê-la chorar.

— Pequena, o que aconteceu pra você estar chorando? — indago, preocupado.

— *Não estou chorando, Kléber. É impressão sua. Posso te ligar daqui a meia hora? Estou resolvendo umas coisas aqui e já te ligo.*

Ela tenta disfarçar, mas sei que algo está acontecendo.

Ah, minha Diabinha, nós já estamos tão ligados.

Decido não pressioná-la.

— Tudo bem, Diabinha, espero sua ligação. Quero conversar com você! — Não me contenho e deixo escapar.

— *Hum, tudo bem. Mas sobre o que seria essa conversa?* — A curiosidade dela está sempre ativa.

— Termine suas coisas e depois conversamos, não é nada de mais. — *Só quero convidá-la para jantar e, finalmente, pedi-la em namoro, penso.* — Vai lá.

— *Tudo bem então. Beijos, Grandão!*

Sabe quando você sente decepção na voz da pessoa? Pois é, foi o que senti na sua voz.

Mas ela não perde a surpresa que tenho para ela logo mais à noite.

Já que não consegui falar com a minha mulher, sim "minha mulher", do jeito que queria, decido ir ao mercado comprar as coisas para o jantar.

Entro no estacionamento do mercado e vejo um carro muito parecido com o da Érica. Acho muita coincidência. Então travo o carro e sigo para dentro.

Assim que adentro na área dos caixas, vejo de longe o Guilherme cheio de sacolas.

Isso não é coincidência, mas um fato, como dois mais dois são quatro. Ele está com o carro da Érica.

— Quer ajuda aí, amigo? — pergunto me aproximando. A cara que ele faz quando me vê, é a melhor. A de que não esperava encontrar alguém conhecido. Mas não entendo o porquê disso, já que ele está sozinho.

— Ah. Oi, Kléber. Amigo, você por aqui? — tenta disfarçar, mas falha miseravelmente.

— Ué, e onde eu poderia estar? — brinco.

— Com a Lárissa? — Ponto para você, amigo. Sorrio só com a menção do nome dela. Coloco as mãos no bolso da minha calça e balanço minha cabeça.

— Ela teve que resolver umas coisas dela. E você? Não sabia que morava perto de mim. Eu vi o carro da Érica lá fora e pensei que a encontraria aqui?!

Jogo o verde para ver se ele pega.

— Carro? Érica? Aqui? — Mais uma vez tenta me driblar.

— É. O que aconteceu com você, Gui? — Resolvo jogar limpo com ele.

— Cara, se eu te contar, não vai acreditar. — Respira fundo e fecha os olhos, como se estivesse cansado.

— Bom, estou com todo o tempo do mundo agora. Pode começar —

falo e cruzo os braços.

— Bem que eu queria conversar, mas agora tenho que voltar, tenho alguém me esperando — confessa, baixando a cabeça.

— A Érica? Não precisa mentir para o seu amigo aqui. — Olho bem para ele para que confie em mim.

— Cara, essa mulher é foda. Ontem foi difícil! — Dá um sorriso amarelo.

— Não posso falar o contrário. — Rimos e cada um segue o seu caminho.

Fico muito feliz que o meu amigo esteja se arrumando com alguém. O conheço desde a época da escola e quase fizemos faculdades juntos.

Ele era o tipo de homem que nunca se amarrava com mulher nenhuma até que, na faculdade, teve um rolo com uma moça que o deixou muito para baixo.

Bom, pelo que fiquei sabendo na época, ele tinha ganhado uma bolsa para estudar fora e ela não aceitou muito bem ficar distante e se separaram. Ele nunca me apresentou ou falou o seu nome. Só sei que cada vez que conversávamos, ele suspirava por ela, dizia que nunca ia entender o porquê da recusa dela e eu, como bom amigo, só escutava. Porém, ao final, ficava tirando uma com a cara dele chamando-o de mulherzinha por sempre falar assim. Depois de um tempo, ele parou de falar dela e eu também não questionei mais, dei graças a Deus que ele tinha parado de sofrer por uma mulher que não deu a mínima para ele e para o futuro dele. Algum tempo depois, cada um foi fazer sua vida e perdemos o contato. Revê-lo foi uma grata surpresa.

Termino de pegar tudo, passo no caixa, pago e sigo para casa. *O dia*

será longo. Olho no celular e nada da Lárissa me ligar.

Uma grande ideia surge para completar esse momento que quero selar. Passo no shopping e vou até uma loja de joias.

Calma, não é nada disso que estão pensando. Ainda não é hora.

Assim que entro, uma mulher espetacular vem me atender, uma loura alta e cheia de curvas, a boca vermelha marcada pelo seu batom chama a atenção.

Se fosse em outros tempos, ela já estaria em minha lista. Todavia, hoje só tenho a minha Diabinha em minha cabeça e coração. Explico à moça o que procuro e ela me mostra todas as opções de pulseiras e os trecos, que não sei o nome, que vêm junto. Não quero comprar aliança ou anel, quero uma coisa diferente. Optei por comprar uma pulseira que dá para ela colocar um berloque, a moça me explicou que chama assim, que represente cada momento da sua vida. Escolho um de cachorro, um com dois corações entrelaçados e o último de uma coroa para representar a sua avó. Quero homenageá-la porque sei como foi importante para a Lárissa. Agradeço à moça pela ajuda e sigo de volta para o estacionamento. No caminho, decido enviar uma mensagem:

Minha doce Diabinha, já que está me torturando desde a hora que acordou, quero convidá-la para jantar em minha casa. Jamais aceitarei um "Não" como resposta.

Assim que entro e ligo o carro, o meu celular toca. Nem preciso ver para saber quem é e aciono o sistema de Bluetooth.

— *Pronto, Grandão, sou toda sua!* — fala se divertindo, aposto que por causa da mensagem.

— Minha doce Diabinha, que sensação maravilhosa escutar a sua voz.

Apesar de que eu estou chateado com você! — brinco.

— *Nossa, o que eu fiz pra estar tão chateado comigo?* — pergunta, entrando na brincadeira.

— Você sabe, sua danada. Mas, dessa vez, vou relevar. Já tem a minha resposta sobre hoje à noite?

Ela ri do outro lado linha. Uma risada gostosa que mexe com tudo dentro de mim. Poderia passar o resto da minha vida ao som do seu riso. Realmente quando falam do mito da sereia que cantava e os piratas ficavam encantados com seu canto, estavam certos, assim é o riso da minha Diabinha.

Além de diaba, ainda tem esse riso de sereia. Ela só pode ser mitológica. Rio do meu pensamento estranho.

— *Vou pensar no seu caso. Deixe-me ver se você está merecendo!* — Imagino-a com aquela carinha olhando de lado, com a mão na boca e fazendo biquinho.

Caralho, essa mulher me tem aos seus pés!

— Já disse que não aceito "Não" como resposta! — acentuo.

— *E o que terá de tão bom assim, posso saber?* — indaga, curiosa mais uma vez.

— Isso você terá que vir para conferir com os próprios olhos. Só peço que fique mais linda do já é. — Não dou brecha para que ela pense demais.

— *Grandão, isso é maldade comigo. Vou ficar morrendo de curiosidade.* — Ela bufa do outro lado da linha.

— Nem vou falar o que a senhorita fez comigo pela manhã. E sequer respondeu minhas mensagens. Me deixou com um puta tesão logo cedo.

— *Ah, é? Eu bem que vi a foto, estava mesmo. Deu até água na boca*

— diz com sua voz carregada de sensualidade. — *Que delícia, gostoso.*

Porra, essa mulher quer me matar. Já estou duro de novo, ela sabe como me provocar.

— Porra, mulher, controla a sua imaginação e língua que estou quase chegando em casa. — Seguro o volante com tanta força que os dedos ficam brancos. Um comichão em minhas calças se faz presente.

— *Desculpa, Grandão, não resisti. Quem manda você ser tão gostoso que mesmo de longe me leva à loucura.*

Esse efeito ela também causa em mim.

— Você também não fica atrás, baby. Depois que você entrou em minha vida, tudo ficou mais fácil... colorido, sabe? Tenho até medo disso tudo. Nunca tive um sentimento tão forte por alguém.

As palavras saem da minha boca sem controle, o meu cérebro não raciocina, o meu coração é quem comanda tudo agora. Sou sincero pela primeira vez, por mais que o medo que estou sentindo seja descomunal.

Ela não responde e nem pronuncia uma palavra. Minha respiração fica presa na garganta com medo do sentimento dela não ser igual ao meu. *E se o que ela sente for só atração?*

Olho no painel e vejo que a ligação ainda está ativa.

— *Uau, Grandão... para ser sincera com você, também tenho medo desse sentimento, mas saiba que eu sinto o mesmo em relação a tudo isso.*

O meu coração parece uma escola de samba ao ouvir suas palavras. Ter a sua confirmação de que sente o mesmo por mim só me dá mais certeza do que eu quero.

— Baby, você não faz ideia de como estou feliz em ouvi-la falar isso.

Então a pegarei às 20hs em sua casa.

— *Grandão, também tô muito feliz em poder colocar tudo isso para fora. Você é muito especial pra mim.... Agora me deixe organizar umas coisas.*

— Então vai lá, Diabinha, que a nossa noite será muito especial.

— *Estou contando os minutos.*

E quem disse que queremos desligar? Ouvir a voz um do outro é a melhor coisa que tem no mundo. Parecemos um casal meloso? Sim. Mas quem disse que estamos ligando para a opinião alheia? Foda-se. Com muito custo desligamos juntos, como todo casal apaixonado faz. O som explode pelo carro em uma música da minha banda favorita, *Bon Jovi* canta *You Give Love a Bad Name*, e como parece coisa do destino, mais uma música para completar esse momento falando exatamente o que ela faz comigo.

Assim que abro a porta, sou recebido por um Marley todo eufórico que pula no meu colo e começa a me lambar. Todo desajeitado deixo as sacolas no chão porque senão ele me derruba com tudo. Depois da devida atenção ao meu companheiro, guardo as coisas nos armários e decido fazer uma comida rápida, apenas uma salada com frango grelhado, um arroz e resolvo tomar um suco. Quero ficar bem o resto do dia.

A tarde passou muito rápido, resolvi algumas coisas no meu escritório e decidi dar uma arrumada no apartamento, apesar que a Dona Nádia faz faxina aqui uma vez por semana, é sempre bom garantir, ainda mais quando se tem um cachorro que parece uma criança.

Depois de tudo arrumado, vou para a cozinha começar o meu assado. E, para acompanhar, escolhi o melhor vinho *Pinot Noir* de uma excelente safra, ficará perfeito.

Tudo organizado como imaginei, é hora de me arrumar para ir buscá-la.

Fico a todo tempo olhando o celular para ver se tem mensagem dela ou alguma ligação.

Realmente estou parecendo um adolescente apaixonado. Rio de tudo isso enquanto termino de me arrumar. Pego o presente, coloco no bolso do meu blazer e sigo para o carro.

Estaciono o carro em frente ao prédio da Ísis e decido mandar uma mensagem para ela. O meu coração volta a bater como se fosse uma escola de samba. Nunca fiz isso, é a minha primeira vez. Sempre tive as mulheres aos meus pés, então, tudo é novo para mim. Ao mesmo tempo em que penso que tenho o controle de tudo, vem a minha Diabinha e mostra que não é nada disso.

Respiro fundo e envio logo a mensagem:

Baby, estou aqui embaixo te esperando.

Não demora muito e ela responde:

Diabinha: ok, Grandão, estou descendo!

Mal pisco os meus olhos e a vejo linda como sempre. Seu cabelo está amarrado em um rabo de cavalo e com um pouco de maquiagem no rosto. O vestido branco com flores e bem-comportado vai até o joelho, desço mais os meus olhos e suas pernas bem torneadas fazem com que pensamentos maliciosos povoem a minha mente.

Quem sabe mais tarde? Se contenha, Kléber!

— Gostou, Grandão? — pergunta ao dar uma voltinha para que eu

aprecie melhor.

— Mais do que queria. Você está espetacular, baby. Minha vontade é de colocá-la no ombro, levá-la para o meu quarto e fodê-la a noite toda, entretanto, hoje teremos uma noite belíssima, então vamos à surpresa.

— Grandão, obrigada pelo elogio. Você também não está nada mal. Juro que estou me corroendo de curiosidade. — Ela junta as mãos em forma de oração e faz uma cara de pidona.

Chego bem perto dela, quase encostando nossas bocas e digo:

— Você sabia que a curiosidade matou o gato?

E antes que ela responda, ataco a sua boca, pois estava com vontade beijá-la desde a hora em que a vi. Nossas línguas duelam para ver quem consegue matar a saudade primeiro. Gememos e estamos tão envolvidos nesse momento só nosso que não queremos mais parar, porém, um pigarro nos interrompe.

Xingo mentalmente quem teve essa audácia. Quando olhamos para ver quem é, nos surpreendemos com o Gustavo.

— Oi, casal, espero não estar atrapalhando. Mas quero alertá-los que vocês estão dando um baita show para os vizinhos — alerta, rindo e rodando a chave na mão.

— Que se danem esses vizinhos — digo, exasperado.

— Kléber — reclama Lari ao meu lado.

— Só falo a verdade, baby. E o que faz aqui, Gustavo? — Volto minha atenção para o meu amigo que estava parado nos olhando de um jeito engraçado, mas acaba de mudar a fisionomia. Seu sorriso morrendo de repente.

— Eee... eu... vim conversar com a Ísis. Ela está, Lari? — Gagueja como nunca vi.

— Ela está, mas acho um pouco difícil ela te atender. Depois que ela chegou, se trancou no quarto e nem quis falar comigo — Lari explica um pouco triste pela amiga.

— Bom, não custa tentar. Deixa eu ir lá então. — Gustavo sorri sem graça e dá de ombros.

— Boa sorte, Gu. — Lárissa sorri de forma cúmplice.

Oi? Como assim “Gu”?

Fecho a cara para e despeço-me dele também, tentando controlar esse meu lado ciumento.

Argh, calma, Kléber.

— Vamos, baby!

— Sim, Grandão. — Ela ignora a minha cara, me dá um selinho e entra no carro.

Ah, Diabinha, o que você fez comigo? Essa pergunta estou me fazendo há muito tempo.

Assim que saímos do elevador, peço que aguarde antes de entrarmos em minha casa. Abro a porta, deixo a sala à meia-luz e ligo o som em uma playlist que escolhi para esse momento.

Antes que possa segurar o Marley na área, ele sai a todo vapor à procura da Lari.

Nem discuto mais com ele. *Mas quero deixar claro que ele é o único macho que não tenho ciúme!*

Quando volto para o corredor, ele está deitado de barriga para cima e ela fazendo carinho nele.

— Amo ver vocês assim. — Deixo escapar.

— E eu amo esse garotão — declara, fazendo mais carinho nele que se derrete todo.

— Só ele? — Não consigo conter a minha pergunta, estava na ponta da língua. Sei que estamos juntos há pouco tempo para dizer *eu te amo* ou algo assim.

Mas quem disse que existe tempo para amar?

Prendo a respiração na expectativa da sua resposta.

— E a minha surpresa? Estou curiosa — responde, me deixando frustrado. Dou um sorriso amarelo, coço a minha nuca e respiro fundo.

— Bom, estou esperando esse rapaz te soltar.

— Ei, garotão, vamos entrar, o seu pai está com a cara de gato pidão — fala e Marley a obedece.

Quando entramos em minha casa, ela para abruptamente no meio da sala e fica olhando ao redor. Chego por trás dela e a abraço.

— Hoje o clima está muito agradável — comenta.

— Humm, gostou? — pergunto, tímido.

— Amei. — Ela encosta sua cabeça em meu peito.

— Então espere aqui que vou preparar a mesa. — Desprendo-me dela e sigo para a cozinha.

— Quer ajuda?

— Claro que não, baby, fique aqui que já volto.

Termino de ajeitar a mesa, ligo o forno novamente, só para aquecer um pouco o assado, pego a salada verde que fiz e o vinho gelado.

Arrumo tudo e volto para a sala com duas taças e o vinho.

— Vamos tomar um belo vinho enquanto o nosso jantar não fica pronto — aviso, colocando as taças e o vinho na mesa de centro.

— E o que temos para tomar? — Ela olha para a garrafa tentando assimilar que marca é o vinho.

— *Pinot Noir*, da melhor safra — respondo e me sento ao seu lado.

— Esse é dos melhores. — Abre um largo sorriso e bate palmas.

— Hum, vejo que entende bem de vinhos.

— Tenho vinhedos, quer dizer, minha família tem. — Percebo que ela não faz muita questão em mencionar sua família.

— Que interessante, Diabinha, não sabia disso — confesso, interessado em saber mais dela.

— Sim, mas não sou muito interessada nesse ramo. Gosto muito do nosso trabalho. O meu pai é que cuida de tudo, porém, hoje fiquei sabendo que minha avó deixou tudo no meu nome... a casa, empresa e os vinhedos. E o pior de tudo é que não quero nada do que ela deixou. Só queria ela de volta e mais nada. Entende? — diz com a voz carregada de melancolia.

Escuto o barulho do forno.

— Entendo, baby, por isso estou aqui com você. Mas vamos ao nosso jantar.

Pego em sua mão e beijo cada nó dos seus dedos, a puxo em direção à mesa de jantar. Puxo a cadeira para ela sentar, como todo cavalheiro faz. O seu perfume mexe comigo, como sempre. Sigo para a cozinha e volto com o

assado.

— Hum, o cheiro parece ótimo. Quero ver como está o sabor! — diz, se ajeitando na cadeira.

— Pode ter certeza, baby, que está maravilhoso. Não estou falando isso porque fui eu que fiz. Mas realmente está maravilhoso.

— Então deixe-me provar essa iguaria.

Faço questão de servi-la, usando toda a educação que minha mãe me deu.

Sirvo-me e espero ela saborear o seu. Aguardo ansioso, olhando fixamente para ela.

Realmente estou rendido por essa mulher.

Assim que ela coloca a primeira garfada em sua boca, passa a língua nos lábios e fecha os olhos. Esse gesto parece inocente aos olhos de quem está de fora, mas, para mim, é totalmente erótico, imediatamente sinto uma fisgada em minha virilha. Respiro fundo e decido mandar os meus pensamentos para outro lugar.

— O que achou? — pergunto, ansioso.

— Hummmm, para um homem que mora sozinho não está nada mal — responde e sei que foi para me provocar.

— Sério? Só isso? — Fecho os olhos e balanço minha cabeça em descrença.

— Claro que não, seu bobo. Está divino, nunca comi nada igual.

O sorriso que ela dá enche o meu coração e me faz soltar uma respiração profunda, aliviado.

— Ufa, juro que fiquei um pouco decepcionado. — Rio da carinha que ela faz com minha confissão. — Bobinha, também estou brincando.

E até o final do jantar foi assim, rimos e conversamos sobre coisas aleatórias como nossas famílias, amigos e o trabalho.

Quando estamos prontos para a sobremesa, peço para ela esperar que vou pegar o que tinha preparado. Mas antes de servir a sobremesa, resolvo que está na hora de pedi-la em namoro, ou melhor, oficializar. Chego onde o Marley está e decido colocar o meu pedido em sua coleira. Tiro da caixinha que estava guardada comigo o tempo todo e coloco bem amarrada para não cair.

Volto para a mesa com a sobremesa.

— Pronto! Voltei, baby — digo colocando a torta de morango em cima da mesa. — A sobremesa eu confesso que não fiz. Espero que goste também.

— Estou amando tudo isso, Grandão.

— Calma que eu ainda não terminei.

— Ai, meu Deus, ficarei mal-acostumada.

— Essa é a minha intenção. Quero te dar o mundo.

Ela não diz nada, apenas cora e baixa a cabeça. Essa é a primeira vez que a vejo assim. Aproveito a deixa e chamo o Marley.

— Baby, o Marley e eu queremos te dar uma coisa.

— Cadê ele então? — Ela se vira, o procurando.

— Marley, garotão, venha cá!

Chamo e ele vem todo feliz, correndo, passa por mim e vai direto para

o seu colo. Dessa vez fico feliz pelo que fez.

Assim que ele coloca as patas em seu colo, começa a lambar o seu rosto, ela tenta desviar enquanto suas mãos fazem carinho em seu pescoço parando no objeto em sua coleira.

— O que é isso, Garotão? — pergunta.

Fico parado olhando fixamente para ver sua reação, ela se vira para mim e olha dentro dos meus olhos. O meu coração novamente parece que vai sair pela boca.

— E aí? — questiono, nervoso, pois tenho medo de ela não aceitar.

— É linda, Kléber. E esses berloques? — indaga, olhando admirada os detalhes da pulseira.

— Deixa eu te explicar. — Aproximo minha cadeira da dela. — Esse cachorrinho aqui representa o nosso Marley, ele que se apaixonou por você desde a primeira vez, assim como eu me apaixonei por você. — Os seus olhos estão com um brilho de lágrimas não derramadas. — Essa coroa eu coloquei aqui para representar a sua avó, eu sei que ela era muito importante para você. — Respiro fundo para continuar. — E esse último aqui representa os nossos corações, não importa o tempo que estamos juntos, e sim o quanto eles batem forte quando ficamos juntos. Quero que aceite essa pulseira como forma de um pedido. Você aceita ser a minha namorada?

Jesus, que ela aceite!

Ela funga e uma lágrima solitária desce pelo seu rosto. Limpo e espero ela responder.

— Eita, Grandão, assim fico sem palavras. Mas, vamos lá. — Ela ri, nervosa. *Eu sei, estou do mesmo jeito.* — Amei o jantar, o presente e tudo o que está acontecendo em minha vida. O que mais você quer que eu responda?

É lógico que eu aceito, seu bobo.

E assim que ela termina, a puxo para os meus braços e nos beijamos apaixonadamente. Ela entrelaça as pernas na minha cintura e eu a seguro pela bunda.

— Minha Diabinha, essa foi a melhor notícia. Estava morrendo por dentro com medo da sua resposta.

— Jamais responderia o contrário. — Olhamos um para o outro e a intensidade das suas palavras me atingem mais uma vez.

— Então vamos para o meu quarto consumir esse pedido.

— Calma, Grandão, que temos plateia esperando a nossa atenção e ainda temos essa torta deliciosa para comer.

Ah, como estou feliz!

Olhamos para o Marley e ele está nos olhando com uma carinha triste, pedindo carinho.



Capítulo 21



Lárisa

Entro pela porta de visitas na casa da minha vó e, antes que eu toque a campainha, a porta se abre e revela um Tony mais magro do que o normal.

— Bom dia, senhorita Lárisa.

Corro para o seu abraço. É tão bom ser abraçada por ele. Sinto-me em casa.

— Bom dia, Tony. Vamos ao café? Estou morrendo de fome — brinco como sempre faço quando chego aqui.

— Não perde o jeito. — Ri do que eu falei. — Vi você chegando pelas câmeras.

— Ah, entendo.

Depois que vovó morreu, essa é a primeira vez que volto em sua casa. A cada passo que dou rumo à sala de jantar, o meu coração bate apertado. Sei que não posso vê-la, mas posso sentir a sua presença e, de certa forma, isso faz com que eu acabe aceitando a sua partida.

— Sente-se, minha querida.

Tony puxa a cadeira para que eu me sente como um verdadeiro cavalheiro que sempre foi e depois se acomoda na sua. A mesa está farta e cheia de coisas que gosto de comer.

— Obrigada, Tony. A mesa está linda, a senhora Mercedes sempre faz as melhores comidas.

— Uma excelente cozinheira. Então vamos comer, é o que nos resta.

Concordo com a cabeça e tomamos o nosso café em silêncio. Parece que nenhum dos dois tem coragem de tocar no assunto. Porém, como sou curiosa, não contenho e abro a boca para falar.

— Então, Tony, o que queria falar comigo?

Olho para ele esperando sua resposta, mas sua cabeça está baixa, olhando para o café intocado.

Ele solta um longo suspiro e olha para mim. Agora posso ver claramente como as suas feições estão mudadas, parece que envelheceu uns dez anos, não sabia que ele sofreria tanto com a partida da vovó.

— Vamos terminar o café, pois ainda temos que esperar o Dr. Guimarães chegar.

O Dr. Guimarães é o advogado da família. Um frio percorre a minha coluna até chegar ao meu couro cabeludo.

— Tudo bem. Mas o que o Dr. vem fazer aqui? — Minha curiosidade está a mil.

— Calma, querida. Quando ele chegar, saberá do que se trata. — Tony bate em minha mão para que eu me acalme, porém, é impossível nessa situação.

— Ok! — exclamo decepcionada. — Tony, você está precisando de alguma coisa? — Resolvo investigar

— Estou bem, senhorita Lárissa. Com o tempo nos acostumamos sem a sua presença. Está um pouco difícil, mas vamos superar. — Ele suspira, derrotado.

É o que todos falam. Parece que com a entrada do Kléber em minha vida a dor de perdê-la está mais amena do que antes.

— Eu sei, Tony. Agora vamos parar de me chamar de senhorita, me chame de Lárissa ou Lari. — Ele me olha e sorri sem graça.

— Para mim isso está ótimo, senho... Lari.

Rio do seu jeito e volto para o meu café. Isso me faz lembrar certo homem que deixei dormindo feito um anjo e que quando acordar ficará furioso por eu não estar lá.

Vou fazer o quê? Não posso parar minha vida logo agora que decidi sair de casa.

Penso por um momento nas outras questões que tenho que resolver em minha vida: pai, mãe, casa e mãe biológica.

Isso me frustra totalmente, até mês passado tudo estava normal. Minha vó estava viva, meu pai cuidando da empresa, minha mãe viajando pelo mundo e eu, trabalhando no laboratório e tentando esquecer o Kléber.

Que ironia do destino, olha no que deu tudo isso.

Depois do café, seguimos para o escritório que, na realidade, parece mais uma biblioteca. Vovó adorava livros. Ela sempre dizia “os livros enriquecem alma, a pessoa que não lê tem a alma vazia”.

Sábias palavras, vovó.

— Quantas saudades tenho da senhora.

Passo a mão pelos diversos livros na estante, sinto o meu rosto úmido, já segurei demais essas lágrimas. Sento em uma poltrona e me desmancho em lágrimas. Como preciso dela ao meu lado, tudo está uma bagunça na minha vida.

Seguro um livro que ela sempre leu e abraço com todas as minhas forças.

Como se ele fosse a tábua de salvação para tudo o que está acontecendo. Não sei quanto tempo fiquei assim, só percebo que estou sozinha quando escuto a batida na porta e me dou conta que o Tony saiu para me dar privacidade.

— Entre — digo e olho para porta.

— Lárissa, o Doutor chegou, vamos começar! — Tony coloca a cabeça pela metade da porta e dá um sorriso fraco ao anunciar.

Não sei o que é esse começar, entretanto, estou curiosa.

Ajeito-me na poltrona e os dois se sentam de frente para mim. O meu coração acelera, pois, não sei o que ele está fazendo aqui.

— Bom dia, senhorita Lárissa. Já falei com o Tony e agora preciso falar com você. — Cumprimenta com seu jeito todo profissional e começa a tirar vários papéis de dentro de uma pasta.

Fico em alerta e olho para os dois.

— Pois não, Dr. Guimarães, pode falar! — falo, rígida na cadeira. O meu corpo todo tenso.

— Hoje venho para ler o testamento de sua avó.

Suspiro alto pelo que está por vir. Não entendo nada disso, só o meu pai, então me lembro que ele deveria estar aqui também.

— Esperem um momento. O meu pai também tem que participar dessa reunião?

— Lárissa, o seu pai disse que depois veria isso com mais calma — Tony explica calmamente.

— Mas eu quero que ele participe dessa reunião. Vou ligar para ele, um minuto.

Levanto da poltrona e me viro para a janela, pego o meu celular e antes que eu ligue, vejo que tem uma mensagem do meu lindo.

Um sorriso bobo brota em meus lábios. Fico tentada querendo abrir a sua mensagem e responder, entretanto, tenho coisas a resolver agora.

Clico no botão de ligar e no segundo toque ele atende.

— *Valadares!*

— Pai, sou eu, a Lárissa.

— *Eu sei, minha filha. Desculpe o jeito de falar. Mas, é algo importante? Precisa de alguma coisa? Dinheiro? Pequena Lari, por que não volta pra nossa casa? Sinto sua falta! Já basta sua mãe viajando pelo mundo...*

— Pai, não liguei para isso. Quero saber se o senhor irá participar da reunião da leitura do testamento? — Interrompo sem deixá-lo terminar. Antes que invente alguma coisa a mais. Ele sempre foi assim controlador, ou melhor, paga de controlador. Pois nunca fiz o que ele e mamãe quiseram. Pensar nele me vem a última lembrança que protagonizei na sala. E isso embrulha o meu estômago.

Argh, que nojo.

— *Que leitura? Não estava sabendo.*

Como sempre não sabe de nada.

— Bom, agora já sabe. Então, irá participar ou não? — enfatizo, irritada.

Nunca em minha vida pensei em passar por isso. Sei que precisamos conversar para colocar tudo a limpo de toda essa história maluca de mãe biológica. Tudo começa a ficar um nó em minha cabeça.

— *E quando irá acontecer? No momento estou saindo para uma reunião!*

E mais uma vez tudo vem antes de sua família.

— Em pleno sábado? Pai, faça-me o favor de vir logo que não temos o dia todo — esbravejo, não aguentando seu jeito de tratar prioridades.

— *Lárrissa, não posso deixar de fazer as minhas coisas e ir correndo porque você quer.* — Um nó agora se forma em minha garganta por suas palavras pesadas.

— Bom, foi o senhor que escolheu, depois não se arrependa — digo entre os dentes tentando controlar a minha raiva e as minhas lágrimas que teimam em querer cair.

— *Ok, em vinte minutos estarei aí.*

Nem respondo e desligo o telefone. Estou cansada de tudo isso.

Viro para os dois e digo que preciso de um momento até o meu pai chegar. Subo para o quarto que tenho aqui. Não tenho coragem de ir até o quarto da vovó. Por mais que minha cabeça tenha aceitado, o meu coração ainda não.

Deito de costas na cama e fico olhando para o teto, como se ele fosse me responder ou fazer algo sobre o que está acontecendo.

Longos minutos se passam até que sinto o celular vibrar no bolso da minha calça, quando olho no visor, sorrio ao ver que é o meu Grandão. Isso mesmo *meu Grandão*.

— Oi, Grandão, tudo bem? — falo e fungo. Ouvir sua voz me acalma como um final de tarde na fazenda.

— *Pequena, o que aconteceu para você estar chorando? — questiona, preocupado.*

Saco, deixei escapar isso. Não quero que ele perceba que chorei.

— Não estou chorando, Kléber. É impressão sua. Posso te ligar daqui a meia hora? Estou resolvendo umas coisas aqui e já te ligo — peço, para que eu consiga me recompor.

— *Tudo bem, Diabinha, espero sua ligação. Quero conversar com você!*

E como cavalheiro que é, decide não insistir no assunto. Acho melhor assim.

Mas, o que ele fala no final aguça a minha curiosidade.

Não sei você, mas quando falam assim que querem conversar algo comigo, fico me corroendo.

— Hum, tudo bem. Mas sobre o que seria essa conversa? — indago, curiosa.

— *Termine suas coisas e depois conversamos, não é nada de mais. Vai lá.* — Desconversa.

— Tudo bem então. Beijos, Grandão! — não insisto, mas por dentro estou em cólicas para saber.

Quando encerro a ligação, o Tony bate à porta avisando que o meu

pai já está no escritório me esperando juntamente com o advogado!

— Bom, senhores, senhorita. Como advogado da falecida Dona Natalícia Valadares, darei início à leitura do seu testamento.

Enquanto ele vai falando, minha garganta fecha em um nó novamente. Uma cortina de lágrimas se forma e, como comportas abertas, descem desenfreadas e nem me importo em pará-las.

Estou tão imersa em minha dor que só desperto quando o meu nome é citado no testamento.

— ... à minha neta, Lárissa Valadares, deixo em seu nome: a minha casa; 51% da empresa, isso inclui tudo relacionado a ela; e a fazenda. Os outros 49% deixo para o meu filho, Júlio Valadares...

Depois que escuto isso, volto para o meu mundo.

Não quero nada que ela me deixou, só queria ela aqui comigo. Mas, como a vida é uma cadela sarnenta e nos prega peças, eu me encontro em uma dessas peças que parecem nunca acabar.

Pareço dramática? Sim, e daí?

O advogado termina de ler o testamento, se despede e vai embora deixando apenas eu e o meu pai no escritório. Evito olhar para ele, nem sei mais o que pensar a respeito de tudo isso.

— Então quer dizer que ela deixou tudo para você? — Sinto rancor e decepção em cada palavra.

Senhoras e senhores, apresento a vocês o meu pai, Júlio Valadares, o homem mais sem coração que conheço. Olhem com o que ele está preocupado. Com a droga do dinheiro.

Olho para ele e sorrio, só que esse sorriso é amargo e misturado ao

sabor salgado das minhas lágrimas.

— É com isso que está preocupado? Com a droga do dinheiro? Fique sabendo, papaizinho, que eu não faço questão de um centavo sequer desse dinheiro. — Levanto da cadeira e aponto o dedo em riste em sua direção.

— Eu não estou preocupado com isso, Lárissa! Só perguntei. Desde quando você se tornou essa pessoa, Lari? — Ele se altera também. Porém, não reconheço o meu pai; na verdade nunca o reconheci, sempre vive longe dele, pois sempre estava ou está na empresa. Minha vó sempre foi o meu alicerce.

— Desde o dia em que fiquei sabendo que não sou filha da Emily. Já que estamos aqui, comece logo a me contar que história foi essa! — grito e respiro fundo.

Quando o indago sobre esse assunto. imediatamente vira o rosto para janela e evita olhar para mim.

— Não tenho que te falar nada. Sua mãe sempre será a Emily, apesar disso não estar acontecendo ultimamente... — responde secamente.

— Pai, conta outra. Estou esperando, não me enrole. — Sorrio, irônica.

— Filha, vamos fazer o seguinte, hoje não estamos com cabeça para esse assunto. Outro dia conto o que aconteceu. Só peço que me entenda. — Ele passa a mão pelos cabelos negros, desalinhando-os, e solta uma lufada de ar.

Fazer o quê? Forçá-lo a contar não vai adiantar. Não no momento, estamos cansados depois dessa descarga de energia e lembranças da vovó. Estou esgotada.

— Tudo bem, vamos deixar tudo isso passar. Em relação ao

testamento da minha vó, nada mudou, o senhor pode continuar a administrar a empresa e as outras coisas, penso no que irei fazer depois. Agora deix...

— Lari, minha pequena, volte para casa! — Ele muda sua postura e me pega de surpresa. Por que agora?

— Pai, não posso. Preciso seguir minha vida, já fiquei demais naquela casa. Preciso procurar minha verdadeira mãe e saber o que aconteceu. — Sou sincera, por mais que martele em minha cabeça tudo isso, preciso seguir em frente.

— Você irá continuar com essa história? — Não sinto mais raiva ou qualquer sentimento ruim em sua pergunta. Porém, mágoas e ressentimentos ainda estão enraizados em mim, preciso pensar em tudo.

— Enquanto eu não souber de toda a verdade, não ficarei em paz. Bom, até mais, papai. — Dou minha palavra final e saio da biblioteca.

Quando saio no portão da casa da minha vó para pegar o táxi, tenho a impressão de estar sendo vigiada, olho e não vejo ninguém ao redor. Deve ser coisa da minha cabeça. Entro no táxi e assim que sento no banco sinto o meu celular vibrar novamente, penso que é uma das meninas, mas no visor aparece mais uma mensagem do meu Grandão.

Respiro fundo e decido que a partir de hoje nada irá me fazer ficar triste.

Ligo para ele no mesmo instante. Conversamos animadamente como um casal de adolescentes apaixonados, e é assim que me sinto. Depois da sua confissão no final da ligação, também não pude deixar de colocar para fora o que estou sentindo por ele.

Prometi jantar com ele hoje. E ele me pediu para ficar mais linda do que já sou.

Tem como não amar um homem desses? Epa, espera, eu falei em amar? Meu Deus, isso é grave.

Convocação urgente do grupo das meninas.

Assim que encerro a ligação, agora com o coração mais leve e com um sorriso bobo no rosto, mando mensagem para aquelas ingratas que até agora não me contaram o que aconteceu ontem.

Meninas, reunião urgente na casa da Ísis agora à tarde!

Verifico outros grupos que participo e nada de uma das duas responder.

Bom, a Ísis já deve estar em casa por essa hora, a Érica também. Então o melhor é ir direto para a casa do meu pai pegar o meu carro e o resto das minhas coisas.

Depois de tudo resolvido, passo no mercado e compro algo congelado para comer no almoço. Entro na garagem do prédio da Ísis e não vejo o seu carro. Acho estranho e começo a me preocupar. Já não basta a sensação que tive agora há pouco, ainda mais essa.

Pego o celular e ligo para ela. Quase indo para a caixa postal, ela me atende.

— Alô? — Atende com voz rouca de sono.

— Vaca, onde você está? — vocifero, preocupada.

— Lari, que horas são? Meu Deus, onde estou? Não acredito que fiz isso de novo! Porra, Gus... Lari, te ligo depois. Beijos.

Simples assim, ela desligou na minha cara. No fundo, fico aliviada porque sei que ela está com o Gustavo.

Pois é, teremos outro casal!

Imagino o desespero dela. Deixa eu te explicar, quando a Ísis bebe, ela meio que fica louca e quase não se lembra do que aconteceu.

E a Érica, será que está viva depois do megabeijo que o Guilherme deu nela? Bom, só ligando para saber.

Disco o seu número e chama até cair na caixa postal. O jeito vai ser esperar para ver.

Guardo minhas coisas no quarto e volto à cozinha para preparar o meu almoço. Lasanha congelada, nesse momento é o que posso fazer. Depois de ter devorado a lasanha inteira, me jogo no sofá da sala e fico zapeando os canais da TV.

Deixo em um canal qualquer e me perco em pensamentos mais uma vez sobre tudo o que está acontecendo.

A vida é mesmo uma caixinha de surpresas.

Adormeço sem perceber e só acordo com o barulho da porta sendo aberta abruptamente. Pulo do sofá com o susto, mas dou graças a Deus por ser a Ísis.

— Ísis, o que aconteceu? — indago preocupada, o rosto dela está inchado de tanto chorar.

— Agora não, Lárissa. Preciso ficar sozinha. — Passa como um furacão por mim e se tranca no quarto dela.

Vou respeitar o seu momento.

Desligo a TV e vou para o meu quarto pensar no que vou vestir hoje para o meu Grandão lindo.

O que será que ele está aprontando?

Vou caprichar no visual.

Enquanto procuro o que vestir, analiso tudo o que minha avó me deixou, é muita coisa para assimilar. Ela poderia ter deixado tudo para o papai, ele é o seu único filho.

E você a única neta! Aff.

Olho o meu celular para ver se tem mensagens ou ligação do Kléber e nada.

Vamos parar de ser adolescente? Balanço a cabeça para espantar esses pensamentos bobos e me concentro no que estou fazendo.

Termino de passar o perfume quando o meu celular vibra com a mensagem do Kléber avisando que já está lá embaixo me esperando. Respondo que já estou descendo. A Ísis não saiu do quarto nem por decreto, quando voltar tento falar com ela, ou melhor, se eu voltar.

Passo pelo portão de entrada do prédio e vou em direção ao meu lindo. Realmente ele é de tirar o fôlego. A cada passo que dou, nossos olhares se conectam, parece que uma linha invisível nos liga, posso sentir o calor do seu corpo daqui, pois é o mesmo que o meu.

E depois de quase nos afogarmos em nosso beijo e falar com o Gustavo que chegou todo esbaforido, partimos rumo ao seu apartamento.

Ele preparou um delicioso jantar para nós, com direito a um maravilhoso vinho. Mas nada me preparou para esse pedido lindo de namoro. E é claro que eu aceitei.

Subimos para o seu quarto e nos amamos lentamente como nunca fizemos antes.

— Eu te amo, Lárissa. Não importa o tempo que estamos juntos, e,

sim o que sentimos um pelo outro.

— Eu também te amo, amor.

A janela do seu quarto está aberta e entra uma leve brisa junto com a luz prateada da lua. E assim adormecemos, um nos braços do outro.



Acordo com uma lambida no rosto e as patas em cima da minha barriga.

— Que bom dia mais agradável, peludão. Venha cá. — Chamo e ele sobe na cama, ficando entre mim e o Kléber.

— Ah, não, Marley. Agora não — Kléber resmunga.

— Oh, deixe ele aqui, amor. Ele veio dar bom-dia — reclamo.

— Mas eu que tenho que dar bom-dia primeiro. — Sua cara de menino mimado diz tudo.

— Pare de ser ciumento.

Rio e bato de leve no seu ombro enquanto ele afunda o seu rosto na curva do meu pescoço.

— Bom dia, namorada! Como foi sua noite? — sua pergunta sai abafada.

Humm, é tão bom ouvir isso.

Sinto-me tão protegida.

Olho para a pulseira em meu pulso e lembro de cada significado escolhido. Realmente ele me quer bem.

— Bom dia, namorado, minha noite foi maravilhosa ao lado de um homem muito gostoso por sinal! — respondo acariciando seus cabelos.

— Humm que homem sortudo esse. Quero conhecê-lo para dar os parabéns — brinca ao mesmo tempo em que beija o meu pescoço.

— Seu bobo. E a sua noite?

— Melhor impossível. Quero repetir tudo de novo.

— Qual parte? — indago, brincalhona.

Ele não responde, apenas levanta, chama o Marley e o coloca para fora do quarto.

— Essa, minha gostosa.



Capítulo 22



Kléber

Acordar ao seu lado faz o meu coração bobo se aquecer de alegria.

Antes de voltar para a cama, pego o meu celular e coloco na base do som que tem no quarto e escolho uma música para deixar esse momento mais que especial.

— Sua gostosa, sempre sua. — Ela se derrete toda e abre o mais lindo sorriso.

— Minha. Agora vamos relembrar os momentos de ontem.

Ela está toda graciosa deitada em meio aos lençóis da minha cama, os seus cabelos castanhos espalhados pelo travesseiro e o seu rosto está diferente de dias atrás. Um brilho em seus olhos reflete a cada piscada que ela dá.

Vou me aproximando da cama e acaricio o meu pau dentro da cueca, que já está pronto para tudo o que ela quiser.

— Isso é covardia, Grandão. Vai ficar se tocando aí na minha frente?

— Morde o lábio e se remexe na cama.

— Estou tentando acalmá-lo. Ele está muito impaciente. — Continuo provocando.

— Então o que está esperando?

— Primeiro irei tomar o meu café. — Subo na cama engatinhando até o meio de suas pernas. Passo as mãos bem devagar por suas pernas e, a cada contato meu, seus pelos se arrepiam. Puxo a sua perna direita e vou distribuindo pequenos beijos. — E você vai gozar lindamente em minha boca.

— Humm, isso é tortura.

— Tortura essa que você adora, né, minha safada gostosa.

Falo e dou um tapa de leve em sua coxa. Desço beijando o interior da sua coxa e sinto o cheiro da sua excitação, isso faz com que o meu pau pulse cada vez mais.

Chego onde quero, respiro fundo e fecho os olhos. O seu cheiro é inebriante e viciante.

— Minha Diabinha feiticeira, você é viciante, por mim eu viveria somente à base disso. — Olho e a vejo ruborizar.

Abro bem as suas pernas. Passo minha mão por cima da sua linda e encharcada boceta, sua excitação escorre do seu canal. Essa é minha deixa para tê-la em minha boca.

Minha língua percorre do seu canal até chegar ao seu clitóris duro de tão excitado.

— Klé... ahhh, senh... isssoooo... é tortuuuura.

Ela fala palavras desconexas, olho para cima e a vejo se contorcer por

causa da minha língua.

Sim, pequena, sinta o que eu faço com você!

Concentro minha língua em seu clitóris e em seguida coloco dois dedos dentro dela fazendo movimentos de vai e vem, uma tortura gostosa para nós dois.

Tiro os meus dedos e no lugar coloco minha língua. Isso é o estopim para sentir suas mãos em meus cabelos e suas pernas apertando a minha cabeça.

Ela se desfaz derramando todo o seu gozo em minha boca.

Antes que passe o seu estado de pós-orgasmo, peço para que ela fique de quatro na cama. Quero ver sua bunda gostosa engolindo o meu pau. E assim ela faz, seguro os seus cabelos com a mão esquerda enquanto acaricio suas costas. Penetro devagar sentindo todo o seu interior quente, me sinto em casa sempre quando estou dentro dela, um paraíso. Sinto-a apertar de leve o meu pau, isso faz com que o meu tesão aumente.

— Mais, Kléber, me fode. Nossa, isso é muito bom. — Implora, gemendo.

— Sente como nos conectamos. Que boceta gostosa, sinto o seu aperto no meu pau.

Aumento o ritmo e sinto que ela está próxima de mais um orgasmo. Eu também não vou aguentar muito tempo. Ela segura na cabeceira da cama para aguentar o nosso ritmo, o barulho das estocadas nos deixa com mais tesão, sua boceta apertada mais forte o meu pau me levando ao limite.

— Diabinha, não vou aguentar muito tempo — aviso. — Goza comigo. — Desço minha mão até o seu clitóris duro e o massajeio. — Agora — ordeno.

E nos entregamos a mais um orgasmo. Caímos na cama extasiados e felizes, a puxo pela cintura e ficamos deitados escutando apenas o som das nossas respirações.

Estamos em uma bolha tão gostosa que nem percebemos o tempo passar. Sinto que a respiração dela está suave e parece que ela adormeceu. Assusto-me com o barulho do toque do celular, só aí que me dou conta que ele estava ligado no som do quarto.

Saio desajeitado da cama e escuto a Lárissa resmungando e se aconchegando mais debaixo das cobertas.

Assim que pego o aparelho, vejo na tela que é a minha irmã, vou ao banheiro e retorno para ela.

Ela só quer se despedir, pois já está prestes a embarcar no avião com destino ao México. Desejo boa sorte e que mande notícias quando chegar.

No celular também tem mensagem da Verônica, não só uma, mas várias. Só leio a primeira e o resto nem faço questão de ler, aproveito e apago o número dela também.

Oi, Klébinho, tudo bem? Vamos marcar alguma coisa? Estou com saudades.

Bjs.

Depois de fazer minha higiene, resolvo fazer um café da manhã reforçado e esquecer essa louca, por ora.

Encontro o Marley deitado no tapete da sala, passo por ele e vou arrumar suas coisas na área. Ligo a televisão em um canal qualquer e deixo passando programas de domingo enquanto preparo o nosso café e limpo a mesa do jantar de ontem.

Estou quase terminando de limpar quando escuto uma mulher falando

de filhos e essas coisas de gravidez. Paro e penso que todos as vezes que eu e Lárissa transamos foi sempre sem proteção.

Argh, que droga. Praguejo em pensamento e faço uma nota mental para conversarmos sobre isso no café da manhã.

Estou terminando de montar uma bandeja quando sinto seus braços ao redor da minha cintura e sua boca beijando minhas costas.

— Hummm, bom dia novamente, Grandão. — Sua voz sai abafada.

— Bom dia novamente, minha Diabinha namorada. Eu já ia levar café na cama — digo, segurando suas mãos e as beijando.

Não me canso de chamá-la assim.

— Mas estou aqui para tomarmos juntos — brinca, mordendo de leve as minhas costas.

Viro-me para ela, pego o seu rosto e a puxo para um beijo apaixonado.

Tudo nessa mulher é viciante.

Estamos em um beijo quente quando somos interrompidos pelas patas do Marley quase nos derrubando no meio da cozinha. Ela ri e se abaixa para fazer carinho nele.

Depois do café, nos encaminhamos para a sala a fim de vermos a um filme na Netflix, uma coisa que descobrimos que temos em comum é o gosto por séries e, por incrível que pareça, amamos Grey's Anatomy.

Nos acomodamos no sofá e o Marley aos nossos pés, ou melhor, aos pés dela.

E adivinhem só que episódio começa? O episódio que fala de gravidez, só para piorar as coisas. É melhor falar sobre isso, antes que fique

maluco.

Pauso o vídeo e olho para ela.

— Por que parou? Estava tão bom! — pergunta, confusa.

— Parei porque preciso conversar com você uma coisa.

— Não pode ser depois, amor? — Ela faz um biquinho tão lindo, mas não posso me deixar abater.

E se ela estiver grávida? Puta merda, está tudo indo muito rápido.

Não é que eu não queira filhos. Claro que quero. Mas não agora.

— Só quero saber de uma coisa — repito, acariciando sua mão.

— Então fala.

Vejo que ficou chateada com a interrupção.

— Você pode estar grávida.

Ela me olha assustada e o sorriso que estava em seu rosto morre. Isso faz que o meu coração dê várias cambalhotas dentro da minha caixa torácica.

Senhor, permita que isso não seja verdade.

— Amor, você está louco? Claro que não estou grávida! — Ela gargalha com vontade.

— Como não? Se todas as vezes que transamos não usamos camisinhas — aponto, irritado pela sua falta de preocupação com algo tão sério.

— Calma, amor, eu tomo injeção. Relaxa, se é isso que está te preocupando. — Ela limpa as lágrimas dos olhos e eu relaxo momentaneamente com o que ela fala.

Solto o ar, pego seu rosto e dou um beijo cálido em seus lábios,

mostrando todo o amor que sinto por ela.

— Estou calmo. Só que fiquei apavorado pensando que você poderia estar grávida.

Ela dá um sorriso amarelo, me beija rápido e se volta para a televisão, dando o assunto por encerrado.

O nosso domingo transcorreu muito bem. Ficamos a maior parte do dia no sofá, só levantamos para comer. Esquecemos o mundo somente por hoje e ficamos na nossa bolha particular. Também nos entregamos várias vezes ao nosso amor, cada vez que a tenho em meus braços, a desejo mais e mais.

Já quase escurecendo ela decide ir embora, faço de tudo para ela dormir em minha casa, mas ela não facilitou nada para o meu lado.

Kléber, não era você que estava querendo ir com calma?

Então resolvo deixá-la em casa com segurança.

— Jura que você tem que ir embora? — pergunto assim que estaciono o carro em frente ao prédio da Ísis.

— Juro, Grandão, tenho que resolver essas coisas com minha família. E outra, amanhã temos trabalho, chefe — brinca, prestando continência. Balanço a cabeça rindo dela.

— Mas você pode dormir lá em casa e iremos trabalhar de lá. — Seguro sua mão esquerda e a beijo.

— Hummm... uma proposta tentadora. Porém, vamos devagar, namorado. — Semicerra os olhos e balança a cabeça de leve.

— Tudo bem, namorada. Só me liga antes de dormir. — Dou-me por vencido, suspirando.

— Bom, vou pensar no seu caso.

— Que namorada mais malvada.

— Seu bobo, eu ligo sim. Agora me deixe entrar, pois não sei como está a minha amiga depois de ontem.

— Então vai lá. — Ela vai abrindo a porta do carro. — Não está esquecendo de nada, Diabinha?

Antes que ela responda, a puxo de leve pelo braço e beijo sua boca como se não houvesse o amanhã. E como ela não se faz de rogada, sobe no meu colo e corresponde à altura.

Nossas línguas duelam em uma dança sensual. Minhas mãos apertam sua cintura fina puxando-a para mais perto. Já estou duro, se não pararmos agora, irei possuí-la aqui mesmo, entretanto, como ainda me resta um pinga de juízo, a afasto e ficamos tentando recuperar o nosso fôlego com as testas coladas.

— Minha Diabinha, como eu te amo — digo e acaricio suas pernas.

— Também te amo muito, Grandão — responde e o meu coração acelera que nem um louco desvairado.

Selamos com mais um beijo, só que dessa vez calmo e cheio de promessas.

Ela sai do carro, dá um tchau e entra pelo portão do prédio.

Dou partida no carro e volto para casa. Assim que entro no apartamento, o Marley, que costuma me receber, só levanta a cabeça, olha para mim e volta a deitar.

Fecho a porta e algo no chão me chama a atenção, uma carta. Acho estranho, o porteiro nunca entrega nada nesse horário. Então ligo na portaria

para saber quem foi que entregou isso.

— Seu Severino, aqui é o Kléber do 220, tudo bem?

— *Tudo seu, Kléber. Em que posso ajudar?*

— Eu cheguei agora no meu apartamento e encontrei uma carta sem remetente. Você que deixou ela aqui?

— *Não seu, Kléber. Não veio ninguém aqui entregar nada para o senhor.*

— Tem certeza?

— *Tenho sim.*

Despeço-me dele e resolvo abrir a carta para ver do que se trata.

Que porra é essa?



Capítulo 23



Lárisa

O que falar do dia de hoje? Tantas coisas para dizer, mas não sei expressar em palavras o que estou sentindo. Somente o sorriso bobo estampado em meu rosto diz tudo.

O Kléber foi simplesmente um fofo. Realmente as pessoas nos enganam. Só em pensar nele o meu coração já bate descompassado, meu estômago parece que tem um viveiro de borboletas.

Meu Deus, e o que foi aquilo, ele pensando que estou grávida? Que louco! Confesso que fiquei um pouco triste com o que vi em seus olhos, mas, por fim, entendo perfeitamente o seu medo.

Estamos juntos há pouco tempo e já acontecer isso, seria muito azar da nossa parte.

Fico vendo por entre as grades do portão o carro do Kléber indo embora. Quando o seu carro desaparece, novamente sinto um calafrio

percorrer o meu corpo, olho para os lados e não vejo nada.

Tenho que parar com essas paranoias ou ficarei maluca.

Quando passo pela portaria, o porteiro, que ainda não sei o nome, me chama e me entrega um envelope, olho para ver quem encaminhou e não tem remetente. Deixo para abrir quando entrar no apartamento.

Assim que as portas do elevador se abrem, escuto um barulho ensurdecador vindo do apartamento. E só quando abro a porta que vejo a Ísis dançando descompensada em cima do sofá, toda descabelada e com uma garrafa de Smirnoff, cantando Taylor Swift a plenos pulmões.

Aconteceu algo muito grave. Corro e desligo o aparelho de som, senão os vizinhos vão ligar para a polícia.

— Sua estraga prazeres, liga a droga desse som — resmunga descendo do sofá e vindo em minha direção.

— Não, amiga. Chega! O que aconteceu para você estar nesse estado?
— Seguro suas mãos que tentam pegar o controle em cima do braço do sofá.

— Não aconteceu nada. Só minha vida que é uma droga. Por que você não volta para o seu chefe gostoso e me deixa aqui?

Ela senta no sofá, derrotada e deixa a garrafa cair no chão, derramando o líquido. Pelo visto ela está muito bêbada. Quando olho ao redor, vejo várias garrafas vazias e caixas de comida chinesa esparramadas pelo chão.

— Vem, vamos tomar um banho, depois conversamos — digo firme e a puxo pelo braço devagar indo em direção ao seu quarto.

Ela não protesta, mas o cheiro dela está horrível, parece que não toma banho há dias. Deixo-a sentada em sua cama enquanto encho a banheira.

Quando volto, ela está deitada nua, com o braço no rosto e gemendo coisas inaudíveis.

— Ísis, vem para o banho, já preparei a banheira. — Chamo, a puxando pelo braço.

— Deixa que eu vou sozinha, não sou criança. Me cuido sozinha, tá legal? Nossa, Lari, você está gostosa, se eu gostasse da fruta, te pegaria hoje — diz com a voz embolada.

Gente, o que a bebida faz com as pessoas? Rio do seu jeito e dou um desconto pelas grosserias dela.

— Tem certeza que consegue tomar banho sozinha? — Coloco as mãos na cintura sem acreditar muito na sua tentativa de ir para o banho.

— Ahammm — responde resmungando alguma coisa e vai para o banheiro, decido dar privacidade a ela e ir arrumar a bagunça na sala.

Quando estou terminando de arrumar a sala, a campainha toca. Estranho o porteiro não ter interfonado. *Deve ser a Érica.*

Abro a porta para dar de cara com uma Érica com a cara toda vermelha de tanto chorar.

Oh, meu Senhor, é hoje!

— Eri, amore, vem cá.

É só abrir os braços para ela se derramar em lágrimas novamente.

Fecho a porta e a levo até o sofá. A sala agora está com aspecto de casa e não do lixão que encontrei quando cheguei.

Deixo-a chorar em meu ombro e não falo nada. Passo as mãos em suas costas, sinto que o seu choro é de uma dor profunda.

Não gosto de ver minhas amigas nesse estado.

Longos minutos se passam e o seu choro vai cessando, só pequenos soluços saem de sua garganta.

A Ísis surge na sala com uma toalha na cabeça e vestida em seu roupão. Ela me olha e faz cara de interrogação, balanço a cabeça em negativo e ela senta em uma poltrona ao lado do sofá.

Então chegou a minha vez de consolá-las.

— Eri, está melhor? — indago passando a mão em seus cabelos.

Ela confirma e encosta a cabeça no sofá.

— E você, Ísis? — sussurro para ela.

— Já tive dias melhores. — Funga e começa a secar os cabelos com a toalha.

— Bom, já que as duas estão nesse estado, vou preparar algo pra gente comer e depois conversamos. Combinado? — Pulo do sofá e tento animá-las.

E quem disse que respondem? Cada uma fica em seu mundo particular. Dou o espaço para as duas pensarem e vou preparar o lanche.

Preparo três sanduíches de peito de peru e suco de abacaxi com hortelã. Aproveito e pego dois analgésicos para a Ísis. Hoje ninguém terá suco preferido.

Retorno para sala e as duas permanecem no mesmo estado.

— Pronto, agora comam. — Sento perto delas e empurro os lanches, como fizeram há dias atrás comigo.

— Não estou com vontade — rebate Ísis.

— Não tem que querer, Ísis, coma e pronto, ou prefere café preto? — Ela odeia café preto para a ressaca. — Se quiser, eu preparo agora.

— Não precisa, eu como, tá legal?! — resmunga e pega o sanduíche com raiva.

— Melhor assim. E você, Érica, está esperando o quê?

— Que um milagre aconteça e certas pessoas sumam da minha vida! — responde parecendo uma criança birrenta.

Bufo por conta desses comentários infantis delas.

Quem diria, hoje sou eu do outro lado.

— Meninas, por favor, comam. Só isso que eu peço. Não compliquem mais as coisas. — Imploro com todo o meu jeito meigo. Porém, no final, falo firme.

Elas não rebatem e começam a comer, e eu também.

Termino o meu primeiro e me viro para elas.

— Podem começar a me dizer o porquê desse estado das duas. A Ísis posso até imaginar o que seja. Agora você, Érica, não faço ideia, sendo que, na sexta, estava bem assistida.

Dou um sorriso em sua direção e ela baixa a cabeça com o meu comentário.

A Ísis começa a falar.

— O idiota do Gustavo... — Para de falar e fica com o olhar distante.

— Sim? — Incentivo-a continuar.

— Ele quer namorar. — Dá de ombros e bebe um pouco de suco.

— E qual o problema nisso? Ontem mesmo fui pedida em namoro. —

Pego sua mão e aperto de leve.

— Não estou preparada para dar esse passo. Por mais que eu esteja gostando dele. — Quando olha em minha direção, seus olhos têm lágrimas não derramadas. Não sei qual a sua relutância em não querer.

— Ísis, nunca estaremos preparadas para essas coisas do coração! Vocês mesmas são provas vivas de que fiquei dois anos lutando contra o sentimento que nasceu em mim pelo Kléber e olha no que deu!

— Larita, é fácil falar quando está tudo acertado.

— Não, não é, Ísis. Pare e pense em tudo o que aconteceu até hoje entre vocês. Não sei em quem nível está esse envolvimento dos dois, mas, pensa bem.

— Já tomei minha decisão. — Olha-me séria e fala convicta do que quer.

— Então tá, estarei sempre aqui, amiga. E você, Eri? — Ela assente e viramos para a Érica.

Ela nos olha e novamente se derrama em lágrimas.

Cada palavra dita por ela corta o coração, não sei que tipo de ser humano faz isso. Só sei que a dor que ela está sentindo não chega a nem um terço do que senti quando perdi minha vó.

Toda aquela alegria que ela demonstrava para nós era tudo uma farsa para esconder tudo isso. O segredo que a Ísis sabia era só a metade, ou melhor, só o começo de toda a sua dor. Se tem uma coisa que eu faço com muito gosto é defender as minhas amigas.

Ah, mas esse Dr. Guilherme está muito encrencado comigo.

A noite terminou em um silêncio total depois que a Érica colocou

para fora toda a dor que ela carrega até hoje. Antes de deitar, envio uma mensagem para o Kléber dando boa noite e avisando que amanhã explico o que aconteceu.

Como sempre, a semana começou corrida para todos nós.

A Érica dormiu conosco, então viemos as três no carro da Ísis, ou melhor, eu vim dirigindo. As duas lindezas estão com caras amarradas desde a hora que acordaram.

Quando chegamos ao laboratório, parecia que havia morrido alguém, ninguém falava nada.

O Gustavo chegou e nem deu um bom-dia, sequer olhou em nossas direções. O Bruno parecia que tinha visto passarinho verde.

O Kléber não deu notícias e nem respondeu a minha mensagem de ontem.

Aff, que estranho. Eu, hein!

Termino umas pesquisas que estão paradas há dias e resolvo ir a lanchonete tomar um café. Peço o mesmo de sempre, na realidade, a Dona Elvira já sabe o que eu gosto.

Sento, pego o meu celular e ligo para o *meu namorado*.

Quase no quarto toque ele atende com voz rouca de sono.

— *Oi, amor!*

Meu Senhor, me ajuda a resistir a esse homem!

— *Diabinha, você está aí? Alô?*

— Ah, oi, amor, desculpa. Estou sim. Fiquei preocupada. — Tento não parecer uma desesperada.

Não quero parecer uma louca que fica ligando toda hora para o namorado. Mas realmente não aguentei.

— *Desculpa, pequena. É que ontem tive que sair correndo para a casa dos meus pais. Minha mãe passou mal, então, eu e o meu pai a levamos para o hospital. Não quis deixar ele dormir sozinho com ela. Acabei dormindo lá, no final das contas.* — Realmente sua voz parece cansada.

— Mas foi algo grave? — indago, preocupada.

— *Nada de mais, só a pressão dela que subiu devido a uns problemas com minha irmã.*

— Hum.

Não quero cobrar nada. Não vou cobrar nada.

Esse é o meu mantra. Ir com calma.

— *Diabinha, você está bem?* — Ele percebe o meu silêncio. Droga.

— Estou bem sim — respondo rápido.

— *Desculpa por não ter ligado ou respondido ontem. Foi muito corrido com ela e o meu pai* — justifica.

— Tudo bem. Você vem hoje para o laboratório? — pergunto e seguro a respiração.

Não sei o porquê dessa minha insegurança agora. Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos.

— *Sim, minha Diabinha. Só vim descansar um pouco. Vou depois do alm...* — Não consigo escutar o que ele fala, pois sou abordada pelo Bruno.

— Oi, morena, tudo bem?

Aponto para ele que estou no telefone, vou até o balcão pegar o meu

pedido e escuto um Kléber xingando no outro lado da linha.

— Amor, o que foi? — indago já sabendo a resposta.

— *Lárrissa, quem está aí com você?* — pergunta, nervoso.

Respiro fundo e reviro os olhos. *Vai começar.*

— O Bruno — respondo, seca.

— *Hum, tudo bem. Já, já, estarei aí, preciso verificar umas coisas aqui e depois vou* — devolve na mesma moeda.

— Tudo bem, estarei aqui. — Não dou brecha para o seu ciúme besta e ele percebe.

— *Vou indo, pequena, beijos.* — Suaviza na fala, o que me amolece toda.

— Beijos, Grandão.

Volto para a mesa e vejo o Bruno mexendo em seu celular.

Sento-me à mesa e começo a degustar o meu mocaccino e o pão de queijo.

— Bruno, não entendi o porquê me chamar de "morena" — digo, irritada.

Ele me olha e dá um sorriso estranho. Um calafrio percorre o meu corpo, como nunca senti antes perto dele. Retribuo com um sorriso amarelo e espero pela resposta.

— Te chamei assim porque você é morena, ué. — Dá de ombros e coloca o celular de lado.

Faço cara de que ainda não estou entendendo o real motivo disso.

— Sim, eu sei.

— Calma, Lari, foi só uma forma carinhosa, todavia, se não gostou, peço desculpa.

Por que será que eu não gostei disso? Forma carinhosa? Algo dentro de mim não concordou com isso.

— Ok. Peço licença, já terminei, tenho que voltar.

Assim que passo ao seu lado, ele segura o meu braço, não muito firme, porém, me deixa próximo a ele.

— Lari, peço desculpa novamente pelo que disse. E que não esqueça que estou sempre aqui para o que precisar, qualquer coisa — diz, mas seu rosto está impassível.

Confirmo com a cabeça, sem graça com esse papo sem pé e nem cabeça.

Ele solta o meu braço e volto para a ala em que trabalho.

O Gustavo continua em seu lugar, olho pelo recinto à procura das meninas e só encontro a Érica absorta a tudo ao seu redor.

— Eri, cadê a Ísis? — pergunto, chegando perto dela.

— Oi, Lari, a Ísis foi nos armários — responde sem me olhar e continua fazendo seus experimentos.

— Hum, vou pegar um negócio na bolsa e já volto. Você está bem?
— Toco o seu ombro para que ela me olhe.

— Já tive dias piores, entretanto, vou melhorar. Obrigada, amiga, pelo apoio.

Dou um beijo de leve em seu rosto e sigo para os armários.

Quando estou chegando, esbarro na Ísis com o rosto vermelho de

choro.

Ai, meu Deus, o que foi dessa vez?

— O que foi, Ísis? — Seguro-a pelos ombros.

— Estou morrendo com essas cólicas infernais — resmunga, colocando a mão na barriga.

Lógico que não é só isso, mas prefiro não insistir.

— Vem cá, amiga, tenho um remédio que irá ajudar a passar a sua dor — afirmo e a puxo de volta para os armários.

— Ah, agradeço, Larita. — Respira fundo ao agradecer.

Abro minha bolsa procurando e, antes de encontrar o remédio, vejo a carta que recebi ontem e esqueci de abrir.

Decido abri-la e fico espantada com o conteúdo, não dá para reconhecer a caligrafia, pois está escrito com recortes de revista.

Só um aviso, piranha: Deixe o meu homem.

Olho diversas vezes tentando entender o significado dessa carta. Juro para vocês que de todas as mulheres que eu já vi o Kléber saindo, a única que passa pela minha cabeça é a Vacarônica.

Quem poderia ser? Ela é a única que teria essa ousadia.

— O que foi, Lari? Você está vermelha, está passando mal? — Ísis pergunta segurando o meu ombro.

Não falo nada, minha vontade é sair daqui e ir até o buraco onde essa cobra se esconde e fazê-la engolir pedaço por pedaço desse papel.

Argh, isso é o que dá sair pegando qualquer uma.

Saio do meu momento de querer matar a Vacarônica e volto para a

Ísis que está me olhando com cara de interrogação.

— Olha isso, Ísis. Aposto toda a minha herança que é a Vacarônica!
— mostro a carta para ela e falo entre os dentes com toda a raiva que estou sentido.

Ela pega o papel e analisa. Posso ver seu rosto se contorcendo de raiva.

— Mas que vaca. Larita, quando você recebeu isso?

— Ontem quando cheguei da casa do Kléber, mas só abri agora — explico e ando até a janela para respirar melhor.

— Isso é que dá pegar qualquer uma. O que esses homens têm na cabeça? — essa pergunta serviu mais para ela do que para mim. — Bom, o que você vai fazer? Ai, me dá logo esse remédio, Lari!

Volto a procurar o remédio na bolsa enquanto respondo:

— Tá, já encontro. E respondendo à sua pergunta, por ora, não farei nada. Essa vaca que venha se intrometer na minha vida para ela ver. Já tenho tanta coisa para resolver e ainda mais essa.

— Isso aí, Larita. Agora me dá logo esse remédio.

Lógico que eu pensei que ela estava só fingindo a dor para não dizer que estava sofrendo por causa do Gustavo, todavia, vendo-a se contorcer de dor, realmente é verdade.

Depois de medicada, a deixo deitada um pouco para o remédio fazer efeito e volto para os meus afazeres. Meia hora depois que estou de volta no laboratório, chega um Kléber de cara fechada.

— Bom dia a todos. Se precisarem de mim, estou no escritório. Lárissa, quando terminar esse experimento, venha até a minha sala, por favor!

— ordena, já saindo da sala.

Poderia ser mais frio do que uma calota polar? Lógico que sim. Pois foi assim que interpretei as suas palavras.

E como sei o porquê disso tudo, faço-me de desentendida e não vou.

O dia passou correndo. Não fui à sua sala e ele não veio até a mim.

Por mais que eu tenha trabalhado, saído para o almoço com as meninas, a carta não saiu da minha cabeça. *Eu tenho certeza que foi ela.*

No almoço contei sobre as coisas que minha avó deixou para mim, e é sempre bom ouvir conselhos dos nossos amigos. Elas me aconselharam a aceitar tudo, quer dizer, em partes. A empresa ficará sob o comando do meu pai, a casa e as outras coisas eu cuidarei, elas me fizeram enxergar que assim eu ficaria mais perto dela.

Quando estávamos retornando do almoço, senti novamente aquela sensação de estar sendo observada. Olhei para todos os lados e quando estava quase desistindo, a vi de longe.

Agora sei quem está me observando, dei um passo em sua direção, mas era tarde, ela se virou e foi embora. As meninas, que estavam conversando, não repararam o meu movimento e assim deixei para lá.

Por enquanto!

Agora, quase indo embora, decido ver o que o chatinho do meu namorado, que ficou o dia inteiro emburrado, quer comigo.

Sei que deve estar preocupado com a mãe, entretanto, também sei que ele ficou possesso pelo que escutou do Bruno. Esse é outro que depois do episódio da lanchonete voltou ao seu trabalho e não se dirigiu mais a mim.

Bato à porta umas duas vezes e escuto ele pedindo para eu entrar. E só

foi o tempo de abrir a porta e ser atacada por sua boca faminta por mim.

Senhor, que homem louco! E que eu sou louca por ele, isso é fato!



Capítulo 24



Kléber

Que porra é essa?

Esse foi o único pensamento que passou pela minha cabeça após ler diversas vezes esse papel.

Não sei quem está brincando com isso.

Minha noite foi um tormento. Mas é aquela coisa, sempre quando está acontecendo tudo de maravilhoso, algo ruim ou desagradável tem que acontecer.

Começou tudo por conta daquela maldita carta. Depois disso, a ligação do meu pai falando que minha mãe estava passando mal e, para completar, a Verônica aparece do nada na minha porta.

— Oi, Klébinho — diz com a voz melosa.

Não me espanto com sua presença. Já sabia que mais cedo ou mais tarde ela estaria apareceria aqui. Ela não aceitou muito bem como a deixei na

última vez que nos encontramos.

— Fala logo o que você quer. — Sou ríspido com ela. Estou sem paciência e sem tempo.

Minha mãe está passando mal, porra!

— Nada, amorzinho. Só quero te dar um presente.

Ela nem termina de falar direto e já abre o seu sobretudo expondo o seu corpo lindo e escultural dentro de uma lingerie vermelha.

Juro para vocês que se fosse outros tempos, ela estaria em minha cama em segundos. Porém, o meu pau e o meu coração nem se dão ao trabalho de se alegrar com a cena. Rio por dentro, mesmo de longe a minha Diabinha tem o poder sobre mim.

— O que você pensa que está fazendo, Verônica? — indago, mas já sabendo a resposta. *Ela não veio para brincadeira.*

Mulher que faz isso já tem todo o seu plano traçado, entretanto, eu estou com outros planos e ela não está inclusa neles.

— Não se faça de desentendido. Eu sei muito bem que você ama tudo isso. Então vamos parar logo com essa conversa e ir para o que interessa?

Enquanto fala, tenta entrar em meu apartamento, todavia, sou mais rápido e não a deixo entrar.

— Verônica, não estou a fim, e estou de saída para a casa dos meus pais. Ah, e antes que eu me esqueça. Você viu muito bem no dia da boate que já tenho alguém em minha vida.

Ela solta uma gargalhada esganiçada e coloca as mãos na cintura.

— Se você está falando daquela sem sal que eu tive o desprazer de encontrar de novo com você. Essa, você já, já, a deixa de lado e vem me

procurar — diz com desdém.

— Aí, minha cara, é que você está enganada. Ela é minha namorada e você não chega aos pés dela. Ponha-se no seu lugar e volte para sua casa.

Cada palavra que profiro faço questão de deixar bem claro a importância da minha Diabinha. Sua fisionomia vai se fechando e a ficha caindo de que não tem mais nada a fazer. Eu não queria falar isso, mas, foi necessário para que ela entenda.

— Nossa, Kléber, ela domou você direitinho. Tenho que dar os parabéns para aquela sem sal.

— Olha como você fala dela. Bom, Verônica, já perdi tempo demais com você. Os meus pais me esperam — finalizo, irritado com toda essa palhaçada.

Como já estou com as minhas coisas em mãos, passo por ela e fecho a porta, indo apertar o botão do elevador.

— Desculpa, Kléber, pelo que eu fiz. Isso não irá se repetir, já entendi o recado.

Enquanto ela fecha os botões do sobretudo, pede desculpas, só que com uma pequena diferença, não sinto sinceridade em suas palavras.

Eu sei que mulher rejeitada é pior que levar um tapa na cara. Ela se vinga, e com gosto, não importa quem seja a pessoa. Eu só torço para que ela não faça nada. Pois se eu souber de alguma coisa, ela irá se ver comigo.

Nem me despeço dela quando o elevador para no térreo para ela descer. Recebo a mensagem de que o meu pai levou minha mãe direto para o hospital. A sorte que o médico de plantão é o Guilherme, ele está cuidando da minha mãe muito bem.

Nunca duvidei dele, além de amigo, é um excelente profissional em sua área.

A pressão arterial da minha mãe subiu devido ao desentendimento com minha irmã. Chego ao hospital e encontro o meu pai abatido. O Dr. Guilherme achou melhor que ela fique a noite no hospital em observação. E meu pai, como todo homem apaixonado, quer ficar ao seu lado, porém, como bom filho que sou e sei que na idade dele é bem cansativo, o aconselho a ir para casa descansar que passarei a noite com ela.

Com toda essa correria acabei esquecendo da tal carta e da minha Diabinha. Não quis questionar a minha mãe sobre a briga com minha irmã, por conta do seu estado, e achei melhor falar direto com minha irmã.



O dia amanhece e estou todo quebrado por ter dormido no sofá.

Enquanto minha mãe ainda dorme, vou à cantina tomar um café forte.

Faço o meu pedido e sigo para uma mesa esperar ficar pronto. Encosto minha cabeça entre as mãos e fecho os olhos. Vislumbro a minha Diabinha deitada em minha cama, isso faz com que meu coração se acalme momentaneamente, eu sei que estou com ela e é nisso que tenho que focar.

Sinto uma mão em meu ombro e abro os olhos, me deparo com o Guilherme me encarando e pela sua aparência não me parece nada bem. Está abatido, como se não dormisse há dias.

— E aí, cara, senta aí para tomar um café comigo — convido.

— Vou aceitar, já até pedi o meu. Como andam as coisas com a menina Lárissa? — indaga, sentando na minha frente.

— Estamos muito bem. Ontem a pedi em namoro. — Sorrio ao me lembrar de tudo o que passamos.

— Opa, então quer dizer que o comedor Kléber Galvão pendurou as chuteiras? — Bate palmas e debocha.

Rio do seu comentário e meneio a cabeça, pegando o meu café que a moça entrega.

— É o que parece. Não consigo mais ver minha vida sem aquela Diabinha — confesso, sem me preocupar com o que ele vai pensar.

— Diabinha? — pergunta, curioso.

— Sim, ela me atormentou durante dois anos. Não saía da minha cabeça, então eu a apelidei assim.

Ele solta uma gargalhada e toma o seu café.

— Você é louco.

— Sim, sou louco por ela. E você com a Érica, o que rola? — Percebo que toquei em sua ferida, pois sua cara muda de fisionomia.

— Cara, é muito complicado o meu rolo. Lembra daquela garota da época da faculdade? — Meneio a cabeça concordando. — É ela, mas parece que nosso encontro foi totalmente diferente do que eu imaginei. — Solta uma lufada de ar e passa as mãos nos cabelos, nervoso.

— E o que você imaginava? — Recosto na cadeira e o espero desabafar.

— Cara, por muito tempo pensei que ela não tinha aceitado muito bem a minha partida. Ela nunca respondeu minhas cartas, e-mails, até sinal de fumaça quase mandei para aquela mulher e nada. E depois de sexta, tive a certeza de que tem algo a mais nessa história e eu não sei como chegar nela

— confessa, derrotado.

— Ué, mas depois daquele beijo, eu pensei que...

— Não tem o que pensar em relação à Érica. Aquela mulher, depois de tanto tempo longe, se tornou um mistério para mim. Enfim, vamos esquecer essas merdas do coração e cuidar do coração da sua querida mãe?

Queria que ele se abrisse mais para tirar o peso do seu coração. Pensei que depois de tanto tempo, ele tinha esquecido a tal ex que agora sei quem é. É foda passar por isso.

E assim saímos da lanchonete indo em direção ao quarto da minha mãe. Depois de todas as recomendações passadas, meu pai se incumbiu de levá-la para casa e eu fui para minha ver se conseguia descansar um pouco.

Quando cheguei a casa, foi só o tempo de colocar comida para o Marley e o celular para carregar para cair exausto na cama.



Acordo com o barulho do meu celular tocando e vejo que é a minha Diabinha. Sua voz doce me acalma de uma maneira inexplicável.

Os meus sentidos são despertados quando ouço uma voz no fundo que me deixa em total alerta.

— ... morena.

Pergunto quem é ao lado dela e, para minha surpresa, é o Bruno.

Quando penso que não tem como piorar, aí aparece esse embuste.

Como sei que ela não gosta do meu ciúme, tento controlar o máximo que posso e me despeço com um beijo.

Levanto rapidamente e vou atrás daquela maldita carta que deixei na sala. Releio várias e várias vezes o que está escrito. *Não pode ser ele. É muita coincidência.*

Você acha que ficará com aquela morena? Tome muito cuidado por onde anda! Isso é só um aviso.

Mas que porra, não pode ser o Bruno. E se for ele? Que merda isso.

Depois de arrumado, pego minhas coisas e parto para o laboratório. No caminho, decido ligar para a minha irmã. Preciso saber como foi de viagem e essa discussão com a mamãe.

— *E aí, maninho, já com saudades?*

— Emanuela, vou logo ao assunto. O que você e a mãe discutiram? Ontem ela foi parar no hospital.

— *Oh, meu Deus! Irmão, nós discutimos por conta da minha viagem repentina e ela ainda não aceita o fato da minha opção sexual. A verdade é que eu estou cansada disso tudo, maninho. Enfim, não sabia que ela passou mal.*

Por mais que a nossa mãe não aceite, sinto sua voz ficar embargada e preocupada ao mesmo tempo. Entretanto, como a conheço e tem o mesmo gênio que a nossa mãe, não vai dar o *braço a torcer*.

Ela fica em silêncio e enquanto isso estaciono o carro perto do das meninas.

— Manu, ela está bem. Só a pressão dela que subiu demais e agora terá que ficar em repouso em casa.

— *Menos mal. Bom, tenho que desligar agora. Depois nos falamos.*

Entro na ala do laboratório, cumprimento todos e falo para a Lárissa ir

até a minha sala. E como teimosia é o seu segundo nome, não apareceu durante o dia todo.

Está quase na hora de ir embora quando escuto a batida na porta e peço para entrar. Como estou louco de saudades nem espero ela fechar a porta direito e já ataco sua boca gostosa.

Porra, como amo essa mulher.

O nosso beijo, como sempre, é feroz, uma fome desenfreada um pelo outro, o meu coração bate contra a caixa torácica quase quebrando de tão forte.

Foda-se quem quer me ver longe dela.

Como já disse, ela veio para a minha vida para deixar tudo mais colorido. Se está uma bagunça? Sim, mas uma bagunça boa.

Ainda nos beijando, a empurro contra a porta ao mesmo tempo que a tranco para que não sejamos surpreendidos.

O beijo voluptuoso é lento, faço questão de provocá-la. Passo lentamente a minha boca na dela e mordisco seu lábio inferior. Ela geme quando aprofundo o beijo. Invado sua boca com minha língua passando pela sua. Uma dança gostosa que faz aumentar o meu tesão.

Humm, o gosto dela é tão bom. Não me canso de sentir.

Ela enrosca suas pernas na minha cintura e é tudo que preciso. Os nossos sexos se chocam e ela suspira.

— Grandão, eu preciso de você dentro de mim.

Sem esperar mais, tiramos nossas roupas em tempo recorde. Empurro todas as coisas da mesa e a coloco deitada, ela abre as pernas para me receber e eu tenho a visão maravilhosa dela toda aberta.

— Minha Diabinha, você não tem noção de como está maravilhosa nessa posição.

— E nem quero. A única coisa que quero é você dentro de mim, Grandão. Vem logo.

— Você que manda, minha Diaba.

Sei que ela está louca para me ter dentro dela, e eu não fico atrás. Passo a cabeça do meu pau melado em seu clitóris, deixando-a mais louca de tesão.

— Isso... é... covardia... Klé...

— Não é, minha Diabinha. Quero que sinta o que você faz comigo.

Ela geme e aperta os seios.

Porra, isso é o estopim para mim.

Dou a primeira estocada e em surpresa ela grita.

Sua intimidade me aperta em resposta. Ela rodeia novamente as pernas em minha cintura me puxando para mais perto.

Olho para ela e vejo o seu rosto corado, seus cabelos espalhados pela minha mesa. A safada sorri e joga a cabeça para trás. Enquanto dou pequenas estocadas, beijo sua barriga e subo para os seus lindos seios redondos e que cabem em minhas mãos. Chupo o bico do seu seio direito e puxo o esquerdo, suas partes íntimas novamente voltam a me apertar dando indício que está perto.

O vai e vem dos nossos corpos aumenta, não ligo para quem está lá fora ou se estão nos ouvindo. Quero que saibam a quem ela pertence.

Principalmente aquele merdinha do Bruno.

Desço minha mão e encontro o seu clitóris duro de tão excitado. Massageio de leve e estoco ao mesmo tempo, ela se desfaz no meu pau duro e me leva junto.

Gritamos juntos os nossos nomes em oração.

— Isso foi intenso, Grandão — diz, acariciando os meus cabelos.

— E como foi! Senti saudade de você — digo e beijo os seus seios.

— Percebi, mas também senti falta. Como está sua mãe? — Sua preocupação com minha mãe me deixa feliz. Porém, nesse momento, não é legal.

— Pequena, me recuso falar da minha mãe quando ainda estou dentro de você — digo e faço o movimento de vai e vem de novo.

— Mas que homem insaciável é esse?! — brinca.

— Quando se trata de você, sempre serei, minha Diabinha.

Ela se mexe e o meu amigão semiereto começa a ficar novamente pronto para mais uma rodada.

Nos rendemos ao nosso amor novamente como dois adolescente desesperados um pelo outro.



Capítulo 25



Lárisa

Se estou feliz? Essa resposta dou sem pensar muito.

Hoje completa um mês que estamos namorando e quase dois meses que minha querida vizinha me deixou.

Ainda dói pensar nela, mas agora é uma dor de saudade. E para essa dor ser menos constante em minha vida decidi me mudar para a casa da minha vó. Há duas semanas atrás, fiz minha mudança. As meninas e os meninos me ajudaram.

Mudança? Aff, se só roupas e coisas do meu quarto que estavam na casa dos meus pais se caracterizam como mudança, então, está valendo.

Lembro que no dia os dois casais deixaram suas diferenças de lado e resolveram me ajudar, até o Bruno que teve aquele papo estranho naquele dia, mudou. Não entendi bem, mas decidi deixar para lá.

As cartas, que agora viraram bilhetes, se tornaram constantes, e não é só a mim que me enviam, mas ao Kléber também. Descobri isso no dia em

que ele chegou no laboratório todo possessivo.

O que nós dois fizemos? Rimos para essa brincadeira de mau gosto e estamos aproveitando ao máximo os nossos momentos.

Todos os finais de semana durmo com ele e o Marley, esse é outro que não pode me ver que não quer me largar. Meu pai continua com a sua vida de sempre e minha mãe Emily continua viajando pelo mundo.

Fiquei sabendo há dois dias, quando ela me ligou, que pediu o divórcio ao meu pai.

E entendo o seu lado. Acho que foi um fardo carregar essa responsabilidade nas costas, tal responsabilidade essa que ainda estou protelando para ir atrás.

O meu pai, segundo ela, não protestou e disse que já iria providenciar os papéis junto ao advogado. Perguntei quando voltava de viagem, e ela confirmou que voltaria assim que os papéis ficassem prontos. Realmente ela está querendo ficar longe. Entendo perfeitamente sua situação, ainda não sei de toda a história que nos envolve. Estou deixando passar.

Escuto batidas na porta do meu quarto.

— Só um minuto. — Estou deitada olhando para o teto enquanto divagava em meus pensamentos. Levanto correndo, pego o meu robe e peço para entrar.

— Bom dia, senhorita Lárissa. Chegaram essas flores. — Tony entra e me entrega um pequeno buquê.

Um sorriso brota em meus lábios.

— Ah, obrigada, deixa eu ver, tem cartão? — Procuro em meio às flores.

— Sim, claro. Aqui.

— Obrigada, Tony. — Agradeço.

— A senhorita gostaria do seu café no quarto?

— Não, eu já desço para tomar na sala mesmo.

— Tudo bem.

Balanço a cabeça, enquanto caminho abraçada às flores e lendo o maravilhoso cartão do meu namorado lindo.

E mais uma vez ele me surpreende. Lembrando disso, estou em falta com ele. Não fiz nada. A cada linha escrita, o meu coração bate igual a uma britadeira.

Bom dia, minha Diabinha. Hoje completamos um mês de namoro. E com cada uma dessas flores tentei demonstrar um pouco o que sinto por você.

Que venham meses e anos ao seu lado.

Esse mês foi o melhor da minha vida.

Bjs, do seu sempre

KG

Releio várias vezes e sorrio feito uma adolescente.

Desço para tomar o meu café e quando chego à sala, sinto o aroma do café preto.

Sento à mesa e começo a degustar tudo. Olho e vejo que tem comida para um batalhão de gente.

— Tony, que exagero, tem muita comida. Vem tomar café comigo. — Convido.

— Senhorita, obrigado pelo convite, mas, já tomei.

Bufo em protesto e como sozinha.

Estou quase finalizando quando escuto um falatório vindo da cozinha. Levanto às pressas e vou conferir.

— O que está acontecendo aqui? — indago assim que passo pela soleira.

Tony me olha assustado e não entendo o porquê, mas quando meus olhos pairam sobre a mulher baixa, morena, de cabelos escuros é que entendo o seu estado.

— Senhorita Lárissa, não precisa se preocupar, eu resolvo aqui — diz, nervoso.

— Não, Tony. Me explique o que está acontecendo — falo firme com ele.

Ele fica mudo por uns instantes, tentando achar algo convincente para me falar.

Lembro vagamente de já ter visto essa mulher, só não lembro onde.

— Senhorita Lárissa, essa senhora gostaria de falar a sós — ele fala e baixa a cabeça.

Olho novamente para ela e balanço a cabeça incentivando-a a falar.

— Eu sou sua mãe — sentencia sem pestanejar.

Sabe aquelas notícias que quando você recebe, fica quase que uma eternidade para processar? Pois é, é assim que estou.

Ando pela cozinha, vou até a geladeira tomar uma água.

— Ok. E como tem certeza disso? E por que me procurou só agora?

— pergunto, ainda tentando encontrar o meu raciocínio.

— Eu tive tanto medo! — Sua voz soa temerosa, mas evito olhar para ela.

— Medo de quê? De quem?

Mistério e mais mistério.

— Da sua avó — responde rápido.

— Minha avó? O que tem ela?

Meu Deus, que história é essa? Meus ombros ficam tensos.

— Ela nunca quis que eu me aproximasse de você, ou melhor, da sua família.

— Vamos até o escritório — ordeno.

Não aguento esse jogo de poucas palavras. Chegou a hora dessa conversa.

Saio da cozinha com ela em meu encalço.

Sento na poltrona e peço para que ela sente na minha frente.

— Pode começar a falar tudo o que sabe.

Vejo pela sua expressão corporal o quanto está tensa.

Lembro da frase da minha vó: *“tenha a mente aberta!”*.

Será que era isso a que ela se referia?

Bom, seja o que Deus quiser!

— Pode começar a falar tudo o que sabe.

Vejo pela sua expressão corporal, o quão, está tensa.

Lembro-me da frase da minha vó.

"tenha a mente aberta!"

Será que era isso que ela se referia?

Bom, seja o que Deus quiser!

— Bom, Lárissa o que eu tenho para falar te deixará muito chocada. Pois sei como era muito apegada à sua vó.

As palavras que saem da sua boca me atingem em cheio.

Respiro fundo e assinto com a cabeça.

— E o que seria?

— Naquela época eu era uma menina pobre e não tinha como criar você.

— Como assim? Mas, o papai sempre foi rico.

— Mas sua avó Natalícia jamais aceitou o nosso namoro. Como disse, eu era de família pobre. Sua avó desde o começo foi contra, só que ela engolia o nosso namoro porque seu pai bateu de frente. Ou melhor, eu achava que ela sabia da gente.

Não entra na minha cabeça essa minha vó que ela está pintando. Isso só pode ser alguma brincadeira de mau gosto.

— Desculpa, como se chama?

— Júlia.

— Júlia, essa história que você está me contando não faz o menor sentido para mim. Minha vó nunca seria essa pessoa.

— Mas é a pura verdade, minha filha.

— Não me chame de filha. Porque uma mãe nunca deixaria uma filha, como fez comigo.

Sei que doeu falar isso, entretanto, é a pura verdade. Aliás, eu nem sei se ela é a minha mãe biológica como diz ser.

— Eu sei que errei, Lárissa, em tê-la deixado nos braços do seu pai. Mas foi preciso. A Emily cuidou muito bem de você. Bom, vou contar como tudo começou para que entenda de uma vez por todas o meu motivo, e depois você decidirá o que fazer.

“Eu era filha da cozinheira e do jardineiro da casa da sua vó. Não vivia muito com os meus pais, pois tinha que estudar. Então morava com uma tia e o meu avô na cidade vizinha. Já era mocinha, estava com meus 17 anos e quase terminando o colegial. Quando fiquei de férias, minha mãe me chamou para passar na casa onde trabalhava, até então eu nunca tinha ido para lá. Fiquei muito feliz com a recepção que a senhora Natalícia me deu. Por ser filha de uma empregada, nunca pensei que seria recebida tão bem.

Enfim, se passaram uns dias e ficamos sabendo o que filho dela também viria passar as férias com a mãe. Minha mãe me fez prometer que nunca chegaria perto da casa principal. Segundo ela, o filho da senhora Natalícia era muito saidinho para com as mulheres.

Fiz o que prometi. Só que como o destino é uma caixinha de surpresas. Um belo dia, estava sentada no jardim perto da fonte de água e acabei conhecendo o seu pai. E desde aquele dia, nos encontrávamos sempre lá.”

Júlia levanta e para perto da janela. Eu apenas acompanho os seus passos e continuo calada, tentando entender tudo o que está narrando. Mas, acima de tudo, tentando ver uma vó diferente da que eu conheci.

“Nossas mães nunca tinham desconfiado de nada. Para mim, a mãe dele nunca ia se opor a ficarmos juntos.

Começamos a nos envolver. Eu, nunca tinha tido um namorado, foi fácil para cair na conversa dele. Fiquei muito apaixonada e sonhava com um futuro promissor para nós dois.

Marcamos de fazer uma noite de filme no seu quarto. Esperamos que todos fossem dormir e assim aconteceu. Você foi concebida na primeira noite de amor que eu tive. Me entreguei de corpo, alma e coração, e no final só recebi espinhos.

Estava quase no final das férias quando ele apareceu na casa dos meus pais todo nervoso, pois precisava falar comigo urgente, entretanto, eu não poderia conversar. Minha mãe tinha me incumbido de ajudá-la no grande jantar que teria naquela noite.

Ele, por fim, desistiu e voltou para casa.

E como todo castelo de área é frágil. Naquela noite foi o começo do fim para mim.

O grande jantar que estava acontecendo era a apresentação da futura noiva do seu pai, a Emily. E naquela época muitos casamentos eram arranjados.

E como fiquei sabendo? Minha mãe chegou na cozinha da casa principal depois do serviço feito e me contou tudo. A coitada não sabia do meu envolvimento com ele e só soube porque a cada palavra que saía da sua boca mais lágrimas caíam do meu rosto.”

Ela desvia o olhar da janela e olha para mim, e esboça um sorriso triste. Seus olhos estão cheios de lágrimas e ela volta a olhar para fora.

“Ela brigou comigo pelo que eu tinha feito e disse que no outro dia eu iria voltar para a casa da minha tia. Chorei para que ela não fizesse isso, por fim, ela permitiu que eu ficasse até o final das férias, todavia, com a seguinte

promessa de não procurar mais o seu pai.

No outro dia, o seu pai apareceu novamente em casa e quem o recebeu foi o meu pai e minha mãe. Não quis mais vê-lo.

Ele foi embora escorraçado pelo meu pai, sem chances de explicação.

Voltei para a casa da minha tia no fim das férias. E com o começo das aulas veio a grande surpresa, estava grávida e sozinha.

Contei para minha tia o que tinha acontecido e ela me deu todo apoio necessário. No começo, não contamos para os meus pais. Pois, se eles soubessem, iriam ficar mais chateados do que já estavam.

O tempo foi passando e minha barriga aparecendo. Na escola todos comentavam sobre a adolescente grávida e perguntavam quem era o pai. Até que eu decidi que estava na hora de voltar a casa dos meus pais e contar o resultado do meu envolvimento com o Júlio.”

Levanto devagar e nos sirvo um copo de água. Entrego um copo para ela, que me agradece em silêncio. E volto para a poltrona.

“E como eu já esperava, tudo foi um fiasco. O meu pai não aceitou e quis tomar satisfação com o Júlio. E como ele estava na capital estudando, acabou que a Dona Natalícia e o seu avô deram a facada final. Disseram que o filho deles jamais se casaria com a filha de empregados.

Saímos arrasados da casa principal. O meu pai não quis mais falar comigo, pois, segundo ele, eu tinha acabado com a minha vida. A minha mãe, por mais que estivesse com raiva de mim, ficou ao meu lado.

Voltei para a casa da minha tia e continuei a estudar até não poder mais comparecer à escola. No final da gravidez, fiquei sabendo que o seu pai tinha casado com a Emily. Ele procurou minha mãe para perguntar do meu paradeiro e ela simplesmente disse que eu estava bem, estudando e que logo

entraria para a faculdade. E a cereja do bolo era que eu estava namorando um amigo da escola e que estava muito feliz. Claro que era tudo mentira.

Eu não tinha muito dinheiro e o único que tinha era o que minha mãe mandava. O dinheiro do meu avô era para os seus remédios.”

Ela me olha e sorri, tímida. Os olhos vermelhos de chorar. Júlia se aproxima e senta novamente na poltrona, colocando os cotovelos na mesa e olha bem dentro dos meus olhos. O que me faz sentir um pouco acuada.

“E quando você nasceu, foi a coisa mais linda do mundo. O meu pacotinho do amor, minha felicidade estava completa. Eu não ligava se não tinha aquele amor que criei pelo seu pai, nem sabia se era amor e hoje posso dizer que realmente não era.

Meses após o seu nascimento, a doença do meu avô piorou e com isso os remédios ficaram mais caros e o dinheiro escasso.

Os meus pais, juntamente com minha tia, conversaram comigo referente a pedir ajuda à família do seu pai. Num primeiro momento, eu hesitei, não queria ter mais contato com essa família, entretanto, não tive escolhas, o meu avô só piorava.

Foi uma briga muito feia. O seu pai ficou com muita raiva da sua avó pelo que ela tinha feito.

Por fim, descobrimos que a Emily não poderia gerar um futuro herdeiro para a família Valadares e essa foi a deixa para você se tornar a herdeira.

Enquanto estávamos negociando, por assim dizer, você ficou o todo tempo com a minha tia.”

“Eu pensava que como você ficaria com o seu pai poderia ter pelo menos a chance de visitá-la de vez em quando.

Mas sua avó não permitiu. Você entraria para a família Valares, teria tudo do bom e do melhor. Contudo, eu teria que assinar uma procuração que dava a guarda total para o Júlio, sem direito a visitas e em troca receberia uma grande quantidade de dinheiro para ajudar com despesas em casa e com meu avô.”

Ela se levanta e anda de um lado para o outro.

— Que escolha eu tive, Lárissa?

Lárissa, fala alguma coisa? O meu subconsciente me chama, todavia, estou estupefata com tudo que acabei de ouvir.

Olho para a mulher que se diz minha mãe e ainda não consigo acreditar nas suas palavras. São muitas informações para assimilar.

A minha vó que tanto amei e idolatrei, não poderia ter feito isso!

Eu fui uma moeda de troca!

São tantas coisas acontecendo que minha cabeça irá explodir.

Ela está esperando a minha resposta, mas não as tenho no momento e nem sei se um dia as terei. Pois, a pessoa que poderia me dar maiores explicações está debaixo da terra.

— Você poderia, por gentileza, me deixar só?

— Minha Lári...

— Só te peço que me deixe a sós! É muita coisa para assimilar. Quando estiver preparada para finalizar essa conversa, eu te procuro — concluí sendo rude com ela, sem ao menos olhar em seus olhos. A dor que sinto em meu peito é muito forte, como se fosse uma dor de traição.

— Tudo bem, minha filha. Deixarei o meu cartão aqui.

Não falo mais nada e nem olho em sua direção.

Afundo na poltrona e choro copiosamente por tudo que acabei de ouvir.

É duro escutar o que sua genitora passou para te ter. O que minha avó, que amei a vida inteira, fez para isso acontecer.

Saio do escritório e ando pela casa, por onde passo só tem lembranças da minha avó. De tudo o que passei aqui com ela.

Por que, vovó? Essa pergunta martela em minha mente.



Um mês. Essa data que marca como tudo mudou desde que decidi que ela seria minha.

Minha.

Tantas coisas aconteceram, ela se mudou para a casa da sua vó, coisa que eu achei o máximo. Estou até pensando em dar de presente um amigão para ela. Lembro que ela comentou que adoraria ter um cachorro ou um gato, ainda não sei.

Assim que levanto, a primeira coisa que faço é ligar para uma floricultura e encomendar rosas para ela, acompanhadas de um cartão.

Mando também uma mensagem para ela no celular.

Não preciso de mil motivos para sorrir, você já é o suficiente.

Bom dia, minha pequena, feliz um mês de namoro!

Bjs

Deixo o celular de lado e vou para o escritório com minha caneca de cappuccino com canela. Enquanto estou trabalhando, acabo pensando no apartamento que tenho vago, onde eu levava as mulheres que queria sair, ou melhor, levava a Verônica. Decido que irei alugá-lo, por enquanto. Ligo para algumas imobiliárias e marco com o corretor de uma delas para, na segunda-feira, apresentar o apartamento.

Estou imerso em alguns relatórios quando a campainha toca e o Marley faz o maior escândalo na porta.

— Ei, Garotão, calma.

Passo por ele e abro a porta. Agora entendo a raiva dele, a Verônica está parada novamente em minha porta, porém, diferente do outro dia, ela está com a cara toda vermelha e inchada de chorar.

Uma coisa que não gosto é de ver mulher chorando.

— Ei, Verônica, o que foi? — indago, preocupado, e a puxo para dentro do apartamento.

Antes que me condenem, a minha relação com a Verônica era somente sexual, porém, sou homem, ser humano, sou irmão e filho.

A coloco sentada no meu sofá e vou prender o Marley na área de serviço. Ele está insuportável com a sua presença.

Essa cena parece se repetir em minha sala. Só que era a minha Diabinha quem estava precisando da minha ajuda e hoje, logo hoje, é a Verônica.

Passo pela cozinha e pego um pouco de água com açúcar para ela.

Quando volto para a sala, a vejo mexendo em seu celular bem nervosa e o seu olhar quando encontra o meu, é bem estranho.

— Bebe um pouco de água com açúcar. Vai ajudar.

— Obrigada, Kléber.

Assinto e a espero beber a água.

— Bom, o que aconteceu com você?

— Primeiro, peço desculpas por vir aqui. Mas eu não sabia para onde ir.

A cada palavra que sai da sua boca, mais lágrimas saem dos seus olhos.

Afago suas costas para acalmá-la.

— Não tem problema.

Problema teria se a minha Diabinha estivesse comigo.

— Tem um cara que eu saí uma vez e não quero mais. E ele está me perseguindo querendo voltar.

— Mas ele fez alguma coisa que a machucasse? — Preocupo-me com sua segurança.

Porra, nenhuma mulher deve passar por isso.

— Não. No entanto, estou com medo das suas ameaças.

— Que tipo de ameaças?

Ela me mostra as mensagens que recebeu no celular. Cada uma mais forte que a outra.

— Bom, obrigada mais uma vez pela força. Vou indo, não quero te atrapalhar. — Guarda o celular em sua bolsa e se levanta do sofá limpando o

rosto.

— Não precisa agradecer, Verônica. Só se cuida e procure a polícia.
— Levanto e acompanho até a porta.

— Pode deixar que eu me cuido. Da próxima eu procuro — diz com um sorriso amarelo e se vai.

Ela vai embora e fico pensando que isso tudo foi muito estranho.

Resolvo deixar esse assunto para lá e ir ao presente dela. *Graças a Deus a Lárissa não estava comigo. Não quero nem pensar nisso.*

Estou quase chegando ao petshop onde levo o Marley para o banho, quando vejo um cachorro de médio porte, parecido com um labrador deitado do lado de fora da loja, triste. Corta-me o coração quando vejo um animal assim. Acho estranho, pois como se trata de uma loja de animais, ele não deveria estar aqui fora.

Penso em quando encontrei o Marley. Juro que até hoje não entendo o que levou uma pessoa deixar um cachorrinho largado dentro de uma caixa, como eu o encontrei perto do laboratório.

Eu não quero comprar um cachorro, quero adotar. E vejo que essa pode ser a minha oportunidade.

— Moça, bom dia. — Vou até o balcão onde entregamos os nossos filhos para o banho. Faço todo o procedimento do Marley e peço a ela para me acompanhar até lá fora.

— Ah, mas esse aqui é um cachorro de rua, senhor.

Melhor ainda. Penso comigo.

— E o que faz ele diferente dos outros? — questiono e ela me olha espantada e fica parada feito uma estátua.

Argh, odeio gente lerda.

— Algum problema com ele? — indago, já impaciente.

Aproximo-me dele e ele me olha desconfiado. Dou minha mão para ele cheirar e ele abana o rabo, só aí resolvo fazer carinho na cabeça dele.

— Nenhum, senhor.

— Então preciso que ele seja cuidado igual aos outros aqui. Pode, por gentileza cuidar dele para mim? — Chamo o cão para dentro da loja e a moça me segue com uma cara de espanto.

Desde que tenho o Marley em minha vida, sou a favor de que qualquer animal não deveria ser vendido, mas, sim, adotado.

Presente perfeito para minha Diabinha.

Depois de tudo resolvido com o veterinário e toda papelada feita, Marley e a nova integrante, que descobri ser uma fêmea, de banhos tomados partimos para a casa da minha Diabinha/namorada.

Ela ficará louca quando vir isso.

A princípio, o Marley quando entrou no carro e viu a companheira, fez aquele ritual que todo cachorro faz, nem vou comentar aqui. Depois os dois pareciam dois amigos de longa data.

Foi melhor do que eu esperava.

Paro no portão de sua casa e espero os seguranças abrirem.

Desço do carro e toco a campainha, por mais que estejamos namorando, ainda não temos essa liberdade de entrar na casa um do outro. Apesar que, se for por mim, ela já teria a chave do meu apartamento, todavia, como ela é teimosa, prefere ir com calma.

O Tony atende a porta e pede para eu entrar, avisando que ela está na sala.

Quando chego à sala, a vejo deitada e de olhos fechados, o seu nariz vermelho de quem chorou bastante.

O que foi agora?

Ando a passos largos e ela se assusta com a minha presença. Não foi preciso falar nada, apenas a puxo para os meus braços.

O seu choro aumenta a ponto de sentir minha camisa molhar em meu ombro.

O que deu nessas mulheres hoje?

Faço carinho em suas costas e beijo incansavelmente sua têmpora. Digo ao mesmo tempo que estou aqui e que ficará tudo bem.

Longos minutos se passam e seu choro vai cessando, restando somente fungadas.

— O que aconteceu, baby? — sussurro em seu ouvido, preocupado.

— A minha talvez mãe de verdade apareceu! — responde e volta a chorar.

— Shiiii, calma, não precisa falar agora se não quiser. Eu quero vê-la bem e pensando nisso é quero te mostrar uma coisa. — Passo minhas mãos em seus cabelos.

— Desculpa, amor. Estou estragando o nosso dia — diz, envergonhada.

— Que nada. Vamos lá na garagem, tem dois amiguinhos ansiosos para te ver!

A carinha que ela faz é tão linda.

— Quem? — questiona, levantando a sobrancelha.

— Vem, sua curiosa.

Levantamos do sofá e vamos em direção à garagem.

E vocês imaginam o que aconteceu com o meu carro?

De tudo, a ração que eu comprei para a cachorra, que ainda não tem nome, está toda espalhada pelo banco da frente.

— Ai, meu Deus, amor. Que lindoooooooo!

A minha Diabinha fica louca com a nova companheira.

E aí minha ficha cai quando pela segunda vez no dia ela me chama de "amor".

— Baby, repete o que você falou? — Agarro sua cintura e beijo sua nuca.

— Que lindo esse novo integrante!

— Não, a primeira parte. — Aperto mais e encaixo meu membro já duro em sua bunda empinada.

— Amor, isso é covardia. Deixa eu ver ele direito — fala se desvencilhando dos meus braços.

— É ela. E você que dará um nome, ela é sua. — Solto sua cintura e ela se volta para mim.

— Minha? Ohhh, meu Deus, eu vou ter a minha própria cachorra? — sussurra, incrédula, colocando as mãos na boca.

— Sim, baby. Terá uma companheira.

— Amor, foi o melhor presente que já ganhei.

Ela grita toda empolgada, bate palmas e abre a porta do carro.

Os dois saem e pulam nela quase a derrubando no chão.

E assim começa o nosso sábado.

Brincamos no quintal com eles até cansarem, o Marley e a nossa linda Teka. Depois deixamos eles descansado no quintal e subimos para um banho.

Só foi o tempo de fecharmos a porta do quarto para eu atacar a sua boca.

Nossas línguas brigam para ver quem explora mais a boca um do outro.

Não quero perder tempo.

Passo minhas mãos por sua bunda, puxando-a de encontro ao meu membro, que já pulsa dentro da cueca querendo ser libertado imediatamente. Hoje quero experimentar algo que nunca fizemos, não sei ela vai querer, mas estou louco para comer a sua bunda redondinha.

A minha Diaba rebola provocando quase o meu orgasmo.

— Eu preciso de você, Grandão — geme em protesto.

— Eu também preciso, Diabinha. Só que hoje quero tentar algo diferente. — Seus olhos brilham com o que falo

Um gemido escapa do fundo da sua garganta. Volto a beijá-la e caminho com ela até o seu banheiro.

Antes de colocá-la sobre a bancada, tiro seu short junto com a sua calcinha que está encharcada.

Olho para ela e a cara que está fazendo, mordendo o lábio, realmente prova o quão é diaba.

Por ser baixinha ela pula no balcão e abre bem as pernas. Passa mão por toda a sua extensão espalhando toda a sua excitação.

Salivo com o que vejo, como não fico atrás, tiro as minhas roupas em tempo recorde, ficando somente de cueca.

Acaricio o meu membro por cima da cueca para provocá-la também.

Para completar com suas provocações, seu dedo do meio mergulha e começa o seu vai e vem.

Seguro seu punho tirando o seu dedo e olho bem no fundo dos seus olhos.

— Por mais que eu ame vê-la se masturbando, hoje esse privilégio será meu, minha Diabinha.

— Então me mostra o que quer experimentar — diz e dá um tapa na sua boceta, me provocando.

— Ahh, minha Diabinha provocadora. — Chego perto dela e sorrio da sua faceta.

Beijo a extensão do seu ombro, indo para a sua orelha. Sua pele se arrepia com meu toque.

Suas mãos puxam minha bunda de encontro a ela, entretanto, quero ir com calma.

Desço para o seu colo, como ela ainda está de blusa a tiro e os seus seios pesados pulam na minha face com os seus mamilos rosados eriçados. Abocanho o esquerdo e aperto o direito com o meu polegar e o indicador deixando mais intumescido.

Ela arqueia as costas e suas mãos me puxam para mais perto.

Porra, vou gozar antes de fazer o que quero.

Deixo os seus seios e desço ao meu lugar preferido.

Passo pelo seu umbigo e faço círculos com a língua, deixando-a mais doida.

Em resposta, ela abre mais as pernas para o meu total acesso.

— Kléber, isso é tortura demais — geme, se contorcendo.

— Clama, minha Diabinha. O melhor será agora. Desce, quero prová-la aqui — peço para que desça da pia e que fique de costas para mim, isso facilitará o meu acesso. Ela fica confusa com o meu pedido. — Confia em mim, garanto que vai amar.

Ela fica de costas para mim, passo minhas mãos por toda a extensão da sua bunda. Agacho, chego mais perto e inalo o cheiro da sua excitação.

Porra, vê-la tão entregue a mim é muito excitante.

Abro sua bunda e passo minha língua na sua fenda, fazendo com que ela se contorça, sua excitação chega a pingar. Ela abre bem as pernas e empina mais a bunda em minha direção. O seu clitóris está intumescido e começo a brincar com ele enquanto passo outro dedo em seu ânus. Ela grita coisas incoerentes e segura na borda da pia para não cair.

Deixo o seu clitóris e enfio o dedo do meio em sua boceta, fazendo o movimento de vai vem. Meu pau lateja dentro da minha cueca, querendo libertação. Mas preciso prepará-la muito bem para me receber. Espalho sua excitação em seu ânus mais uma vez e insiro um dedo bem lentamente enquanto o outro brinca dentro de sua boceta. Ela se contrai um pouco, contudo, beijo sua bunda e digo para relaxar e, novamente recomeço. Os meus dois dedos agora fazem o vai e vem, e isso me deixa a ponto de explodir. Ela pede por mais e avisa que não aguentará por muito tempo. Paro o que estou fazendo e ela protesta.

— Por que parou? Eu estava quase lá. — Choramíngua e me olha irritada.

— Agora não será o meu dedo e, sim o meu pau. Você confia em mim, amor? — Seguro o seu rosto entre as mãos e dou um beijo cálido. Ela apenas confirma e essa é a minha deixa.

Porra, como amo essa mulher.

Volto novamente as minhas mãos para sua bunda e recomeço tudo de novo, só que dessa vez o meu pau faz o caminho. Minha testa começa a pingar suor, nunca fiquei tão nervoso em uma situação como essa. Enfio o meu pau lentamente em seu ânus. Ela contrai e resmunga alguma coisa. Espero ela se acostumar com a invasão. Logo ela geme e rebola um pouco, me incentivando. Começo um vai e vem gostoso e lento.

— Klé... ber... eu... vou... gozar... — Ela arqueia as costas e grita.

— Vem, minha Diabinha — digo ofegante e dou várias estocadas.

Ela não se segura e goza chamando o meu nome. Poderia fazer isso para o resto da minha vida, estar dentro dela é o meu paraíso particular. Gozo como um louco alucinado, encosto minha cabeça em suas costas e ficamos entre respirações e declarações de amor. E assim passamos o nosso primeiro aniversário de namoro entre carícias e muitos orgasmos.



Capítulo 26



Kléber

Depois um belo banho regado de muito amor e veneração, passamos o dia em sua casa com os nossos filhos de quatro patas. O Marley estava muito feliz com a nova companheira.

Dormir com ela em meus braços é a melhor sensação do mundo.

Passamos o domingo do mesmo jeito. Não quis questioná-la o porquê do seu choro. Fiz de tudo para ela esquecer isso.

Alternamos entre seu quarto, cozinha e sala da televisão. Não quisemos saber do mundo lá fora, só da nossa bolha particular.

Fizemos amor? Claro fizemos, e muito.

Quando se trata do meu corpo sobre o da Lárissa, ele já reage em tempo recorde.

E só de imaginá-la, já estou ficando duro de novo.

— Grandão, já quer brincar de novo? — brinca, sem me olhar.

— Eu não falei nada.

Estamos deitados de conchinha no sofá da sua sala tentando assistir ao filme.

O Marley e a Teka estão deitados aos nossos pés.

É quase fim de domingo.

— Não precisa falar. Estou sentido na minha bunda — a safada diz e rebola um pouco.

Lembro do que fizemos ontem, e nem me preocupei se tinha machucado ou não.

— Ele só está sentindo sua falta. A propósito, ontem nem te perguntei se tinha te machucado — expresso com sinceridade. Ela se vira para mim e dá o sorriso mais lindo.

— Não precisa se preocupar, tudo que você faz comigo é maravilhoso. Amei ontem e tudo o que fizemos. Mas você tá muito animadinho, nem faz quatro horas que saímos do quarto — constata e me beija com doçura. Fico feliz com sua confiança em mim.

— E quem disse que ele conta as horas, Diabinha? — brinco.

— Para de ser safado, Kléber. — Ela me repreende com um tapa na mão, que está acariciando a sua bunda coberta apenas pelo fino pano do seu baby doll.

É pouco pano para minha imaginação fértil de homem.

— Vem me dizer que você não está gostando, hein?! — indago com a minha voz grossa bem ao pé do seu ouvido. E ainda mordo sua orelha de leve.

— Hummm... Kléber... isso... é... é... é sacanagem — sua resposta vem acompanhada de uma rebolada no meu pau.

— Sacanagem é o que farei com você, senão parar de rebolar essa bunda gostosa em mim.

— Estou pagando para ver. Promessas, promessas.

— Sua diaba safada, não me provoque.

Ela rebola bem gostoso e sai da nossa bolha. Fico frustrado e faço cara feia para ela.

— Pode desmanchar essa cara de menino que perdeu o brinquedo. Tem gente em casa, além de nós. — Repreende com o dedo em riste.

Nesse meio tempo, o Tony aparece na sala, como se fosse um aviso, ela me olha e levanta sobrancelha como se estivesse confirmando o que acabou de dizer.

— Tony, meu lindo, tem como você levar os cachorros para darem uma volta no quarteirão?

— Claro, menina Lárissa.

E assim que ele sai com os dois, a pequena diaba se vira para o sistema de som que ela montou em sua sala e coloca a *Love on the Brain*, da *Rihanna*.

— Onde paramos mesmo, Grandão?

Eu, como safado e apaixonado por essa mulher, já me acariciava por baixo do edredom, pois nós dois estávamos prontos para a batalha.

Olho para o seu corpo esguio dentro do seu baby doll minúsculo, deixando suas pernas à mostra, subo os olhos e paro em seus seios durinhos e já eriçados.

Ela se aproxima e senta no meu colo, uma perna de cada lado. Os nossos sexos se chocam causando uma fricção gostosa.

— Hum... o que está acontecendo aqui embaixo, garotão?

— Uma certa Diabinha estava me atentando.

— Hum, mas que Diabinha atentada essa.

Ataco sua boca em um beijo feroz. Suas mãos puxam meus cabelos, nossas línguas se enroscam. Como uma dança erótica, nossos quadris roçam um no outro tentando aliviar um pouco esse tesão que nos assola.

Puxo seu quadril em direção ao meu amigo duro e inquieto dentro da minha cueca.

Exploro sua boca com a minha língua, finalizando com uma leve mordida no seu lábio inferior.

— Grandão, calma! — pede, se afastando um pouco.

— Quando se trata de você, já falei que não me controlo.

— Eu sei. Mas quero provar você na minha boca.

Porra, essa mulher vai me matar um dia.

— Sou todo seu, minha Diabinha — respondo, mostrando o tamanho do meu desejo por ela nesse momento.

— Você lembra do nosso primeiro jantar, Grandão?

— E como eu poderia esquecer?

— Então, quero saboreá-lo daquela forma, mas, com uma pequena diferença.

— Qual? — pergunto, rápido.

— Calma, depois fala que eu sou curiosa — responde, já levantando e indo em direção à cozinha.

Quando volta, em seu rosto está estampado um sorriso travesso.

O que ela irá aprontar?

— Como naquele dia não tive tempo fazer o queria. Hoje quero

saboreá-lo com sorvete de baunilha.

Sinto uma físgada só de pensar na sua boca em volta do meu pau.

— Isso é muita maldade, Diabinha.

— Tenho que fazer jus ao meu apelido, Grandão. Você já faz jus ao seu — aponta para o meu pau que pulsa, fazendo-a sorrir.

Safada essa minha diaba.

Ela passa a ponta da sua língua por toda a extensão da colher cheia de sorvete, me deixando louco com essa cena. Estou fervendo por essa mulher.

Ela se ajoelha na minha frente, tira a minha cueca e afasta bem as minhas pernas. Dou tudo de mim e fico à sua mercê. A carinha que faz de concentração me deixa mais encantado, apaixonado e extremamente excitado.

A sensação do gelado do sorvete e a quentura da sua mão quase me leva ao orgasmo.

Deito minha cabeça no encosto do sofá para apreciar suas carícias.

— Quero que veja como dou prazer a você. — Sua voz carregada de luxúria me faz olhar rapidamente e ver que seus olhos estão parecendo duas bolas de fogo de tanto tesão.

Afirmo com a cabeça esperando o seu próximo passo.

Um pouco de sorvete é derramado na glândula enquanto sua mão faz movimentos de vai e vem. Sua boca gulosa não perde tempo e suga cada centímetro dele.

Sinto chegar em sua garganta de tão fundo que ela está levando.

Seguro os seus cabelos ajudando os movimentos. Ela alterna em masturbar e sugar, sua língua passa freneticamente na minha glândula.

Minhas bolas estão duras de tanto tesão. Tenho certeza de que se ela não parar agora, vou gozar rápido.

— Diabinha, se você não parar agora, eu vou gozar em sua boca.

Sua afirmação foi sugar mais fundo para dentro da sua garganta. Mas puxo sua cabeça e olho bem dentro dos seus olhos.

Sua respiração está entrecortada.

— Se você quer que eu goze em sua boca. Também quero.

Deito no sofá e peço para que fique de quatro e deite em cima de mim. Porém, com sua boceta na minha cara.

O famoso 69.

Assim que nossas posições estão certas, ela volta a me chupar com mais vontade. Chupo toda a sua excitação que já está escorrendo pelo seu canal. Passo minha língua pelo seu clitóris durinho até chegar no seu buraquinho de trás.

Enquanto sigo com vontade em seu clitóris coloco um dedo em sua boceta, fazendo vai e vem freneticamente do mesmo jeito que ela está fazendo com o meu pau.

Estou tendo que ter uma concentração do caralho.

Quando sinto sua boceta apertar o meu dedo, tiro e espalho sua excitação pelo seu buraco de trás. Ela está tão excitada que só geme e continua o seu delicioso trabalho, seguro-me para não gozar antes dela.

Minha língua brinca com o seu clitóris, enquanto aos poucos enfio o meu polegar no seu cuzinho. Ela se abre mais para me dar mais acesso e essa é minha deixa.

Enquanto trabalho na frente com minha língua, faço movimentos de

vai e vem atrás.

Estamos tão fascinados um pelo outro que nossa entrega é perfeita.

Aumentamos os movimentos até chegarmos a um intenso orgasmo. Ela desmorona em cima de mim quase desmaiada, sem forças, com a cara entre as minhas pernas e a minha na sua.

Depois de um banho, nos trocamos para dormir. A princípio, eu não iria dormir na sua casa, porém, ela disse que me faria mudar de ideia. E eu, como não sei dizer "não" para ela, acabei cedendo.

Passei com ela no Laboratório para deixá-la, tinha um compromisso logo cedo com o corretor para mostrar o apartamento.

Mostrei todo o imóvel e deixei claro que quero alugar. Ainda não tenho pretensão de vender.

Quando chegamos à recepção do prédio, eis que brota do chão a Verônica, como sempre bem arrumada e com o seu perfume que hoje me dá náuseas.

— Kléber, que surpresa vê-lo por aqui? — Mas, é muita cara de pau mesmo. Depois sábado, tenho certeza que ela está aprontando alguma coisa.

— Falo o mesmo, Verônica! — respondo olhando em seus olhos. Ela dá um sorriso cínico e desvio a atenção para o corretor, ignorando-a completamente. — Bom, Sr. Almeida, encerramos por hoje. Aqui estão aqui as chaves do apartamento.

Entrego as chaves e saio. Mas, para o meu tormento, a Verônica vem atrás.

E como tudo que é bom dura pouco. Surge à minha frente a Ísis saindo do elevador do prédio. Até perguntaria ou comentaria “que

coincidência”, entretanto, o fato de a Verônica estar ao meu lado com um sorriso do gato da Alice no rosto me impede de fazer isso.

Merda, mil vezes merda.

— Kléber?

Ela pronuncia meu nome, todavia o seu rosto está virado para o meu lado.

— Ísis, bom dia! Tudo bem? — Cumprimento o mais impassível que consigo.

— Melhor impossível. E você parece que está superbem, não é? — Insinua, olhando para a Verônica ao meu lado.

Isso vai dar merda!

— Isis, não é nada disso que você está pensando! — Tento me justificar.

— Não estou pensando nada, Kléber. Você lembra da promessa que eu te fiz no dia do seu jantar com a minha amiga? — Ela agora volta-se para mim com um olhar mortal.

Fodeu!

— Eu já falei que não é nada do que está pensando. — Respiro fundo e passo a mão nos cabelos.

Droga! Odeio me justificar por uma coisa que não fiz.

— Não é para mim que você deve explicações — avisa.

— Calma aí, amiguinha protetora. Só foi uma coincidência, tá? Encontrei o Kléber aqui, do mesmo jeito que você. Deixa eu ir para não arrumar problemas para mim. Tchau, Kléber. Ah, acabei esquecendo de te

agradecer por sábado. Me ajudou bastante aqueles conselhos. — Reviro os olhos, irritado pelo o que ela acabou de dizer.

A cereja do bolo foi colocada.

Balanço a cabeça para espantar a raiva que estou sentido da Verônica por isso.

— Não é nada disso, Kléber? Tem certeza? Acho que não — Isis aponta de mim para a Veronica.

— Porra, Ísis... — antes de completar minha fala, ela me interrompe.

— Já falei que não é comigo que tem que se preocupar — diz, irritada e sai bufando.

Fico parado igual a um idiota tentando processar tudo o que acabou de acontecer.

Merda.



Capítulo 27



Lárisa

Depois de um fim de semana nos braços do meu amor, estou revigorada.

Estou muito feliz com a Teka, será uma grande companheira. Decidi que com tempo e paciência vou absorver melhor essa história da minha mãe, avó, seja lá de quem seja.

Não irei confrontar o meu pai sobre isso agora. Ainda me sinto magoada com tudo.

O Kléber me deixou aqui e foi resolver umas coisas dele. Entendo-o perfeitamente, nada mais justo, já que monopolizei o coitado o fim de semana inteiro.

Entro na ala do laboratório e vejo a Érica já se preparando para começar o dia.

— Vaca, bom dia!

Chego por trás dela e dou um susto de leve.

— Vaca, que susto, já te pedi para não fazer isso. Você sabe que eu não gosto —esbraveja, irritada.

— E é por isso mesmo que eu faço, bobinha. Cadê a outra vaca que não chegou ainda? — questiono, indo para o outro lado.

— Não sei. Ontem mal falei com ela, ou melhor, mal falei com vocês duas neste fim de semana. O que você andou aprontando? — Coloca a mão na cintura e semicerra os olhos em minha direção.

— Eu fiquei em casa com o meu boy. Ah, vocês ficarão loucas com a minha mais nova companheira. — Não dou importância para sua cara.

— Como assim? Já está nos trocando, até entendo que você está namorando, mas, arrumar uma nova amiga? Aí já é traição, Lárissa. — O modo de amiga ciumenta entra em ação.

— Ei, ciúmes em pessoa. O meu amorzinho adotou uma cachorra lindona — assim que termino de falar ela muda a cara. Do nada o Bruno encosta onde estamos conversando.

— Quem ganhou o quê? — ele pergunta nos cumprimentado com dois beijos no rosto.

Não sei, mas tem algo nele que me incomoda.

— A Lari que ganhou uma cachorra linda do Kléber — a Érica se adianta em responder por mim.

— Hum, legal — limita-se a responder isso e sai.

— Eu, hein, que estranho! — concordo com ela.

— Bom, vamos cuidar das nossas coisas.

Acho muito estranho só estarmos nós três no laboratório.

Pouco tempo depois, chega o Gustavo todo banhado e cheiroso. E como eu sei? O seu perfume impregna o ambiente todo.

— Bom dia, pessoal! — Cumprimenta de longe, já vestindo o seu jaleco e indo para outra ala.

— Bom dia! — respondemos em uníssono.

A Ísis chega do mesmo jeito. E o mais interessante é que o perfume dela tem o mesmo cheiro do Gustavo.

Eu e a Érica olhamos uma para outra e sorrimos. Por mais que ela queira falar para nós duas que não é nada, depois disso não sei mais.

— Bom dia, dona Ísis — digo, animada. Porém a cara que ela faz não condiz com a pessoa que ela é.

— Bom dia, meninas. Vamos trabalhar?! — fala, secamente.

Sabe aquela Ísis que chega todos os dias vomitando arco-íris? Então, essa não é a minha amiga hoje.

Algo muito ruim aconteceu. Acho que foi com o Gustavo.

— Ísis, está tudo bem? — Aproximo-me dela com cuidado. Vai saber, né?

— Está tudo bem, Lari. Só estou com dor de cabeça — justifica ao mesmo tempo em que solta uma lufada de ar.

— Ah, tudo bem! — Não insisto mais e volto para o que estava tentando fazer.

Nesse momento, Kléber entra de cara fechada. Quando passa por nós, ele olha de mim para a Ísis. Seu olhar é de preocupação e medo, já a Ísis só levanta a sobrancelha esquerda.

Alguma coisa aconteceu e isso tem a ver com o Kléber, não sou burra ao ponto de não perceber.

— Bom dia, meninas e rapazes! — Todos respondem e voltam às suas atividades. — Lari, poderia por gentileza me acompanhar até a minha sala?

Toda aquela alegria que estava sentido quando cheguei, vai por água abaixo apenas com essas palavras.

Passo pelas meninas procurando no olhar de cada uma o conforto que sempre me transmitem, só que quando olho para a Ísis, ela desvia o olhar e sai da sala.

— Aconteceu algu...

Antes que eu termine a frase, ele me beija com fervor, entretanto, dessa vez, o seu beijo é como se estivesse pedindo desculpas.

Oh, Senhor, o que aconteceu?

Cessamos o nosso beijo e ficamos de testas coladas. Somente o som de nossas respirações pode ser ouvido na sala.

— O que aconteceu, amor? Estou preocupada! — digo, temerosa.

— Preciso contar uma coisa. — Sinto que ele tem certa dificuldade em pronunciar essas palavras.

— Estou aqui, pode falar. — Afasto o meu rosto do seu e olho em seus olhos.

— Você confia em mim?

De novo essa pergunta? Ele sabe que sim.

— Amor, você está me deixando com medo.

— Só me responda.

Uma nuvem de medo passa por seus olhos.

— Ok, eu confio.

— Vem cá, vamos conversar.

Minha boca fica seca, minhas mãos começam a suar e o coração parece que vai sair pela boca.

Respiro fundo e sento em sua frente no sofá.



Merda, mil vezes merda.

Esse foi o pensamento que me atormentou até chegar aqui, mas, de uma coisa eu tenho certeza, se quero um relacionamento com a minha Diabinha, tenho que contar toda a verdade

Respiro fundo e olho bem nos olhos dela. Vejo medo neles e isso corta o meu coração. Não quero vê-la sofrer, mas, vamos lá.

— Antes de estarmos juntos, eu tinha um apartamento onde levava as mulheres com quem eu saía, e hoje fui até lá com um corretor de imóveis, a fim de mostrá-lo para pôr pra alugar.

Sua expressão continua a mesma. Tenho medo da próxima coisa que irei falar.

— Por que está me contando isso? Não estou entendendo, amor! — Sua feição mostra que está confusa.

— Para que não haja mentiras entre a gente. Quando estava lá, encontrei a Ísis e a Verônica. — Foi só eu tocar no nome da Verônica para ela ficar tensa e se remexer no sofá, percebi que engoliu em seco. — Primeiro, a Verônica apareceu do nada, e depois, para completar, a Ísis apareceu também.

— Mas... — diz e espera que eu fale o restante.

— No sábado, antes de ir para sua casa, a Verônica apareceu em minha casa chorando, dizendo que um rapaz com quem estava saindo não aceitava o término do namoro e que ele a estava perseguindo. Então, hoje, quando ela se despediu de mim, deixou a entender que eu fiquei com ela no sábado ou algo assim para que a Ísis falasse pra você — digo de uma vez antes de perder a coragem.

— Hum, entendi. Por isso que a Ísis chegou com aquela cara — observa e baixa a cabeça.

Porra!

— Chegou, é? Pensei que ela tinha contado — confesso, cauteloso.

— Não, ela esperou você contar. Bom, era só isso? Preciso voltar ao trabalho. — Levanta, exasperada. Quando o seu rosto vira para mim, vejo o quanto está irritada.

— Diabíh... — Ela levanta o seu dedo, me interrompendo no meio da frase.

— Kléber, fico feliz que você tenha compartilhado essa informação do apartamento, mas, o que ocorreu no sábado ainda não consegui aceitar. Vou voltar ao trabalho e quando eu tiver digerido melhor essa segunda parte, conversaremos.

Não a impeço de sair, se fosse eu em seu lugar, teria feito coisa pior.

Eu me conheço muito bem e sei o que poderia acontecer.

Depois que ela sai do escritório, resolvo que a melhor coisa é enfiar a cabeça no meu trabalho. Fui sincero com ela, tenho plena consciência disso.

Desligo tudo na sala e quando passo pelo laboratório, só vejo o Bruno.

— Ainda aí, Bruno? — questiono, educado.

— Sim, quero conversar com você sobre a Lárissa. — Quando o nome da Lárissa sai da sua boca, fecho os meus punhos. E sei que ele gosta dela e isso eu não posso controlar, mas, afastar ele dela eu posso.

— E o que seria?

Chego perto dele e tento controlar a raiva colocando minhas mãos nos bolsos da calça.

— Vou avisar mais uma vez. Tenha muito cuidado com o que faz com a Lárissa, ela é muito especial para sofrer — diz, sem rodeios.

Mas ele pensa que é quem para falar assim comigo?

— E quem é você para falar isso? — vocifero entre os dentes.

— Sou o cara que será o primeiro a consolá-la quando você a magoar — alerta e sorri de lado, presunçoso.

— Veremos, seu babaca.

Tento permanecer impassível, mas, por dentro, quero esganá-lo.

— Calma, chefe, isso é só um lembrete.

Estamos no local de trabalho e não posso tomar nenhuma atitude. Apenas viro as costas e saio.

Bufo de raiva mais ainda. Que dia de merda foi esse?

Despeço-me do guarda e sigo para o meu carro, assim que chego à rua, uma forte chuva castiga o céu com trovões e raios.

Que dia!



Saio do seu escritório e vou para o vestiário. Respiro fundo várias vezes, sei que ele pediu para eu confiar nele, entretanto, o fato dele tê-la recebido em seu apartamento não está ajudando em nada esse ciúme que me corrói por dentro.

Lavo os meus pulsos e pescoço para amenizar a raiva que estou sentindo.

— Ele já te contou? — Escuto a voz da Ísis atrás de mim.

— Sim, e você nem para me contar antes, sua vaca! — Por mais que eu queira descontar minha raiva em alguém, ela não tem culpa disso.

— Eu falei para ele conversar com você. Eu esperaria essa posição sua se fosse comigo. — Dá de ombros e continua parada, me olhando.

— Claro, amiga. Só fiquei chateada pelo fato de ele não me contar no sábado mesmo. Pedi um tempo a ele para pensar nisso. — Respiro fundo, tentando, em vão, digerir essa conversa.

— Fez bem. Agora vamos voltar ao trabalho. — Ela me abraça forte.

— Sim, só vou tomar um remédio para cólica e já vou.

Preciso ficar um pouco sozinha.

— Tudo bem.

Por conta do meu nervosismo, sinto que minhas cólicas começaram. Tomo o remédio e volto para o trabalho.

Assim que chego à sala de experimentos, o Bruno vem até a mim.

— Está tudo bem, more... Quer dizer, Lárissa? — Não entendo esse seu interesse repentino, apesar que, quando minha vó morreu, ele foi solícito do mesmo jeito.

— Sim, e por que não estaria? — pergunto, irritada.

— Só fiquei preocupado pela forma como saiu da sala do Chefe! — Olho mais uma vez para sua cara de paspalho e respiro fundo.

— Não fique, está tudo bem.

Argh, não queria ser grossa. Mas às vezes tem gente que merece.

Saio de perto dele e volto para o meu serviço. O dia transcorreu aparentemente bem, não vi mais o Kléber e achei bom. Ainda não engoli essa história com a Vacarônica.



Chego a casa cedo e decido correr um pouco para tirar a raiva que ainda sinto, aproveito e levo o Marley e a Teka comigo.

Corro mais ou menos uma hora, os cachorros estão já com a língua para fora.

Coitados, eles acham que a mãe deles é louca.

Olho para o céu e vejo nuvens carregadas se formando. Um banho de chuva não seria nada mal, penso comigo.

E realmente acontece, pingos grossos caem sobre o meu rosto. Fecho os olhos, abro os braços e começo a pular na chuva. Os dois começam a pular em cima de mim.

Corro de volta para casa com eles dois, rindo feito criança.

Assim que passo pelo portão da casa, vejo o Tony na porta com o guarda-chuva, me esperando.

— Senhorita Lárissa, não deveria fazer isso, chuva no período da tarde não faz bem à saúde — alerta, preocupado com o meu descuido.

— Tony, para de ser chato, foi só uma chuvinha de nada. — Rio da sua cara e passo por ele.

— Desculpe-me, senhorita Lárissa, só me preocupo com sua saúde.

— Não tem problema, seu bobo, eu sei disso. Agora vou tomar um banho e depois desço para o jantar. Cuide desses dois aqui para mim, por favor — aponto para o dois que se sacodem, jogando água para todos os lados.

— Pode deixar que cuidarei. Ah, o seu pai avisou que virá jantar com a senhorita.

— Ixi, estou vendo que hoje é dia. Então, assim que ele chegar, me avise.

Tomo um banho demorado para relaxar do dia que começou bem, e aparentemente não terminará tão bem assim.

Visto uma roupa leve e desço, não espero o Tony me chamar.

— Tony, estarei na sala da televisão, assim que o papai chegar avise

que estou lá.

Ele assente e eu sigo para sala. Ligo no aplicativo da Netflix e continuo assistindo uma série sobre a rainha da Escócia que foi prometida em casamento desde os seis anos de idade ao futuro rei da França.

Estou tão cansada que acabo dormindo no sofá. Acordo assustada, nos braços do meu pai.

— Calma, minha pequena, estou te levando pra sua cama. —
Aconchego-me em seus braços e caio em um sono profundo. Há muito
tempo que não tenho esse carinho do meu pai.



Capítulo 28



Kléber

Toco a campainha da casa dos meus pais e em questão de segundos minha mãe atende a porta.

— Meu Deus! Meu filho, você está todo encharcado. Entre, vamos trocar essas roupas. — Ela dá espaço para que eu passe e nem me abraça.

— Calma, mãe, é só uma chuvinha de nada. — Tento não dar importância para isso.

— Mas como você se molhou tanto?

— O meu carro enguiçou antes de chegar aqui, então tive que vir a pé. Cadê o papai? — Passo por ela indo direto para a escada.

— Ainda na clínica. A segunda começou agitada lá.

— Entendo, pega uma roupa do papai que eu vou para o meu antigo quarto.

— Não se preocupe, meu menino. Ainda tem roupas limpas suas no

quarto, vá e volte para jantarmos.

Agradeço e vou correndo para o quarto. Graças a Deus que o Marley ficou na casa da Lárissa. Pensando nela, tenho que apresentá-la para minha família, só minha irmã que a conhece.

Os meus pensamentos novamente voltam para a conversa que tive agora há pouco com o Bruno. Como ele teve coragem de vir falar comigo daquela forma?

É muita petulância mesmo, se fosse eu, por mais que eu amasse a pessoa, a deixaria ser feliz com quem ela quisesse. Agora tenho certeza que é ele que está por trás dessas benditas cartas.

De banho tomado e roupas trocadas, desço para o jantar. No meio da escada escuto a voz do meu pai.

Como sinto falta disso.

— Pai, boa noite. — Vou ao seu encontro e o abraço.

— Boa noite, filho, fico feliz que tenha dado o ar da graça. Depois que começou a namorar essa moça, nunca mais nos procurou. — Repreende, batendo de leve em meu rosto.

— Pai, para de drama, esse cargo é para mamãe — digo, brincando.

— Eu escutei, Sr. Kléber — mamãe grita da cozinha.

Rio do seu comentário e volto-me para o papai.

— Não é drama, meu filho. Eu já te falei quando sua irmã veio daquela vez, que estamos pensando em nos aposentarmos — avisa sério e se senta no sofá.

— Eu sei, pai. Só ainda não tivemos tempo para isso. Ela perdeu a avó, descobriu que é só filha do seu pai e sua mãe verdadeira apareceu.

Enfim, muita coisa aconteceu nesses últimos meses, mas não se preocupem, vocês irão conhecê-la — explico a situação.

— Assim espero. Estou curiosa para conhecer minha norinha. — Minha mãe aparece e me abraça por trás.

— Mãe, só lhe peço que quando conhecê-la, não venha com o papo de filhos. — Puxo-a para frente e falo sério. Sinto até calafrios falando nisso.

— Claro que não, meu filho. De onde tirou essa ideia? — defende-se, magoada.

— Conheço a senhora muito bem, Dona Mirtes. — Olho para ela e a pego rindo da minha cara, ela sabe muito bem que era isso mesmo que iria fazer.

— Tudo bem, meu filho. Vamos jantar antes que esfrie.

E assim seguimos para a mesa.

— Vocês têm notícias da Manu? — pergunto olhando para os dois, minha mãe olha para o meu pai que só balança a cabeça de leve.

— Eu tenho falado com ela uma vez por semana. Segundo ela, esse curso toma todo o seu tempo, fora isso, mais nada — papai fala sem dar muitos detalhes.

Sei que não quer começar uma discussão.

— Hum, sei. E a senhora, mamãe, tem falado com ela? — indago, porém já sei a sua resposta.

— Não tenho nada para falar com sua irmã — responde, seca.

— Até quando, mãe? Ela é sua filha — afirmo, sem paciência para a sua birra.

— Isso é algo que não poderei reverter. Mas posso evitar estar no mesmo lugar que ela. — Soa friamente.

Fico espantado com o seu comentário. Nunca pensei que minha mãe seria tão preconceituosa.

— Mãe, você está ouvindo o que está falando? Isso é um absurdo, a senhora é pediatra e lida com isso todos os dias. — Bato na mesa, chamando sua atenção.

— Lidar é uma coisa, agora, ter dentro de casa é outra... Argh, me deem licença, perdi minha fome. — Levanta irritada, joga o guardanapo na mesa e sai.

— Filho, é muito difícil para sua mãe entender tudo isso. — Meu pai tenta apaziguar.

— Eu percebi, papai. Só que ela está perdendo a minha irmã e não está vendo isso.

— Vamos dar tempo ao tempo, meu filho.

E assim encerramos o nosso jantar.

Antes de dormir, envio uma mensagem para minha Diabinha. Sinto muito a sua falta.

Boa noite, minha Diabinha. Sei que pediu tempo para assimilar tudo, mas não esqueça que estarei aqui sempre. Beijos, eu te amo.

Acordo e a primeira coisa que procuro é o corpo da minha linda namorada, entretanto, lembro que dormi na casa dos meus pais.

E é só pensar nela que já fico duro como uma rocha. Passo minha mão por cima da cueca e fecho os olhos, imagino a minha Diabinha fazendo o seu belo trabalho de levá-lo até a garganta e masturbando a base enquanto a sua

outra mão aperta de leve as minhas bolas.

Puxo-o para fora da cueca e me masturbo com esses pensamentos.

Quando estou quase no ápice do prazer, escuto uma leve batida na porta.

— Filho, é a mamãe, já acordou? Posso entrar?

Putá que pariu.



Abro os meus olhos e sinto dor ao redor deles. O meu corpo todo dói, parece que um caminhão passou por cima de mim.

Levanto e vou fazer minha higiene matinal e, para minha surpresa, fiquei menstruada. Tomo um banho e me preparo para mais um dia, além da menstruação e da dor no corpo, minha cabeça parece que vai explodir.

Como isso é possível, a pessoa já acordar com dores por todos os lugares?

Desço já arrumada para o trabalho e sigo para a mesa do café da manhã.

— Pai? — Assusto com sua presença, pensei que ele tinha ido embora ontem.

— Sim, filha, bom dia. — Ele larga o jornal na mesa e me olha.

— Bom dia. Pensei que tivesse ido embora ontem — digo, me

sentando à mesa.

— Não fui. Estava chovendo muito, então dormi no quarto de hóspedes, pois queria tomar café da manhã com minha filha.

— Que bom, pai. Aliás, preciso mesmo conversar com o senhor sobre a minha existência.

Sua cara de espanto é engraçada. Resolvi que agirei como adulta sobre esse assunto.

— O que quer saber? — Solta sem pestanejar e isso me espanta.

Dias atrás ele não queria conversar sobre o assunto, e hoje quer. Vai entender!

— Eu já sei de tudo. A Júlia esteve aqui no sábado e me contou como tudo aconteceu. Até agora eu não entendo como a vovó foi capaz de fazer isso com o senhor, comigo e com a Júlia! — abordo e ele não se espanta.

— Filha, sua avó, naquela época, prezava muito pela opinião da sociedade. Ela mudou um pouco depois que o seu avô morreu. Ela queria contar para você antes, mas eu a impedi com medo de você se revoltar. — Paro o que estou fazendo e percebo que ele tem ainda esse mesmo medo, posso sentir.

— Tá, isso já passou. Agora quero viver o presente e o futuro que ainda está por vir, só que isso não significa que eu o perdoei e nem que irei abrir as minhas portas para a Júlia — ênfase.

Até podemos tentar conviver de agora em diante, porém, ainda preciso pensar.

— Entendo sua posição — diz e baixa a cabeça, derrotado.

Não posso fazer nada. Muitas coisas aconteceram, agora é aprender a

lidar com elas.

— E a mamãe, irá mesmo se separar dela? — Mudo um pouco de assunto.

— Sim, minha filha. Já prendi a Emily demais em minha vida. Vou deixar ela viver sua vida. Os papéis estão quase prontos para oficializarmos a separação — ele se recompõe e toma mais um gole do seu café. Suas palavras são verdadeiras.

— Se é assim que vocês desejam... — Começo a tossir e a espirrar.

— Tem que ser assim, minha filha. Você parece que está um pouco resfriada — observa, preocupado.

— E ela está, Sr. Júlio. Ontem ela saiu para correr com os cachorros e voltou na chuva. Por isso que está desse jeito. — Tony entra falando para o meu pai sobre ontem.

— Não foi nada, já estou bem, são espirros somente. — Pego um guardanapo de papel e limpo meu nariz, que começa a escorrer. Odeio isso.

— Sei, minha filha. Tony, traga um remédio para resfriado e um chá para essa pessoinha aqui — papai pede apontando o dedo em minha direção. Reviro os olhos.

— Pai, não precisa se preocupar, vou ficar bem! — aviso e outro espirro escapa.

— Minha filha, esqueceu que sou seu pai e que sei quando está mentindo? Posso ter passado esses últimos anos longe sem te dar atenção, mas não esqueça que cuidei de você quando era criança. — Sorrio pelo seu comentário.

— Obrigada, pai.

— Estarei aqui, filha, sempre. Me perdoa por todo esse tempo longe. Quero que, de agora em diante, possamos ficar mais próximos. — Ele pega em minha mão direita e acaricia de leve.

Olho para esse gesto e penso em tudo o que passamos. Decido deixar toda mágoa de lado. E tudo o que aconteceu no passado, deverá continuar no passado.

Tony aparece com o chá e o remédio. Agradeço e tomo os dois para o resfriado.

Depois do café, despeço-me do meu pai e do Tony e parto para o meu trabalho.

Hoje será uma luta.

Tomara que esse remédio faça efeito logo.

Quando estaciono o carro, o Kléber chega ao mesmo tempo.

Uma alegria enorme toma conta do meu peito. Decidi acreditar em tudo que ele me falou ontem.

Desço do carro espirrando que nem uma louca.

— Ei, Diabinha, o que aconteceu? — Ele vem até mim, preocupado.

— Só estou... atchimmm... espirrando, amor. Bom dia, Grandão! — Limpo o meu nariz com um lenço de papel que ele me oferece.

— Já tomou algum antialérgico?

— Sim, já fará efeito.

— Vem cá, minha catarrenta. — Ele me puxa para seus braços e me beija carinhosamente.

Antes de começarmos a trabalhar, o Kléber faz questão de me levar

até a sua sala.

Deito um pouco em seu sofá e fecho os olhos para ver se a dor de cabeça ameniza, mas quem disse que ela quer me largar?

— Fica um pouco aqui, meu amor. Já, já, você melhora, deixa eu te fazer uma massagem. — Sinto suas mãos nos meus pés. Ele retira os meus tênis e começa a massageá-los.

Isso faz com o que corpo relaxe mais um pouco.

Quando entramos, ainda não havia ninguém no laboratório.

Acabo pegando no sono.



Acordo toda dolorida. Não sei bem onde estou. Olho em volta e vejo que ainda estou na sala do Kléber. Tento me levantar, mas o meu corpo protesta e minha cabeça parece que vai explodir. Sinto muito frio e a garganta doendo muito.

Tento focar mais a minha visão, porém, a claridade do ambiente incomoda, faz com que sinta dores ao redor dos olhos.

Parece que não é só um resfriado, penso comigo.

— Amor, você não está bem. Vamos para o hospital! — Escuto a voz do Kléber.

Só a palavra hospital já me dá calafrios.

— Dão, amor! É só um resfriado. Logo estarei melhor. — Tento não transparecer que preciso ir ao médico, entretanto, minha voz me denuncia.

— Lárissa, você disse isso há quase uma hora e meia atrás, e olha

como você está tremendo de frio por causa da febre e com o nariz entupido!

Meu Deus, eu dormi tudo isso? Só escuto os seus sermões, calada. Estou com meu corpo doendo e quando tento protestar, ele não deixa.

— Sem discussão, vamos e pronto.

Balanço a cabeça e saímos para o hospital.

No caminho não vejo nada, assim que entrei no carro, encostei minha cabeça no banco.

Minha cabeça parecia que tinha uma banda tocando dentro, minha garganta doendo muito e o meu corpo parecia que um trem tinha passado várias vezes por cima.

Assim que chegamos ao hospital, fui logo atendida, pela influência do Kléber e do Guilherme foi mais fácil.

Pensamos que por sermos dessa área, quando adoecemos é mais fácil! Que nada, doença é tudo igual.

Saímos do hospital depois de umas duas horas. O médico disse que por conta da forte chuva e a minha imunidade baixa, fiquei com a garganta inflamada e com febre, sendo assim, receitou antibióticos e remédios para coriza.

O Kléber ficou todo o momento ao meu lado, nem tive forças para dizer que eu poderia ficar sozinha no hospital.

Confessa que por dentro você está pulando de alegria por ele estar fazendo isso Lárissa? Minha consciência grita.

Lógico que estou, né!



Dois dias se passaram desde que fiquei com febre e dores na garganta.

As meninas apareceram no mesmo dia em que fiquei doente, as duas dormiram comigo, ou melhor, dormiram no quarto de hóspedes.

O meu pai também veio dormir aqui em casa, segundo ele, quer recuperar o tempo perdido com a filha. No fundo, fico feliz por isso. Porém, acho que isso deve ter dado da minha mãe. Ela, por mais que faça essas viagens, sempre apaziguou as minhas brigas com o meu pai.

As mensagens que estávamos recebendo cessaram de vez. Tomara que a pessoa tenha se cansado dessa brincadeira chata.

Tanto fui cuidada como amada pelo meu namorado, que de tanto cuidado já estava ficando chato.

Ele dormiu os dois dias comigo, com o pretexto de que iria cuidar de mim, e eu deixei, é claro.

Só que hoje acordei com vontade de ir trabalhar e nem ele e nem o meu pai irão me impedir, esse é outro que também não sai daqui de casa.

Saio dos seus braços e vou para o banheiro tomar um banho quente.

Olho pela janela, cai uma garoa fina desde aquele dia.

Quando saio do banheiro, o Kléber já está acordado.

— Aonde a senhorita pensa que vai? — Levanta a cabeça do travesseiro e pergunta, intrigado.

— Eu? Vou para o trabalho — respondo indo pegar minhas roupas no closet.

— Por acaso esqueceu que há dois dias estava doente?!

— Não, meu amor, não esqueci. E como fui bem cuidada pelo meu namorado, família e amigas já estou bem melhor e, antes que proteste, vou trabalhar e ponto final.

Olho em sua direção porque sei que está com uma cara nada feliz.

Bem, ele me conheceu assim, então aguente quando falo que quero uma coisa.

Visto uma meia calça grossa, coloco por cima um vestido vinho até o meio das coxas e minhas botas cano longo. Assim estarei bem preparada para esse dia frio com garoa.

Quando estou terminando de me vestir, ele chega por trás beijando minha nuca.

— Você sabe muito bem como me deixar puto — sussurra de forma sensual. Sei muito bem o que ele quer.

— Não sei nada. Só cansei de ficar em casa trancada nesse quarto.

— Mas...

— Sem esse “mas”, Senhor Kléber. Já falei. — Interrompo sem dar alternativas.

— Olha o efeito que causa em mim. — Sinto sua ereção na minha bunda. — Eu ainda não fiz nada para castigá-la por suas desobediências.

— Oi? Como assim, castigos? Por acaso o meu namorado gosta dessas brincadeirinhas de amarras, mordanças e algemas? — Viro-me para ele e coloco minhas mãos em seu pescoço. — Estou curiosa.

— Digamos que já fiz uma vez e gostei.

Não sei o porquê, mas saber do seu passado me deixa um pouco triste. Sei lá. Contudo, não deixo transparecer meu ciúme. Coloco em minha cabeça que isso foi antes de nos conhecermos.

E entro em sua brincadeira.

— Hum, sei. E qual será esse meu castigo? —Levanto minhas sobrancelhas, sugestiva.

— Por você ser minha menina Diabinha muito levada pensarei em um castigo bem prazeroso.

— Aham, sei, promessas, promessas. — Balanço a cabeça, rindo.

— Sua Diaba, você não perde por esperar.

Sua boca se apossa da minha com uma urgência que parece que faz dias que não nos beijamos.

E realmente faz dias mesmo, quer dizer, faz só dois dias, mas ele disse que era para não transmitir bactérias para ele. Homem metódico.

Seus lábios quentes e exigentes deixam os meus lábios vermelhos, passam pelo meu pescoço indo ao encontro à minha orelha.

Esfrego-me descaradamente em sua ereção magnífica. Um gemido escapa da minha garganta, não estou aguentando mais.

Empurro-o de volta para o quarto, entretanto, ele me barra.

— Por mais que eu queira arrancar essa sua roupa e possuí-la o dia inteiro. Não podemos fazer isso aqui. — Minha cara de interrogação é bem aparente.

— Não estou entendendo!

— Minha Diabinha, o seu pai está aqui ao lado. E quando eu estiver

dentro de você, quero escutar os seus gritos de prazer. — A sua mão vai para o meio das minhas pernas e acaricia bem de leve, aumentando a minha excitação.

— Isso é a mais pura maldade.

— Eu sei que é, minha safada. Posso sentir como está muito molhadinha e sedenta por mim. Vamos nos concentrar em sua recuperação, aí depois veremos isso.

— Então, já que o senhor pensa em minha recuperação, posso pelo menos tomar o meu café da manhã? — indago e o empurro em direção à cama. O safado sorri e coloca os braços atrás da cabeça.

— E o que seria esse café, Diabinha?



Capítulo 29



Lárisa

Começo a chupar o lóbulo de sua orelha e deslizo minhas mãos por baixo de sua camisa, sobre o seu abdômen e o seu peito. Sua respiração fica mais pesada e suas mãos vão parar nos meus seios, apertando-os de leve. Puxo sua camisa por cima de sua cabeça e jogo ao lado da minha cama. Desço com a minha boca mordiscando uma trilha e traçando com a minha língua. Ele inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. Desço ainda mais, dando beijos com a boca aberta, arranhando levemente sua pele com os meus dentes. Passo a língua ao redor do seu umbigo, o que o faz gemer. Coloco minha mão para baixo e tento abrir o seu jeans, no entanto, encontro dificuldades.

— Preciso de ajuda aqui, Grandão. — Ele abre os olhos de forma sexy. Levanta e tira a calça, mostrando claramente que já está pronto para ser o meu café da manhã.

— Sou todo seu! Minha Diabinha.

Empurro-o novamente e me inclino sobre seu corpo para iniciar com a

minha língua o caminho da felicidade. Ele começa a ofegar. Percebo que está se segurando para não se contorcer, coloco minha mão em volta do seu pau e o levo à boca o mais fundo que consigo. Ele arfa e os seus quadris começam a se mexer involuntariamente. Olho para ele e vejo que seus olhos estão fixos em mim.

— Huuummm, isso é muito bom, Diabinha — fala com a voz rouca.

Deslizo o seu membro para dentro e para fora da minha boca e uso minha mão para cuidar das suas bolas inchadas de tanto tesão. Sua respiração começa a sair em arfadas pesadas e ele abaixa os braços para afastar o meu cabelo do rosto para que possa ver melhor o que estou fazendo. Olho de novo e vejo que parece atordoado, o seu rosto está corado, ao mesmo tempo murmura palavras de prazer e de encorajamento quase em um delírio.

Sinto que ele está chegando lá. Seus quadris se movem para cima para encontrar minha boca, seus dedos estão enterrados no meu cabelo. Ele respira pesadamente pela boca, e eu posso sentir a tensão que emana do seu corpo, de repente, ele congela.

— Vou gozar, Diabinha! — anuncia. Continuo e ele tenta sair de mim. — Querida! Eu vou... — Começo a mover mais rápido, sem deixá-lo escapar. Ele não termina a frase. Geme e seu corpo estremece. Engulo rapidamente e ele olha para mim com uma felicidade atordoada. — Isso foi um belo café da manhã.

Olho para ele e dou um sorriso travesso de quem acabou de aprontar alguma travessura. Passo a mão limpando minha boca e levanto, indo para o banheiro.

— Realmente foi, Grandão.

— Quero também tomar o meu café! — resmunga ainda deitado.

— Mais tarde, estamos atrasados.

— Isso é sacanagem. Você está louca para ser castigada! — Escuto sua voz do quarto enquanto escovo os dentes e penteio os meus cabelos que ficaram bagunçados.

— Promessas, promessas. E não reclama que mais tarde poderemos ter mais disso.

— Ficarei contando as horas e os segundos, amor!

Ele me chamou de amor? Foi isso mesmo que eu escutei?

Olho para ele através do espelho e sorrio. Ele mordisca minha nuca e dá vários beijos, me deixando arrepiada. Sinto seu membro agora dentro de sua calça se mexer.

— Grandão, vamos, chega de brincadeiras.

— Ok, sua diaba! Vamos.

Uma coisa que não posso esquecer é de tomar o meu remédio anticoncepcional. Faço uma nota mental para comprar mais tarde depois do trabalho.

Decidimos passar em uma cafeteria e comprar nosso café da manhã para irmos tomando. O tempo não mudou nada, a garoa ainda cai.



A semana passou muito rápido que nem vimos direito. Meu resfriado se foi, graças a Deus. Hoje é sexta-feira e, segundo o Kléber, ele quer fazer algo legal na casa dele para nós.

Isso tudo é em comemoração aos resultados das nossas pesquisas,

recebemos ontem a notícia que estamos concorrendo a um prêmio dos mais jovens pesquisadores. Então todos vão se reunir na casa dele para comemorar.

Os rapazes, que agora já viraram o clube do Bolinha, não se desgrudam mais, eu e as meninas sempre estivemos juntas, então não conta. Eles falaram que levariam cervejas e que o resto ficaria por nossa conta.

Claro que com as comidas, por assim dizer, pois sei que vão beber a noite toda. Assim que saímos do trabalho, eu e as meninas fomos às compras.

— E como anda o relacionamento de vocês, Lari? — indaga Ísis olhando no corredor de salgadinhos, enquanto a Érica empurra o carrinho e mexe no celular.

— Normal, por quê? — Olho para ela e lembro que ainda não tivemos tempo para conversar depois daquele episódio.

— Nada não, só perguntei. — Dá de ombros e continua escolhendo o que vai pegar.

Vejo que sua resposta não é nada convivente.

— Ísis, se me lembro bem, depois daquele episódio não conversamos a respeito de você chegar naquele dia ao laboratório de cabelos molhados e com a cara emburrada, só conversamos sobre o Kléber.

Vamos ver se descubro qual é a dela.

— Aquilo não foi nada! — Desconversa.

— Jura, amiga? E por que o Kléber falou para mim que estava no prédio onde ele tem um imóvel e te encontrou lá? — Ela fica de costas para mim e pragueja baixo.

— Merda, Lárissa, eu dormi com o Gustavo! Satisfeita?

Ow, o feitiço virou contra o feiticeiro! Isso está ficando bom.

A Érica levanta a cabeça, olha para mim e sorri.

— Calma, Ísis. Por que você está tão nervosa? — Fico em sua frente e a seguro pelos ombros.

— Não estou nervosa, tá! É só minha TMP. — Tira minhas mãos de repente e começa a andar pelo corredor, resmungando.

— Tudo bem, Ísis. Mas fala para gente aqui. O que rola entre você e o Gustavo? — pergunta Érica, agora com atenção voltada totalmente para o assunto.

— Não rola nada. Só ficamos às vezes e por acaso aquele foi o dia em que ficamos e mais nada. — Esfrega os olhos e bufa, cansada.

— Só isso mesmo? — questiono, querendo saber mais.

— Sim, vocês querem o quê? Que a gente namore? — Ela espera nossa resposta e balançamos a cabeça em concordância! —Argh, mas não mesmo. Eu e o Gustavo somos totalmente diferentes um do outro. O que temos é apenas química na cama e nada mais.

Enquanto ela fala, começa jogar vários salgadinhos e doces dentro carrinho.

Ai, meu Deus! Deixa eu parar essa mulher, ou ela vai acabar levando o mercado inteiro.

— Entendemos, Ísis, agora para de colocar tudo o que vê pela frente no carrinho. — Foi só eu falar isso, para ela olhar feio para mim e para Érica e sair pisando duro. —Ísis, volta aqui!

Nem olhou para trás.

Como a Ísis foi embora sem dizer mais nada, compramos tudo e cada

uma sai em seu carro. Érica foi para sua casa e depois irá para a do Kléber, como vou ajudar a preparar tudo, sigo direto para lá.

Ele ficou incumbido de pegar os nossos filhos na minha casa já que não dormiremos lá e achei melhor que eles viessem ficar conosco. Essa também será a primeira noite da Teka na casa do Kléber.



Essa semana houve diversos assuntos que levaram o meu humor a mil. Minha vida parece uma montanha-russa, um dia tudo está calmo e de repente acontece alguma coisa para deixar tudo de cabeça para baixo.

Primeiro foi aquela história com a Verônica no sábado, depois o resfriado da Lárissa e agora para acalmar tudo essa notícia maravilhosa do prêmio que estamos concorrendo.

A propósito, deixa eu ligar para os meus pais e dar essa notícia maravilhosa.

Pego o celular que está perto do meu computador e busco primeiro o número do meu pai, no segundo toque ele atende.

— Pai, pode falar?

— *Oi, meu filho, tenho vinte minutos até a próxima consulta.*

— Então serei rápido! Lembra daquela pesquisa que estávamos fazendo há dois anos?

— *Sim, o que tem ela?*

— Tem que ontem recebemos a notícia que estamos concorrendo a um prêmio de jovens pesquisadores. Isso não é o máximo?

— *Lógico que é, meu filho. Fico muito feliz em saber que está conquistando o seu espaço.*

— Ah, pai, estou tão feliz, eu e minha equipe nos esforçamos tanto!

— *Eu sei bem como é isso! E sua mãe já sabe?*

— Ainda não, ela está aí na clínica?

— *Está sim, mas acho que está com pacientes.*

— Então vamos fazer assim, mais tarde o pessoal do laboratório vai pra minha casa fazer uma pequena comemoração. Chama a mamãe e vão também!

— *Filho, obrigado pelo convite, mas eu e sua mãe temos um jantar com os pais da Fabiana e já tínhamos marcado há muito tempo.*

— Tudo bem, pai, fica para outro momento!

Despedimo-nos com a promessa de que eu vá visitá-los mais vezes.

Olho para o relógio e vejo que está na hora de ir embora. Sinto saudades da minha Diabinha, por mais que tenha dormido com ela esses dias, não estivemos mais à vontade como eu queria. Só aquele belo bom-dia que ela me deu há quase dois dias. É só pensar em sua boca envolvendo o meu amigão que já o sinto endurecer dentro da minha calça.

Levanto da cadeira e o arrumo para ver se consigo andar melhor.

Como as meninas saíram mais cedo, eu fiquei de passar na casa da Lárissa e pegar os nossos filhos.

Abro a porta do apartamento para o Marley e a Teka passarem, os dois entram correndo atrás da mãe deles. O som está ligado na música do famoso *DJ Alok, Big Jet Plane*.

E como a letra da música fala, essa Diabinha me deixa louco. Passo pelos cômodos do apartamento à sua procura. Parece tão certo chegar em casa e saber que vou encontrá-la. O meu peito enche de alegria em saber disso.

Quando chego ao quarto, ela está saindo do banho enrolada na minha toalha, olho ao redor e percebo que suas coisas estão no meu quarto, aos poucos ela foi se instalando como se fosse certo tudo isso.

A passos largos vou em sua direção e a puxo pela cintura, ela dá um gritinho de surpresa.

— Seu louco. Que susto! — Gargalha e tenta me dar alguns tapas.

— Sou louco por você, minha Diabinha — respondo e ataco seu pescoço com beijos e leve mordiscadas.

— Grandão, não podemos. Já, já, o pessoal chega.

— Ah, podemos sim e vamos. Que se foda o pessoal. Faremos nossa comemoração agora.

Não dou tempo para seus protestos. Empurro-a de encontro à cama e arranco sua toalha. Seus seios pulam com os bicos intumescidos, seguro os dois com minhas mãos e aperto os seus bicos para deixá-los mais duros. Ela geme e se contorce embaixo de mim.

— Oh, Kléber, isso.... — Sua respiração começa a ficar pesada à medida que aumento a pressão.

— Isso o que, Diabinha? — Desço minha boca e sugo o seu mamilo

direito enquanto continuo apertando o esquerdo. É tão lindo como ela se rende a mim, o seu corpo foi feito para mim.

Suas mãos puxam o meu cabelo de leve ao mesmo tempo em que puxa de encontro ao seu seio.

— Isso é muito bom, por favor, Kléber, me chupa. Preciso da sua boca — ela fala e empurra minha cabeça mais para baixo.

— Calma, amor, ainda temos tempo!

Volto a sugar o seu mamilo, só que agora o esquerdo e desço minha mão até ao seu centro.

Porra, está encharcado.

Dentro das minhas calças o meu pau está louco para participar da festinha, entretanto, tenho que ir com calma.

Amo vê-la se desfazer em minhas mãos e boca.

Abro suas pernas e passo minha mão por toda a extensão do seu centro. Sinto o seu clitóris intumescido, aperto de leve e ela grita.

Olho para ela e a vejo de olhos fechados e murmurando palavras desconexas. Passo meu dedo em sua entrada e espalho sua excitação por todo o seu centro rosadinho. Fico brincando e olho para ela.

— Porra, vai ficar aí me torturando? Faz o que eu pedi — protesta, gemendo.

— Minha diabinha está com a boca muito suja para o meu gosto. E como prometi, será bem castigada hoje.

— O quê? Vai parar agora, Kléber?

Aproximo minha boca bem perto do seu ouvido e falo bem manso:

— Minha doce diabinha, fique bem paradinha aqui na cama, que você será bem recompensada — finalizo com uma mordida no lóbulo da sua orelha e dou um pequeno tapa em seu clitóris.

Levanto e vou até ao meu closet, pego uma gravata e uma camisa minha.

Quando volto, tenho a visão mais linda em minha cama. Ela toda aberta e pronta para me receber.

— Prontinho, minha Diabinha, voltei —falo, subindo na cama.

— Não sei o porquê você me chama por esse apelido!

— Já te falei que a chamo assim desde o primeiro momento em que coloquei os olhos em você. Agora vamos parar de conversa que estou louco para fodê-la enquanto estiver amarrada — digo e coloco a minha camisa em seus olhos.

— Humm, já estou gostando, dá um frio na barriga e me excita muit...
— Sua frase não sai porque caio de boca no meio do seu centro, pegando-a de surpresa. Passo a língua pelo seu clitóris e sugo de leve dando ao mesmo tempo pequenas estocadas com o meu dedo do meio. Suas mãos estão agora em meus cabelos puxando-os em movimentos de vai e vem.

Tiro suas mãos da minha cabeça e ela choramingam em protesto.

— Calma, Diabinha!

Pego a gravata e a prendo na cama com todo cuidado para não machucar.

— Isso é sacanagem, quero te tocar — protesta, virando o rosto na direção da minha voz.

— Assim a brincadeira acaba. Aproveite um pouco e relaxe. — Beijo

os seus braços estendidos.

— Estou tentando, mas essa tortura não está ajudando.

— Você lembra do café da manhã que você tomou e não me deixou tomar? — ela concorda com a cabeça. — Então, minha Diabinha, esse será o seu castigo. Você só irá gozar com o meu pau enterrado em você. — Minhas palavras causam efeito no meio das suas pernas, onde ela contorce e as fecha.

Tiro toda a minha roupa e olho novamente para ela. *Uma Visão do paraíso.*

Começo a beijar a planta do seu pé e vou subindo por sua coxa direita, os sons que saem da sua garganta me deixam mais excitado.

Porra, tenho que ter controle para não gozar só com esses sons dela!

Chego novamente onde queria, o seu néctar escorre por sua fenda. Sua excitação é tanta que chega a molhar a cama.

Palavras que saem de sua boca são quase inaudíveis a ponto de serem apenas sussurros de misericórdia pelo que estou fazendo com ela.

Não me importo que chegue alguém, quero mais é escutá-la gritando o meu nome de prazer.

Suas paredes internas começam a apertar o meu dedo, isso indica que ela está perto e para torturá-la mais aumento a pressão da minha língua em seu clitóris e o vai e vem do meu dedo. Só quero vê-la gozar com o meu pau enterrado nela. Assim não espero ela entender o que vou fazer.

Pego suas pernas e coloco em meus ombros e me encaixo nela, tiro a camisa dos seus olhos, mas ainda a mantenho amarrada. A sensação de estar dentro dela é surreal, um verdadeiro paraíso, por mim viveria assim para

sempre com ela.

— Olá, minha doce Diabinha! Agora vou fodê-la até gritar o meu nome.

— Estou esperando isso, Grandão.



Depois de tomarmos banho entre beijos e carícias, resolvemos sair para não enrugarmos.

— Grandão, você está insaciável hoje! O que você tomou? — indago olhando para ele através do espelho e secando o meu cabelo com a toalha.

— Eu tomei foi um gelo nesses dias sem você. Então é isso que estou sentindo! — sua resposta é carregada de sensualidade e de safadeza. Ele está secando o corpo e aperta o seu membro semiereto por cima da toalha.

— Hum, sei, seu safado — respondo e vou até a minha bolsa para pegar minhas roupas.

Quando pego o meu short, um envelope pardo cai aos meus pés. Estranho. Deixo o short de lado e pego o envelope, aparentemente não tem nada dentro. Quando abro, vejo várias fotos e pelos de cachorros. São fotos do Tony e dos nossos cachorros. Engulo seco com o que vejo, isso tudo é muito bizarro!

— Mas que droga é essa? — grito, assustada.

— O que, amor? — Kléber chega ao meu lado sem entender.

— Olha isso aqui a pessoa voltou a mandar essas cartas idiotas. Só que agora está vigiando a gente, olha isso! — mostro para ele o conteúdo do envelope.

Começo a andar pelo quarto, bastante preocupada. Quem poderia estar fazendo essas coisas? Senhor, por que isso? O que eu fiz para essa pessoa? Saio do quarto e vou procurar os cachorros, sei que o Kléber os trouxe para cá.

Olho na varanda do apartamento e os dois estão dormindo, para o meu alívio. Por um momento passou pela minha cabeça que se algo ruim acontecer com eles não me perdoarei.

Volto para o quarto e o Kléber ainda está olhando para as fotos, só que agora não é só as fotos e sim um bilhete bem macabro.

Um frio sobe por minha espinha fazendo-me gelar dos pés à cabeça.



Capítulo 30



Lárisa

Como uma pessoa poderia ser tão macabra a esse ponto?

Junto com as fotos tem um bilhete escrito com recortes de revistas.

Diabinha!

É assim que o meu Kléber te chama? Patético isso.

Parece que os meus avisos não estão surtindo efeito, acho também que não estou sendo bem específica! Então vamos lá.

Eu quero que você deixe o Kléber, ou melhor, suma da vida dele! Para ser mais exata.

Se não o deixar, você sabe muito bem quem irá sofrer.

Você decide, Diabinha! O tempo está passando!

— Meu Deus, quem está fazendo isso? — Fito-o desesperada e já com lágrimas nos olhos.

Que pesadelo, Senhor!

— Fica calma, amor! Nada de ruim irá acontecer com vocês, prometo! — Seus braços me acalentam enquanto me desmancho em lágrimas.

— Como ficarei calma assim, Kléber? O bilhete foi claro q... — Ele segura o meu rosto entre suas mãos e passa seu polegar nos meus lábios, me calando.

— Ei, já falei, Lari. Isso não impedirá de ficarmos juntos — afirma e me dá um selinho.

— Estou com medo, e se... — Não consigo controlar o meu medo.

— Shiii, não fale mais nada. Amanhã iremos à polícia e resolveremos isso. Está bem? — confirmo com a cabeça e choro copiosamente em seus braços.

A nossa noite que prometia ser de alegria, agora estava com uma névoa de medo e insegurança. Não quero mais comemorar nada! Só quero deitar e dormir, porém, não posso fazer isso com o pessoal.

Saio dos braços do Kléber e decido encarar isso de frente, agora dei para chorar por tudo!

Aff, Argh, que saco.

— Ok, vamos encarar isso com a polícia. Então amanhã iremos à delegacia, faremos um boletim de ocorrência e tudo ficará resolvido. — Respiro fundo e vou para o banheiro com a minha roupa nas mãos, deixando-o atônito, sentado na cama.

Olho no espelho e repasso em minha cabeça quem poderia ser essa pessoa e o porquê está fazendo isso. Não vou dar o gostinho de ela nos vencer!

Depois de pronta, saio do banheiro e vejo que ele não está mais no quarto. Vou em direção à sala e escuto vozes. Quando chego, quase todos já estão sentados, conversando e bebendo. Só falta a Ísis, procuro pela sala o olhar que me acalenta e me passa confiança. Pode parecer que é cedo o que estou pensando, entretanto, o que sinto com Kléber é isso. Confiança, segurança, ele é meu porto seguro.

Sorrio e ele prontamente retribui e vem até mim. Nossos lábios se encontram em um beijo cálido, sinto que não ficarei sozinha por um minuto sequer. Ouvimos gritos dizendo para irmos para o nosso quarto.

— Gustavo e Guilherme, vão procurar as suas mulheres. Isso é inveja — o meu amado namorado rebate.

— Eu não preciso de mulher grudada no meu pé, estou muito bem sozinho! — Gustavo responde sem nos convencer disso. Ele bebe sua cerveja e abaixa a cabeça.

Ainda bem que a Ísis não está aqui para ouvir isso. Aposto que a magoaria muito!

— Estou só esperando a minha resolver o que quer da vida — a voz do Guilherme nos chama a atenção, o seu olhar está direcionado à Érica. Ela, por sua vez, está mexendo no celular, todavia, mas, quando escuta a voz dele, para de mexer e automaticamente o olha, ruborizando. Em uma fração de segundos, os dois ficam presos em uma briga silenciosa.

Resolvo quebrar o gelo.

— Érica, amore, poderia vir comigo até a cozinha me ajudar com os aperitivos? — Os dois saem do transe e se recompõem, ela balança a cabeça para espantar quaisquer pensamentos, suspira em derrota e me responde:

— Claro.

— O que foi aquilo, Érica? — indago, pegando as coisas na geladeira.

— Não foi nada, Lari, você está vendo demais! — sua resposta é evasiva.

— Sei, e por que ficou toda vermelhinha quando olhou para ele? — digo, jogando um salgadinho nela.

— Eu? Você sabe que quando bebo fico vermelha e outra, tenho cabelo vermelho! É, foi isso! — tenta se justificar, mas falha miseravelmente.

— Aham, me engana que eu gosto. Mudando de assunto, cadê a Ísis.

Já é tarde, pelo visto, ela não virá.

— Ela me enviou uma mensagem que não virá, está com muita dor de cabeça — assim que ela termina de falar, o Gustavo adentra à cozinha.

— O que a Ísis tem?

Como ele sabia que estávamos falando dela?

— Está com dor de cabeça, mas, por que a preocupação? — indago, virando-me para ele para ver qual será a resposta.

— Só para saber mesmo. Ué, ela é minha colega de trabalho, por isso perguntei! — Dá de ombros, pega uma cerveja e volta para a sala.

Olho para a Érica e novamente ela está mexendo no celular. Isso já está ficando chato.

— E você, dona Érica, não me engana. Só está enrolando para falar... O que está rolando com o Guilherme? Vocês conversaram ou algo assim? — Olho séria para ela. A história deles não vai se resolver do dia para a noite.

— Já falei que não tá acontecendo nada. — Revira os olhos, irritada.

— E o que tanto você mexe nesse celular? — questiono, já sem

paciência.

— Eita que hoje você está parecendo a minha mãe! Aff, Lari, não é ninguém, só um ex-amigo da faculdade — responde bufando e guarda o aparelho.

— Se você diz. Agora vamos voltar para a sala, pois hoje quero esquecer os problemas e relaxar um pouco.



Todos estão reunidos na sala entre muitas risadas, bebidas e aperitivos, porém, aquele bilhete não me sai da cabeça. Quem seria tão macabro assim? Olho para o Bruno conosco na sala e o analiso, será que ele tem alguma coisa a ver com isso? Não pode ser! Lógico que não. Quem poderia ser tão louca a ponto disso e o bilhete deixou claro que é uma mulher, ou seja, apenas me passa pela cabeça.

Verônica.

O mais estranho é que os bilhetes haviam parado. Senti-me frustrado quando vi o desespero da Lari. Que aconteça de tudo comigo, menos com ela. Agora tem os nossos cachorros que correm perigo. *Se for essa louca, irá se ver comigo.*

Tento deixar isso de lado e aproveitar o momento de comemoração com todos, menos a Ísis, que até agora não apareceu. Pergunto para Lárissa e ela me responde que a amiga está com dores de cabeça.

Quando olho para o meu amigo no canto do sofá, o vejo concentrado em seu celular, digitando furiosamente. Sei bem com quem está falando, nem parece aquele do começo da noite.

Conversamos mais algumas coisas e o Gustavo levanta de supetão e diz que vai embora. Ele se despede de todos e vai saindo.

— Espera, cara, te levo até a porta! — Ele assente e me acompanha.

Ele vem todo cabisbaixo atrás de mim, resolvo que está na hora de ser o amigo que ele foi para mim!

— Gustavo, posso te falar uma coisa? — Seguro seu ombro e ele me olha.

— Claro! O que manda?

— Se resolve logo com a Ísis! — digo, direto. Ele fecha os olhos, cansado.

— Não sei do que você está falando! — Ele coça a cabeça e desconversa.

— E por que está indo embora agora?

— Tenho que encontrar uma pessoa aí, vou indo, cara. Se for isso que está querendo falar, esquece. Aquela dali não sabe o que quer da vida.

— E você sabe? — questiono.

— Eita, que hoje você está com tudo para cima de mim, hein! — brinca e vai saindo.

—Fuja até não poder mais! Vai logo encontrar essa pessoa!

— Valeu, cara, pela preocupação!

Espero ele entrar no elevador e retorno para a sala.

O resto da noite segue tranquila.

Olho para o corpo da minha mulher que dorme serenamente em minha cama, novamente aquele sentimento que tudo parece tão certo em minha vida, tudo num encaixe perfeito me invade.

Resolvo fazer um café para acordar de vez. Na realidade, não dormi direito com isso na cabeça, somente tive pequenos cochilos. Sempre que fechava os olhos, as imagens dela ou dos cachorros surgiam em minha mente em situações que se acontecerem, não irei me perdoar.

Encho minha caneca com o meu companheiro de todas as manhãs e resolvo falar com o meu pai, ele saberá me aconselhar melhor nessas horas.

No primeiro toque ele atende, assusto, pois pensei que ele estivesse dormindo.

— Pai, desculpa ligar agora cedo! — digo, com medo de seu sermão.

— *Muito cedo, meu filho, mas fique tranquilo, estava acordado, ou melhor, não dormi direito essa noite!* — Sua voz cansada me chama a atenção.

— Aconteceu algo? — preocupo-me.

— *Coisas com sua mãe, mas já está tudo resolvido!*

— O que aconteceu com a mamãe? — insisto para que ele me fale.

— O de sempre! Sua irmã novamente. Porém, agora quero saber o que aconteceu para me ligar tão cedo.

Essas duas nunca vão se entender?

Conto tudo o que está acontecendo comigo e com a Lárissa. Ele fica furioso e diz que já era para termos buscado ajuda policial. Falei que no começo pensamos que fosse apenas uma brincadeira de mau gosto.

Por fim, depois de todo o sermão que levei, ele me indica um investigador amigo dele. Aceito na hora.

Depois de tudo resolvido, troco de roupa e vou dar uma corrida para descarregar essa energia do meu corpo e levar os cachorros para passear.



Acordo com vários beijos em minhas costas, isso começa a me acender como uma luz fluorescente deixando todo o meu corpo arrepiado. Como ele sabe o efeito que tem sobre mim, alterna entre beijos e assoprar de leve, o ar que sai da sua boca é geladinho. O contato do frio com o calor do meu corpo me faz contorcer e gemer.

Que poder esse homem tem sobre o meu corpo!

—Humm, como é bom acordar assim, por favor, não pare! — Abro minhas pernas e não demora muito para que os seus dedos e boca façam um excelente trabalho em mim.

A manhã de sábado foi assim, nós dois novamente debaixo das cobertas, regados a bastante amor e prazer!



Quatro semanas se passaram desde aquele episódio do bilhete e da comemoração. O Kléber no sábado mesmo resolveu o problema, achei tão

lindo ele se preocupando comigo e com os nossos filhos. Mas uma coisa não me sai da cabeça é como que aquele bilhete foi parar na minha bolsa? Resolvi deixar nas mãos do meu namorado.

Fiquei ainda mais apaixonada.

As meninas continuam a me esconder algumas coisas relacionadas à vida delas, resolvi que farei o mesmo.

Estou agindo feito criança tomando essa atitude? Pode até ser que sim, mas, poxa, eu confio nelas para tudo e elas parecem que não confiam em mim, então assim será.

O meu pai decidiu que irá morar comigo na casa que era da vovó. Vê se pode isso? Todavia, estou achando o máximo ele lá em casa.

Minha mãe, Emily, como estava envolvida com vários eventos de moda pela Europa, só chegará essa semana para assinar o divórcio. Juro que estou com o coração na mão por passar por isso. Já a Júlia, depois que eu pedi um tempo para pensar, nunca mais ouvi falar.

Entendo que ela teve motivos e teve que me renunciar. Mas nunca que eu faria isso com uma filha minha. Por isso decidi que permaneceremos assim como está. Com o tempo as coisas irão se resolver.

Não recebemos mais bilhetes, fico feliz por isso. Porém, lá no fundo, ainda sinto uma sensação de que algo irá acontecer.

Por conta disso nós combinamos que revezaríamos onde dormir, mas ultimamente estamos dormindo mais na casa dele.

Nessas últimas semanas também estamos parecendo dois coelhos, só basta estarmos no quarto ou em algum lugar sozinhos que só paramos de fazer amor quando estamos sem energias.

Então, esse fim de semana decidimos cada um ficar em sua casa. Como foi ruim dormir sem ele, o meu corpo sente a falta dos seus braços e da sua respiração na minha nuca e principalmente dos seus beijos.

Paro de pensar nele antes que o meu fogo aumente, mas já é tarde demais, estou com muita vontade dele e não o tenho agora.

Levanto da minha cama e corro para o banheiro, um banho frio me ajudará. Que nada, a água que escorre pelo meu corpo só aumenta o meu desejo. Para que ninguém da casa me escute gemendo que nem uma louca, coloco uma música para tocar no aparelho de som do quarto. Volto para o banheiro e faço o melhor quando estou sozinha pensando nele.

Fecho os olhos enquanto a água cai novamente e o imagino com suas mãos passeando pelo meu corpo, sussurrando palavras obscenas em meu ouvido. Desço minhas mãos ao meu centro e o encontro encharcado, a minha excitação é tanta que chega a doer.

Sento no encosto da banheira e abro bem as pernas, desligo o chuveiro e pego o chuveirinho, vou passando pelo meu corpo fazendo todo o trajeto como se fosse ele. Enquanto isso, desço minha mão novamente e acaricio o meu clitóris intumescido, mordo o meu lábio para conter um gemido. Solto o chuveirinho e aperto de leve o meu seio esquerdo enquanto a minha outra mão massageia o meu ponto durinho de tesão, entretanto, isso não está sendo o suficiente.

Droga.

Enfio o meu dedo do meio e começo a dar leves estocadas, isso aumenta o meu prazer e me leva à loucura.

A Rihanna fala na música que gosta que ele use a força. *Oh, como eu queria ele me fodendo por trás agora.* No entanto, tenho que me contentar

com os meus dedos dessa vez.

Kléber, eu mato você quando te encontrar, falo alto. Estou ficando louca.

As minhas paredes internas se contraem, sei que vou gozar e, puta que pariu, desfaço em mil pedaços chamando pelo seu nome. Já gozei outras vezes sozinha, mas, dessa vez, eu me superei.

Depois de um belo banho, desço para o café da manhã com uma baita fome e com vontade de tomar suco de melancia.

Envio uma mensagem para ele, o provocando.

Espero que tenha acordado com uma bela ereção do tamanho do tesão que acordei e tive que resolver com as minhas próprias mãos no banho.

Bjs, Bom dia!

Chego à sala e vejo a mesa farta, os meus olhos brilham. Sento e chamo o Tony.

— Bom dia, Tony. Você poderia, por gentileza, fazer um suco de melancia para mim? — peço. Só de imaginar minha boca saliva.

— Mas a senhorita não gosta. — Sua cara de espanto é cômica.

— Ai, Tony, me deu vontade, por favor! — Junto minhas mãos em forma de oração e faço carinha de cachorro que caiu da mudança.

— Tudo bem, senhorita, farei, mas depois não quero ouvir reclamações — concordo com a cabeça e ele se retira.

— O que o Tony fará, meu amor? Bom dia! — Meu pai chega beijando-me a testa como sempre faz e senta ao meu lado.

— Bom dia, papai! Ele fará um suco de melancia para mim.

— Mas você não gosta, pequena! — Ele também faz a mesma cara.

— Ai, papai, hoje amanheci com vontade e temos que experimentar coisas novas, né? — Faço minha melhor carinha e volto a comer.

— Está certa, filha. E vem cá, como anda o trabalho? — pergunta, já abrindo o seu jornal.

— Está bem. Te falei que estamos concorrendo a um prêmio de jovens pesquisadores? — digo, eufórica.

— Falou sim e estou muito feliz. Quando sairá o resultado?

— Nos próximos dias. Mudando de assunto, mamãe chegará essa semana. Quero avisar ao senhor que ela irá ficar aqui em casa. Algum problema para o senhor?

Ele suspira e bebe o seu café.

— Não, minha querida, nenhum! Apesar de tudo a Emily sempre ficou ao meu lado — suspira, ressentido.

— E já está tudo resolvido? — ele confirma com a cabeça e percebo que esse assunto o incomoda um pouco. — E a empresa, como anda?

— Ah, está a todo vapor, semana que vem precisarei viajar para os vinhedos e conferir como andam as coisas por lá. Não quer se juntar a mim? Você poderia convidar o seu namorado, o que acha?

— Fico feliz com o convite, verei com ele então. Agora me deixa ir para não chegar atrasada ao trabalho.

Assim que me levanto da mesa, uma tontura me atinge, e se não fosse meu pai, quase caía no chão.

— Filha, o que foi? — questiona preocupado, ainda me segurando.

— Não sei, papai, acho que me levantei rápido demais! — Respiro fundo e fecho os olhos.

— Toma uma água e espera um pouco, depois você vai trabalhar.

— Ok — concordo e ele me ajuda a sentar.



Olho ao redor e vejo que estou no quarto do apartamento que resolvi alugar. Mas o que estou fazendo aqui?

Lembro que ontem saí com o Gustavo para beber, ele precisava conversar. Sei que bebemos um pouco além da conta, mas nunca fiquei tão bêbado a ponto de esquecer onde estava.

Minha boca está com um gosto horrível de guarda-chuva velho. Tento repassar todas as cenas da noite anterior, mas nenhuma delas me traz aqui.

A cama em que estou está toda bagunçada, como se eu tivesse dormido com alguém. Escuto um barulho vindo do banheiro. Olho para o meu corpo e estou completamente nu. Levanto e procuro por minhas roupas, saio do quarto e quando chego à sala, no sofá está o Gustavo deitado com a cara enterrada na bunda de uma mulher. Tudo está uma bagunça total, roupas espalhadas e para piorar tudo, eis que aparece a pessoa que eu menos pensava em encontrar aqui!

Ai, cacete, o que foi que eu fiz?



Capítulo 31



Kléber

Eu olho para a cara ordinária da Verônica, que tem um sorriso vitorioso estampado em seu rosto. Na minha cabeça não entra que eu fiz essa besteira de dormir novamente com essa mulherzinha. Tudo que eu lembro é chegar no bar com o Gustavo e beber, mas não muito.

Olho para o Gustavo dormindo como se nada tivesse acontecido.

— Gustavo, acorda, seu imbecil! — Jogo uma almofada na sua cara. — Temos grandes problemas. E você, fora do meu apartamento, agora. — Olho para a Verônica que está encostada no corredor que dá acesso aos quartos, vestida apenas de calcinha e sutiã.

— O que foi, Kléber? Me deixa dormir, ainda é madrugada! — Gustavo resmunga.

— Seu imbecil. a coisa é séria, levanta daí — falo mais alto. Ele abre os olhos e levanta a cabeça dando de cara com a bunda da mulher, cujo o nome não sei.

— Porra, onde estou? — esbraveja, empurrando a mulher.

— Está no meu apartamento. E trate de colocar uma roupa mais decente, precisamos arrumar essa bagunça — digo, irritado.

— Querido, esse apartamento no momento está em meu nome. Que eu saiba, esse apartamento estava para ser alugado.

Viro-me para ela com uma raiva descomunal. O que eu fiz para merecer essa pedra em meu sapato? Minha cabeça parece que vai explodir de tanta dor.

— Como assim, Verônica? — vocifero, sem entender.

— Simples, querido! Esse lugar foi palco de tantos momentos lindos que vivemos que naquele dia que você estava com o corretor eu aluguei o imóvel. E ontem relembramos os velhos tempos.

Não... não... não. Recuso-me a acreditar no que ela está falando.

— Você está mentindo. Eu não fiz nada com você, pode começar a falar que palhaçada foi essa. — Chego perto dela e aponto o dedo em riste em seu rosto.

— Essa é a verdade, meu querido. — Debocha e anda lentamente pela sala.

Porra, não consigo me lembrar de nada.

Passo por ela indo para o quarto e olho bem no fundo dos seus olhos.

— Eu vou me trocar e depois você irá me falar que merda foi essa.

Ela passa a mão pelo meu abdômen e sinto nojo do seu toque. Tudo nela me enoja. Pego suas mãos e as retiro, como se elas queimassem.

— O que foi, Klébinho? Ontem à noite bem que você queria não só as

minhas mãos, mas outras partes também.

— Você está louca.

Saio, a deixando rindo feito uma hiena e vou para o quarto.

Pego o meu celular e para aumentar de vez o meu desespero vejo a mensagem de bom-dia da Lárissa.

O que eu fiz para merecer tudo isso?

Saio do apartamento, que agora está alugado para aquela mulherzinha e, por incrível que pareça, o meu carro está na garagem. A cada passo que dou fica mais difícil de acreditar que foi verdade tudo isso. O Gustavo está com a cabeça encostada na janela do carro e não fala nada.

Agradeço, pois não sei o que irei fazer. Os meus pensamentos estão todos na Lárissa e em como irei falar para ela, por mais que seja duro, ela precisa saber de toda a verdade.



Que droga, o meu carro está quase sem gasolina e terei que passar no posto antes, penso enquanto passo pelo portão da minha casa. Essa manhã está muito diferente dos outros dias, sinto tudo mais belo, não sei, mas me sinto em paz.

Estaciono no local indicado para colocar gasolina, desço para ir pagar e quando estou passado pela porta, por coincidência, ou não, o Bruno também tenta passar por ela.

— Mo... quer dizer, Lárissa, bom dia. Tudo bem? — Reviro os olhos para sua tentativa inútil de mais uma vez me chamar de morena.

— Oi, Bruno. Que surpresa. Bom dia!

Entramos e pagamos os nossos combustíveis. Não sei por que, mas quando ele está ao meu lado, há algo nele que eu não gosto. Despeço-me dele e vou em direção ao meu carro, o cheiro forte de gasolina entra por minhas narinas e faz o meu estômago se revirar, curvo-me perto do carro e coloco a mão na boca, pois uma ânsia me domina, minhas mãos começam a suar e minha cabeça a girar. O resto passa em câmera lenta, só escuto a voz do Bruno e suas mãos me aparando antes de ficar tudo escuro.

Abro os meus olhos, porém, as luzes fortes quase me cegam, tento novamente até me acostumar com a claridade. Olho para os lados e percebo que estou em uma maca de hospital, o cheiro de éter está muito forte.

O que estou fazendo... Antes que eu conclua o meu pensamento, a porta se abre e por ela entra um senhor que não me parece estanho. Tenho a impressão de conhecê-lo. Forço meu cérebro para tentar lembrar, entretanto, a única coisa que consigo é fazê-lo doer.

— Senhorita Lárissa, fico feliz que tenha acordado, o seu namorado já estava ficando preocupado. — Olho para ele sem entender nada.

— Por que estou nessa cama e onde estou? — Levanto às pressas.

— Calma, uma coisa de cada vez. Você passou mal na rua e o seu namorado e minha mulher a trouxeram para cá, para nossa clínica. Meu nome é Renato Galvão, sou ginecologista.

Ginecologista? Namorado? Não me lembro de ter encontrado o Kléber! Fecho os meus olhos e balanço a cabeça, a dor está insuportável.

— Mas por que um ginecologista? Eu não me lembro do meu

namorado estar comigo e sim um colega do trabalho. Minha cabeça está doendo, tem algum remédio para isso? — Mais uma vez fecho os olhos, na tentativa de fazer a dor passar.

— Que seja. Entretanto, preciso primeiro examiná-la, depois posso passar um remédio.

— Ah, Ok. — Gaguejo, não sei bem o porquê. Os seus olhos novamente me lembram alguém.

— Vou fazer umas perguntas básicas... Quanto tempo sua menstruação está atrasada? — Assim que conclui sua pergunta, todos os momentos pipocam em minha mente. Eu esqueci de tomar injeção depois da minha gripe e todas as vezes que fizemos amor sem proteção.

Não... não... não... isso não podia acontecer. Porém, tenho que confirmar de que está atrasada mesmo.

— Ela está uns dias atrasada, para ser mais exata. Só que ela costuma atrasar mesmo.

A quem estou querendo enganar?

— Alguma coisa mudou? Vômito? Ânsia? Cansaço? — pergunta e vai anotando em sua prancheta.

— Só tive isso hoje! — Omito o meu desejo por suco de melancia, todavia, acho isso que não diz nada. — O cheiro daqui está muito forte.

— Senhorita Lárissa, vou pedir um exame agora e depois veremos, ok? — Um medo me atinge de que dê positivo, mas, já que estou aqui, vamos em frente.

Assinto e faço todos os procedimentos que ele me manda fazer. Depois saio de onde estava e vou para a recepção esperar os resultados.

Encontro o Bruno mexendo em seu celular.

— Oi — falo e sento ao seu lado.

— Está tudo bem? Eles não me falaram nada, fiquei preocupado porque você não acordava.

Não sei bem a razão, mas me incomodo com suas perguntas.

— Agora está tudo bem. Vou só esperar o resultado de uns exames que eu fiz.

— Mas por que exames? — pergunta, sem entender.

Não quero que ele saiba.

— Não sei ainda, porém, o Dr. Renato achou necessário. Vamos esperar os resultados, a propósito, obrigada por me trazer.

Não posso deixar de agradecê-lo, afinal, se não fosse ele, não estaria aqui.

— Não precisa agradecer, Lárissa, estarei sempre aqui. Não é o que os amigos fazem?

Olho para ele e o sorriso que ele estampa na cara não me passa confiança e, novamente, tenho aquela sensação de que algo nele não me agrada!

Praticamente a manhã inteira se passa para os resultados saírem, minhas unhas já não existem mais. O celular do Kléber só cai na caixa na postal, algo está errado. Mande mensagens para as meninas avisando o que aconteceu.

Somos interrompidos pela enfermeira informando que o Dr. Renato já está com os resultados dos exames e me aguarda em sua sala.

Levanto e respiro fundo. Seja o que Deus quiser. E que Ele não queira que seja positivo.

Sento em frente à sua mesa, coloco minhas mãos cruzadas orando a todos os santos do céu.

— Bom, senhorita Lárissa, deixei para abrir os resultados com você.
— Ele sorri e pega o envelope. Estou tão nervosa que não consigo fazer o mesmo.

— Tudo bem, vamos lá.

Ele abre o envelope e eu fecho os olhos, tentando controlar a minha respiração. Cadê você, Kléber, quando mais preciso? Minha vizinha que tanto amava, agora você está fazendo muita falta.

— A única coisa que tenho para dizer agora é parabenizá-la. O Resultado deu positivo.

Será que ele sorri assim para todas as mulheres que vêm ao seu consultório? Estou aqui quase tendo uma síncope e ele ainda sorri?

Meu Deus, o que irei fazer?

Não sei o que ele falou depois da palavra positivo. Tudo foi um borrão. Quando saí da sala do médico, pedi ao Bruno para me levar para casa. Não estava em condições de trabalhar, e o meu carro, segundo ele, ficou no posto de gasolina.

Antes de sair da clínica, uma senhora de branco veio até mim saber como que eu estava, falei que estava bem e agradeci a sua preocupação. Só dentro do carro é que fui saber que era a senhora que ajudou a me trazer até a clínica.

Encostei a cabeça na janela do carro e não falei nada até chegar à

casa. O Bruno tentou saber o que deu nos resultados dos exames, todavia, falei que não foi nada para se preocupar e que o médico apenas disse que eu estava estressada devido ao que passei recentemente.

Ele estaciona em frente da casa e decido que preciso ficar sozinha, pelo menos por ora.

Assim que passo pelo portão da casa, não me aguento e as comportas das minhas lágrimas se rompem. Passo pelo Tony e vou direto para o meu quarto, meu único refúgio no momento.

Nesse momento todas as pessoas que mais preciso sumiram como fumaça.

O que vou falar para o Kléber? Como será sua reação? Oh, Senhor, me ajuda! Vó, me ajuda!

Os soluços ecoam pelo meu quarto, não sei o porquê do meu desespero, mas não consigo me controlar, tenho medo de ficar sozinha, sinto o meu peito apertado como se a qualquer momento algo fosse acontecer. Caio na cama e choro copiosamente por tudo o que já passei e por descobrir isso agora, choro tanto que chego a adormecer.



Minha cabeça está a ponto de explodir. Depois que saí daquele maldito apartamento, deixei o Gustavo em sua casa e vim embora para a minha. Por mais que eu queira falar tudo para a Lárissa, não tenho coragem.

Eu sei, sou covarde demais. Só que penso em quanto ela já sofreu, e tenho certeza que ela não vai acreditar em mim.

Eu sou um fraco por ter caído na lábia daquela cobra da Verônica.

Levanto do sofá e vou em direção ao meu quarto tirando minhas roupas, não ligo se elas ficarão pelo chão. Só preciso colocar minha cabeça debaixo da água fria e pensar no que vou fazer.

Depois do banho, saio com uma toalha enrolada na cintura e outra enxugando os cabelos. O meu coração está apertado, deixo minhas lágrimas saírem livremente pela culpa que me consome. Visto minhas roupas e decido que primeiro irei ligar para ela. Ligo o celular, pois desde que saí do outro apartamento eu o havia desligado, existem várias ligações dela, isso só serve para piorar a dor em meu peito.

Não sei o que fazer para arrumar essa bagunça. Somente uma pessoa pode me ajudar a me dar uma luz. No primeiro toque ele atende.

— Pai, preciso da sua ajuda — quase sussurro, desesperado.

— *Oi, filho, o que aconteceu?* — questiona, preocupado.

— Fiz besteira e não sei como consertar. — O sentimento de derrota me define no momento.

— *Estou na clínica, passa aqui, hoje está tranquilo. Te espero.*

Meu pai sempre foi assim, toda vez que preciso dele, está disposto a me ajudar.

— Obrigado, pai.

Despeço-me dele, pego minhas chaves, carteira, celular e saio para o trabalho do meu pai. Todo o trajeto passa como um borrão diante dos meus olhos, tudo está cinza.

Chego à recepção da clínica e as meninas me informam que o meu pai já está me aguardando em sua sala. Bato três vezes e escuto sua voz falando para entrar.

— Pai. — Vou ao seu encontro.

— Filho, vem cá. — Corro para os seus braços e deixo minhas lágrimas saírem, para amenizar a minha culpa.

Quem disse que homem não chora?

— O que eu faço? Não tenho saída pra tudo isso — desespero-me mais uma vez.

— Vamos nos sentar primeiro, aí você fala. — Assinto e vamos em direção ao sofá e nos sentamos. — Agora fale o que tanto te aflige para você chegar a chorar desse jeito.

— Bom, eu falei pra você e pra mamãe que estou namorando — ele concorda com a cabeça e eu continuo: — Ela trabalha comigo há dois anos...

Conto sobre o meu relacionamento com a Lárissa, como está sendo maravilhoso tudo o que estou sentindo por ela e o quão me faz bem estar ao seu lado, até chegar o dia de hoje.

— Kléber, meu filho, estou muito feliz que tenha encontrado uma menina tão especial como ela. Só que eu não esperava isso de você — diz, decepcionado.

— Pai, eu tenho certeza que não fiz nada. Eu juro. O que eu me lembro foi de no sábado à noite, sair com o Gustavo para conversar e beber um pouco. — Forço minha mente e flashes começam a pipocar. — Aí do nada apareceu a Verônica e essa amiga dela. O Gustavo já estava um pouco alto e convidou as meninas para sentarem com a gente, eu não gostei a princípio, pois para mim era como se eu estivesse traindo a Lárissa. Ele foi insistente e

puxou a amiga da Verônica que já sentou quase beijando ele.

“Eu disse pra ele que ia ao banheiro e quando voltasse iríamos embora, e assim eu fiz. Quando voltei, eles me ofereceram uma cerveja dizendo que era a última e realmente foi a última, pois não me lembro de mais nada depois disso. Só de acordar hoje pela manhã no meu outro apartamento, deitado ao lado daquela mulherzinha escrota.”

Termino de falar e aperto as minhas têmporas com as pontas dos meus dedos, para amenizar a dor de cabeça que não passa.

— Que história é essa de segundo apartamento?

Cacete! Deixei escapar esse outro assunto. Merda.

— Pai, você só escutou isso? Depois eu conto sobre isso, por enquanto, me ajuda nisso — peço.

— Kléber Galvão, eu não acredito que em pleno século XXI você foi cair nesse golpe. — Balança a cabeça, incrédulo.

— Que golpe, pai? Não consigo pensar em nada, minha cabeça está explodindo aqui! Ajuda vai. — Passo as mãos pelos cabelos e encosto minha cabeça no sofá da sua sala.

— Do boa noite cinderela, filho, já pensou nisso?

— Não! E como vou fazer para saber que fui dopado?

— Realmente isso afetou o seu cérebro também. Você irá fazer um exame para provar isso e vai contar a verdade pra essa menina. Um conselho que lhe dou, ser verdadeiro é a melhor coisa.

Depois de tudo resolvido com o meu pai, decido que é hora de procurar a Lárissa e conversar com ela. Posso esperar de tudo. Pego o meu celular novamente e dessa vez ligo para ela, chama até cair na caixa postal.

Então o único jeito é ir para o trabalho, lá verei como vamos conversar.

Senhor, me ajuda!

Estaciono em frente ao laboratório e estranho não ver o carro dela aqui. Entro no prédio e a primeira coisa que faço é procurá-la.

— Bom dia, gente! — Saúdo a todos. — Vocês sabem onde posso encontrar a Lárissa?

— Ela não veio porque estava passando mal — responde a Ísis e a Érica confirma com a cabeça.

Agradeço a elas e minha culpa só aumenta. Enquanto estava fazendo não-sei-o-quê com aquela mulherzinha, a minha namorada estava passando mal. Vejo o Bruno concentrado em suas coisas e não fala nada. O Gustavo me olha e posso ver que também está com um peso na consciência pelo que fizemos, não sei se ele também foi dopado.

— Gustavão, pode vir até a minha sala? — Não espero sua resposta e sigo para minha sala. Minutos se passam e ele bate em minha porta e dou permissão para entrar. Ele entra e senta na poltrona.

— Estou aqui. Já contou para a Lárissa?

— Ainda não, primeiro fui conversar com o meu pai. O que você se lembra de ontem? — indago, na esperança de ele lembrar de mais coisas que eu.

— Apenas que estávamos bebendo e chegaram aquelas loucas, e depois mais nada.

— Então você também foi dopado.

— Como assim?

Conto para ele sobre a suspeita do meu pai e que realmente tudo faz

sentido. Decidimos fazer o exame o mais rápido possível. Peço para ele também não comentar com ninguém, ele me confia que está muito mal também, pois pensa que isso foi como tivesse traído a Ísis, falo para ele que é mais fácil, pois eles não têm nada. Já eu, estou muito ferrado.

Despeço-me dele, que me deseja boa sorte para o que está por vir.

Paro o carro no portão em frente à casa da Lárissa e espero me autorizarem para entrar. Estou muito nervoso, mas não posso fraquejar agora, não podemos ter um relacionamento à base mentiras, só rogo a Deus que ela me entenda.

E você entenderia se fosse ao contrário? Minha consciência grita. Lógico que não, porém, é isso que está me matando.

Quando entro, o Tony me informa que ela está em seu quarto. Subo as escadas de dois em dois degraus, chego em frente à porta do seu quarto e percebo que ela está entreaberta.

Respiro fundo, duas, três vezes tentando controlar o meu nervosismo, entretanto, é em vão, pois assim que abro a porta, a imagem que tenho dela é um baita soco no meu estômago.

Ela toda encolhida na cama, como se tivesse chorado muito. Sento na cama e a abraço por trás, o seu corpo pequeno se molda ao meu. Perfeito para mim. Sinto seu cheiro, fazendo me sentir em casa.

Senhor, me ajuda a falar a verdade.

Fico velando o seu sono por um momento e ela acorda com uma carinha de sono.

— Ei, amor, você está aqui! — Ela se espreguiça e se aconchega mais em meu peito.



Sabe aquele desespero que senti quando fiquei sabendo da minha gravidez? E aquele medo de saber a reação do Kléber? Pois é, agora está mil vezes mais difícil para falar olhando em seus olhos.

Aconchego-me em seu peito. É impressão minha ou ele está nervoso? Não sei, mas acho que é o meu nervosismo aumentando.

— Amor, fiquei sabendo que você passou mal hoje, o que aconteceu?
— pergunta fazendo carinho em meus cabelos.

Então decido que falarei de uma vez antes que minha coragem vá embora.

— Preciso te contar uma coisa.

— Tudo bem, mas também tenho uma coisa pra te falar e peço que você seja muito mente aberta. — Suas palavras me gelam, não sei o porquê. Sento de frente para ele e cruzo as minhas pernas.

— Ok, pode falar, depois eu falo.

Um misto de sentimento passa pelos seus olhos. Medo, decepção e raiva! Raiva? Mas por quê?

— Eu fiz uma coisa e não fiz!

— Como assim? Fez ou não? — Ele baixa o olhar, respira fundo e anda até a janela.

— Lembra que ontem saí com o Gustavo para beber?

Sinceramente não estou gostando do rumo dessa conversa.

— Sim e o que tem? — Viro para ele, que permanece virado para a janela, com as mãos nos bolsos da calça.

O dia que tinha começado lindo com céu claro, agora está com nuvens negras carregadas, se preparando para uma forte chuva.

— Nós estávamos bebendo e depois de certo tempo... — Parece que ele está com dificuldade de pronunciar as palavras. — Apareceu a Verônica e uma amiga dela.

Em segundos estou ao seu lado e o puxo para que olhe para mim. Só o fato de pronunciar o nome dessa mulher já sinto o meu sangue ferver. O meu coração se recusa acreditar no que o meu cérebro está pensando.

Isso não pode ser verdade.

— Olha para mim e diga que é mentira que estou pensando, por favor, Kléber!

Já não consigo segurar as minhas lágrimas que descem desenfreadas.

— Diab...

— Não ouse mentir para mim. Apenas fale a verdade. — Olhar para ele nunca foi tão difícil, ainda mais agora. Ele também chora copiosamente.

— Sim, realmente aconteceu. Por enquanto, o que eu tenho a dizer é que sinto muito. Eu juro que não me lembro de nada.

Recuso-me a ouvir mais alguma coisa dele. A dor que sinto no meu peito é sufocante.

Primeiro, pelo medo de ele saber da gravidez e me rejeitar, e agora

isso para completar.

— Por favor, vá embora da minha casa! — Fico de costas olhando para fora, agora o céu se derrama, assim como minhas lágrimas. Sinto-o se aproximar, colocar as duas mãos em meus ombros e beija o topo da minha cabeça.

Sabe o que Judas fez com Jesus? Pois, é assim que me sinto, traída pela única pessoa a quem entreguei o meu coração.

Antes de sair do quarto, o escuto pronunciando que vai provar que tudo não passou de uma armação, entretanto, o meu coração machucado já não quer mais saber de explicação nenhuma. Isso foi o que mais pedi para ele, que jamais magoasse o meu coração. E qual foi a primeira coisa que aconteceu? Foi quebrado como se não fosse nada.



Capítulo 32



Lárisa

Uma semana se passou desde que o meu coração foi partido. Parece muito dramático da minha parte, mas estou me lixando para o que pensam.

Quando ele saiu pela porta do meu quarto, o meu mundo mais uma vez desmoronou. Ele levou o meu coração e só deixou uma casca perambulando pelo mundo.

Naquele dia, não sabia se chorava ou vomitava, na minha atual situação eu já sabia disso. Não sei se foi milagre ou não. Porém, a minha mãe surgiu no meu quarto e me deu todo apoio que eu precisava naquela hora.

Contei tudo o que estava acontecendo, ela me aconselhou que no momento era melhor me afastar um pouco e pensar no que fazer.

Para ela, essa história estava mal contada e eu precisava escutar o Kléber mais uma vez. Todavia, o meu orgulho não deixa isso acontecer, mas o meu coração burro só bastou escutar o nome dele para balançar feito um louco varrido.

Escutei tudo dela e decidi que ia para a fazenda da minha vó ficar lá cuidando de mim e, agora, desse serzinho.

Decidi também que não irei contar para as meninas. Quero ficar sozinha sem causar preocupação a ninguém. Liguei para elas avisando que irei viajar e que depois dava notícias.

Como notícia ruim corre rápido, elas já deveriam estar sabendo de tudo, e por isso respeitaram minha decisão. A Ísis me liga todos os dias perguntando onde estou, como estou e o porquê de não ficar em casa. E sempre respondo que preciso do meu tempo. O buraco no meu coração foi grande e por isso preciso ficar afastada. A Érica respeitou o meu momento, só de vez em quando que me manda uma mensagem. Acho que ela é a única que me “entende”, por assim dizer.

É melhor assim para nós dois, ou melhor, para nós três.

Olho no espelho do meu closet e vejo como mudei, sei que é pouco tempo. Mas sinto que mudei, algo dentro de mim mudou.

Sorrio e acaricio a minha barriga. A minha sementinha está crescendo.

— Isso aí, sementinha, agora somos só eu e você.

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos, pego minha bolsa pequena e minha mala.

Como o papai me convidou para ir, esse momento veio a calhar. Ele ficou muito feliz e disse que assim era melhor para passarmos um tempo juntos e, no fundo, também concordo com ele.

A minha gravidez só quem sabe é a minha mãe. Sei que estou sendo egoísta em não compartilhar com as meninas esse momento, ainda não estou preparada para os questionamentos delas. Eu as amo como minhas irmãs.

Passei a semana enfurnada dentro de casa com a minha mãe e o meu pai. Não saí um dia sequer, era da cama para o banheiro e vice e versa.

Meus pais já resolveram o que tinham de resolver. Minha outra mãe essa semana resolveu aparecer aqui em casa, entretanto, como não estava apresentável pedi para o Tony convencê-la a vir outro momento.

E ele, Lárissa? Desde o dia em que saiu daqui, fiz questão de não saber mais. O meu celular não recebeu uma mensagem sequer dele, isso só confirma como ele tem culpa.

Respiro fundo, dou um sorriso amarelo para o meu pai e entro no carro. A viagem durará umas três horas até a fazenda, minha mãe resolveu ir com a gente. O meu pai fez cara feia, porém, quando falei que precisava dela, ele não falou mais nada.

Então partimos para uma possível viagem em família que há muito tempo não fazíamos.



Quem disser que quem ama não sofre, é mentira. Estou há uma semana nesse inferno e não sei como sair, ou melhor, eu sei. Só que toda vez que lembro como a deixei o meu coração corta.

E mais uma vez me encontro sentado em minha sala, no trabalho, escutando a música da *Adele*, *One And Only*, que toca repetidamente, como se fosse para entrar em minha mente.

Sou masoquista? Digamos que, após sair do seu quarto, eu virei um. Eu poderia me rastejar aos seus pés e implorar para que me escutasse? Sim, poderia, mas com que provas? Não as tenho no momento, somente a minha palavra e nada mais.

Será que um dia a abraçarei novamente?

Levanto da sala e vou falar com a Ísis. Ela está sendo uma ótima amiga nesses dias. Me passa todas as informações da minha Diabinha. Fiquei sabendo que ela viajou, mas não falou para onde. Só Deus sabe como isso está me matando por dentro.

— Ísis, poderia vir à minha sala, por favor? — Ela prontamente deixa o que está fazendo e vem até a mim. Quando olho para o Gustavo, o mesmo está com a cara de interrogação. Dou de ombros e entro novamente na sala, fechando a porta.

— Então, Ísis, o que descobriu de novo?

— O de sempre, Kléber, ela viajou e não diz onde está. Já fiz de tudo.

Bufo, frustrado com tudo isso. Eu poderia ir atrás dela? Poderia, porém, como? Se ainda não saíram os resultados. Agora falta pouco para isso acontecer.

— Ficarei louco se não sair logo esse resultado. Eu tenho certeza que não fiz nada com aquela cobra, Ísis. — Olho para ela como se ela fosse minha única salvação. *Patético!*

— Eu sei que não deveria falar isso, mas acredito em você. Desde aquele dia em que esbarrei com vocês naquele prédio, eu vi na cara daquelazinha que não estava para brincadeira. E quando você souber dos resultados, como irá fazer? — pergunta, cruzando os braços, sentada em minha frente.

— Correr atrás dela. Eu amo aquela sua amiga maluca. — Balanço a cabeça, lembrando dos nossos momentos.

— Bom saber que não está pensando com a cabeça de baixo. — Olho para ela e dou um sorriso amarelo.

Nesse pouco tempo que estamos próximos, percebi que ela pode estar se fazendo de forte, mas, no fundo, sei que está sofrendo com essa história também.

— E você e o Gustavo? — Seu rosto muda de fisionomia, toquei em um assunto muito delicado.

Merda!

— Não existe esse eu e Gustavo! Só estou te ajudando, pois sei que ama minha amiga. Isso está estampado em seu rosto. Agora vamos parar de enrolação e voltar ao trabalho. — Levanta exasperada e vai na direção da porta.

— Fico feliz que acredite em mim. E, Ísis? — Chamo e ela me olha. — Por mais que não queira me escutar, converse com ele.

— Já falei que não tenho nada com o Gustavo. E, por favor, não comece com isso de novo, Kléber, ou paro de te ajudar com a Lárissa.

— Ok.

Limito-me a ficar quieto e a deixá-la sair da minha sala. Não se passa nem dois minutos e pela porta entra um Gustavo furioso.

— Fala para mim o que você tanto conversa com a Ísis — exige, parecendo um boi enfurecido.

— Primeiro, sente-se, que depois explico melhor.

— NÃO, estou bem. Agora, fale. — Sua raiva é tão aparente que uma

veia salta no meio da sua testa.

— Ela está só me ajudando com a Lárissa e nada mais — explico, sem dar muita importância.

— E precisa ficar de segredinhos aqui na sua sala? — não falo nada, pois sei que se fosse eu, estaria pior do que ele.

— Não estamos de segredinhos, apenas conversando. E me responda uma coisa. Por que essa raiva toda se vocês não têm nada?

— Não estou com raiva. Apenas quis saber disso tudo! — Desconversa, andando de um lado para o outro.

— Sei. Até quando vocês vão ignorar isso?

— Não estamos ignorando nada. Ela é apenas uma cabeça dura.

— Como assim, cabeça dura?

— Ela não quer nada comigo, mas ao mesmo tempo quer. Não entendo isso.

— E o que você quer?

— Eu quero tudo com ela.

— Meu caro, tenho uma coisa para te falar. É melhor trabalhar muito para que ela mude de ideia. E mudando um pouco de assunto. Essa semana sai o resultado do nosso exame.

— Graças a Deus. Por mais que aquela cabeça dura não queria me ouvir, vou mostrar a ela que não fizemos nada. E a Verônica? — questiona entredentes.

— Essa não quero ver nem pintada de ouro em minha frente. Pois sou capaz de bater nessa mulher. Coisa que abomino, mas ela merece.

— Que mulherzinha, hein?!

— Nem me fale. Agora se acalma, converse com ela e diga o que sente.

— Tentarei, cara.

Responde e sai da minha sala, pensativo. Volto para os meus afazeres até a hora de ir embora.

Tudo voltou como era antes de ela entrar em minha vida. Chato, sem cor e sem vida.

Quando chego a casa, o Marley nem vem me receber mais. Tudo por causa dela. Como uma mulher pode mexer dessa forma com a vida de uma pessoa?

Vou para o banho para ver se a água quente alivia um pouco essa tensão que está sobre os meus ombros. Não deixo me abater, pois sei que isso é passageiro. Logo mais a terei de volta em minha vida.

Assim que saio do banheiro, escuto a campainha tocar. Acho estranho, pois não estou esperando ninguém.

Vou enrolado na toalha mesmo, pode ser que seja algum vizinho ou o portei...

Que porra é essa?

Fico estático com a Verônica em minha frente. A única vontade que tenho é apertar o seu pescoço até ela não ter mais como respirar. Ela tem sorte que os meus pais me deram uma ótima educação.

— O que você quer, Verônica? —indago, segurando a porta com tanta força que os meus dedos doem.

— Klébin...

— Corta essa, Verônica. Já não basta a merda que você me causou e ainda vem até a minha casa? — vocifero.

— Vamos parar de drama, Kléber. Apenas dormimos como antes. Não tenho culpa se sua namoradinha não entende o nosso namoro.

— Você ficou louca, nunca tivemos um rolo, quem dirá um namoro. Acho melhor você sair do meu prédio antes que eu chame os seguranças.

— Para que isso, Kléber? Quando você irá entender que esses dois anos que estivemos juntos foram os melhores anos das nossas vidas?

Essa mulher só poder ter enlouquecido de vez. Eu nunca dei esperança de nada, sempre fui claro e agora isso.

Onde eu errei? Em não ter escutado sua mãe antes e ter escutado somente a sua cabeça de baixo, simples assim! Balanço minha cabeça, espantando meus pensamentos. E antes que eu faça algo, ela se aproxima mais de mim e tenta passar seus braços pelo meu pescoço.

— Verônica, você sabe muito bem que nunca dei esperança de nada do que tivemos. Tire isso da sua cabeça. Estou com a Lárissa e nada vai mudar, mesmo o que você fez, eu vou provar que tudo não passou de uma armação e pode ter certeza que quando eu souber, você irá presa. — Chego mais perto dela e seguro seu braço. Sua fisionomia muda drasticamente, pois ela fica branca igual papel.

— Você está perdendo tempo em fazer esse exame. Tudo que tivemos naquela noite foi o que sempre tivemos. — Aparentemente fica nervosa, porém, disfarça muito bem.

— E por que eu não me lembro de absolutamente nada? Nem eu e nem o Gustavo. Você não acha isso muito estranho, hein, Verônica?! — ela não responde nada — Eu respondo essa para você. Não lembramos porque

fomos dopados e quando eu ficar sabendo, pode ficar esperando que a polícia irá atrás de você e de quem estiver por trás dessa porcaria toda.

— Você está me machucando, solta o meu braço. — Afrouxo o aperto, mas não solto.

— Sabe a minha vontade, Verônica? É de apertar esse seu pescoço até você perder os sentidos, mas não gosto de sujar minhas mãos com pouca merda. Agora saia da minha vida de vez e não apareça mais na minha frente.

Falo e arrasto-a até o elevador para não ter perigo de ela voltar. O seu rosto está virado agora para baixo e a escuto fungar.

Odeio ver mulher chorar, porém, essa daqui não é digna dos meus cuidados. Já estou fazendo demais.

Depois de colocar aquela maldita para correr, volto para o meu apartamento e ligo para a minha mãe, nessas horas ela sempre sabe me aconselhar.



Quatro dias se passaram desde que cheguei, e enfim tomei coragem para contar às meninas onde estou e que as quero comigo. Então marcamos de passar o fim de semana juntas.

E como hoje é sexta, acordei mais disposta. Não tive mais enjoo desde que cheguei, achei muito bom, pois assim o meu pai não desconfiou de nada.

O mais estranho foi que depois de muito tempo sem sonhar com a minha vó, ontem à noite tive esse sonho maravilhoso. Senti-me tão protegida por ela.

— Oi, minha Larita, que saudades de você! — ela me abraça e acaricia os meus cabelos, como sempre fazia, o seu cheiro é o mesmo.

— Vozinha, que saudades que tenho da senhora. — Fungo, já sentindo minhas lágrimas.

— Eu sei, minha querida, que tens. Agora tem alguém muito especial aqui que merece toda a sua atenção. — Ela acaricia minha barriga e sorri.

— Vó, aconteceu tanta coisa. E a história da minha outra mãe? Por que a senhora fez isso? — Olho para o seu rosto pálido, querendo saber o motivo, mas já sei.

— Lárissa, às vezes não temos explicação para os desígnios de Deus. Tudo o que aconteceu foi com a permissão dEle, a única coisa que devemos fazer é aceitar e seguir em frente. — Acaricia o meu rosto e sorri.

— Mas a senhora poderia ter impedido isso! — pondero.

— Sim, poderia, mas não fiz. Como disse, era para acontecer. Agora basta que você e os outros saibam como lidar com essa situação.

Olho ao redor, porém, tudo é escuro e somente uma luz branca que está sobre nós.

— Tudo bem, vó. Agora me fala, como é onde a senhora está?

— Não posso falar, entretanto, o meu objetivo hoje é te dar mais um aviso. — O meu sexto sentido ativa ao máximo e o meu coração começa bater descompassado.

— O que foi, Vovó? Você está me deixando preocupada!

— *Mais uma vez te peço para ter a mente aberta para o que está por vir, que garanto que no final tudo ficará conforme foi escrito.*

— *Como assim, estou confusa.*

— *Não fique. No momento certo saberá o que fazer.*

— *Mas...*

— *Minha Larita, sempre curiosa e ansiosa. Acalme esse coração que tudo se resolverá.*

Decido que esse sonho com a minha vó não é nada de mais, que foi apenas saudades mesmo que estávamos uma da outra e que era apenas preocupação comigo, pois agora carrego minha sementinha. Meus pais, por incrível que pareça, estão se dando bem. Na realidade, os dois nunca discutiram na minha frente, realmente era um casamento de aparência, como a Júlia falou. Ainda não consigo ter esse afeto por ela. O Tony me ligou e disse que essa semana ela apareceu atrás de mim de novo. Pedi a ele que quando isso acontecer, repetir que quando for a hora eu a procurarei.

Desço as escadas e vejo que à mesa está a minha mãe tomando o seu café e mexendo em seu celular.

— Bom dia, mamãe! — Cumprimento e ela apenas me olha por cima do celular e sorri.

— Bom dia, minha querida. Hum, vejo que hoje está mais disposta.

— Sim, mamãe. Resolvi chamar as meninas para virem ficar comigo esse fim de semana — respondo animada.

— Ai, filha, isso é ótimo. Te fará bem e ao seu bebê! — Ela afaga minha mão sobre a mesa.

— Bebê?

Sabe aquele momento que somos pegas de surpresa e a única coisa que queremos é um buraco para nos enterrarmos? Pois é, esse é o momento em que o meu pai decidiu entrar na sala para o café e pegou essa cena.

Bom, já está mais que na hora de ele saber.

— É, pai, estou grávida. — Levanto da cadeira e me viro para ele, esperando sua reação.

— Minha menina cresceu — ele nem termina de falar, vem ao meu encontro e me abraça. — Como foi que isso aconteceu?

— Paiai. Você quer eu que te explique realmente como foi feito? — indago e sorrio para ele, pois sei que nenhum pai gostaria de saber da privacidade da sua única filha.

— Claro que não, minha querida! Agora deixe-me ver como está essa barriga!

Fui paparicada pelos meus pais a manhã toda. O meu pai perguntou se o Kléber sabia disso, falei para ele que por ora não queria tocar nesse assunto.

E assim passou o dia. Fui tomar banho para receber as meninas, quero estar apresentável para elas.

Assim que estou saindo do banho, duas loucas invadem o meu quarto gritando o meu nome.

— Lárissa, sua vaca, agora vai nos contar o porquê de ficar todo esse tempo longe sem notícias. — Ísis, que sempre é a mais espevitada, para no meio do quarto e olha para mim com a cara feia que não dura nem dois segundos.

— Vem cá, minha morena linda. Como você está? — Érica me puxa para o seu abraço de urso.

— Calma, meninas. Uma de cada vez, preciso respirar e... — Antes que eu conclua a minha frase o perfume da Ísis faz o meu estômago revirar depois de dias sem essa atividade. Corro para o banheiro e coloco todo o café da tarde para fora.

Depois de me recompor, volto para o quarto e a cara das duas é de que tenho muito para contar.

— De quanto tempo você está grávida, Lárissa? — a Érica, mais experiente, pergunta sem ao menos saber se é verdade.

— Droga, de quase dois meses. — Sento na cama e digo sem olhar para elas.

— ‘Pera lá, vocês duas. Estou perdida aqui, me expliquem isso direitinho.

Como a Érica já sacou tudo, só termino de falar o que aconteceu, todavia, percebo que a Ísis fica com um sorriso amarelo como soubesse de algo.

— Fala logo o que você sabe, Ísis. — Cruzo os braços e olho para ela.

— Bom, Larita. Esses dias eu meio que ajudei o Kléber a desvendar onde você estava e...

— Como é que é? Por isso que eu não queria falar onde estava! Que droga, Ísis.

— Calma, Larita. — Ela vem até a mim, porém, eu a impeço.

— Não chega perto de mim. O seu perfume fede, vai tomar um banho. Depois a gente conversa pelo bem da minha sementinha.

— Ai, meu Deus, então deixa eu ir para o meu afilhado não estranhar a madrinha.

— Opa, que madrinha nada. Eu que sou.

As duas começam a brigar e vão para o banheiro, todavia, a Érica volta.

— Ué, não vai tomar banho? — questiono, arrumando os meus cabelos.

— Vou, mas depois.

— Hum, Eri, você tem que se abrir mais. Deixe esse seu passado bem lá no passado.

— Lari, é bem mais complicado do que você imagina, mas não quero falar disso e sim de você.

— Já falei o que tinha de falar.

— Não vai contar pra ele?

— No momento, prefiro que fique assim.

— Pois se prepare que ele está vindo para cá hoje.

— Argh, eu vou matar a Ísis.

— Você não vai matar ninguém. Pelo que fiquei sabendo, aquela noite foi tudo armação da Vacarônica — informa.

Minha única reação é sentar na cama surpresa pelo que ela falou.

Meu Deus, o que eu faço?

— Vaca sortuda, só escuta aquele homem chato. E depois vocês veem o que vão fazer. Agora vou dizer, ele é muito chato sem você. O humor dele estava horrível essa semana — a Érica responde minha pergunta silenciosa.

E eu não sei? Estava praticamente igual, se não fosse minha sementinha e os meus pais, estaria pior.

Levanto para ir ao banheiro e uma sensação estranha se apodera de mim, um aperto no coração que chega a me faltar o ar. Quando volto, a Érica está em pé ao telefone. Estanho, é madrugada.

— O que foi, Eri? Você viu fantasma? — Ela está branca. — Fala, criatura, estou preocupada, é algo com a sua mãe?

— Não, Lari, era o Guilherme — quase sussurra.

— Sim?

— Ele está com o Kléber.

— Para de enrolação e fala logo. — Quando ela menciona o nome do Kléber, aí que a dor volta com força total.

— Ele sofreu um acidente vindo para cá.

Essas suas palavras são as últimas que escuto até tudo ficar um buraco negro.



Capítulo 33



Kléber

O telefone da minha mãe toca umas três vezes até que ela atende. Sua respiração parece pesada, acho que estava descansando ou algo assim.

— Mãe, sou eu, o Kléber.

— *Oi, meu querido, como você está? Já resolveu o mal-entendido?*

— Como a senhora sabe?

— *E você acha que o seu pai consegue esconder algo de mim? Somos casados, Kléber.*

— Tá, eu sei, mãe. Eu liguei para conversar com a senhora justamente sobre isso. O que devo fazer? Estou perdido!

— *Calma, meu filho. Como o seu pai falou, você deve procurá-la e mostrar que tudo foi um engano. A menos que seja verdade, aí será difícil.*

— Mãeeee, eu tenho plena consciência de que não fiz nada. E que tudo foi uma armação daquela mulherzinha.

— *Lembra que eu te falei que um dia você ia se dar mal?* — não respondo sua pergunta porque sei que é verdade. — *Pois bem, agora que se deu mal. Está chorando o leite derramado. Vocês homens não aprendem nunca, só fazem besteira quando pensam com a cabeça de baixo.*

— Eu...

— *Sei que você não fez nada, Kléber Galvão. Mas, pelo amor de Deus, vê se da próxima vez não faz besteira. O que essa moça deve estar passando não é fácil. Se eu fosse ela, teria te batido* — grita no telefone, sempre faz isso.

— Só o fato de não estar com ela, foi mais que isso mãe. Hoje posso dizer que finalmente estou amando uma mulher. E essa mulher é a Lárissa, aquela diaba roubou o meu coração. É tão sufocante sentir tudo isso e não poder fazer nada.

Fechos os olhos e deixo minhas lágrimas caírem sobre o meu peito nu.

— *Oh, meu querido, eu sei bem o que está sentindo. Amar é assim, uma fase a cada dia que passa. Realmente você verá se é amor quando vocês dois estiverem juntos rindo de tudo isso.*

— Estou com medo, mãe.

— *Isso é bom. Pois te dará mais força e coragem para seguir em frente. Não desista desse sentimento lindo que vocês construíram. Aguarde os resultados e depois vá atrás dela e abra o seu coração. Fale o quanto é importante para você.*

— Farei isso, mãe, e obrigada pelo sermão e por ter me escutado. — Limpo minhas lágrimas e sorrio, confiante.

— *Filho, sempre estarei aqui para vocês. Apesar que ainda esteja um*

pouco magoada com sua irmã.

— Eu sei. Bom, irei descansar agora. Depois mando notícias e logo irei levar a Lárissa até vocês.

— *Ficarei esperando, meu amor. Ah, já ia esquecendo de perguntar. O que o amigo do seu pai falou das investigações?*

— Ainda nada. Mas já suspeitava de quem era. Agora tenho certeza.

— *Como assim?*

— Quando eu resolver com a Lárissa, a senhora saberá quem estava por trás.

— *Tudo bem, meu querido. Estarei esperando e tome cuidado por onde anda!*

— Está bem, Dona Mirtes, tomarei cuidado.

Depois de conversar com a minha mãe e ouvir os seus conselhos, sinto o meu coração mais leve, entretanto, ele só se acalmará quando estiver com ela em meus braços.

O que é da Verônica está guardado, ela ou quem quer que esteja por trás dessa merda toda.

Troco de roupas e depois vou até a minha cozinha para fazer um lanche, comer esses dias está difícil. Porém, preciso me alimentar para me manter em pé. Dois solitários dentro de casa, eu e o Marley, ficamos tão desolados que chega a ser engraçado a carinha dele.

— É, amigão, tenha paciência que essa semana vamos ter nossas garotas de volta. — Passo a mão em sua cabeça, fazendo carinho.

Depois de alimentados, vamos nos recompor e descansar.



Esses três dias que se passaram foram a passos de lesma, trabalhei no automático, mas, ao mesmo tempo ansioso.

Coloco a comida e a água do Marley e o abraço, como se ele entendesse o que estou passando, de certo modo ele entende. Então dou um longo abraço e logo depois pego minhas coisas e saio rumo ao laboratório em que realizei os exames.

Enquanto dirijo, ligo para o Gustavo. Ele, tanto quanto eu, está ansioso pelos resultados. Aciono o sistema o Bluetooth, no segundo toque ele atende.

— *Fala ai, Klébão?!* — Nossa amizade chegou a esse nível. Agora posso considerá-lo como amigo, depois do Guilherme.

— Preparadíssimo para colocar aquela cobra nas grades? Como te falei desde o começo, eu tenho certeza que não fizemos nada... estou saindo de casa, e você?

— *Já estou a caminho também.*

— Então nos encontramos lá, abraço!

Nós despedimos e mais uma vez ligo, só que dessa vez é para a Ísis. Sei que ela sabe onde a minha diabinha se enfiou. Esses dias todos as vezes que perguntava ela inventava uma história ou mudava de assunto. O seu telefone só chama uma vez.

— *Já sei, Kléber, não precisa perguntar de novo. Ela está na fazenda da família dela. Irei hoje para lá, está satisfeito agora? Deus me ajude quando a Lárissa souber.* — Ela despeja de uma vez e sequer dá bom-dia!

— Bom dia para você também, Ísis. E que ótima notícia, agora sei onde buscarei minha mulher e não se preocupe, ela não irá te matar, sei muito bem como acalmar aquela fera.

— *Argh, não preciso saber disso. E aí, já saiu o resultado?*

— Não se faça de rogada, você sabe muito bem o que é isso... — Escuto-a fazendo barulho de nojo, rio por dentro. — Hoje saem os resultados, estou indo pra lá agora.

— *Então vai logo. Qualquer coisa, estarei no celular.*

— Tá, me passa o endereço da fazenda. Porque assim que resolver as coisas partirei para lá.

— *Que Deus me ajude por estar fazendo isso. Tudo bem, te mando por mensagem e boa sorte com os resultados.*

Desligo com a promessa de que irei fazer sua amiga feliz depois de tudo isso. E no fundo é o que mais quero.

Pego o meu envelope e decido esperar o Gustavo, que ainda não chegou. Fico conversando com minha irmã por mensagem pelo celular. Ela disse que está morrendo de saudades e que não vê a hora de voltar para minha casa. E que quando voltar vai fazer um comunicado importante para a família.

Mais um — penso comigo, enquanto digito de volta. Falo que não vejo a hora de ela voltar.

Pouco tempo depois, chega o Gustavo e ao seu lado uma loira espetacular, ele não aprende mesmo. E minha ficha cai o porquê do seu atraso.

— E aí, cara, já pegou os resultados? — Cumprimenta, estendendo a

mão.

— Já sim, estava só esperando você chegar para abrimos juntos. Vai lá pegar o seu.

Ele dá de ombros e vai pegar o seu. A loira ao seu lado, parece aquelas mulheres fabricadas em uma mesa de cirurgia. Cheia de silicone, botox e um monte de coisa que mulheres gostam de colocar. Juro, não tenho nada contra, mas, para mim mulher tem que ser natural, carne e não plástico. Repito, não sou contra, entretanto, gosto é gosto né?!

Eles voltam e decidimos abrir e constatar que realmente tudo foi uma armação. Um alívio passa pelo o meu corpo, como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas.

— Não te falei que era armação? Agora vai atrás da sua mulher e traz ela de volta. — Ele bate o envelope nas mãos e me olha sério.

— Sim, cara, é isso que mais quero. Agora vou para o laboratório e depois vou atrás da minha vida, minha felicidade.

— Isso mesmo, cara, também vou para o laboratório. Mas, primeiro, vou deixar a Mirela em casa e depois vou.

Ele fala me abraçando e só escuto a sua amiga falando que o nome dela é Michele.

Coitada, está sendo usada por ele.

Até pouco tempo você fez isso com a Verônica, Kléber! Meu subconsciente grita comigo.

Sáímos cada um para o seu carro e partimos. Mas, antes disso, decidimos que vamos na segunda-feira à delegacia fazer a denúncia contra a Verônica. Quanto mais rápido melhor.

Ela não perde por esperar.

Sabe aquela sensação que sentimos quando vamos fazer algo muito bom como: ir ao cinema com sua namoradinha do colégio, ir ao seu primeiro show, comprar seu videogame favorito? Pois é, estava tão ansioso que quase não trabalhei direito.

No final da tarde, saio do laboratório e vou em direção à minha casa para preparar a minha mala. No caminho ligo para minha mãe e peço para que ela fique com o Marley, e aviso que estou indo atrás da Lárissa. Ela me deseja tudo de bom e me pede para que eu tenha cuidado na estrada, pois, como será noite, é um pouco perigoso. Faço mil promessas a ela e ao meu pai que acabou entrando no meio da conversa.

Quando estou entrando no carro, percebo uma coisa estranha: o carro do Bruno saindo do meu prédio. Fico com isso na cabeça, todavia, deixo para lá e ligo o carro.

Passo na casa da minha mãe e deixo o Marley. Um aperto em meu coração se faz na hora em que me despeço dela, como se algo fosse acontecer.

— Ei, mãe, logo estarei de volta e com a minha namorada, para te apresentar. — A abraço bem forte, para amenizar esse sentimento estranho, acaricio sua face e a beijo no rosto.

— Oh, meu querido. Pensei que não estaria viva para presenciar isso — ela brinca e faz o mesmo comigo.

— Vamos parar, né, Dona Mirtes, com esse drama.

— Tudo bem, meu querido, vai com Deus e me deixe informada quando chegar lá.

— Está bem, mãe. Agora vou atrás da outra mulher da minha vida. —

Dou um beijo nela mais uma vez e parto.

A noite está um pouco gelada. Amo o frio, só que hoje ele está me incomodando. Quando estou saindo da cidade, algo não está certo com o carro. O aquecedor não está funcionando.

— Droga de aquecedor. Não era para me deixar na mão logo agora.

Acelero o carro para ir um pouco mais rápido, só que isso é uma péssima ideia. O carro começa a sair do meu controle.

Não consigo reduzir a velocidade e quando piso no freio o pedal não funciona.

Meu Deus, é o fim para mim.

Um frio percorre minha espinha e a única pessoa que passa por minha cabeça e a Lárissa.

Percorro por mais uns quilômetros e nada dos freios funcionarem e, para piorar, a pista está escorregadia por causa da garoa que está caindo.

Senhor, me ajuda? — Peço a Deus, mas parece que hoje Ele não vai me ajudar.

Quando penso que vai melhorar, tudo acontece muito rápido, no meio da estrada está parado um pequeno rebanho de ovelhas e o meu instinto faz com que eu vire o volante do carro e, nesse movimento, perco totalmente o controle.

Parece que estou dentro de uma centrífuga, tudo gira e gira até que tudo se apaga.

Luzes coloridas e vozes me acordam, porém, não consigo distinguir de quem seja. Minha cabeça lateja.

Senhor, onde estou? E por que essa pressão em minha cabeça, esse

cheiro de sangue misturado com cheiro de gasolina...

— Vamos, tire ele antes que o carro exploda — grita um homem próximo de mim.

Tento me mexer, mas o meu corpo não obedece. Agora sei que sofri um acidente, mas, como? E por quê?

Só lembro que estava indo para o laboratório e de estar ansioso pelos resultados das pesquisas que estávamos trabalhando. De resto, nada vem à minha mente e o porquê de estar aqui.

— ... vou contar até três e a gente puxa ele... — O meu corpo é erguido e assim caiu na escuridão.

Luzes brancas passam diante dos meus olhos e uma voz que há muito tempo não escutava me chama.

— Amigão, reage, cara — Guilherme, meu amigo que há muito tempo não o vejo, me chama. — Ele está tendo uma parada cardíaca, vamos, tragam o desfibrilador...



Recobro a consciência e quando olho ao redor, estou no meu quarto na fazenda da minha vó. As meninas estão sentadas ao pé da cama, o meu pai e minha mãe em pé, próximos à janela.

Tudo volta com força total o porquê do meu desmaio, acidente, Kléber, bebê.

Meu Deus, não permita.

— Kléberrr — grito.

— Lari, graças a Deus você acordou. — Ísis vem até a mim.

— Fala que não é verdade, Ísis — peço, já com um nó na garganta.

— Calma, minha filha, ainda não sabemos de nada, só que ele está no hospital em cirurgia — meu pai explica se aproximando da cama.

— Pai, eu quero ir para o hospital, agora.

— Filha, está de madrugada ainda e, além do mais, é perigoso.

— Eu não quero saber. Eu preciso estar lá, pai. As meninas vão comigo. — Quase me ajoelho diante dele, olho para as meninas e suplico através do olhar que prontamente é atendido.

— Tudo bem, minha querida. Mas quero que tenham cuidado. Vou pedir a um segurança para acompanhá-las até o hospital. Amanhã estarei de volta com sua mãe.

Prometemos que iremos ter cuidado. Fazemos nossas malas e partimos. Eu estou no automático, a todo momento pedindo a Deus para que não o leve de mim.

Senhor, não suportarei outra perda.

Encosto no banco de trás do carro e fecho os olhos, tentando ao máximo me concentrar na minha respiração e nos batimentos do meu coração. Passo a mão por minha barriga ainda lisa e tento passar tranquilidade à minha sementinha, que tudo irá ficar bem e que ela vai conhecer o pai dele.

No caminho, a Érica fala com o Guilherme para saber notícias e ele informa que ainda está em cirurgia.

A viagem até o hospital durou para mim uma eternidade. Quando chegamos, já é quase manhã, os raios do sol tentam passar pelas nuvens que teimam em deixar o céu cinza.

Entramos no hospital e vamos direto na recepção saber notícias do Kléber.

— Bom dia, por gentileza, gostaria de obter notícias do paciente Kléber Galvão? — adianto-me e as meninas me acompanham.

— Você é da família? — A recepcionista me olha e suspira, sem paciência.

Odeio quando fazem essas perguntas.

— Não, mas sou namorada dele — digo, ríspida.

— Desculpe, senhora. Mas aqui só está autorizado quem é da família — desespero-me quando escuto isso.

— Mas eu...

— Meninas, algum problema? — antes que eu termine minha frase, o Guilherme aparece para a minha salvação, eu acho!

— Não podemos entrar, não somos da família — dessa vez quem fala é a Érica.

— Realmente, é a política do hospital. Mas esperem aqui que vou chamar o pai do Kléber, ele irá entender.

E nesse momento que minha ficha cai que nunca fomos apresentados, eu nem sei como agir diante disso.

Meu Deus, o que os pais dele irão pensar de mim?

Estou imersa em meus pensamentos quando escuto uma voz que

escutei dias atrás.

— Menina, você aqui de novo? — Viro o meu rosto e me espanto, pois é o médico que me atendeu e disse que estou grávida.

— Sim, Dr! — Olho confusa para ele e depois para o Guilherme ao nosso lado.

— Lárissa, esse é o pai do Kléber.

Fico muda, pois minha ficha cai. Por isso que eu achei que tinha visto os olhos dele em algum lugar. E era no meu Kléber. Os olhos, o nariz, a boca. Tudo é como se eu tivesse vendo o Kléber mais velho.

Senhor, o meu sogro me examinou e sabe que sou mãe do seu neto.

— Que bom revê-la, não queríamos que fosse nessas circunstâncias. Vem, a minha mulher precisa do seu apoio, e eu também. Vamos, querida.

E cadê a minha voz? Foi para o ralo, a única coisa que faço é acompanhá-lo e seja o que Deus quiser.



Capítulo 34



Lárisa

Uma semana se passou desde do fatídico acidente que levou o Kléber a realizar uma cirurgia às pressas para estancar o sangramento, segundo os médicos, ele sofreu traumatismo craniano e por isso precisou realizar o procedimento.

Só que o que mais me assolou foi que, depois do procedimento, ele entrou em coma induzido e novamente os médicos disseram que agora só depende dele para acordar; e desde então, fico rezando na capela que tem no hospital o tempo que for necessário.

Às vezes acabo dormindo segurando sua mão na esperança de ele acordar a qualquer momento, mas para o meu total desespero e ansiedade que está a mil, isso está difícil de acontecer. Então rezo, choro, dou pequenos cochilos, como alguma coisa, tudo isso esperando ele acordar.

Poucas foram as vezes que fui para casa descansar. Todos falam que não foi culpa minha, porém, me recuso a aceitar. Se eu não tivesse ido para a

fazenda, se eu tivesse escutado o que ele tinha para dizer...

Oh, meu Deus, são tantos “se”.

Que vida engraçada é essa. Quando passei mal naquele dia, fui amparada por nada menos que o pai e a mãe do Kléber e logo depois fomos postos novamente em situação nada agradável.

Supus muitas coisas de como eles iriam pensar de mim, mas a reação deles foi surpreendente, principalmente da mãe do Kléber.



Uma semana antes...

— Minha querida, não fique preocupada. Tudo se resolverá bem. O nosso Kléber é forte, vai sair dessa. — Enquanto caminhamos pelos corredores do hospital, o seu Renato tenta me acalmar. Minhas lágrimas molham minha blusa branca fina de frio.

— Euuuuu... ohh, meu Deus... Dr. Renato, isso tudo é culpa minha. — Respiro fundo e tento falar calmamente.

— Minha querida, tudo na vida tem o seu por quê! Devemos apenas entender mais lá na frente. Agora vamos que a mãe dele está nos esperando — concordo e o acompanho.

— Querida, quero que conheça uma pessoa muito importante. — Seu Renato chega perto da mulher que me ajudou naquele dia. Ela está sentada de cabeça baixa, rezando.

Definitivamente, odeio hospitais.

— Ah, oi, querido. — Sua voz é tão meiga e calorosa. — Quem seria?

— Eu! — adianto-me e fico de frente para ela — Bom, me chamo Lárissa e provavelmente sou responsável pelo que aconteceu com o seu filho. — Não aguento essa última frase e um soluço escapa da minha garganta fazendo-me desabar em sua frente. Não esperava que fosse amparada novamente por ela e pelo seu marido.

— Calma, minha querida, nada foi sua culpa. Tudo tem um propósito nessa vida — ela fala como se não fosse nada.

Não consigo falar nada e imagina olhar para eles.

— Ei, olha para mim... — Por fim, olho em seus olhos e vejo a dor neles, mas, mesmo assim, está me passando conforto. — Quando o Renato me falou que desconfiava que já tinha conhecido você, não acreditei. Só agora vendo-a em minha frente, vejo que o meu filho não errou em entregar o seu coração. Sei do que vocês estão passando e garanto que no final tudo ficará bem. — Sua mão pousa sobre o meu ventre e um sorriso escapa dos nossos lábios. — Isso só prova que o amor de vocês é de verdade.

— Estou com medo de ele não aceitar — confesso.

— Para de ser boba, ele é apaixonado por você e quando souber que você está esperando um filho dele, ficará muito feliz.



Dias atuais...

— Ei, amiga, encontrei você. — Sou tirada dos meus pensamentos pela Ísis. — Amiga, você precisa descansar.

— Não enquanto ele estiver aqui.

— Só que você está se esquecendo que tem alguém aqui dentro... —
ela aponta para o meu ventre. — Que precisa de atenção e de cuidados.

Fechos os meus olhos e respiro. No fundo ela tem razão.

— Ok, Ísis. Só preciso de mais um pouco de tempo aqui e já vou embora como vocês desejam.

E com relutância ela sai, me deixando novamente sozinha com a minha oração.

Não quis ninguém me acompanhasse até a casa. Como é noite de sexta, não quis ninguém comigo, ou melhor, não quero ser estorvo.

Ligo o som do carro e deixo em uma rádio local sem prestar muita atenção no que está tocando. Todos os dias foram frios, sem muita novidade do sol aparecer e esquentar um pouco esse gelo que está o meu coração. O sinal abre e avanço com o carro pelas ruas.

Paro e presto atenção na música que toca agora. É do *Bruno Mars, It Will Rain*. E só para completar com tudo que estou sentindo. Grito, bato no volante para tentar aplacar essa dor que me rasga por dentro a ponto de me deixar sem ar.

Paro o carro em frente à minha casa, entretanto, não tenho coragem de abrir o portão e encarar o local que foi palco de momentos maravilhosos que vivemos.

Estou tão imersa em meus pensamentos que não escuto batidas na porta do meu lado. E quando baixo o vidro assusto-me, pois não esperava o Bruno.

— Bruno, que susto! O que faz aqui? — sussurro, limpando as minhas lágrimas.

— Passei no hospital para ver o que mudou no quadro do nosso chefe e ver como está. Só que me informaram que você veio para casa. Então aqui estou, aí quando chego, te vejo aqui quase congelando — não respondo nada. Não tenho forças para argumentar.

Por incrível que pareça, ele está sendo um bom amigo nessa semana. Sempre que pôde ficou lá no hospital, nos ajudando, principalmente a mim.

Por mais que ele tenha feito isso, ainda sinto uma sensação muito estranha quando estou ao seu lado. Todavia, nesse momento já não sei nada.

— Estou bem, Bruno. Como pode ver, estou respirando... e... falannndoo. — Um soluço escapoa novamente da minha garganta.

— Ei, morena, vem cá. — Ele abre a porta do carro e me ampara em seus braços. — Você não pode ficar assim. Alguém, além do Kléber, precisa de você. Vem, vamos entrar. Aqui está congelando, você precisa se aquecer e comer algo.

Depois de um banho demorado e de comer algo quente, que nem sei o que era, volto para o quarto e me deito. Pedi ao Bruno que fosse embora, preciso ficar sozinha.

Aconchego-me nos travesseiros, parece que ter feito isso foi como tomar um calmante, pois sinto minhas pálpebras pesarem pelo sono que chega.



Escuto todos os dias uma voz doce e meiga me pedindo desculpas por tudo que me causou e para voltar para ela e para uma outra pessoa que não sei quem é. Ela chora toda vez e segura minha mão, implorando. O pior de tudo isso é que essa pessoa eu conheço muito bem, e sofro por tê-la todo dia tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Essa é a voz da Lárissa, mas por que ela está assim comigo? Se sou apenas o seu chefe? Ai, porra, o que eu fiz? Eu não poderia ter feito isso! E a regra do laboratório? Não... não... o sono me vence mais uma vez.

Novamente volto à minha consciência, todavia, dessa vez a voz e o perfume que sinto não são da Lárissa e sim da Verônica. Como ela conseguiu entrar aqui se ela não conhece ninguém da minha família e do meu trabalho? Diferente da Lárissa, ela diz que está louca para que eu acorde para dar uma grande notícia.

O que mais me intriga nisso tudo é que todos que entram aqui e falam a mesma coisa. Meus pais, amigos de trabalho e até pessoas que não conheço.

Isso já está ficando chato. Por que não consigo acordar? Tento me mexer, mas o máximo que consigo é movimentar os dedos das mãos e dos pés.

E como sempre, quando tento abrir os olhos, a escuridão me toma com força total...

Olho para os lados e vejo uma senhora em pé em frente à lápide. Quando se vira, tenho impressão de conhecê-la de algum lugar. Mas não consigo lembrar agora.

Fico parado sem pronunciar uma palavra.

— Oi, rapaz.

— Oi — *limito-me a falar.*

— *Você deve estar se perguntando o porquê de estar nesse lugar. Bom, eu que quis que estivesse aqui. Você está sonhando, Kléber, sim, eu sei o seu nome! E como sei? Tem coisas que não se devem ser explicadas. — Fico sem palavras. Um frio percorre minha espinha. — Só peço uma coisa. Com a minha partida muitas coisas irão se revelar e minha pequena precisa da sua ajuda para passar por elas.*

E desperto com um barulho de saltos e novamente o perfume da Verônica está espalhado pelo quarto, só que, dessa vez, consigo abrir os olhos. Os meus batimentos ficam frenéticos, escuto seus passos se distanciando e saindo pela porta, chamando os enfermeiros.

Alguns segundos se passam e entram pela porta minha mãe, meu pai junto ao médico.

— Meu filho, até que enfim você acordou — minha mãe sussurra em meus braços, aos prantos.

— Calma, Mirtes, deixe que o médico examine o nosso filho para ver se está tudo bem com ele. — E com muita relutância, ela se afasta.

— Ei, rapaz, não queria mais acordar e ver nossas caras feias? — o médico brinca comigo enquanto me examina e tira o tubo de respiração e os outros aparelhos com a ajuda do enfermeiro.

— Eraaa... ooo quuee euu. — Minha voz quase não sai por causa do tubo e que está muito seca a minha garganta.

— Calma, rapaz. Daqui a pouco você fala, deixe eu primeiro lhe avaliar. Você se lembra do que aconteceu? — Forço a minha memória e balanço a cabeça. — Tome um pouco de água e beba aos poucos e depois tente falar.

Faço o que ele me manda e aos poucos minha garganta vai molhando e melhorando a sensação de ardência.

Olho ao redor e vejo os meus pais sentados no sofá ao lado com sorrisos e lágrimas nos olhos.

— Me lembro que estava indo para o Laboratório como de costume e mais nada... — Fecho os meus olhos e balanço a cabeça tentando puxar ao máximo. — ... me recordo que estava saindo da cidade, mas não sei o porquê! Dr., minha cabeça está doendo.

— Calma, Sr. Galvão, isso é normal acontecer devido ao trauma. Vou receitar um remédio e vamos fazer mais exames.

Antes de sair do quarto, só escuto minha mãe falar com meu pai e cair no choro novamente.

— Renato, o meu filho esqueceu de tudo e agora?

Mas o que eu esqueci?

Fiz todos os exames possíveis e imagináveis que possam pensar. Quando chego novamente ao quarto, minha mãe está mais calma e sorri.

— Você voltou, meu amor. — Dessa vez ninguém a impede de me abraçar e me beijar do jeito mãe que faz.

— Mãe, estou bem agora! Cuidado com a minha cabeça. Quanto tempo fiquei desacordado?

— Hoje faz uma semana. Você nasceu de novo, meu filho — meu pai fala, passa a mão no meu ombro e dá um beijo na minha testa.

— Me falem o que realmente aconteceu. Não consigo entender nada.

E antes que eles falem algo, o Dr. Arthur entra pela porta novamente.

— Voltei com os resultados dos exames. O traumatismo que você sofreu foi restabelecido, não cem por cento, mas digamos que passamos pelo pior. Agora me diga do que se lembra daquele dia.

— Como falei antes...

Conto que acordei, fiz minhas coisas, alimentei o Marley e fui para o laboratório, porém, quando chego nessa parte algo muda. Mas flashes do acidente passam por minha cabeça. Estava muito frio, os freios não funcionaram, o carro rodando várias vezes na pista, os paramédicos me tirando do carro, da voz do Guilherme...

Quando termino de falar, um silêncio paira no quarto, o médico anota em sua prancheta e depois olha para mim.

— Há algo errado, Dr? — indago preocupado, pois o semblante dos três à minha frente não é dos melhores.

— Bom, rapaz, pelo que estou vendo aqui é que teve uma pequena perda de memória. Mas não se preocupe, isso acontece na maioria dos casos. Vamos monitorar pelos próximos dias.

Por fim, ele se despede e vai embora.

— Mãe, vocês viram uma moça saindo aqui do quarto quando eu acordei? — Como ela não conhece a Verônica, decidi não falar o nome dela. O que mais estou achando estranho é que eu não tinha nenhum relacionamento com ela.

— Não, meu amor. Só os enfermeiros que estavam pela manhã aqui. Por quê? — Como minha mãe me perturba por ter alguém em minha vida é que estou com a Verônica nesse vai e vem há dois anos. Acho que está na hora de dar um passo que não tinha coragem.

— E que estou saindo com uma moça e acho que a senhora vai gostar.

Tive a impressão que ela estava aqui hoje pela manhã.

— Ah, meu querido, isso é tão bom ouvir de você. Fico muito feliz que tenha encontrado uma moça tão linda. Eu não ia falar nada, mas eu acabei conhecendo ela aqui no hospital. — Juro que não estava pensando bem. Mas agora tenho certeza que preciso me arrumar com alguém.

— Isso mesmo, meu filho.

— Acho isso maravilhoso filho. Ah, e antes que eu me esqueça, aquele meu amigo investigador me procurou e disse que tem novas pistas sobre o seu caso. — Penso eu que seja sobre o acidente que ele esteja falando.

— Tudo bem, pai, peça para ele vir até o hospital para conversarmos. Agora, se não é pedir muito, posso descansar um pouco?

— Claro, meu querido. Vamos, Renato, precisamos ligar para sua irmã e para as outras pessoas.

Eles saem do quarto e o remédio começa a fazer efeito.

Acordo com uma mão delicada em meu rosto e me assusto com quem eu vejo.

— Lárissa! — exclamo, assustado. — O que faz aqui?

— Como assim? O que estou fazendo aqui? — E antes que eu responda, minha mãe entra pela porta.

— Você deveria estar no laboratório com os outros, cuidando das pesquisas — falo, sério, me afastando do seu toque.

— Mas eu fiquei sabendo que você acordou e quis te ver. — Sua expressão confusa me assusta, e não sei dizer o porquê.

Meu Deus, tem algo errado. Que comportamento é esse da Lárissa?

Eu nunca cheguei perto dela nesses dois anos!

Minha cabeça começa a doer novamente e involuntariamente fechos os olhos.

— Por favor, Lárissa, vá embora. Não estou muito bem. Minha cabeça está doendo.

Olho novamente para ela e algo dentro de mim se quebra. Vejo uma dor profunda em seus olhos acompanhada de outros sentimentos que não consigo lembrar.

Isso é o começo do meu inferno e eu não sabia!

— É isso mesmo que você está me pedindo, Kléber? Que eu vá embora? — Ela começa a rir e minha mãe vai ao seu encontro. Estranho, pois nesses dois anos minha mãe nunca conheceu os meus funcionários ou algo relacionado a isso. — Eu sabia disso há muito tempo. Tudo foi uma farsa, né?! Não, não foi. Estava claro como água. Eu que fui tola mais uma vez e acreditei em você.

— Mas o que você está falando, pelo amor de Deus?

Estamos ofegantes olhando um para o outro. Ela balança a cabeça freneticamente e sai do meu quarto, me deixando atônito.

— Meu filho, fala para mim uma coisa. O que você se lembra da Lárissa? — minha mãe pergunta, porém a minha cabeça está uma completa confusão.

— Só que ela é minha funcionária.



Capítulo 35



Lárisa

De todas as dores que senti até hoje, nenhuma delas chegou perto da dor que estou sentindo agora.

A dor de ser esquecida!

Saio pela porta do quarto onde o Kléber está, me encosto na parede e vou descendo aos poucos.

Ela é apenas a minha funcionária!

Sinto mãos em meus cabelos e uma voz me dizendo que tudo se resolverá. Então olho para cima e vejo a mãe do Kléber ao meu lado.

— Minha querida, se acalma. Tudo ficará bem.

— Mas como? Se ele não se lembra de mim?

— Tenha fé, que no fim tudo se resolverá. Agora trate de ficar calma e cuidar do meu neto.

Não falo mais nada e assinto. Levanto do chão e ela me acompanha

até fora do hospital.

— Tudo bem, senhora Mirtes. Ficarei afastada para o bem dele e da nossa sementinha. — Acaricio minha barriga e dou um abraço apertado nela. Um nó se forma em minha garganta novamente, porém, trato de não chorar na sua frente. Quando abro os olhos, vejo a Verônica entrar pela outra porta de acesso.

Saio do seu abraço e vou atrás daquela vaca de salto. Como ela ainda está na recepção fica mais fácil para mim.

— Olá, Verônica, o que faz aqui? Que eu saiba, vaca não entra em hospitais.

— Ora, ora, se não é a sem sal da Lárissa. Que eu saiba, o meu namorado me chamou para visitá-lo.

Um alívio toma conta de mim, todavia, morre no segundo seguinte.

— No fundo eu fico feliz que tenha encontrado alguém. Assim você deixa eu o Kléber em paz.

— E quem disse que é outro homem querida? O meu namorado é o Kléber.

Como assim? Essa vaca só pode estar brincando comigo!

— Você não está falando a verdade.

— Mas é claro que estou. Olhe aqui a mensagem dele. — Ela pega o celular e me mostra o conteúdo.

Não falo mais nada. Saio correndo com a mãe do Kléber atrás de mim; assim que passo pela porta do hospital, um táxi está deixando um paciente e é a deixa para eu ir embora de vez daqui. Dou o endereço da Ísis.

Horas se passaram e eu não consigo parar de chorar no colo da Ísis. A

Érica chegou pouco tempo depois com um monte de sacolas cheia de coisas para a gente comer. Mas quem disse que passava algo em minha boca?

Nada, simplesmente nada. Minha cabeça roda, roda e o único pensamento é da Verônica chegando lá no quarto toda sorridente como a vitoriosa, sendo que era para ser eu.

Nessas horas de dor, me pego pensando na minha vó. Como ela me ajudaria nessas horas de dor e agonia.

De tanto eu chorar adormeço em seu colo. Só sinto quando é posto um edredom sobre mim e um beijo na minha testa.



Passei o fim de semana na casa da Ísis. Só ficava no quarto e do quarto para o banheiro. Então depois de conversar com as minhas duas amigas e com os meus pais, decidi que irei me afastar de vez, começarei a trabalhar com o meu pai na empresa e assumirei de vez o que minha avó me deixou. Também optei por voltar para a casa dos meus pais, pelo menos por enquanto.

A única coisa que me deixa feliz é a minha sementinha. Ela é quem está me dando forças para continuar a minha vida.

Deixo minhas coisas na sala de casa e subo para o meu quarto, para tomar um banho e tentar relaxar um pouco.

Assim que entro no quarto, o meu celular toca. Olho no visor e é um número que não conheço.

— Alô!

— *Oi, minha querida, aqui é a Mirtes, tudo bem?* — Reconheço de imediato a sua voz. Por mais que não queira ter contato com ele ou com família, não posso. Agora carrego um membro da família Galvão!

— Ah, oi, senhora Galvão! Tudo indo, como a senhora viu!

— *Minha querida, vamos parar com as formalidades. Pode me chamar pelo primeiro nome! Agora, deixa eu te perguntar, você já começou o seu pré-natal? Se não, gostaria de pedir para fazer com o Renato. Ficaríamos muito felizes em estar mais perto do nosso neto.*

Fico em choque com o seu pedido. Como tudo está recente eu nem pensei ainda no pré-natal e nessas coisas.

Fico pensando, se eu fizer isso, não estarei nem perto dele e nem daquela cobra da Verônica, mas, por outro lado, os pais dele não têm culpa de nada disso.

Oh, Senhor, me ajuda aqui que está difícil!

— Oh! Senh... quer dizer, Mirtes, é um pedido muito singelo da sua parte, porém, eu queria que me entendesse. Tudo está muito recente, e tudo relacionado a ele ainda me machuca. Vamos fazer assim, eu vou procurar o meu ginecologista, faço todos os procedimentos e deixo vocês informados de tudo o que está acontecendo. Para mim, no momento, o que eu posso fazer é isso!

Conversamos mais um pouco e ela entendeu a minha posição. Agradei pela preocupação e disse que em breve entrarei em contato.



Um mês depois...



Como é bom ter de volta a sua vida. Casa, trabalho, mulher e o seu fiel companheiro, o meu cachorrão Marley. O que me deixa muito preocupado é que ele anda muito quieto. Não é mais aquele cachorro que brincava quando eu chegava do trabalho. Acho que ele está com algum problema, só pode.

Nesses dias quando cheguei em casa com a Verônica, ele não parava de latir e rosar para ela. Tive que trancá-lo na área de serviço e como birra ele quase destruiu tudo que tinha lá. Só se acalmou depois que ela foi embora. Até hoje não entendi.

Quando voltei para o trabalho a uma semana atrás, tive mais uma surpresa, a Lárissa pediu desligamento do trabalho depois que eu a mandei embora do hospital. Tudo está muito confuso na minha cabeça. Eu penso que essa vida que estou levando está muito estranha, sinto que está faltando algo.

O Guilherme, meu amigo de longa data, conversou comigo antes da minha alta e isso me deixou mais confuso ainda.

— *E aí, Klebão, não quer ir mais para casa amigo? — Ele entra pela porta do quarto cheios de sorrisos.*

— *Mas é claro que quero. Não vejo a hora de voltar pra minha vida.*

— *E as memórias, meu amigo, nada ainda?*

— *Cara, não consigo lembrar de nada, sério mesmo. Tudo ainda está muito confuso.*

— *Isso é muito difícil mesmo, mas não desista, tudo se resolverá.*

— Assim eu espero. Juro para você, sinto que há algo que tenho que lembrar, mas o meu cérebro se recusa, sabe?! Posso te contar uma coisa?

— Claro! — concorda e se senta na poltrona à minha frente.

— Quando eu estava inconsciente, eu sonhei com uma senhora, porém, eu nunca a tinha visto, mas o rosto dela é muito familiar. Ela me pedia para ajudar a sua pequena, que tudo ia ficar pior depois da sua partida. Cara, foi muito estranho isso.

— E como era essa senhora?

Descrevo para ele como era.

— Kléber, essa senhora era avó da Lárissa. E ela já morreu, há pouco tempo.

Mas que porra é essa?

— Como assim? Porque eu sonhei ou sei lá o que eu tive!

— Amigo, eu não vou forçar a barra para que se lembre, mas muita coisa aconteceu nesses meses que você perdeu a memória. Um conselho que te dou, procure ajuda para se lembrar.

— Porra, Gui, isso está me matando, cara!

— Calma, você irá sair dessa.

Depois dessa conversa, não consigo mais parar de pensar o porquê sonhei com avó da Lárissa. Só de pensar em seu nome algo dentro de mim mexe de uma forma inexplicável. O olhar que ela me deu no hospital foi demais. De começo, deixei para lá, chamei a Verônica naquele dia para ver se melhorava, todavia, tudo piorou. Pedi para ela ir embora no mesmo momento em que entrou no quarto.



Hoje é Sábado e vou aproveitar para correr um pouco. Olho pela janela e tudo ainda continua cinza e sem sol.

Levanto, faço minha higiene e me troco. Quando abro a gaveta do meu closet, algo em chama atenção. Uma garrafa de Smirnoff, uma calcinha e um bilhete.

Rio quando vejo a caligrafia e o conteúdo. Não me lembro do que fiz, mas tenho certeza com quem foi. E posso ter certeza que foi muito bom.

Ohhh, se foi.

“Grandão, obrigada pela noite maravilhosa. Juro que, depois de ontem, essa bebida será a minha preferida. Ah, desculpa sair assim às pressas, mas tenho um compromisso. Depois te ligo.

Beijos, sua Diabinha.”

Sento na cama e me jogo de costas no colchão. Por que eu não lembro de nada? E por que tudo está me levando a pessoa que eu não posso ter, ou melhor, se já tive, não me lembro. Fecho os meus olhos e cheiro sua calcinha. Parece muito estranho fazer isso, entretanto, tudo me leva a crer que algo me fará lembrar dela.

E, para minha total decepção, nada me vem à memória.

Droga.

Resolvo fazer logo o que havia planejado, pego minhas coisas e saio para correr. Isso me ajudará a colocar a cabeça em ordem.

Corri por uma hora e meia, quando estou chegando perto do meu

prédio, uma cachorra labradora preta vem correndo em minha direção. Não recuo e ela toda feliz começa a pular em meus braços.

— Hei, moça! O que faz aqui, hein? — Passo a mão pelo seu pelo bem cuidado e quando olho a plaquinha em sua coleira, tenho um *déjà vu*, o nome não me é estranho “Teka”, acho que há já vi em algum lugar, minha cabeça começa a latejar.

Droga, esqueci de tomar os meus remédios.

— Teka, cadê você? Volta aqui!

E quem eu menos espero ver, está na minha frente, parada, recuperando o fôlego por ter corrido atrás da sua cachorra.

Lárisa, a minha ex-funcionária, que até hoje é uma incógnita e que vive rondando a minha vida e pensamentos.

— Lárisa, essa cachorra é sua?

— Gran... quer dizer, Kléber! Oh, sim é. — Percebo que ela fica desconcertada com a situação.

— Ela é muito bonita. Onde foi que você comprou? — não sei porquê, mas me deu uma curiosidade. A Teka não sai do meu lado.

— Não comprei. Um amigo muito especial me deu de presente. É, um amigo... — essa última parte ela baixa a cabeça e olha para o rio à nossa frente e abraça o próprio corpo. E novamente a sensação de já ter vivido isso retorna.

Uma dor muito forte me atingi, me fazendo curvar diante dela.

— Ai, que droga — sussurro e fecho os olhos, para tentar amenizar a dor.

— Kléber, o que foi? Está com dor?

— Não foi nada, Lárissa, é só uma dor e já vai passar.

— Que dor nada. Vem, vamos para sua casa, vou te levar.



Um mês se passou e se não fossem as meninas e os meus pais, tudo iria por água abaixo.

Os primeiros dias foram um desastre total, não conseguia dormir porque tinha pesadelos. Sim, pesadelos com o Kléber me deixando e levando o meu filho embora junto com a Verônica. A sorte é que todas as noites tinha alguém para me amparar e me confortar até voltar a dormir novamente.

A minha sementinha me ajudou e muito. Não tive mais enjoos, porém, o sono que estou tendo é como se fosse a bela adormecida. Todos os dias é um parto para me levantar e ir trabalhar.

Ah, trabalho! Sim, agora sou estagiária na empresa de vinhos com o meu pai. Decidi que era melhor sair do laboratório para não ter que olhar para ele todos os dias.

Argh que raiva daqueles dois, espero que sejam muito felizes longe de mim e do meu filho.

Falando na minha sementinha, semana passada fui à minha primeira consulta e, como vocês devem imaginar, foi aquela festa, pois, as meninas e as avós estavam lá. Sim, a minha mãe, que por sinal virou amiga da mãe do

Kléber, também estava lá.

No final foi tudo bem. Só deu para escutar os corações! Isso mesmo, estou grávida de gêmeos. Estou surtando em dobro. Todas ficaram eufóricas e já começaram a fazer milhões de planos para eles ou elas. As meninas disseram que não importa o sexo, pois ambas vão ser madrinhas, isso é fato. As avós ficaram em polvorosa com a notícia. A mãe do Kléber disse que tinha certeza que seriam gêmeos, pois na família dela uma prima teve gêmeos. Depois saíram ligando para todo mundo e contando a novidade. Não sei como que a mãe do Kléber vai lidar com tudo isso, pois, para a minha total frustração, ele continua na mesma. Pedi à sua mãe que não me dissesse nada relacionado a ele, todavia, escutei ela conversando com a minha mãe que ele ainda não lembrou de nada. Fingi que não escutei nada, mas, por dentro, estava morrendo. E repeti o mantra de que tudo agora será pelas minhas sementinhas. Depois o médico me passou o que era para eu fazer e não fazer.

Nem tudo estou tirando de letra. Pois, sabem aquela coisa que dizem que toda mulher quando está grávida a sua libido fica mais aflorada? Pois bem, a minha está a mil por hora. Estou parecendo uma cachorra no cio. Toda vez que vou tomar banho tenho que me tocar e adivinhem só em quem os meus pensamentos vão parar? Sim, ele mesmo, o maldito do Kléber.

Porra, vamos concordar comigo, aquele corpo sarado que eu tinha a meu dispor, aquela boca que me chupava até gozar de ficar de pernas bambas. Não há sanidade que aguento!

E para piorar tudo, o Bruno agora resolveu aparecer todos os dias em minha casa para saber como que estou, vê se pode! Sério, aquele jeito dele me tira do eixo, todo certinho, cheio de carinhos. Traz chocolates, flores e presentes. Isso está me deixando irritada. De uns dias pra cá, peço para minha

mãe dizer para ele que estou dormindo, tomando banho, ou que não estou em casa. Um verdadeiro pé no saco.

Argh, ainda tem o apelido de morena. Se ele soubesse como eu odeio!

Sou tirada dos meus pensamentos por uma batida na porta do meu quarto.

— Pode entrar.

— Ei, minha menina, pensei que ainda estava dormindo. — Minha mãe coloca a cabeça pela fresta porta, toda carinhosa. Estou adorando isso! Fiquei meio que melosa.

— Estava aqui pensando um pouco na vida... — antes que eu termine de falar, uma outra moça passa pelas pernas dela e vem correndo para a minha cama.

— Teka, não pode subir aí, mocinha. Pode ir descendo! — Minha mãe briga com ela, mas ela não obedece está comigo.

— Ai, mãe, deixa ela aqui comigo. Hoje é sábado, vou passar o dia com ela! Né, meu amor?

— Ai, filha, não sei como você gosta de animal.

— Mãeeee.

— Eu sei, tá bom. Não está mais aqui quem falou, mas, antes que eu me esqueça, tem uma pessoa aí embaixo querendo conversar com você.

Só em falar “pessoa” o meu coração dispara. Será? Não pode ser!

— Não, filha, não é ele! É a sua outra mãe.

Fecho a cara e levanto de repente. Isso faz com que eu fique tonta por um momento. Minha mãe me ampara.

— Estou bem, mãe. Foi só um mal-estar que os seus netos me deram. Vou me arrumar e já desço para falar com a Júlia.

— Tudo bem, meus amores. Qualquer coisa me chama, está bem?! — Ela vem até a mim, beija a minha cabeça e depois a minha barriga.

Desço as escadas e vejo que a duas estão conversando na sala. Faço cara de paisagem e sigo.

— Olá, Júlia, bom dia! — Estendo minha mão para cumprimentá-la.

— Oi, minha querida, tudo bem? — Ela retribui o aperto de mãos.

— Em que posso ajudá-la? — pergunto, me sentado no sofá grande enquanto ela está no pequeno.

— Se vocês me dão licença, preciso resolver umas coisas. Fique à vontade, Júlia!

Minha mãe sai e nos deixa a sós.

— Bom, vim para saber como você está, fiquei sabendo pelo seu pai que passou por uma situação não muito agradável esses dias.

Meu pai andou falando com ela? Para o mundo que eu quero descer! O que eu perdi?

— Meu pai fala com você?

— Oh, sim! — Ela cora e esconde o rosto de mim. — Nesses últimos tempos estamos conversando bastante.

Eita, que a coisa está ficando esquisita aqui!

— Vocês estão tendo um caso? É isso?

— Não, minha filha. Estamos apenas conversando e mais nada! — Ela se desespera e se arruma no sofá, constrangida.

Paro e analiso por tudo o que passei nesses últimos meses e sorrio, amarga. Quem sou eu para questionar o que eles fazem ou deixam de fazer? Somos adultos e cada um sabe o que faz da sua vida.

Uma coisa é certa, aprendemos com a dor. Da pior maneira!

— Calma, Júlia! Não vou te julgar, quem sou eu para fazer isso? — Dou um sorriso amarelo e baixo a cabeça. — Só quero que vocês sejam felizes. Não vou dizer que a chamarei de mãe, acho ainda muito estranho, mas quero que saiba que desejo muitas felicidades, de coração.

— Oh, minha querida. Isso me deixa muito feliz.

— Não me agradeça, só seja feliz.

Conversamos mais um pouco sobre a minha gravidez de gêmeos e descubro que também na minha família tem casos de gêmeos. Tomamos café da manhã juntas com a minha mãe Emily também presente.

Por fim, ela se despede com a promessa de que voltará mais vezes.

Pego a Teka e decido passear um pouco. Os dias continuam cinzas e sem sol. Coloco as coisas dela no carro e saímos pelas ruas geladas.

Quando estamos passando por uma rua, percebo que estamos perto da casa do maldito!

Argh, que raiva.

O que me deixa mais intrigada, é que nesse tempo não recebi mais aquelas cartas idiotas. Será que o cara que o Kléber contratou descobriu algo? Foram muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo que nem me preocupei com isso.

Paro o carro antes de prosseguir e vejo que tem uma sorveteria, por mais que esteja frio, me deu uma vontade de tomar um sorvete. Desço do

carro e quando abro a porta, a Teka sai do carro em disparada e a grávida aqui sai correndo toda desajeitada atrás dela.

E como em um filme, tudo aconteceu do mesmo jeito, só que dessa vez invertido, eu que tenho que socorrer o Kléber que está com dor de cabeça.

— Você sabe onde é o meu apartamento?

— Sei, Kléber — limito-me a responder.

Subimos para o seu apartamento e estou ajudando ele a se equilibrar. Ele me passa a chave e abro a porta, assim que passamos por ela, o Marley e a Teka fazem a festa.

Deito ele no sofá e tento colocar os cachorros na área para não fazerem barulho.

— Onde estão os seus remédios? — Paro na sua frente com as mãos na cintura.

— No quarto — responde de olhos fechados e aponta para o seu quarto.

Quando entro pela porta, a primeira coisa que vejo em sua cama são as minhas coisas que deixei no dia em que tivemos uma noite maravilhosa.

Um nó se forma em minha garganta e uma ânsia também me atinge. Corro para o banheiro e coloco todo o café para fora.

De repente, sinto mãos em meus cabelos, segurando-os.

— Sai daqui, Kléber. Não quero que veja isso!

— Só estou ajudando. Mas tudo bem!

Ele sai, me deixando agora com lágrimas nos olhos.

Droga, por que estou aqui? Justo agora que estava tudo bem comigo!
Oh, destino, filho de uma puta.

— Quem é filho da puta?

Droga, falei, ou melhor, pensei alto.

— Ninguém, só pensei alto. Já vou sair.

Recomponho-me e saio do banheiro. Encontro-o sentado na cama, com as mãos na cabeça.

— Lárissa, senta aqui perto de mim! — Sua fala é sofrida.

— Não, Kléber, eu tenho que ir embora. Você já está bem!

— Por favor, Lárissa, senta aqui pra gente conversar um pouco!

— Tudo bem! — Sento ao seu lado e olho ao redor lembrando de todas as vezes que estive aqui. — O que quer falar? — minha razão grita para eu ir embora, que é furada tudo isso, entretanto, o meu coração idiota chora querendo ficar perto dele. O seu cheiro não está ajudando a minha libido.

Senhor, me ajuda aqui, vai!

Ele olha para mim, e vejo que seu olhar está diferente do dia em que o vi no hospital. O seu brilho é o mesmo de quando ele se declarou para mim.

Eu não posso estar sonhando que o meu Kléber está de volta para mim! Por favor, que não seja um sonho!

— De quantos meses você está grávida, minha Diabinha?

— Oi?



Capítulo 36



Kléber

Meu Deus, o que aconteceu comigo?

Isso martela em minha cabeça, o toque dela, o perfume dela. Foi tudo o que precisava para lembrar de algumas coisas.

Eu sabia que o nosso encontro em frente à minha casa não foi de propósito, e sim, coisa do destino. Ela me trouxe para minha casa como se soubesse de tudo que estava fazendo.

Os cachorros estão fazendo a festa na área. Se me perguntar lembro de tudo, mas é claro que não, entretanto, lembro que nesses meses ela fez parte da minha vida e de uma forma bem intensa.

Escuto barulho vindo do meu banheiro. Corro para ver o que aconteceu com ela. E quando chego, a vejo debruçada sobre o vaso sanitário colocando tudo para fora. Tento ajudá-la, mas ela pede para que eu me afaste.

E aí minha ficha cai. Não, não pode ser! Meu Deus, o que eu fiz com

a minha Diabinha? Sim, Diabinha. Lembro bem que a chamava assim.

Volto para o quarto e aguardo. Coloco as mãos na cabeça e fecho os meus olhos, tentando lembrar de mais.

Lembro da morte da sua vó, do nosso primeiro jantar! E que jantar foi aquele? Da noite que tivemos depois da boate com os nossos amigos. Mas de resto, nada! Simplesmente é um borrão.

E também de como joguei tudo para o alto para tê-la em minha vida.

Caralho, agora tudo faz sentido.

Não tudo, né, Kléber?

Escuto ela se aproximando da cama e peço para que se sente, ela reluta, mas acaba cedendo. Não aguento de curiosidade. A minha euforia é maior do que a minha dor.

Porra, eu vou ser pai! O meu peito parece que vai explodir de felicidade. Eu não posso lembrar de tudo o que aconteceu, porém, de uma coisa eu tenho certeza, ela está grávida, isso eu sei. Não estou louco!

— De quantos meses você está grávida, minha Diabinha? — Olho para ela e vejo lágrimas se formando e a constatação de que estou certo.

— Oi?

Ah, minha Diabinha, não queira me enganar. Posso ver agora como o seu corpo está mudado. Como em tão pouco tempo isso foi acontecer?!

— Isso mesmo que você ouviu, minha Diabinha! E não queira me enganar. Eu não consigo me lembrar de tudo, mas, o pouco que lembrei, sei que você é uma parte importante da minha vida...

E antes que eu conclua a minha frase, ela pula em meu colo e me beija.

— Meu Deus! É você mesmo, Grandão? — Sou beijado no rosto todo, suas mãos apalpam todo o meu corpo.

— Sim, sou eu mesmo. Vem cá, deixa eu olhar para você. O que fizeram com a gente? — indago, na esperança de que ela me fale algo a mais.

— Muita coisa, meu amor, mas agora eu só quero matar a minha saudade.

Voltamos a nos beijar com mais fervor do que antes. Nossas línguas se duelam em uma briga gostosa, querendo matar a saudade de um tempo perdido. Tempo esse que ainda não sei quanto.

Desço minha mão esquerda para sua cintura e a puxo para mais perto. O meu pau está latejando de tanto tesão. O perfume dela está me deixando louco.

Estão se perguntando se nesse tempo em que não lembrava dela, se eu trepei com a Verônica? A resposta é não! Toda vez que ficava com ela no mesmo ambiente, algo dentro de mim não deixava que eu avançasse. Agora sei muito bem o porquê. E agradeço a Deus por isso.

Os nossos sexos se chocam causando uma deliciosa sensação. Ela geme em minha boca e aumenta o ritmo.

— Mulher, desse jeito vamos gozar nas roupas. Isso não está ajudando. — Afasto as nossas bocas e falo, ofegante.

— Não para, Kléber. Está muito... ohhh, Senhor... — Ela joga a cabeça para trás e segura em meus ombros.

Então já que ela não quer parar e o meu único objetivo é satisfazê-la, puxo sua blusa junto com o sutiã e abocanho o seu seio esquerdo fazendo-a rebolar mais em minha ereção.

Os nossos ritmos aumentam em uma velocidade extrema, só escuto o meu nome sair da sua boca enquanto ela goza e eu vou no mesmo ritmo.

Puta que pariu! Eu nunca gozei assim. Essa mulher será a minha perdição!

Encostamos as nossas testas uma na outra tentando recuperar o fôlego. Somente as nossas respirações são ouvidas pelo quarto.

— Meu Deus, Diabinha, que loucura! — exclamo para quebrar um pouco o clima.

— Põe loucura nisso. Eu tenho que ir, Kléber! — Ela tenta se levantar, porém, a impeço mais uma vez.

— Você não vai sair daqui antes de conversarmos.

— Isso tudo é loucura. Você não se lembra de mim e o que fizemos aqui foi... foiii... Argh, juroo que não sei.

— Calma, vamos sentar e conversar como adultos e aí resolveremos.

— Ok. Só me deixa ir ao banheiro antes.

Concordo e a deixo ir. Enquanto isso vou ao banheiro ao lado me ajeitar também.

Quando escuto a porta do banheiro se fechando, olho para o meu amigo e sorrio da situação.

Que situação, hein, amigo? Essa mulher nos tem na mão dela!





Meus Deus! Que loucura foi essa que eu fiz ao atacar o Kléber desse jeito? Esses hormônios estão me deixando louca, só pode.

Passo água fria nos meus pulsos e na minha nuca para aliviar a temperatura do meu corpo que está muito alta.

Só um orgasmo não adiantou! Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos e tento me concentrar no que está por vir.

Como que ele lembrou? E do que ele lembrou? São tantas perguntas que só ele irá me responder. Isso é fato! E muitas coisas ainda não estão definidas.

Limpo-me rápido e saio do banheiro, mas não o encontro no quarto. Quando chego à sala, ele está parado olhando pela janela. Está de shorts e sem camisa, mostrando o seu peitoral musculoso.

Assim não ajuda em nada!

— Pronto, estou aqui. Vamos conversar. — Ele se vira e dá aquele sorriso que é só é meu.

— Oh, minha Diabinha! Vamos conversar, senta aqui no sofá.

— Não, obrigada! Estou bem em pé. — Sei que estou sendo birrenta, mas quando lembro de tudo que passamos para estarmos assim, uma raiva sobe a ponto de explodir.

Hormônios, aff.

— Tudo bem! O que importa é conversarmos.

— Como sua cabeça está? — indago sobre sua dor.

— Estou bem! Já tomei o remédio chamado Lárissa!

— Não brinca, Kléber. Isso é sério! — Só de imaginar ele naquela cama de hospital, já me enjoa de novo.

— É sério! Estou bem, de verdade.

— Tudo bem, agora deixa eu te perguntar. O quanto você se lembra da gente? — Minha língua estava coçando para perguntar isso.

— Bom, o que me lembro até agora é da morte da sua vó, da nossa noite de amor depois da boate em que saímos com o pessoal! De resto só me vem um branco e nada mais!

Fecho os meus olhos e lembro de todos os detalhes daquela noite. Só de imaginar a minha libido volta com força total, balanço a cabeça e começo a andar pela sala para ver se ajuda.

É maravilhoso que ele tenha se lembrado, porém, ainda tem o fato de ele dormir com a Verônica. O que mata por dentro é não saber a verdade. Tudo foi muito corrido.

— Isso é muito bom, Kléber, porém, muitas coisas aconteceram depois disso. E uma delas o fez parar em uma cama de hospital.

Ainda me mata lembrar dele naquela cama.

— Minha Diabinha, eu sinto que tem mais coisas por trás de tudo o que aconteceu, entretanto, nesse momento, eu só quero saber de uma coisa e você está me enrolando! — Ele olha bem no fundo dos meus olhos. Realmente não tenho como esconder dele, e isso é fato!

— O que você quer saber? — Tento prolongar o inevitável.

— Você está grávida de quanto tempo?

— E o que te faz pensar que estou grávida? — desafio.

— Posso ter perdido a metade das minhas memórias com você, mas partes delas eu lembro e eu sei muito bem como o seu corpo mudou. Então, não me enrola, que já estou ficando louco aqui!

Balanço a cabeça e dou um sorriso. Chego mais perto dele, pego a sua mão e a trago até o meu ventre.

— Sim, meu Grandão. Estamos grávidos de dois bebês!

— Oh, meu Deus! Puta que pariu.

— Ei, amor, olha a boca. Eles podem ouvir! — Bato em seu ombro de brincadeira. Ele olha para mim com lágrimas nos olhos.

— Eu posso? — pede permissão para beijar meu ventre e prontamente eu dou.

— Faça as honras de conhecê-los.

— Com todo prazer, futura Sra. Galvão! — Congelo com a sua resposta. — O que foi? Você acha que eu deixarei a minha mulher carregando os meus filhos por aí sem o meu nome e uma aliança no dedo?

— Kléber, é sério. Muitas coisas ainda precisam serem resolvidas.

— Argh, mulher estraga prazer. Tudo bem, vamos resolver!

Ele volta a se sentar e me sento virada de frente para ele.

— Bom, vamos lá. Você quer mesmo saber de tudo? — Por mais que eu queira despejar tudo em cima dele, me preocupo com a sua cabeça.

— Mas é claro!

Conto toda a nossa trajetória até aqui. A cara de espanto que ele faz me deixa preocupada, pois, eu não sei se deveria ter mexido em memórias que ele não se lembra.

E se ele achar que estou inventando? *Não, Lari, ele já lembrou do começo de vocês!*

— É por causa daquele mal-entendido que você foi parar no hospital. Ainda não sabemos o que realmente aconteceu, porém, os policiais ainda estão investigando.

— Nossa, realmente é muita coisa para pensar, mas me lembro que no momento do acidente os freios não funcionaram.

Um frio percorre minha espinha em pensar na possibilidade do seu carro ter sido sabotado. Olhamos um para o outro, espantados.

— Kléber, será que o seu carro foi sabotado?

— Eu não sei, mas pode ter grandes possibilidades.

— O que os policiais falaram?

— Eu não sei, deixei tudo nas mãos do meu pai, estava com muita coisa na cabeça. Agora vejo que o problema é mais grave.

— E o que vamos fazer em relação a tudo isso?

— Temos que conversar com o meu pai e com esse amigo dele que você falou que estava cuidando do nosso caso. Algo me diz que tudo se encaixa. Mas como? Eu não sei!

Antes que eu fale algo a campainha toca.

— Você está esperando alguém? — Minha língua foi mais rápida que o meu cérebro. E se for a Verônica? Ela não pode me ver aqui. — Kléber, e se for a Verônica?

— Eu não estou esperando ninguém! Eu não consigo pensar em nada depois disso tudo! — Reviro os meus olhos para ele.

— Eu vou para o quarto de hóspedes e você, seu Kléber, tente colocar a vaca para correr se for ela!

Faço gestos com os dedos, mostrando que estou de olho nele e corro para o quarto.

Sei que não foi nada maduro da minha parte, porém, o meu ciúme misturado aos hormônios não ajuda.

O meu coração parece que vai sair pela boca. Fecho a porta e me encosto nela, respiro fundo algumas vezes.



Senhor, o que eu fiz contra a sua vontade para merecer passar por tudo isso?

Depois que a Lárissa me contou tudo, minha cabeça fica fervilhando. Se eu consegui lembrar de alguma coisa? Claro que não! Só do nosso começo mesmo!

Agora isso do acidente. Realmente tudo está fazendo sentido os freios não funcionarem. Balanço a cabeça espantando todos os pensamentos e abro a porta, e para minha total raiva, a Verônica está plantada na minha porta com cara de poucos amigos.

— Por que demorou tanto para abrir a porta para mim, meu Klébinho?
— Ela entra e tenta colocar os braços ao redor do meu pescoço, todavia, me esquivo.

— Estava tentando entrar no banho, Verônica!

— Hum, que delícia. Vamos tomar banho juntos então, gato. — Ela passa suas unhas vermelhas bem pintadas em meu peito e de imediato seguro sua mão.

— Não teremos banho nenhum juntos.

— Nossa, Klébinho, depois que você saiu do hospital, não fizemos amor nenhuma vez! Sinto sua falta

E por mim, não faremos. Preciso tirá-la logo daqui.

— Já falei que não estou com cabeça para isso — falo, deixando-a sozinha na sala e vou para a cozinha.

— Isso não se faz como uma mulher como eu, bebê! — Ela não desiste e vem atrás de mim, nesse momento os cachorros que estão na área começam a rosnar para ela.

— Verônica, para, que isso está ridículo da sua parte... — Porra, a minha cabeça começa a doer novamente. — Faz um favor para mim e para você, vai embora e não venha mais aqui!

— Primeiro: O que aconteceu para você está me tratando desse jeito? E de quem é essa cadela horrenda? — Sua fisionomia muda e fica branca igual a um papel.

— Essa cachorra linda e maravilhosa é minha, sua vaca! — Antes que eu faça algo, a Lárissa está com as mãos no cabelo da Verônica puxando de encontro ao chão.

— Me solta, sua sem sal! Kléber, faz alguma coisa. Você vai deixar que ela bata em sua namorada? Aiii, meu cabelo! — Ela se debate e tenta pegar nos cabelos da Lárissa.

Estou me divertindo com a cena à minha frente. Que homem não fica feliz com duas mulheres brigando por ele?

Kléber, sua mulher está grávida e de gêmeos! Meu subconsciente grita comigo.

— Eu não tenho que deixar nada. E outra, a minha namorada não está apanhando!

— Sua vaca. Saia da casa do meu namorado e nos deixe em paz, porque se eu sonhar que você pelo menos pensou na possibilidade de procurar ele de novo, eu juro, Verônica, que não vai ser só os seus cabelos falsos que eu vou arrancar, mas vou arrastar a sua cara no asfalto! Agora saia.

E como cena de filme, a Lárissa joga a Verônica no corredor do meu apartamento com toda fúria que existe dentro dela e bate a porta. Tive até medo.

— Argh, que raiva. — Bufo, passando as mãos nos cabelos.

— Ei, Diabinha, não fique assim. Não fará bem aos bebês! — Tento chegar perto dela, só tento.

O olhar que ela me direciona é mortal.

— E agora que você fala isso? Me poupe, Klébinho! — ela ironiza o meu nome e se vira para cozinha, indo pegar a Teka.

— Diabinha, ironia não combina com você! Ei, o que está fazendo?

— Indo embora. Já tive muitas surpresas por hoje, chega!

— E quem disse que eu vou deixar você ir?



Capítulo 37



Lárisa

Respiro fundo e olho novamente para ele. O Kléber acha que consigo ficar calma depois de tudo isso que está acontecendo conosco. Eu sei que não deveria ter contado tudo de uma vez para ele, mas quem disse que consegui segurar o bichinho dos meus hormônios? Agora já era.

E quando escutei aquela vacaranha falando dos meus cachorros, aí eu não aguentei e coloquei toda a minha raiva para cima dela.

Sinto-me bem por ter feito isso? Mas é claro que sim!

— É sério, Kléber, eu preciso ir embora. — Eu quero muito ficar, porém, a minha razão me diz para ir embora e proteger o que restou do meu coração.

— Mas eu preciso de você para me lembrar de mais coisas. — Ele faz cara de cachorro que caiu da mudança.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando me concentrar para não cair nessa.

— Vamos fazer assim. Eu vou embora resolver umas coisas e depois marcamos com todos lá em casa, pode ser? — *Diz que sim, por favor!* Torço mentalmente, não dará certo eu e ele sozinhos.

— Eu insisto! Fica mais um pouco, por favor?

— Entenda, Kléber, será melhor assim, por enquanto.

Chego perto dele, puxo seu rosto de encontro ao meu e o beijo. Um beijo cálido, sem muitos alardes, tento não ultrapassar a minha vontade agarrá-lo novamente. Mostro através desse beijo que sou toda sua e ele recebe de bom grado.

— Tudo bem, minha Diabinha. Esperarei o tempo certo, mas saiba que tê-la em meus braços hoje foi a melhor coisa que me aconteceu neste último mês. — Nos separamos e ficamos com as testas coladas.

— Faço minhas as suas palavras, Grandão. Agora tenho que ir mesmo, depois te ligo.

— Tudo bem!

— Ah, por falar nisso, no seu celular não tem nenhuma mensagem minha ou nossas conversas? — pergunto, na esperança que tenha.

— Bom, quando peguei o celular novo, não tinha nada e mesmo eu restaurando, nenhuma mensagem apareceu. — Sinto um balde de água fria em minha cabeça.

Bufo, frustrada, e saio do seu abraço indo pegar a Teka.

— Ei, Diabinha, não fica assim, o que importa é que daqui pra frente estaremos juntos de novo. — Não sei por que, mas ainda sinto que alguma coisa irá acontecer.

— Tudo bem, desculpa. É que ainda estou frustrada com tudo o que aconteceu.

— Vem cá — Ele me puxa novamente para os seus braços. — Vamos superar tudo isso juntos agora. Eu, você e os nossos filhos — Os cachorros começam a latir. — Ah! E os nossos outros filhos também.

Rimos e novamente nossas bocas se encontram, só que dessa vez o

beijo é mais urgente. Estamos famintos um pelo outro, nossas línguas se encontram, suas mãos apertam de leve os meus cabelos, fazendo carinho ao mesmo tempo. Uma corrente elétrica percorre todo o meu corpo me fazendo arrepiar. Sinto seu membro pulsar em minha barriga. Gemo em resposta e agarro seus cabelos, puxando-o para mais perto.

Eu não irei aguentar por muito tempo, quase já não tenho controle do meu corpo. Suas mãos descem para a minha cintura, me apertam e me puxam para que nossos quadris tenham contato; porém, como sou baixinha, a única opção é entrelaçar as minhas pernas, então ele me pega pela bunda e me levanta.

Para mandar toda a minha sanidade para o espaço, começa a morder o meu pescoço perto da minha orelha.

— Faz amor comigo, Kléber — Não reconheço a minha voz. Tudo que quero agora é ele e nada mais.

— É o que mais quero, minha Diabinha — Sua voz grossa carregada de luxúria me acende mais que uma árvore de Natal. — Só espera um momento que vou colocar uma música, pois não quero ninguém escutando você gritar o meu nome enquanto eu estiver dentro de você.

Esse homem pode ser mais romântico que isso?

Quando a música começa a tocar, não entendo bem, porém, basta poucos segundos para entender que ele fez a escolha certa e mais uma vez descreve o momento em que estamos. *Rita Ora* canta *For You* e nos embala nesse momento.

— E como sempre, músicas perfeitas, hein! — afirmo.

— Sempre, Diabinha.

Em segundos ele está com as mãos novamente em meus cabelos,

afasta-os do meu pescoço e volta a me beijar delicadamente. Fecho os meus olhos e me entrego a esse momento. O meu corpo parece que conhece cada toque dele, tudo meu pertence a ele. A minha essência, alma e coração... tudo dele, por mais que minha razão queira negar.

— Você é perfeita para mim, Diabinha. Não preciso lembrar de tudo o que vivemos, pois, o meu corpo reconhece o seu, a minha alma grita pela sua e o meu coração parece um bobo da corte, só sabe ficar feliz quando está com você. Então, meu amor, isso só significa uma coisa. Estou completamente rendido aos seus pés.

— Hummm, Grandão, se você não estiver nos próximos segundos dentro de mim, eu não sei do que sou capaz!

— Desculpa, Diabinha, estava apenas apreciando a minha mulher.

— Isso você faz outra hora, pode ser?

Nem me responde, apenas puxa minha blusa fina junto com o meu sutiã, os meus seios pulam já intumescidos, querendo atenção, mas no momento eu só o quero dentro de mim.

Minha boceta está doendo de tão excitada que estou. Ele me coloca em cima da mesa, deito e tiro a minha calça de corrida junto com a minha calcinha.

Quando foi que fiquei tão pervertida?

Ele tira a camisa e todos os gominhos estão perfeitos, como eu lembrava. Só para acabar mesmo com a minha sanidade, quer dizer, já acabou! Tira sua calça com a cueca junto e o seu membro grosso pula, olho descaradamente e passo a língua nos meus lábios ressecados, desejando-o dentro da minha boca agora.

— Eu sei que você quer chupá-lo, Diabinha, só que agora darei

prioridade em fazer amor com você bem gostoso como me pediu. — Suas palavras atingem o meio das minhas pernas como um raio, me fazendo fechá-las involuntariamente para conter a minha excitação. — Não feche as pernas, abra elas bem, quero ver a sua boceta rosada.

E assim faço. Ele passa a mão por toda a extensão da minha boceta inchada e dá um pequeno tapa, em seguida passa a cabeça do seu membro do mesmo jeito, gemo e me contorço em resposta.

Novamente sua boca encontra a minha ao mesmo tempo em que me penetra lentamente. Uma tortura gostosa, enquanto seu pau entra em minha boceta, aperto fazendo pompoarismo.

— Diabinha, assim vou gozar rápido!

— Então me fode, Grandão!

E nesse clima de sensações e gemidos nos entregamos ao mais simples e sublime prazer. A nossa saudade era grande demais, não quisemos esperar. Sabemos que temos a vida inteira pela frente para fazer tudo com calma e veneração.

Enquanto as nossas respirações voltam ao normal, ele descansa sua cabeça em meu peito e eu faço carinho em seus cabelos.

— Grandão, aqui está muito bom, mas preciso ir embora.

— Não vá, fica comigo. Hoje é sábado e temos o dia inteiro para ficarmos juntinhos.

— Eu já fiquei mais do que eu devia. Agora realmente precisamos pensar em tudo. Depois te ligo para marcarmos com o pessoal lá em casa.

— E quando será isso?

— Ainda não sei.

— Amanhã, pode ser? É sério, Larissa, não quero ficar longe de vocês mais nenhum dia sequer.

Faço que vou me levantar e ele sai de cima de mim, mesmo que a contragosto.

— Ok, amanhã!

Depois de nos arrumarmos, nos despedimos com beijos e um abraço demorado. Os nossos corações estavam quase saindo de nossas caixas torácicas de tão frenéticos que batiam, felizes e saudosos por estarem novamente juntos.

Deixei a Teka com ele, pois, segundo o Kléber, a Teka precisa matar a saudade dos dois, então, não tive outra alternativa a não ser deixá-la com eles.

Volto para onde deixei o meu carro, dou partida e saio pelas ruas da cidade de Santa Catarina, por ser sábado, o trânsito está tranquilo.

E o sorvete, Lari? *Ah, concordem comigo que tive coisa bem melhor que isso!* Rio do meu pensamento e sigo para casa, com o coração bem mais leve.

Por mais que o meu coração e o meu sentido estejam me alertando de que possa acontecer algo a mais, decido pensar que seja coisa apenas da minha imaginação fértil.

Quando chego ao portão da minha casa, novamente o carro do Bruno está estacionado do lado de fora com ele dentro, ainda não entendi essa insistência dele. Aperto o controle para abrir o portão e, antes que avance com o carro, ele para bem na minha frente e espalma as mãos em cima do capô e dá um sorriso que me faz arrepiar dos pés à cabeça.

Poderia dizer novamente que é coisa da minha cabeça, todavia, ele

está bem na minha frente com esse sorriso debochado. Automaticamente passo minhas mãos pela minha barriga para proteger os meus bebês.

Que seja só uma impressão minha.



Verônica



Mil vezes merda.

Que raiva que estou de mim por ter levado uns tapas daquela sem sal. Como foi que ele se lembrou dela? Isso não se encaixa. O burro imprestável daquele Bruno não soube fazer nada, ou melhor, soube muito bem.

Ah, vocês estão se perguntando como o conheci? Bom, lembram-se do dia da boate em que todos estavam se divertindo e que levei mais um fora do meu Kléber? Foi aí que o conheci. Percebi que não era só eu que estava na merda por uma pessoa. Ele também estava, a noite toda os seus olhos não saíam da sem sal da Lárissa. Então uni o útil ao agradável, saímos depois naquela noite, transamos feitos loucos e no final fizemos um acordo para acabar com esse namoro idiota. Quase conseguimos, se não fosse por hoje.

Mas o que tanto você quer com o Kléber? Ele já está com outra! Foda-se, ele será meu como sempre foi nesses dois anos. Eu sabia que tinha uma mulher, porém, sempre tive em minha cabeça de que iria tirar isso dele.

Que ódio!

Vinte minutos depois, estaciono de qualquer jeito em frente ao prédio do Bruno, como o porteiro já me conhece, autoriza a minha entrada.

— Bom dia, Srta Verônica.

— Só se for para você, idiota! — respondo, sem a menor paciência.

Percebo ele encolhendo os ombros e voltando para o seu posto.

Bato insistentemente na porta do Bruno e nada de ele atender. Quando estou quase colocando a porta a baixo, ou tentando, ele abre só de cueca e coçando a cabeça.

— Isso são horas de estar dormindo?

— O que você quer, Verônica? Já não te falei que é para ligar antes?

Passo por ele indo para a sala e sento no sofá, jogando a bolsa em cima dele.

— Hoje você não está para decidir nada. Adivinha o que acabei de saber... — Ele faz cara de paisagem e fecha a porta. — Que o meu Kléber recuperou a memória graças àquela sem sal que estava com ele hoje, Bruno!

— Você só pode estar de sacanagem! — esbraveja, irritado.

— Bem que eu queria. Se você tivesse feito o serviço bem-feito, ela não estaria com ele, mas acho que tenho que fazer todo o serviço sozinha.

— Sua vadia, eu fiz o serviço para você, como me pediu. Na realidade, eu estou cansado de tudo isso, sabe. Quero viver minha vida em paz.

Caio na gargalhada com a sua resposta. Como ele pode ser tão inocente a esse ponto?

— Você às vezes testa a minha paciência, Bruno, não se esqueça do

que fizemos até aqui. Agora é tarde para se arrepender, seu imbecil!

— Não sei o que deu em minha cabeça de me envolver com você!

Ele bufa e vai para o seu quarto. Levanto e vou ao seu encontro com algo que sei que vai deixá-lo doidão.

— Ei, bonitão, vamos nos divertir um pouco já que estou aqui? — Ele para o que está fazendo e olha para mim.

Levanto um saquinho branco e ele sorri.

— Venha cá, sua vadia, deixa eu cheirar entre os seus seios gostosos.



Bruno



O que estou fazendo da minha vida?

Não sei a resposta, só sei que me envolvi com a Verônica e não tenho mais limite para nada. Tudo começou com a sua proposta de separar a Lárissa do Kléber, entretanto, tudo foi ficando cada vez pior à medida em que eles se envolviam mais. Quando estou com a Lárissa, algo dentro de mim grita para eu parar, mas tudo muda quando vejo os dois juntos, uma raiva descomunal se apodera de mim, não consigo mais me conter, e a vadia da Verônica se aproveita disso. Antes dela, eu não usava nada, só que ela veio com um papo de que era para deixar o momento mais eletrizante e eu, de idiota, caí em seu papo.

Todas as vezes que ficamos juntos usamos drogas e bebidas. O meu corpo parece que sente falta disso, tanto que uma noite saí de casa só para comprar um pino e usar.

Depois de cheirar quase o pacotinho todo em seu corpo e fodê-la até gozar satisfeito, estou sentado em meu sofá tentando recuperar os meus sentidos e esperar que ela acorde.

— Hoje nos superamos, bonitão. Uma coisa posso dizer, você fode muito bem. — Ela surge na sala vestindo suas roupas e eu continuo com a cabeça encostada no sofá de olhos fechados e não respondo nada. — Temos que pensar em algo para separá-los.

— Isso é o que você pensa! Agora cai fora da minha casa, vadia!

— Estou indo, imbecil! Acho bom você arrumar essa cara e ir atrás dela, pelo menos para sondar o território. Falei com o porteiro do prédio do Kléber e ele me confirmou que ela foi embora.

Não concordo com nada. Ela sai do meu apartamento batendo a porta forte, volto para o meu quarto para tomar um banho e ver se tudo isso passa.

Logo depois do banho e já arrumando para ir... Para onde mesmo? Credo, isso está afetando os meus miolos... Ah, lembrei, para a casa da Lárissa, pego minhas chaves, carteira e celular.



Capítulo 38



Kléber

Que confusão está a minha vida. Sofri um acidente (que ainda está sem explicações), perdi a metade das minhas memórias, tem uma mulher louca atrás de mim e vou ser pai de gêmeos.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Preciso falar com o meu médico e saber se é normal essas dores de cabeças fortíssimas.

Depois que a Lari foi embora, fiquei deitado no sofá para ver se essas dores passavam mesmo tomando os remédios, porém, não resolveu. Não quis falar para ela, para não preocupá-la. Pego o meu celular que está sobre a mesa de centro e disco o número da minha mãe.

— Mãe, preciso da senhora em minha casa — digo sussurrando assim que ela atende.

— *O que aconteceu, meu querido?* — Sinto sua aflição.

— Estou com fortes dores de cabeça, já tomei remédio e não passou.

— *Oh! Meu Deus, já estou indo com o seu pai.*

— Tudo bem, só não demore.

Despedimo-nos com a promessa de que eu não farei nada até ela chegar. Então deito no sofá e fecho os olhos.

Parece que estou exagerando? Pode parecer, mas quero minha mãe comigo. Essas emoções foram muitos fortes para mim hoje.

Sinto uma mão chacoalhando o meu ombro e uma voz ao longe. Parece ser a voz da minha mãe e de imediato o meu subconsciente me lembra de que ela e o meu pai estavam vindo para minha casa.

— Mãe, que bom chegou! — Levanto do sofá e olho para eles.

— Filho, vamos ao hospital. O seu pai acha que devemos procurar o seu médico.

— Tudo bem, mãe, deixa só eu tomar um banho!

— Então vai lá, qualquer coisa estaremos aqui — não respondo, os deixo na sala e vou para o banho.

Parece que o banho me fez bem, pois minha cabeça dá uma aliviada, não dói tanto quanto antes. Quando estou chegando à sala, escuto vozes e não são somente a dos meus pais que percebo, estou reconhecendo uma outra voz.

— Chaveirinho, que surpresa você aqui! — Abro os braços para ela e sorrio.

Maninho! — Ela corre em minha direção e pula em meus braços.

Os seus soluços são intensos e suas lágrimas molham minha camisa.

— Hei, Manu! Calma, já estou bem agora. — Afago os seus cabelos,

tentando acalmá-la.

— Não faça mais isso comigo, maninho. Quase morri quando soube do seu acidente, só consegui liberação do meu curso agora — diz, entre uma fungada e outra.

— Desculpa esfarrapada. — Escuto minha mãe resmungar sentada no sofá. E aí percebo um clima estranho.

— Mirtes, por favor, hoje não. — Solto minha irmã e olho para eles, cruzando os braços.

— O que está acontecendo que eu não estou sabendo ou lembrando?

— Longa história, maninho. Como cheguei de viagem hoje, quero pelo menos passar o dia com vocês, pode ser?

Minha irmã olha para os meus pais e abre os braços. Sorrimos para ela e vamos ao seu encontro. Nada como um abraço da família.

Chegamos ao hospital onde passei pelo procedimento cirúrgico para conversar com o médico. Ele prontamente me atendeu, segundo ele, essas dores são normais devido ao trauma que sofri. Receitou-me outro remédio e disse que é para eu repousar.

Quando saímos de lá, meus pais decidiram que eu ficarei com eles pelos próximos dias.

Felicidade não cabe em mim em saber que vou ser pai. Conversei com os meus pais e minha irmã, contei sobre a minha manhã com a Lárissa e de que estava desconfiando do meu acidente. Eles me contaram que esse amigo que é detetive não falou comigo antes porque eu não lembrava de nada e não queriam que eu forçasse.

Contei para eles que amanhã iremos nos reunir na casa da Lárissa,

para conversamos sobre essa situação. Pedi ao meu pai que convidasse o detetive.



Fico inerte olhando para o Bruno, ele parece perder o foco. Dá a volta no meu carro e para ao lado da minha porta, batendo no vidro para eu abrir.

— Lari, abre a porta do carro.

Reluto em abrir, ele está muito estranho e algo dentro de mim grita para não fazer o que ele está pedindo, porém, acabo abrindo o vidro pela metade e confiro se as portas estão travadas.

— Oi, Bruno. Como está? — pergunto e desligo o carro.

— Estou indo, e você? — Seu olhar recai sobre mim por um tempo e depois olha para os lados e esfrega o nariz repetidamente.

— Estou indo.

— Vamos sair para dar uma volta? — Olha novamente em volta e parece desesperado com algo.

— Bruno, não estou disposta no momento. — Não sei por que, mas minha resposta não o agradou muito. Ele respira fundo e fecha os olhos.

— Lari, segue em frente, ele não irá recuperar a memória. Me dê uma chance de mostrar como posso te fazer feliz. — Sua mão pousa sobre o vão do vidro e vejo que ele está tremendo.

Sinto que ele está em uma briga interna. Eu sei que é apaixonado por mim, isso já ficou claro, entretanto, me assusta.

— Bruno, olha... eu agradeço por tudo o que fez por mim nesses dias. Sério, do fundo do meu coração. Mas quero que entenda que independente do Kléber lembrar ou não, eu irei sempre amá-lo. Na minha vida agora só interessa os meus filhos e mais nada! Então, eu peço que entenda.

— Filhos? — Seu semblante muda drasticamente de calmo para perturbado. — Como você foi capaz disso, Lárissa?

— Oi? — Olho para ele estupefata com a sua pergunta.

— Como você fez isso comigo? Eu te amo, porra — grita e bate em cima do carro, me assustando.

Ele se afasta bruscamente do carro e começa a andar em círculos, como se fosse um animal enjaulado. Saio do carro e vou em sua direção, e tento segurá-lo pelos ombros. *Péssima ideia, Lárissa, penso comigo.*

— Bruno, se acalma, tá! Você sabe desde o começo que eu sempre vou ser dele e nunca te dei esperança de nada.

— Mas eu tinha, e isso não se faz. Bem que ela tinha razão, você é uma sem sal e sem coração. — Ele se afasta de mim e sorri ironicamente.

— De quem você está falando? — Cada palavra que sai da sua boca me assusta. Afasto-me novamente e instintivamente abraço o meu corpo.

— Não te interessa, volta para o seu Kléber, o seu Grandão! — Cada palavra pronunciada é carregada de raiva e rancor. — Só te dou um aviso, tome muito cuidado por onde anda.

— Você está me ameaçando, seu verme?

— Entenda como quiser.

Fico parada olhando para o seu carro que sai cantando os pneus. Minutos depois, sou amparada pelo Tony.

— Pequena Lari, vamos entrar. Você está gelada e chorando. Isso não faz bem aos bebês.

Passei o restante do sábado entre chorar, vomitar e ter pequenos cochilos. Toda vez que conseguia dormir, tinha pesadelos com o Bruno e a Verônica roubando os meus filhos de mim. Para minha sorte a Ísis ficou comigo me dando apoio.

Acordo mais uma vez assustada, pois parecia que alguém estava alisando os meus cabelos e falando que tudo ficaria bem. Olho ao redor no meu quarto e percebo que estou sozinha, sinto um vento gelado, mas ao mesmo tempo ele carrega um aroma de rosas igual ao cheiro da minha avó, fechos os olhos e agradeço mentalmente por ela estar ao meu lado sempre.

— Olha quem acordou! A mãe mais dorminhoca dessa terra — Ísis entra no meu quarto de supetão.

— Tudo isso é culpa dos seus sobrinhos que só me fazem dormir. — Sorrio para ela.

— E não se esqueça dos enjoos também. — Reviro os olhos só de lembrar disso.

— Nem me lembre disso. — Deito novamente e coloco o braço sobre o meu rosto.

— Você está melhor? — Sinto o lado da cama afundar.

— Agora sim. — Suspiro e tento não lembrar dos pesadelos.

— Quer conversar sobre o que aconteceu? Desde que cheguei, você só chorava e vomitava. Ficamos preocupados — sussurra, passando a mão

em meus cabelos.

— Eu sei, Ísis. Esses dias estão sendo todos cheios de surpresas para mim. Chama a Érica pra cá, preciso de vocês comigo.

— Sempre estarei aqui, Larita. Agora deixa eu chamar aquela louca.
— Vira e pega o seu celular.

— Tudo bem, enquanto você a chama, tomarei um banho.

Tomei um banho demorado e bem quente para relaxar um pouco. Quando saio do banho, me deparo com as duas esparramadas em minha cama com um monte de guloseimas.

— Hei! Suas vacas, como ousam comer essas porcarias em minha cama? — Finjo que estou chateada com elas e tento segurar o riso.

— Larita, estávamos com fome e você não saía nunca desse banho. — Ísis tenta se defender.

Eu sei muito bem que foi ela que começou a comer. A vaca não engorda de ruim que é. Começo a rir sem parar, de chegar a sair lágrimas dos meus olhos.

— Estava brincando, suas vacas.

— Eu já sabia, não me espanto mais — Ísis responde e enche a boca com salgadinhos.

— Mas, eu sim — grita Érica, histérica como sempre.

— Ai, para de drama, Eri. Não combina com você, e outra, quem está sensível aqui sou eu — reclamo e reviro os olhos. Como pode ser tão dramática assim?

— Ha ha ha, sua engraçadinha, venha já para essa cama que preciso conversar com os meus sobrinhos. — Seu comentário acalenta o meu

coração. Tê-las comigo foi um presente que Deus me deu. Duas irmãs que não tive.

Quando conto sobre o meu dia, o que aconteceu na casa do Kléber e aqui em frente de casa com o Bruno, elas ficam possessas e dizem que se o Bruno ou a Verônica cruzarem os caminhos delas, não vai sobrar um pelo dos dois para contar a história.

Vê se posso com essas duas.

Passamos a noite entre risadas, abraços, choros e brigas. As duas não paravam de brigar para saber quem seria madrinha de quem. Elas dormiram comigo, fazendo carinho em minha barriga.

Já está tudo arrumando para o almoço com todos aqui em casa. Minha mãe e meu pai decidiram fazer tudo no jardim, o dia está um pouco nublado, mas está propício para fazer um almoço ao ar livre. As meninas também virão e os rapazes também, estou muito feliz que tudo esteja se encaixando.

Estamos conversando na cozinha quando a campainha toca.

— Deixa que eu atendo, Tony — grito indo em direção à porta. Quando abro, recepciono a família do Kléber, em peso. — Oh, bom dia! Vamos, entrem. — Dou um passo para que todos passem, o último a passar é o meu Grandão.

— Oi, minha Diabinha, como vocês estão? — Ele se aproxima pegando meu rosto, nossos olhos se encontraram e me sinto em casa.

— Agora estamos bem!

Colamos nossas bocas em um beijo calmo e acolhedor.

— Isso é muito bom. Hoje me lembrei de mais coisas. Vamos, precisamos conversar com os outros. E você, dar boas-vindas aos meus pais e

irmã, coisa que não deixei você fazer — balbucia em minha boca e sorri ao mesmo tempo.

Quando chegamos ao jardim, todos gritam e batem palmas.

— Até que enfim vocês resolveram aparecer — fala Ísis, sorrindo para nós.

— Boba! Dona Mirtes, Sr. Renato, Manu que bom que estão aqui! — falo indo na direção deles.

— Nada de dona, apenas Mirtes, e tenho que concordar com sua amiga. O meu filho monopolizou você e os meus netos. Venha cá, me dá um abraço.

Depois de falar com todo mundo, nos acomodamos nas mesas e ficamos eu e o meu amor no nosso mundo. Está tão bom que não queremos sair dessa bolha maravilhosa.

Parece até uma coisa, sempre quando tudo está bem, alguma coisa de ruim tem que acontecer. Estou em uma conversa divertida com as meninas, quando o Tony chega sorrateiramente sem chamar muito atenção e diz que tem alguém querendo falar comigo.

— Aonde você vai, Lari? — Olho para ele e algo dentro de mim fala para eu não ir.

— Só vou ver o que o Tony quer e já volto. — Beijo os seus lábios e saio com o coração acelerado.

O Tony fica na cozinha e sigo para fora da casa. Segundo ele, a pessoa preferiu não entrar e disse que era minha amiga, acho estranho isso, pois não conheço nenhuma amiga que faria isso.

Quando chego ao portão, percebo que é o carro do Bruno parado,

ando até ele para saber o que quer agora.

Eu não deveria ter vindo sozinha — penso comigo.

Um frio sobe pela minha espinha quando vejo quem sai de dentro do carro, nesse momento todo o quebra-cabeça se forma em minha mente.

Todos os bilhetes, as armações, eu aposto também que foram coisa deles.

— O que você está fazendo aqui, e o que quer comigo? — pergunto, dando passos para trás.

— Quero apenas bater um papinho. Entra no carro — Faço que não com a cabeça e dou mais um passo para trás, mas paro quando vejo um objeto prata em sua mão. — Nem tente fugir, vamos, anda logo.

Meu Deus, tenho que pensar em algo. A sorte de tudo isso é que estou com o meu celular no bolso, quer dizer, se posso chamar isso de sorte.



Capítulo 39



Kléber

Olho novamente para a porta por onde a Lárissa passou e nada de ela voltar, uma angústia toma conta do meu coração. Não sei por que estou sentindo isso, se está tudo bem, ela está aqui comigo, com nossas famílias e os nossos amigos.

Hoje, quando acordei, me lembrei de mais algumas coisas, como o pedido de namoro entre outras. Aquele sentimento que tinha de não tê-la comigo, hoje posso afirmar que nunca mais quero sentir, me sentia um nada, impotente por não poder fazer nada.

— Sr. Júlio, a senhorita Lárissa está com problemas lá fora! — Os meus pensamentos são interrompidos pela voz do Tony. Todo o sangue do meu corpo é drenado não sei para onde.

— Como assim, com problemas? — antes de o pai da Lárissa perguntar, me adianto.

— Chegou uma amiga dela e pediu que a chamasse... — explica,

nervoso.

Não espero que ele termine e saio feito um louco para fora da casa. Passo pela cozinha e quase bato em alguém, não sei bem quem era. O que me importa é apenas a minha mulher e os meus filhos.

Assim que chego ao portão, não estava preparado para a cena que se desenrola à minha frente: A Verônica com uma arma em punho e a Lárissa olhando para ela, como se estivesse esperando que algo a mais acontecesse. O que ela pensa que está fazendo? Por que não reage? Vejo que o carro é o do Bruno, mais uma coisa que não se encaixa em minha cabeça. A dor começa, contudo, não posso parar para pensar nisso. A Lárissa e os meus filhos precisam de mim. Não penso em mais nada apenas avanço para protegê-la, porém, a Verônica é mais rápida.

— Nem pense em chegar perto dela, Kléber. — Travo os meus passos quase chegando na Lárissa. O meu coração se aperta e um medo descomunal se apodera de mim.

Porra, não irei me perdoar se algo acontecer com eles.

— O que pensa que está fazendo, Veronica? — vocifero de punhos cerrados pela raiva que tento controlar.

— Apenas quero conversar com essa sem sal, não apenas eu, mas o meu amigo também — antes que ela termine de falar, o Bruno sai do carro com o sorriso triunfante. Não sei por que todas as pessoas que fazem o mal acham que com arma em mãos irão sair impunes. — Vem, Bruno, pega logo essa sem sal e vamos sair logo daqui — Verônica grita e ele apenas se encosta no carro e gargalha.

O meu corpo está tão tenso que não consigo mover um músculo. A minha vontade é de partir a cara desse desgraçado.

— O que vocês pretendem fazer? O que fizemos para vocês? — grito para os dois e me desespero.

— Kléber, Kléber, tsc, tsc, tsc... — Bruno caminha na direção da Lárissa. — Olá, morena, como você está hoje? Espero que bem, pois vamos dar uma voltinha. — Ele passa as mãos pelo seu rosto e faz com que ela olhe para ele. Ela chora copiosamente, baixinho. Não me aguento e ando até eles, entretanto, o Bruno saca uma arma que até então não tinha visto e aponta para mim. — Fique paradinho onde está, Kléber. Você não quer ver sua linda diabinha morta, não é mesmo.

— Solta ela, Bruno, e me leva no lugar — grito chamando sua atenção, nesse meio tempo todos já estão do lado de fora da casa. — Cara, você não sairá daqui. Já chamaram a polícia — tento argumentar com ele. Não sei se chamaram, mas torço para que sim.

Ele a puxa para ficar em sua frente e coloca a arma em sua cabeça, enquanto vejo a Verônica ao seu lado com a arma ainda em punho, só que apontada para baixo. Sinto o suor escorrer pela minha testa, não posso fraquejar agora, as dores pioram.

Alguém toca o meu ombro e quando olho é o Gustavo, não sei se sinto alívio ou se praguejo, pois o Bruno anda para trás com ela e a Verônica aponta a arma em nossa direção, nos parando.

— Verônica, por que está fazendo isso? Não entendo ainda — pergunto, derrotado, vendo eles levarem a minha mulher.

— Por quê? Ainda me pergunta? — Ela vem até a mim e aponta a arma na minha direção, chegando mais perto, o seu rosto está todo borrado de maquiagem não tirada e com enormes olheiras nos olhos. — Como fui idiota de acreditar em você. Dois anos ao seu lado e nenhuma vez me quis como sua namorada. Fui apenas um capricho em suas mãos, seu idiota. E para no

final essa sem sal vir e tomar tudo o que eu tentei e não consegui.

Ela começa a andar em círculos, parece que está sob efeito de alguma droga, só pode ser. Nunca a vi desse jeito. Ando na direção do Bruno, todavia, ele grita para Verônica e, como se ela saísse do seu transe, ela rapidamente aponta a arma para mim. Escutamos as sirenes da polícia e eles começam a discutir.

— Sua vadia, você não sabe nem fazer o serviço direito. Olha o que aconteceu, era só ter colocado essa cadela dentro da porra desse carro. Agora estamos cercados — Bruno grita nervoso e anda mais para perto do carro, a Verônica faz o mesmo.

— Seu babaca, mas é lógico que sei fazer o serviço. Você que nos meteu nessa enrascada toda, se tivesse feito direito o serviço que te mandei fazer, a essas horas estaríamos cada um feliz com o seu parceiro, isso mesmo, feliz com o seu parceiro — ela responde no mesmo tom e olha para mim.

— *Coloquem suas armas no chão, vocês não têm para onde ir* — o policial ordena pelo megafone. Eu não tiro meus olhos da Lárissa, que agora está de olhos fechados.

Por que não escutei os conselhos da minha mãe? Olha no que deu me envolver com mulheres desse tipo.

— Não vou soltar nada. Ela é minha e ninguém vai tirar ela de mim — Bruno esbraveja e aperta mais a minha Diabinha nos seus braços, ela tenta afrouxar o seu aperto, se contorcendo. — Calma, minha morena, já, já, iremos sair daqui — fala e beija o topo da sua cabeça, olhando em minha direção. Estou de mãos atadas, sem poder fazer nada.

— Me levem, mas deixem a Lárissa, por favor. — Tento desesperadamente argumentar mais uma vez.

— Por mim, tudo bem, a gente sai daqui, foge do país e vamos viver nossa vida, Klébinho. — Verônica parece que está louca, pois começa gargalhar sem se importar com mais viaturas que chegam.

— Mas é lógico que não, idiota. Você acha que deixarei a minha morena e ficar com esse imbecil? Mas não mesmo — ele grita irritado e aponta a arma para a Verônica, aproveito a distração e vou ao seu encontro.

Tudo acontece muito rápido. O Bruno percebe o meu movimento, aponta a arma novamente na minha direção e dispara, e em fração de segundos a Verônica se joga na minha frente, sendo atingida. Seguro o seu corpo inerte em meus braços. Quando olho na direção ao Bruno, ele está jogado no chão e a Lárissa ao seu lado, suja de sangue.

Deixo o corpo da Verônica de lado e saio correndo em direção à Lárissa, o meu coração está quase saindo pela boca. Empurro o corpo do Bruno para lado e a puxo para mim.

— Meu amor, acorde, por favor. Não faz isso comigo. — Sacudo o seu corpo em meus braços. — Chamem a ambulância — grito desesperado, pois ela não reage.

— Calma, Kléber, eles já chegaram. Agora precisa você soltar a Lárissa para eles fazerem os primeiros socorros — Guilherme fala próximo a mim, porém, não quero dar ouvidos.

— Não, não posso deixá-la ir. — Choro com o meu rosto colocado ao dela.

— Mas é necessário, filho. — Meu pai chega e me puxa ao mesmo tempo em que os paramédicos puxam a Lárissa.

O meu desespero aumenta, entretanto, mais uma vez, não posso fazer nada. Olho ao redor e vejo toda a nossa família e amigos chorando e

desesperados, o corpo da Verônica sendo embalado no saco preto, e o Bruno em sendo colocado em uma maca.

Ficamos em pé esperando todo o procedimento ser realizado na Lárissa e no Bruno. Segundo os paramédicos, ele está desacordado, devido ao impacto da bala que os policiais desferiram.

Não estou nem pouco me lixando para ele — penso comigo.

Olho para a minha Diabinha tão indefesa e algo dentro de mim me faz jurar que de hoje em diante não deixarei que nada mais faça mal a eles, juro com todo o meu coração e alma.

— Eu vou com ela — falo, me aproximando dos paramédicos.

Todo o caminho até o hospital passo segurando a sua mão gelada e sem vida. A única coisa que me deixa um pouco calmo é que os batimentos cardíacos dela estão estáveis, porém, o sangramento não para.

— Meu amor, aguenta mais um pouco que já estamos chegando. — Beijo sua mão e olho para o paramédico na minha frente. — Fala para mim que ela ficará bem.

— Senhor, já estamos chegando. O médico fará todo o possível.

O meu coração parece uma ervilha, se assim posso comparar, de tão pequeno e apertado em meu peito. Um nó na minha garganta não me deixa respirar direito. Lágrimas já não param em meus olhos, pois só o que quero agora é tê-la novamente ao meu lado.

E para piorar tudo, quando chegamos ao hospital, não querem me deixar ficar com ela.

— Me deixem entrar com ela, por favor. — Imploro para a enfermeira, porém, é o mesmo que pedir para o meu coração não doer e ele

não atender.

Volto para a sala de espera e sento na cadeira, desolado. A única coisa que me resta é esperar. O mais engraçado é que esse hospital, nesse pouco tempo que estamos juntos, está sendo palco de muita dor. Primeiro foi sua avó que partiu muito rápido, depois a vez que esqueci a melhor coisa que aconteceu em minha vida. E agora isso, ou melhor, a melhor parte de mim está entre a vida e a morte.

— Kléber, cadê a minha menina? — Os meus pensamentos são interrompidos pela voz da mãe da Lárissa, vindo ao meu encontro.

— Ela está lá dentro. Não me deixaram entrar. — Levanto da cadeira para abraçá-la. Seus soluços são aparentes assim como os das meninas que estão sendo amparadas pelos rapazes.

— Precisamos ser fortes nesse momento, por eles — peço, olhando para todos. Não sei de onde tirarei forças, entretanto, sinto que preciso disso, ou melhor, todos precisam disso.

Vou até a minha mãe, que acaba de chegar com o meu pai e minha irmã. Eu não me aguento e desabo nos braços dela.

— Filho, calma, eles ficarão bem. Confie.

Por mais que minha mãe fale que tudo ficará bem. No fundo o meu coração acha que não.

Não sei quanto tempo se passa, mas a minha dor não diminui de jeito nenhum, enquanto não conseguir vê-la o meu coração não se aguentará de tanta angústia.



Capítulo 40



Lárisa

Minhas pálpebras estão pesadas, faço um esforço enorme para abri-las. Quando consigo, percebo que estou no mesmo lugar onde minha vó e o Kléber estiveram recentemente: no hospital, parece coisa do destino, sempre voltarmos para o mesmo lugar onde tudo começou.

Só que dessa vez, sou eu a passar por isso. Os meus filhos? Passo a mão sobre a barriga e não sinto nada, contudo, me lembro que ainda é cedo para senti-los.

Olho ao redor e não vejo ninguém no quarto comigo. Aperto o botão para chamar a enfermeira, quando menos espero, a porta se abre e por ela passa a única pessoa que me faz perder o ar todas as vezes que olho.

— Meu amor, você acordou. — Ele vem a passos largos e logo está com as mãos em meu rosto, me beijando.

— Acordei sim, e os nossos filhos? — indago, olhando em seus olhos.

Um misto de sentimentos passa por eles. O meu coração se aperta, só de pensar que algo de ruim aconteceu com eles.

— Calma, meu amor, eles estão bem. Você só precisa de repouso e não ter mais estresse. — Fico agitada em seus braços, mas suas palavras me acalmam.

Relaxo em seus braços, entretanto, não consigo segurar às lágrimas que se formaram em meus olhos e um nó em minha garganta. Deixo sair toda angústia e medo que passei nas mãos daqueles loucos. O medo de não sair viva dali, ou pelo menos, só eu sair viva e não ter mais os meus bebês. No fim, o medo de tudo acontecer.

Mas como tudo acontece como tem que acontecer, estou agora nos braços do meu Kléber, essa pessoa que muitas vezes, no começo, me recusava a acreditar que estava perdidamente apaixonada, e hoje estou marcada para a vida inteira como dele e ele sendo o meu.

— Ei, minha pequena, já está tudo resolvido. Calma, estou aqui! — Sou embalada em seus braços. Como é bom sentir novamente seu cheiro, o seu calor.

— Tive tanto medo de perder nossos filhos. — Fungo novamente.

— Shiiii. Agora descansa. — Deito minha cabeça em seu peito e me deixo ser acalentada por ele até cair no sono novamente.



Senti-la novamente em meus braços e saber que tivemos tudo isso, me deixa muito feliz, estava ficando angustiado em não lembrar de tudo.

Hoje não tenho mais dúvida de que ela é a mulher da minha vida.

Olho para o seu rosto sereno, passo a mão mais uma vez, e me certifico que ela estará segura pelos próximos minutos, enquanto resolvo ir ao quarto do Bruno conversar com ele. A Verônica se jogou na minha frente quando o Bruno atirou e infelizmente não resistiu aos ferimentos e morreu no local mesmo. Se eu disser que fiquei com pena, estarei mentindo, pois, uma coisa é certa: Tudo o que fazemos nessa vida, uma hora ou outra volta para nós com juro e correções.

Os policiais apareceram para que pudéssemos dar os nossos depoimentos, todavia, como a Lárissa ainda estava dormindo, pedi que esperassem que ela ficasse melhor, devido ao seu estado. O detetive, amigo do meu pai, também apareceu querendo conversar sobre o que ele estava investigando, mas o meu pai conversou com ele que também era melhor esperar as coisas acalmarem, ou ir à delegacia prestar depoimento do que ele descobriu, que isso ajudaria no processo contra o Bruno.

Saio do quarto e encontro com o pessoal no corredor esperando por notícias.

— Como que ela está? — sua mãe pergunta, preocupada.

— No momento está dormindo. O susto foi muito grande. Eu vou resolver umas coisas e aconselho todos a irem pra casa, descansar. Pelas próximas horas ela estará dormindo.

— Ficaremos aqui esperando nossa amiga acordar — Ísis afirma olhando para Érica, que assente e senta novamente na cadeira.

— Também ficaremos — os rapazes se manifestam e quase rio da

cena.

— Se está tudo bem com ela e os bebês, meu filho, vamos para casa.
— Meus pais se despedem com a minha irmã e vão embora.

Os meus sogros também fazem o mesmo.

Antes de ir ao meu destino, louco para colocar as mãos naquele desgraçado, sou barrado pelo Gustavo e pelo Guilherme.

— Eu sei que irá fazer, Kléber, e já te aviso que aqui não é lugar para isso. — Os dois param na minha frente, com medo de que eu faça algo.

— Não farei nada, gente. — Minto na cara dura. É lógico que irei fazer algo, só Deus sabe a minha vontade de esganar aquele desgraçado.

— Claro que iria fazer, Kléber... — Gustavo olha dentro dos meus olhos e vejo a mesma vontade que eu tenho. — Se fosse comigo, eu faria a mesma coisa. Porém, lembre-se do que ela passou. Agora é o momento de ficar ao lado dela. Deixa isso para lá, os policiais já estão tomando de conta de tudo isso.

— Só quero entender o porquê de tanta raiva e inveja! — Suspiro e passo as mãos no rosto, cansado.

— Cara, não vale a pena. Fica calmo, deixa isso para lá. — Dessa vez o Guilherme põe a mão em meu ombro fazendo com que eu entenda, mas algo dentro de mim me diz que preciso ter essa conversa.

— Tudo bem rapazes, vocês ganharam. — Forço um sorriso e me sento, só que me levanto no mesmo instante. — Preciso ir ao banheiro. Se me derem licença.

Não dou nem tempo de eles responderem e saio em direção aos banheiros, todavia, mudo minha rota indo perguntar sobre o desgraçado.

Quando chego à recepção, tem poucas pessoas. Duas moças, uma ruiva e uma loira, estão fazendo atendimento. Duas senhoras bem simpáticas conversam com elas e aproveito para jogar charme para cima de uma delas e a loira cai que nem uma patinha.

— Oi, em que posso ajudá-lo? — Ela joga os cabelos de lado e dá um sorriso que mostra todos os seus dentes perfeitos e os seus seios siliconados. Se fosse em outros tempos, ela já estaria na minha lista. Mas agora só uma morena faz o meu mudo parar.

— Queria saber onde fica o quarto do...

Não foi nada difícil conseguir a informação, e ela ainda me passou seu número de telefone na cara dura.

Mulheres, vai entender.

Ando o mais rápido que consigo para chegar logo em seu quarto e que ninguém me veja.

Em frente à porta do quarto tem um policial.

Droga.

Olho novamente e por obra do destino o policial sai da porta falando em seu rádio. Apresso o passo, estou parecendo aqueles caras de filmes.

Um infeliz desses ainda tem o direito de ficar em um quarto. Uma raiva sobe, me fazendo fechar os punhos. Ando até a sua cama e percebo que ele está dormindo, como fui ingênuo de pensar que ele seria uma boa pessoa. Dou um passo para trás e aguardo, logo ele acorda e se assusta.

— O que você quer, Kléber? — sussurra e quase não o escuto.

— Conversar. — Dou de ombros, estou tentando ao máximo não

cometer uma loucura.

— Não temos nada para conversar.

— Jura que não temos? Não seja estúpido, rapaz. O que vocês fizeram foi algo grave. Só quero entender o que eu te fiz, para querer tanto o meu mal e o da minha mulher. — Olho para ele que está com a perna e ombro enfaixados. Os policiais atiraram pra valer, se fosse eu, teria sido na cabeça. Uma pessoa dessa não merecia viver.

— Essa é a questão. Eu sempre quis a morena pra mim. Eu a conheci primeiro que você, e quem ela foi querer? Você, seu babaca. — Cospe essas palavras, irritado.

— Era só isso, Bruno? — pergunto, incrédulo. Não pode ser só esse o motivo. Para uma pessoa fazer isso tem que ser muito doente.

— Era... eu sempre a amei. Desde quando coloquei os olhos nela na faculdade. Não existia mais nenhuma outra mulher na fase da terra além dela.... Sempre tive medo de me aproximar dela. A Lárissa é muito linda... Então eu resolvi seguir os seus passos. Tudo o que ela fazia, eu estava lá. — Todos os seus relatos são doentios. Como uma pessoa pode ser assim? Ao mesmo tempo em que quero fazer algo com ele, desisto no mesmo momento. Ele está perdido.

— Você é um doente. — Ele me olha e ri.

— Eu sei que sou. Você já veio aqui já viu que estou na pior, agora pode ir embora.

— Realmente vou embora. Agora se um dia eu ao menos sonhar que você se aproximou dela novamente, eu acabo com a sua raça, seu desgraçado. — Avanço até a sua cama e o puxo pela camisola hospitalar que veste.

Nesse meio tempo o policial passa pela porta e corre até ao nosso

encontro, me segurando pelos braços.

— Fica tranquilo, chefe. Não entrarei em seu caminho. — Um sorriso de escárnio é direcionado a mim, sua frieza me incomoda. Como uma pessoa pode mudar nesse nível, ou melhor, eu que não percebi.

Já fora do seu quarto, peço desculpas ao policial pelo que fiz e vou em busca da minha família. É com eles que realmente devo me importar a partir de agora.



Capítulo 41



Lárisa

Acordo novamente sozinha no quarto, agora sei o que passei nas mãos daqueles dois. Só Deus sabe o que senti para não surtar e ter um troço. Quando vi o Bruno apontar a arma na direção do Kléber e atirar, eu perdi o chão, sentir uma forte dor no pé da barriga que me fez perder os sentidos. Fico me perguntado o porquê daqueles dois fazerem isso? A Verônica até entendo, ela estava com o Kléber e tinha esperança de ter alguma coisa com ele no futuro, agora o Bruno, não me entra na cabeça. Preciso conversar com o Kléber a respeito disso. Os meus pensamentos são interrompidos pelo barulho das meninas que entram no quarto como se estivessem na minha casa. Correm e se jogam em cima de mim.

— Ei meninas, vão com calma. A minha Diabinha não pode ter muitas emoções. — A voz rouca do meu Kléber reverbera pelo quarto e quando os nossos olhos se encontram, tenho a mais pura certeza de que ele está de volta para mim.

— Não exagera, Kléber. A Larita e os meus sobrinhos precisam da gente, então não enche — Ísis responde passando a mão pela minha barriga.

— Isso mesmo. Vamos cuidar muito bem deles. — Uma briga de mãos começa em minha barriga.

— Ok, meninas, estou bem. Agora só preciso saber o que realmente

aconteceu. — Olho para o Kléber, esperando sua resposta.

— Pequena, agora não precisamos falar sobre isso. Ainda é cedo, foi tudo muito traumático... — Cada palavra pronunciada por ele é como se fosse uma facada, o seu rosto transmite frustração, incapacidade. — Vamos conversar depois e ainda precisamos ir à delegacia, então vamos deixar para outra hora, ok?

Ele pede se aproximando da cama e segura minha mão, o calor que emana dele faz com que o meu coração se acalme e tenha paciência para esperar.

E o medo de acontecer tudo de novo? Está grande, porém, não deixo transparecer.

— Isso mesmo, Lari, vocês precisam descansar e a gente... — Guilherme aponta para ele, para as meninas e o Gustavo. — Precisa resolver umas coisinhas, né, senhorita Érica? — Ele chega bem perto dela e passa o braço por sua cintura, e me espanto que ela não reluta e dá um sorrisinho de volta.

— Concordo em número e grau com você, Gui — Gustavo fala e tenta fazer o mesmo, entretanto, como Ísis é arisca, se afasta e faz cara feia para ele.

— Nem vem com essas gracinhas para o meu lado, Gustavo.

— Oh, mulher marrenta. Deixa de ser cabeça dura, Ísis. Precisamos conversar e de hoje não passa. — Ele a pega pelo braço, sem violência, só para que ela a olhe em seus olhos. Mas, como conheço minha amiga, não é dessa forma que conseguirá algo.

— Mas nem morta vou conversar com você, seu troglodita. E faz o favor de me soltar — responde, sacodindo o seu braço para se livrar do seu

aperto.

Os dois ficam se encarando com suas respirações alteradas até que o Guilherme os interrompe.

— Pessoal, por hoje chega, de verdade. Vamos deixar a Lárissa descansar.

— Ok, já deu para mim. Lari, quando você estiver em casa, passarei lá. — De forma fria ela nem me olha e sai do quarto às pressas.

— Cara, vocês têm que se resolver. — Meu amor põe a mão no ombro do Gustavo e ele só balança a cabeça, concordando.

— Eu sei disso, só que ela é teimosa demais.

— Um conselho que te dou, Gu... — Olho bem para ele e percebo como ele gosta dela. Como minha amiga é cabeça dura. — Dê tempo a ela. A Ísis precisa de espaço.

— Não sei mais o que fazer, sério mesmo. — Suspira, derrotado. — Mas seguirei sua dica. Agora me deixe ir, é o melhor que tenho a fazer.

Eles se despedem e vão embora com a promessa de que iremos nos reunir depois para comemorar as boas novas.

— Enfim a sós, meu amor. — Com um sorriso no rosto e mais calmo, ele se aproxima e acaricia meu rosto. — Quase tive um treco quando a vi naquela situação e não pude fazer nada. — Seu rosto se contorce quando lembra da cena que vivemos.

— Já passou, Grandão. Agora estamos bem e isso é que importa. — Passo as mãos em seus ombros e em seguida paro em seu rosto, acaricio sua barba que está um pouco grande, ela pinica um pouco e eu gosto da sensação.

— Sim, minha diabinha. Agora vamos apenas descansar.



Alguns dias depois.



Depois do susto que passamos, agora podemos respirar aliviados. Passamos na delegacia assim como prometemos e para a nossa total felicidade, por assim dizer, o Bruno já tinha sido encaminhado para o presídio e está aguardando o julgamento. O delegado e o detetive Emílio nos pediram para que ficássemos juntos na sala do delegado, pois precisaríamos ver todo o material que foi levantado na investigação. Vimos as imagens do meu prédio, laboratório e até da casa da Lárissa. Em todas as imagens apareciam duas pessoas, que já sabemos que eram o Bruno e a Verônica. E com tudo isso a minha cabeça começou a doer e flashes começaram a surgir e lembrei de tudo. Por um lado, foi bom. Por outro, fiquei com muita dor. Tomei remédio e foi melhorando. Ficamos horrorizados com tudo o que descobrimos, a Lárissa não ficou nervosa, pois, segundo ela, tudo tinha acabado.

A Lárissa veio ficar comigo, segundo as recomendações médicas, ela precisa ficar de repouso absoluto, devido ao estresse, ela teve sangramento. Ela não queria, mas não aceitei o seu não quando disse que não ficaria comigo. Foi uma briga que ela quis travar, porém, já estava perdida.

Agora ela está em meus braços, em uma manhã fria de sábado. Estamos deitados, ela enroscada em mim, completamente nua e entregue a mim. Volto às lembranças do dia de sua saída do hospital...

— Kléber, não seja teimoso. Eu vou para casa. — Ela cruza os braços e bate o pé como uma menina birrenta. Quase rio dessa cena, mas não sou louco de fazer isso.

— Mas é claro que vai para casa, minha Diabinha. O meu apartamento está te esperando de portas abertas e não se fala mais nisso. — Chego perto dela, passo os braços por sua cintura, trazendo-a para mais perto ao mesmo tempo em que encosto minha cabeça na curva do seu pescoço para sentir o seu cheiro. Esse gesto faz com que ela involuntariamente solte um gemido baixo.

— Isso é golpe baixo, Kléber. — Ela descruza os braços e tenta se afastar. Porém, sou mais rápido e intensifico o aperto.

— Não é. Agora vamos embora, pois quero aproveitar bastante a estadia da minha namorada e futura esposa. — Dou um beijo estalado em seus lábios e a solto, indo pegar a sua mala.

— Como assim, futura esposa? — Sua carinha de interrogação é a melhor.

— Esposa, de papel passado, vestido branco, casamento na igreja, padrinhos e madrinhas, ah, e não esqueçamos da nossa lua de mel. — Pisco o olho e volto a pegar as suas coisas para irmos embora, finalizando o assunto.

— Kléber Galvão, escute bem o que vou te falar. — Paro na porta do quarto antes de abri-la. Seu tom não é mais de brincadeira.

Ixi, ferrou tudo — penso comigo.

— Pequena, vamos pra casa.

— Não, primeiro eu quero que você entenda que não vou casar com você só por que estou esperando... — antes que ela termine a frase e eu sei muito bem o que iria falar, solto sua mala e vou ao seu encontro. Seguro o

seu rosto e olho bem dentro dos seus olhos.

— Nunca mais pense ou fale isso. Eu quero me casar com você porque te amo e a quero pelo resto da minha vida. — Ela tenta argumentar, mas não deixa.

O meu celular vibra no criado-mudo, me fazendo voltar à realidade. Com todo cuidado o pego e vejo que é a Ísis ligando. Saio do quarto sem fazer barulho e vou para a sala.

— Fala, Ísis. — Nem dou bom dia.

— *Eita, bom dia para você também, chefinho.* — Ísis e suas gracinhas logo cedo. Queria estar agarrado à minha Diabinha. — *Só quero saber como está a mamãe mais linda desse mundo. Liguei para o celular dela e está desligado.*

Ai, meu Deus, essas mulheres vão me deixar louco até o final dessa gravidez.

— Ela está superbem. — Bufo frustrado, pois ela ligou só para isso. — Era só isso?

— *Claro, nervosinho.*

Por mais que ela tenha ligado e perturbado a nossa manhã, uma ideia surge em minha cabeça e a Ísis me ajudará e muito.

— Já que você ligou em uma hora não muito legal. Quero sua ajuda.

— *Lá vem bomba para mim. Já aviso que cobro caro, hein! Fala aí.*

— Bom, quero pedir a sua amiga em casamento e não sei qual anel...

— *Ai, meu Deeeeeeus, minha amiga vai casar... para tudo* — ela grita no meu ouvido quase me deixando surdo. — *Ok, quando vai ser? Já pediu ao pai dela? Tenho que contar para a Eri.*

— Ei, sua louca, calma. Ainda vou providenciar tudo isso. Quando eu for comprar, preciso de vocês duas — digo sussurrando para que a Lárissa não escute.

— *Mas é claro, chefinho. Pode contar com a gente, agora deixa eu ir tenho que contar a novidade para a Érica.* — E antes que eu me despeça, ela desliga na minha cara. Essa Ísis é louca, só pode.

Vou até a cozinha, coloco café para fazer e resolvo logo falar com o meu sogro, não quero mais esperar por isso. Disco o seu número e no segundo toque ele atende.

— *Kléber, aconteceu alguma coisa com a minha filha?* — Acho que não sou só eu que não está em um bom dia.

— Calma, seu Júlio. Está tudo bem com ela e os bebês. Só quero trocar uma palavrinha com o senhor — digo, arrumando a bancada para o café.

— *Pois não, meu filho.* — Em pouco tempo desenvolvemos uma amizade.

— Quero pedir a mão da Lárissa em casamento — mal termino de pronunciar essas palavras e o meu coração parece que vai sair pela boca. Pareço um adolescente quando vai pedir a mão da primeira namoradinha em namoro.

— *Mas que grande notícia, meu filho.* — Pensei que ele ia esbravejar e dizer não. Sou pego de surpresa com sua resposta. — *Mas é claro que concedo. É uma grande honra.*

— Estou surpreso com sua resposta. — Sou sincero com ele.

— *Mas por quê?* — questiona, também surpreso.

— Como pai, pensei que não deixaria.

— *Filho, vou te falar uma coisa. Quando você tiver seus filhos já grandes, irá entender que a felicidade deles é o que importa. E nesse momento, eu sei que ela te ama, isso é nítido nos olhos dela. Então eu só quero que você a faça feliz e mais nada* — quando ele fala que a Lárissa me ama, o meu coração perde uma batida, de felicidade.

— É o que mais quero, fazê-la feliz — falo, convicto.

— *Então, meu filho, estou esperando um casamento em grande estilo.*

Despedimo-nos e termino de preparar o café da manhã da minha futura mulher.



Abro os meus olhos e passo a mão ao meu lado para tentar achar o Kléber e nada. Levanto às pressas, pois o cheiro de ovos e bacon faz com que tudo em meu estômago se revire. Corro para o banheiro e coloco tudo o que não tem para fora. Sinto mãos em meus cabelos e sei que é ele.

— Sai daqui, Kléber. — Tento afastá-lo.

— Não, meu amor, sempre estarei aqui. — Como não tenho escolha deixo o meu estômago fazer o seu trabalho.

Odeio vomitar, isso é fato!

Assim que acabo de colocar tudo para fora, dou descarga, escovo os

dentes, fecho a tampa do vaso e me sento sobre ele.

— A culpa é sua, Kléber — acuso, sem olhá-lo. Tenho vontade de chorar o tempo todo, principalmente quando isso acontece. — Não aguento mais isso... — Olho para ele e sua expressão é de assustado. — Não vai falar nada? — Fungo e passo a mãos por minhas lágrimas, que já caem desenfreadas.

— Amor, calma, isso vai passar. E prometo que estarei em todos os momentos. Agora vamos tomar café. — Ele se ajoelha diante de mim e passa as mãos pelo meu rosto, tentando me acalmar, porém, só piora.

Como amo esse homem, Senhor!

— Não me fale de comida depois que eu vomitei. Os seus filhos não gostam de comida. Oh, meu Deus, eu vou morrer de fome se for sempre assim — desespero-me, o meu choro já deve estar sendo ouvido pelos vizinhos.

— Ei, vem pra cama um pouco.

— Não, vou tomar banho para tirar esse cheiro horrível. — Levanto e vou tirando a roupa, jogando no chão. Entro no box e ligo o chuveiro. — O que está esperando para entrar comigo, amor? — Fungo novamente e dou um sorriso amarelo.

— Juro que você ainda vai me matar com esses hormônios — confessa, já tirando a roupa. Quando olho para o seu corpo, minha boca saliva. A água quente que escorre pelo meu corpo parece que vai acendendo cada poro. Desço minha mão direita para o meu sexo enquanto seguro o meu seio esquerdo, acariciando até sentir o bico intumescido. — Diabinha, não faz isso, você sabe que não podemos, pelo menos pelas próximas semanas, então se contenha. — Ele fecha os olhos e respira fundo. Por mais que eu queira,

realmente não podemos.

— Tudo bem, Grandão, você tem razão, mas pelo menos me dê banho. Quero ser mimada por você. — Faço manha e jogo os meus braços ao redor do seu pescoço, beijando o seu queixo.

— Sempre te mimarei, minha Diabinha.



Epílogo



Lárisa

Como consegui passar por tanta coisa em pouco tempo? Tudo o que aconteceu e minha vó não estava aqui para me dar a mão e dizer que tudo ia ser resolver e que tudo daria certo no final.

Ah, vizinha, como você faz falta em minha vida!

E agora, grávida de duas crianças, nem sei por onde começar.

Mas, por um lado estou muito feliz, os meus pais estão ao meu lado, como nunca imaginei. A minha mãe biológica está cada vez mais próxima a mim, não é aquele amor todo, todavia, já é um grande passo. Minhas amigas estão mais próximas e me mimam de tudo quanto é jeito. A minha mãe voltou para as viagens dela, mas disse que se eu precisasse voltaria, mas sei que ela sempre teve espírito aventureiro e falei que não precisava se preocupar, pois já tem muita gente ao redor me paparicando. Meu pai pensa que me engana, mas eu percebo os olhares dele para Júlia, vulgo minha genitora, só que no fundo eu quero que todos sejam felizes assim como estou com o meu amado e maravilhoso namorado.

Os meus bebês estão cada dia me dando mais trabalho. Todos os dias acordo daquele jeito que vocês já viram, colocando tudo o que não tenho no estômago para fora. O Kléber, coitado, não sei como está aguentando as

minhas oscilações de humor, uma hora quero comer o mundo, depois coloco tudo para fora. O meu apetite sexual está desenfreado, e olha que isso é só o começo. Ficamos um tempo sem fazer nada depois da saída do hospital, foi preciso devido ao sangramento que tive. Fiquei com um humor daqueles.

Escuto uma batida na porta e me assusto, desde que me separei do Kléber a primeira vez, estou trabalhando com o meu pai. Então, hoje como é segunda-feira, briguei com ele para vir trabalhar. Ele ficou irritado, pois queria que eu voltasse para o laboratório, entretanto, bati o pé dizendo que agora, como sou herdeira da empresa da família Valadares, quero aprender mais sobre a empresa e dei por encerrado o assunto.

— Pode entrar.

— Oi, dona Lárissa, o seu pai pediu que lhe entregasse esses papéis.

— Mirna, a nossa secretária, entra na sala.

— Mirna, pode me chamar pelo nome. Não precisamos de todas essas formalidades — falo pegando os papéis da sua mão. Ela parece tão frágil, mais baixa que eu. Contudo, seu olhar mostra a força de uma grande mulher

— Mas, eu prefiro assim, você é a minha chefe — justifica, encabulada.

— Eu não sou sua chefe, quem é chefe aqui é o meu pai. Sou apenas uma aprendiz dele e mais nada. Agora vamos trabalhar que a semana está apenas começando. — Sorrio para ela e ando até a porta para que possamos iniciar os trabalhos.

Vou até a sala do meu pai, converso com ele sobre a nova safra que está para ser colhida e como faremos. Ele parece muito contente comigo ao seu lado e eu também estou, é uma nova etapa em minha vida. Volto para a minha sala e quando entro, me surpreendo com ela repleta de tulipas vermelhas. O meu coração enche de alegria, e como estou chorona, as lágrimas já não se seguram mais em meus olhos.

Ando até a minha mesa, sobre ela tem outro buquê e nele um cartão vermelho, não espero muito e o pego. Enxugo minhas lágrimas e leio com cuidado para não borrar o papel.

Minha diabinha!

Essas tulipas vermelhas significam amor duradouro.

E é esse amor que quero para todo sempre com você ao meu lado com os nossos filhos.

Te amo!

Bjs, do seu Grandão.

Fungo umas mil vezes e releio o cartão outras mil. Como um homem pode ser tão romântico e me arrancar suspiros mesmo de longe? Não sei, só sei que o amo demais.

Pego o telefone e ligo para ele. Quero ouvir sua voz, apesar de que nos vimos pela manhã, mas estou pouco ligando, já sinto saudade dele, do seu abraço.

— *Oi, minha diabinha, isso já é saudade?* — Sinto o seu sorriso ao falar assim. O meu coração acelera.

— *Oi, meu Grandão, liguei para agradecer por essas flores lindas. Assim ficarei mal-acostumada.* — Fungo já com lágrimas nos olhos.

Esses hormônios acabarão comigo até o final da gravidez.

— *Meu amor, se depender de mim, você será mimada todos os dias.*

— *Até na minha TPM? Olha que sou insuportável nesses dias.*

— *Sim, minha diabinha. Já se alimentou?*

Ai, meu Deus, de novo isso? Ele virou um louco depois de tudo o que aconteceu. Fica controlando os meus horários para comer.

— *Sim, Sr. Controlador. Agora vamos trabalhar? Os seus filhos precisam de leite e fraldas e essas coisas não dão em árvores* — brinco com ele.

— *Ainda acho que você deveria voltar para o laboratório.*

E lá vamos nós nesse mesmo assunto do trabalho.

— *Kléber, não vamos voltar a esse assunto de novo. Já falei o que eu*

pretendo e pronto.

— *Tudoo...* — antes que ele termine a frase, alguém o chama. — *Já estou indo. Então, amor, respeitarei a sua decisão.* — Derreto-me sempre que ele me chama de amor.

— Acho bom. Agora, quem estava te chamando? — Antes que eu tente segurar a língua na boca, as palavras saem.

— *Se tivesse aqui, saberia* — ele me alfineta com essa resposta, mas sei que está se divertindo às minhas custas.

— Engraçadinho. Agora tenho que desligar. Te amo, Grandão.

— *Te amo mais, beijos.*

Desligamos e voltamos aos nossos trabalhos.



4 dias depois

A semana passou voando, quase não tive tempo de conversar direito com as meninas, pelo que eu fiquei sabendo pelas breves conversas no nosso grupo de *Whatsapp*, a Érica ainda está no impasse com o Guilherme, não sabe como resolver o passado dos dois e olha que a história dela é bem mais dolorida que muitas outras histórias que já presenciei. Quem não a conhece nunca irá imaginar o que ela passou.

Já a Isis, louca como sempre, vive como cão e gato com o Gustavo. Ela deixou escapar que já saíram e que ele é louco por ela e que quer algo a mais, porém, ela não quer se envolver. Sei bem o que ela sente, tem medo de se entregar de corpo e alma e não ser correspondida. Mas, gente, é só olhar para o Gustavo e perceber que ele é louco por ela, não sei o que se passa na cabeça dela para não enxergar.

Então, como não fizemos mais o nosso encontro, marcamos a noite das meninas na casa do Kléber, já que fui intimada a ficar na casa dele, ou

melhor, nossa casa, pois se ele me escuta falando isso começaremos a terceira guerra mundial. Já falei para ele que não quero me casar só pelo fato de estar grávida, mas, no fundo, sei muito bem que quero muito ser sua esposa para sempre.

Estou imersa na banheira e em meus pensamentos quando escuto uma batida na porta do banheiro.

— Pode entrar, amor. — Sei muito bem que é ele.

— Oi, meu amor — fala se aproximando da banheira.

— Só estava pensando em tudo que passamos e perdi a hora. As meninas já chegaram?

— Ainda não, mas acho que já estão chegando. Por isso vim ver se estava tudo bem. — Levanto e ele já me entrega a toalha.

— Hummm, entendi.

Olho para ele e o vejo todo arrumado, como as meninas estão vindo para cá, ele e os meninos irão para um barzinho, para também fazerem o encontro dos “meninos”.

Contudo, nesse momento, o meu corpo e hormônios estão à flor da pele. O desejo que consome o meu corpo é enorme e só de imaginar as mãos dele em mim já me deixa em chamas.

— Diabinha, não me olhe desse jeito. — Sua respiração está ofegante. Vejo-o fechar os olhos tentando controlar o impulso de fazer o que os nossos corpos desejam.

— O que estou fazendo, Grandão? — pergunto, secando o meu corpo sensualmente.

Meu Deus, o que deu em mim? Hormônios dos infernos. Essa é a resposta.

— Estamos esperando os nossos amigos e não podemos nos atrasar. Estou me segurando para não jogá-la embaixo desse chuveiro e fodê-la até não lembrar mais o seu nome.

— E por que não faz isso?

Não reconheço a minha voz. Saio da banheira e paro na sua frente. Pareço um animal no cio, no momento, o que quero é saciar a minha excitação que está a ponto de explodir. Deixo a toalha cair no chão e começo a beijar a sua barba, passo minha mão bem devagar por sua perna e subo devagar até chegar em sua ereção que já pulsa dentro da calça, aperto de leve e em resposta ele geme.

— Vamos, Kléber, estou com muito tesão para me deixar na vontade. Se eles chegarem que esper... — e antes de completar a minha frase, sinto suas mãos em minha cintura. Sou erguida e colocada na bancada da pia.

— Então, minha diabinha, seria um pecado eu sair e deixar você na vontade. — Ele se abaixa e fica na altura da minha boceta, abro mais as minhas pernas para receber a sua magnífica língua. — Olha como você está encharcada!

— Kléber, pelo amor de Deus, me chupa logo. — Fico sem paciência com sua conversa. E sem mais palavras, sua língua percorre por toda a minha boceta, deixando um estrago por onde passa.

Isso é muito bom.

E realmente o Kléber tinha razão, quando estávamos saindo do banho, as meninas chegaram e foi aquela algazarra de sempre. O programa que era nosso, se tornou um programa de amigos. Pedimos pizza, assistimos filmes, os meninos trouxeram bebidas.

O Gustavo está empenhado em conquistar a Ísis. A Érica finge que não é com ela as indiretas que o Guilherme solta, mas, no fundo, se derrete como uma geleira com essa atenção toda dirigida a ela.

Em uma determinada parte da noite, o Kléber e a Ísis ficaram de conversinha na cozinha, eu não entendi bem e quando fui questionar, ele me disse que era coisa do trabalho.

Os nossos filhos de quatro patas adoram quando eles estão aqui. Ficam todos espalhados na sala junto deles. O meu coração enche de alegria quando estamos todos reunidos.



Nos despedimos dos nossos amigos e vamos em direção ao quarto.

— E aí, meu amor, gostou do nosso programa? — pergunto, já sabendo a resposta. Só em ver a felicidade estampada em seu rosto, para mim valeu a pena. Depois do que aconteceu, a sua felicidade vem em primeiro lugar. Eu amo essa mulher como um dia nunca pensei em amar.

— Eu amei, obrigada por tudo, meu amor. — Ela passa as mãos em meu rosto e me beija.

— Só para ver essa cara de felicidade, eu farei tudo por você, meu amor.

— Já falei que você irá me deixar mal-acostumada. — Se ela soubesse o que estou preparando.

— Isso é só o começo. Agora vamos dormir que amanhã sairemos cedo para passear.

— Hummm, pra onde? — Sua carinha de curiosidade é linda, até parece uma menina.

— É surpresa. Vem, vamos dormir.

— Isso não é justo. Estou grávida, os seus filhos irão nascer com a cara dessa surpresa. — Ela cruza os braços em protesto, por não saber de nada. Mas nem sob tortura vou falar.

— Amor, só você com essas comparações, para de coisa e vem logo dormir. — Tento me segurar para não rir do que ela disse, porque, se fizer isso, será minha morte e não estou a fim de morrer antes de conhecer meus

filhos e me casar com a mulher da minha vida.

— Seu chato. — Sou atingido por um travesseiro que ela arremessa na minha cabeça. E se deita de costas para mim. Bom, essa é a deixa para me deitar e encerrar o assunto.

Acordo antes dela e vou fazer a minha higiene matinal, estou muito ansioso para tudo o que irá acontecer hoje. Minhas lembranças voltam para o dia nessa semana que fui com a Ísis escolher o anel que irei pedir a minha Diabinha em casamento.

— Ai, meu Deus, minha amiga vai casar. — Pela enésima vez a Ísis grita dentro do meu carro.

Quando saímos do laboratório, percebi que o Gustavo não gostou muito do que viu. E antes de entrarmos no carro, tive que conversar com ele sobre o que iria fazer. Acho que se não me explicasse, teria minha cabeça arrancada antes mesmo de voltar para o trabalho. A Érica disse que não estava bem para participar dessa escolha, porém, estava muito feliz pela amiga. Ainda não entendi esse rolo dela com o Guilherme, espero que eles se resolvam logo.

— Ísis, você já falou isso. — Minha impaciência com ela está se esgotando.

— Eu sei. Nossa, como você é chato, não sei como a Larita te aguenta, eu, hein. Isso é falta de sexo? Se for, terei que conversar com a minha amiga.

Onde que eu estava com a cabeça de pedir ajuda logo a quem? Não quero nem imaginar esse tipo de conversa, eu sei muito bem que as mulheres conversam de tudo. Só que a minha intimidade com a minha mulher aí já é demais.

— Já chega, Ísis, não quero ouvir a sua voz até chegarmos à loja — falo firme e ela entende, pois pega o seu celular e começa a mexer. Ufa assim é melhor.

Depois de vinte minutos, chegamos ao shopping e para completar o meu dia encontramos a minha irmã e a Fabiana. Aí lá vai eu explicar o

porquê estou em plena semana no shopping com a amiga de sua cunhada. Ela fica toda feliz quando sabe o real motivo.

E lá se vai mais uma hora para escolher. A moça que nos atendeu já não aguenta mais mostrar tantos anéis.

— Estamos nos esquecendo de uma coisa — minha irmã grita, nos assustando.

— O quê? — Olho para ela, assustado. Na minha cabeça está tudo sob controle.

— A sua aliança, né, idiota. — Respiro fundo, aliviado.

— Mas eu pensei que isso só seria no casamento — confesso, olhando para elas em dúvida.

— Homens. — Ísis balança a cabeça e olha para atendente. — Moça, já sabemos qual anel levar, agora nos mostre as alianças.

— Mas como assim? Já sabemos? — questiono. Porque, para mim, ainda não sei qual levar.

— A primeira que vimos está linda, Kléber. Ela é perfeita como a Lari. Olhe para o anel e veja como ele é a cara dela.

E, realmente, quando volto a olhar o primeiro anel que vimos, tem tudo a ver com ela. Simples, em formato de infinito, igual ao nosso amor. No símbolo de cada lado pequenas pedras de diamantes.

— Ainda acho que a terceira é a mais linda — minha irmã fala só para implicar com a Ísis.

— Você, não acha nada, queridinha, nem deveria estar aqui. — Sem muitas papas na língua a Ísis a fuzila com os olhos e responde na lata.

Balanço minha cabeça para espantar essas lembranças que me irritaram e que ao mesmo tempo me divertiram muito. Sinto mãos pequenas ao redor da minha cintura e um beijo no meio das minhas costas.

— Bom dia, Grandão. — Viro para ela e capturo sua boca em um

beijo caloroso.

— Bom dia, minha Diabinha.

— Então, qual é a minha surpresa? — pergunta, toda empolgada, ainda abraçada a mim.

— Eita, que a curiosidade matou o gato. Mas primeiro vamos levar os nossos filhos para o banho e de lá partimos para sua surpresa.

E foi só falar isso para ela me largar e sair saltitante da cozinha indo falar com os cachorros.

Como planejado com todos, irei distraí-la até a hora que a Ísis disser que é para ir.

Tomamos nosso café entre beijos e declarações. Esses hormônios da gravidez irão me deixar louco, uma hora ela está sensível, chora por qualquer coisa, vomita tudo que come e depois me ataca como uma leoa no cio.

Estou reclamando? Mas é claro que não.

Depois que saímos de casa, passamos no petshop e deixamos os cachorros lá. Ela não entendeu quando falei que o Tony irá pegá-los depois, ela me questionou até chegarmos ao parque.

Pego a cesta que preparei para o nosso dia.

— O que você está aprontando, Kléber? — questiona, cruzando os braços.

— Nada, meu amor. Vamos aproveitar o dia.

— Se eu soubesse que viríamos para o parque, nem teria deixado os cachorros para tomar banho.

Ai, meu Deus, me dá paciência. Respiro fundo e vou ao seu encontro.

— Meu amor, hoje quero aproveitar o dia apenas com você, ou melhor, com vocês. — Olho em seus olhos enquanto acaricio o seu ventre.

— Tudo bem, você venceu dessa vez.

Ela se derrete em meus braços quando nossas bocas se encontram. E como não poderia ser mais perfeito o nosso dia, passamos boa parte no parque, depois passeamos pelo centro da cidade e só paramos para almoçar em um restaurante simples que vende uma excelente comida local.

Já estou preocupado com ela, andamos muito e ela não reclamou de nada. Fico igual a um bobo olhando para ela e imaginando que em poucas horas estarei fazendo o pedido mais difícil da minha vida. E novamente me bate aquela insegurança se ela disser não. Aí estou completamente perdido, pois já não consigo mais viver sem essa mulher.

Sinto o meu celular vibrar no bolso, já até sei quem é, chegou a hora. Quando olho disfarçadamente para que ela não perceba, é uma mensagem Ísis dizendo que está tudo pronto.

— Minha diabinha, vamos embora. Já estamos muito tempo longe de casa. — Abraço-a por trás e beijo na curva do seu pescoço.

— Humm, pensei que não me pediria isso nunca. Vamos, estou louca para tomar um banho de banheira com você, Grandão. — Ela se vira para mim e passa os braços ao redor no meu pescoço, com uma cara de safada.

— Meu Deus, eu criei um monstro — afirmo e dou um pequeno beijo.

— Tudo isso é culpa dos seus filhos. — Ela se esfrega em mim disfarçadamente.

— Vamos logo, minha leoa no cio —falo e dou um pequeno tapa em sua bunda. — Mas antes de irmos para casa, vamos passar na sua casa para pegar o Marley e a Teka.

— Tudo bem. A propósito, amei o dia. — O sorriso em seu rosto me faz muito feliz e lembro de agradecer mentalmente a Deus e à sua vó, por tudo isso que aconteceu.

O trajeto até a sua casa nunca me pareceu tão longe. Seguro sua mão sobre a minha perna para ter certeza de que a tenho. O meu coração parece que vai sair pela boca de tão nervoso que estou, peço a Deus que ela não perceba.

— Sua mão está gelada, Kléber, você está bem?

Droga.

— Não é nada, meu amor — tento disfarçar e não olho em sua direção. Graças a Deus que já estamos na rua da sua casa.

Estaciono o carro, aviso que vou buscar os cachorros e saio do carro correndo.

Meu Deus, meu ajude!



Sabe quando estamos felizes e não conseguimos tirar o sorriso do rosto mesmo quando sentimos que o nosso maxilar já está doendo de tanto sorrir? Nesse momento estou assim. O dia ao lado no meu Kléber foi maravilhoso. Eu não mudaria nada. Quando ele falou que ia me fazer uma surpresa, fiquei em cólicas para saber o que era e no fim foi tudo maravilhoso. Agora estou aqui dentro do carro esperando ele que foi buscar os nossos cachorros, estou muito cansada, porém, ainda tenho um pouco de energia para uma rodada de sexo quente na banheira de casa. Assusto-me com uma batida no vidro ao lado da minha porta.

— Pai!

— Filha, o que faz aqui fora? — Ele está com um sorriso no rosto e não entendo nada.

— Estou esperando o Kléber, ele foi buscar...

— Pegar os cachorros. Eu sei, falei com ele. Vem, vamos entrar. Janta conosco. — Ele abre a porta e me ajuda a descer. Acho estranho.

— Mas...

— Filha, confia no papai. — Ele pisca para mim e o sigo. Não sei o porquê disso. Mas falou em comida, o meu estômago já protesta e alto. — Não falei, os meus netos estão com fome.

E entre conversas e risos, entramos. Passamos pela sala e não tem ninguém. Quando passamos pela cozinha, escuto uma música vindo do quintal, olho para o meu pai e ele sorri. O meu coração bate acelerado, pois tudo se forma em minha cabeça. A surpresa que o Kléber tanto falava era essa. Eu não percebi o seu nervosismo, os olhares. A cada passo que dou, escuto *Shania Twain* cantando e deixando esse momento mais que perfeito. Meus olhos enchem de lágrimas.

Quando alcançamos a porta que dá para o quintal, o que vejo faz minhas lágrimas rolares e o meu coração bate como um trem desgovernado. O quintal tem mesas espalhadas e todos os nossos amigos e pais estão presentes, até a minha mãe que estava viajando está presente. Procuro por ele e o vejo vindo ao meu encontro com os nossos filhos de quatro patas. O mais engraçado é que o Marley está com um chapéu, e a Teka está com um véu de noivinha. Não preciso que ninguém me diga o que significa tudo isso.

Aperto o braço do meu pai e encosto o meu rosto em seu braço para tentar recuperar o meu fôlego, é muita emoção para um dia só.

— Minha querida, respire, olhe para mim. — Faço o que meu pai pede. — Hoje estou dando permissão ao seu namorado e desejo do fundo do meu coração que ele a faça muito feliz. — Ele faz carinho em meu rosto e concordo com cabeça.

— Lárissa, você aceita ser a minha mulher, mãe dos nossos filhos de quatro patas e dos outros filhos que ainda estão por vir? — Volto o meu rosto para o homem que um dia eu tentei de todas as formas não querer amar e hoje sou perdidamente apaixonada.

E como manda a tradição, ele está ajoelhado, esperando a minha resposta. E como não sigo regra ou tradição, me ajoelho e fico cara a cara com ele. Assim como o meu, seu rosto está banhado de lágrimas de alegria e ansiedade.

— Você me enganou direitinho, hein. O que eu posso falar se tudo o que aconteceu nesse pequeno espaço de tempo, foram as coisas mais maravilhosas que vivi ao seu lado? A minha resposta sempre será sim, meu amor. Eu aceito ser sua mulher, ah, e mãe dos nossos filhos. — Sorrimos um para o outro e nos beijamos. Enquanto escutamos assobios e aplausos.

— Cadê o anel? — alguém grita ao nosso redor.

— Ah! Já ia esquecendo. — Ele se vira para a Teka e tira da coleira dela o anel mais lindo que já vi.

— Mas cadê a sua aliança? — questiono.

— Num falei — a Ísis grita.

— Calma, meu amor, você acha que eu não usaria? — E novamente ele se vira e tira da coleira do Marley.

— Acho bom. Assim estamos ligados para sempre.

— Sim, minha Diabinha, para sempre.

Ele olha em meus olhos, coloca o anel e a aliança e beija com todo carinho. E eu faço o mesmo. Ambos com a certeza de que tudo o que vivemos, tudo o que passamos valeu a pena, nos trouxe até aqui e daqui para frente seremos uma família feliz.

Fim

^[1] Baby, você é tudo que eu quero.